

Ney Branco de Miranda

**ESTUDO SOBRE AS NOÇÕES DE**  
**SENTIDO NA OBRA DE FREUD**

Tese de Doutorado apresentada  
ao Departamento de Filosofia do  
Instituto de Ciências Humanas  
da Universidade Estadual de  
Campinas, sob a orientação do  
Prof. Dr. Luiz Roberto Monzani



Este exemplar corresponde  
à redação final da tese  
defendida e aprovada pela  
Comissão Julgadora em

24 / 04 / 196

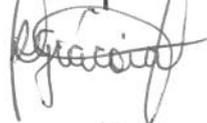
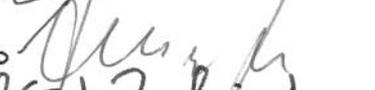
Banca:

Prof. Dr. Bento Prado de Almeida Ferraz Jr.

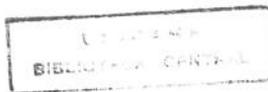
Prof. Dr. Luiz Cláudio Mendonça Figueiredo

Prof. Dr. Manoel Tosta Berlinck

Prof. Dr. Oswaldo Giacoia Jr.



Abril/1996



96.08.172

|              |                                     |
|--------------|-------------------------------------|
| UNIDADE      | BC                                  |
| N.º CHAMADA: | T/UNICAMP                           |
|              | M 672 e                             |
| V. E.        |                                     |
| T. MO DO/    | 27755                               |
| PROG.        | 667/96                              |
| C            | <input type="checkbox"/>            |
| D            | <input checked="" type="checkbox"/> |
| PREÇO        | R\$ 11,00                           |
| DATA         | 22/05/96                            |
| N.º CPD      | C.M.000.884914.2                    |

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA  
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP

Miranda, Ney Branco de

M672e

Estudo sobre as noções de sentido na obra de Freud / Ney Branco de Miranda. - - Campinas, SP: [s.n.], 1996.

Orientador: Luiz Roberto Monzani.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1939.  
1. Freud, Sigmund, 1856 - 1937. 2. Ciência - Filosofia. 3. Psicanálise. I. Monzani, Luiz Roberto, 1946 - II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Dedico esta tese a Élide Valarini,  
Lela.

Come un arco aperto  
la mia voce si spinge  
e ritorna sempre a te.  
Richiamami.

E a meus pais,  
José e Benedicta.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço à FAPESP pela Bolsa concedida, sem a qual este trabalho não teria sido possível.

E a meu orientador, Luiz Roberto Monzani, sempre generoso com as dificuldades de meu trajeto.

## Índice

|   |     |
|---|-----|
| Introdução.....   | 1   |
| Capítulo 1. Da criação da psicanálise à sua primeira<br>consolidação..... | 27  |
| Capítulo 2. Fantasia e sentido.....                                       | 125 |
| Capítulo 3. Em torno da Metapsicologia.....                               | 215 |
| Capítulo 4. Identificação primária e Édipo.....                           | 287 |
| Conclusão.....  | 341 |
| Bibliografia.....   | 346 |

## Introdução

O texto que se inicia aqui tem como pretensão ser uma leitura de parte considerável obra de Freud, uma interpretação de alguns dos temas maiores de seu fazer teórico e está orientado por uma questão cujo importante papel é o de ser o seu fio condutor. Na sua origem, este trabalho encontra-se deparado com a seguinte indagação, nascida já de uma primeira aproximação extensiva com os textos de Freud: qual o papel que o sentido tem na obra do criador da psicanálise? Mas a apresentação liminar dessa questão requer imediatamente uma especificação de nossa parte pois, quando falamos em sentido, não pensamos na verdade em um conceito explícito, definido e usado ostensivamente nos seus escritos - indicador de abordagem que certamente restringiria a amplitude da investigação - mas sim em um conceito que penetra os diversos planos do trabalho teórico de diferentes maneiras.

Muito já se disse sobre o fato de que o modo de formular a questão traz consigo, prefigura, boa dose das possibilidades de encontrar a resposta. Tal como a fizemos, nossa questão afasta uma via de acesso ao texto de Freud pautada exclusivamente por uma circunscrição terminológica e

antecipa uma visão de conjunto do modo de ação variado que o sentido tem no todo teórico dos trabalhos escritos por ele.

Será que nossa questão, ao recusar uma abordagem marcada pela unidade e presença terminológica, pode deixar de lado o problema de qualificar previamente o termo do qual ela se serve? Na verdade - caso sejamos prudentes - ao afastar uma aproximação estrita devemos admitir uma outra indagação: há uma concepção unitária de sentido, mesmo que não fixada por meio de uma definição, que perpassa a teorização de Freud? O tipo de resposta dada a esta pergunta pode implicar na escolha, como veremos, de uma via de interpretação da própria globalidade da obra freudiana.

Se o encaminhamento da resposta remete *in totum* ao corpo de uma única concepção teórica de linguagem - uma maneira de apostar no campo da unidade - o problema da configuração da influência conceitual que a primeira questão coloca ganha um fio condutor. Duas das maiores interpretações filosoficamente orientadas de Freud - ambas concebidas nos anos sessenta - a de Ricoeur e a de Habermas, trilharam, cada uma a seu modo, esse caminho. Trabalhos até hoje insuperados pela abrangência de suas postulações e profundidade de suas análises, eles constituem talvez a parte mais considerável do contexto filosófico atual de recepção da obra de Freud. Se acompanharmos logo de saída alguns dos traços destas leituras verificaremos um dos rumos que a interpretação de Freud tomou quando pautada, ao menos

em parte, por escolhas holistas de enfrentamento às perplexidades para as quais nossa segunda questão pode servir de exemplo.

Propomos ver com um certo detalhe o ponto de partida destas interpretações porque nosso próprio trabalho vai ser situado a partir de uma posição inicial a ser firmada face a estes autores, não no que respeita ao problema da possível cisão do texto freudiano em duas esferas, mas sobretudo no que concerne ao papel que uma concepção unificada e unificadora de linguagem e conseqüentemente do sentido pode acarretar na leitura de Freud. Assim, neste momento não estaremos preocupados com as interpretações concretas que estes autores fizeram dos conceitos psicanalíticos formulados por Freud. Procuraremos antes acompanhar algumas conseqüências exegéticas derivadas de suas posturas de princípio, sobretudo aquelas ligadas ao estatuto que eles dão à linguagem e ao sentido na obra de Freud, com vistas a verificar se elas servem como um fio diretor para nossas próprias investigações, ou seja, se elas podem, de algum modo, indicar uma direção metodológica para nossa leitura.

Estas grandes interpretações tiveram seu núcleo marcado por um olhar que levou em conta sobretudo o papel fundamental que a **linguagem** teve na obra do fundador da psicanálise. Tanto Ricoeur como Habermas defrontaram-se com a tarefa de dar um lugar teórico a esta esfera da linguagem

- e por esse caminho, envolveram-se com o problema do sentido - deparando-se também com a dificuldade de ponderá-la teoricamente com o que alguns poderiam chamar, não sem gerar agudas polêmicas, de um setor "restante" da obra teórica de Freud, o qual comporta um importante corpo de considerações econômicas. Os caminhos tomados por cada um dos autores nesta empreitada foram bastante diferentes. O primeiro tentou fazer uma compatibilização, no limite, entre os dois campos conceituais, buscou desfazer a suposta aporia que se pode encontrar no "discurso misto" de Freud e mostrar como a hermenêutica pode assimilar a energética e esta se mostrar no plano do sentido; já o outro afastou, em sua leitura reconstrutiva, o domínio do econômico, qualificando-o como equívoco teórico, muito embora tenha admitido o papel da causalidade na teoria de Freud.

O grande livro de Ricoeur sobre Freud inicia-se por uma ponderação que lança a psicanálise no seio daquilo que ele chama de "debate" travado pelas grandes filosofias de sua época: aquele que põe em jogo a linguagem<sup>1</sup>. E Ricoeur ancora sua leitura de Freud no campo da linguagem porque encontra no conceito de interpretação, presente tanto na análise freudiana da cultura, como no trabalho clínico

---

<sup>1</sup> Sabemos que a obra posterior de Paul Ricoeur nunca abandonou o tema da linguagem como fio condutor de suas reflexões sobre Freud. Apenas a título de ilustração, lembremo-nos das passagens em seu recente "Temps et récit", onde ele vai valorizar o papel da narrativa no trabalho levado a efeito pela psicanálise.

efetivo do psicanalista, um verdadeiro domínio de práticas e questões que arma a pertinência da obra do mentor da psicanálise a este campo. Na psicanálise individual, todas as formações psíquicas relevantes são vistas como "vicissitudes do sentido"<sup>2</sup> que devem ser acompanhadas.

Há todo um esforço da parte de Ricoeur em conseguir unificar esta grande vertente da obra de Freud, a do sentido, com a ordem econômica. Sua análise de textos está sempre voltada para esta tarefa. Mas antes de empreender esse trabalho, Ricoeur na verdade vai **construir** um conceito de sentido baseando-se na categoria de símbolo e de interpretação. Gostaríamos de seguir os passos dessa montagem, pois se as análises concretas por vezes não vão manusear com o conceito de sentido que ele forjou inicialmente, este estará sempre no horizonte da leitura de Ricoeur .

Tomando, aliás como Freud o fez, o sonho como seu guia, a conceitualização que vai ser armada apresenta inicialmente o sonho como caso de um domínio mais geral, o do duplo sentido, atestado na psicanálise como um sentido que é distorcido: "o sonho e seus análogos se inscrevem assim numa região de linguagem que se anuncia como lugar de significações complexas onde um outro sentido ao mesmo tempo se dá e se esconde num sentido imediato; chamemos símbolo

---

<sup>2</sup> Ricoeur, Paul. "De L'interprétation", Paris, Seuil, 1965, p.16.

esta região de duplo sentido..."<sup>3</sup> Como correlato do símbolo, Ricoeur indica, encontramos a interpretação: ela surge como a "inteligência do duplo sentido"<sup>4</sup> .

Estes parâmetros já bastam, para configurar o lugar de onde Ricoeur vai falar. Trata-se de tomar a psicanálise como fazendo parte de um "campo hermenêutico", campo que comporta uma diversidade de práticas interpretativas às quais a teoria de Freud veio somar-se enquanto um modo específico de exegese. Torna-se necessário então, compreender como Ricoeur vai fundamentar esta incorporação de Freud ao campo hermenêutico.

Como foi indicado, símbolo e interpretação estão intimamente relacionados. Vejamos a caracterização mais fina destes dois conceitos, tal como ele a apresentou. Sua discussão da definição de símbolo vai ser aberta sobretudo com uma crítica da concepção de Cassirer, considerada demasiadamente abrangente, muito embora ele anuncie que sua própria definição pode ser situada também pela via da crítica da visão lógica de símbolo, tida como excessivamente restrita .

O que Ricoeur vai refutar em Cassirer é a obstaculização que suas teses fazem do aparecimento do problema hermenêutico como tal. Segundo sua leitura, a amplitude do projeto cassireano, que envolve a qualificação

---

<sup>3</sup> Ricoeur, Paul. Op. Cit. p. 17.

<sup>4</sup> Ricoeur, Paul. Op. Cit. p. 18.

da linguagem como a base de todas as vertentes de nossas atividades de constituição - a função simbólica funcionando como uma mediação global que cria a via para realizarmos as objetivações que são constantemente operadas por nós - apaga "uma distinção fundamental, que constitui-se a meus olhos numa verdadeira linha divisória: entre as expressões unívocas e as expressões multívocas. É esta distinção que cria o problema hermenêutico"<sup>5</sup> .

Para Ricoeur o conceito de função simbólica, com seu caráter ao mesmo tempo apreensivo e informativo, sobrepassa uma região da linguagem onde existe um "grupo de signos cuja textura intencional chama uma leitura de um outro sentido no sentido primeiro, literal, imediato"<sup>6</sup> .

A exploração mais positiva do símbolo, que passou pelo afastamento de uma visão demasiadamente larga do mesmo, é feita por Ricoeur dentro de três registros de "emergência": o da confissão do mal, o do sonho e aquele da imaginação poética. Todos eles atestam o jogo duplo apontado. Assim, por exemplo, "não existe discurso direto de confissão, mas o mal - trate-se do mal sofrido ou do cometido - é sempre confessado por meio de expressões indiretas emprestadas à esfera da experiência cotidiana e que têm este caráter notável de designar por analogia uma outra experiência que nós chamaremos provisoriamente

---

<sup>5</sup> Ricoeur, Paul. Op. Cit. p. 21.

<sup>6</sup> Ricoeur, Paul. Op. Cit. p. 21.

experiência do sagrado"<sup>7</sup>. Em suma, a confissão é levada a termo por meio de uma linguagem que não pode ser apreendida de modo direto, mas que vai significar, por analogia, outra coisa: o exemplo da limpeza da taça, que significa o apagamento da mácula do pecador, é bastante representativo do tipo de relação de sentido isolado por Ricoeur. Também o sonho, que ele aqui toma numa acepção mais geral como o onírico, "atesta que sem cessar nós queremos dizer outra coisa do que nós dizemos"<sup>8</sup>. Por fim, a poesia com sua potência verbal virá mostrar a abertura para um outro sentido que Ricoeur está buscando delimitar.

Apenas mais um passo e Ricoeur estará pronto para apresentar sua versão acabada da definição de símbolo. Apresentando uma ponderação sobre os limites da visão do símbolo como analogia, que poderia decorrer de uma tentativa de unificação dos campos de emergência do símbolo que foram selecionados, duas observações chamam a atenção. Em primeiro lugar, desfazendo uma abordagem meramente analógica, nosso autor pretende que "à diferença de uma similitude que nós poderíamos considerar de fora, o símbolo é o movimento mesmo do sentido primário que nos assimila intencionalmente ao simbolizado, sem que nós possamos dominar intelectualmente a similitude"<sup>9</sup>. Esta falta de domínio imediato, falta de acesso ao sentido posto pelo símbolo, **chama** a interpretação,

---

<sup>7</sup> Ricoeur, Paul. Op. Cit. p. 22.

<sup>8</sup> Ricoeur, Paul. Op. Cit. p. 24.

<sup>9</sup> Ricoeur, Paul. Op. Cit. p. 26.

o que vai antecipar a ligação intrínseca que Ricoeur faz entre o símbolo e a interpretação, ou seja, em seus termos, a predominância que o campo hermenêutico tem em relação ao símbolo. Também é importante notar como a psicanálise desfaz a via definitiva do símbolo pela analogia, pois, como ele apontou, o sonho lança mão de processos de formação que ligam os dois planos de conteúdo que não podem ser reduzidos a ela.

Estamos então frente à definição acabada proposta por Ricoeur: "eu direi que há símbolo onde a expressão lingüística se presta por seu duplo sentido ou seus sentidos múltiplos a um trabalho de interpretação. O que suscita este trabalho é uma *estrutura intencional que não consiste numa relação do sentido com a coisa, mas em uma arquitetura do sentido, numa relação do sentido com o sentido, do sentido segundo ao sentido primeiro, quer esta relação seja ou não de analogia, quer o sentido primeiro dissimule ou revele o sentido segundo*"<sup>10</sup>. Esta definição evidencia a solidarização entre os pólos em jogo; mais do que isso, ela lança a interpretação no interior do símbolo de tal forma que Ricoeur sentirá segurança para afirmar, desenvolvendo ao limite sua tese, que "todo mito comporta um logos latente que demanda ser exibido. É por isso que não há símbolo sem um início de interpretação"<sup>11</sup>.

---

<sup>10</sup> Ricoeur, Paul. Op. Cit. p. 27.

<sup>11</sup> Ricoeur, Paul. Op. Cit. p. 27.

Resta agora buscar acompanhar Ricoeur em seu empreendimento de delimitação do conceito de interpretação. É preciso para isso iniciar com a afirmação da especificidade do campo hermenêutico: "nós entendemos sempre por hermenêutica a teoria das regras que presidem a uma exegese, quer dizer a interpretação de um texto singular ou de um conjunto de signos suscetível de ser considerado como um texto..."<sup>12</sup>. É exatamente por poder fazer a redução a um texto que Ricoeur pode tomar a psicanálise como fazendo parte do conjunto das práticas hermenêuticas. Mas qual interpretação? Como regular o duplo sentido, com sua específica intencionalidade, com a própria interpretação?

Encontramos, como foi também o caso do símbolo, uma dualidade definicional que vai convidar à criação de um conceito intermediário de interpretação. Ele deverá estar situado entre um conceito longo, cuja origem, segundo Ricoeur, remonta a Aristóteles, e no qual a própria fala significante é tida como interpretação; e um curto, estrito, que cabe sobretudo à hermenêutica entendida como exegese dos textos escritos da tradição.

O recurso a Aristóteles - para quem, no *Peri Hermeneias*, não se tratava de fixar os marcos de uma ciência da interpretação propriamente dita, mas sim de empreender um estudo da significação enquanto tal, como Ricoeur nota preliminarmente - vai interessar à configuração do conceito

---

<sup>12</sup> Ricoeur, Paul. Op. Cit. p. 18.

de interpretação intermediário que importa a Ricoeur delimitar na medida em que ele possibilita vislumbrar a rota de constituição da acepção lógica de significação que encontra-se vinculada ao discurso declarativo, apofântico. Ricoeur vai nos mostrar que na via aristotélica "dizer algo de alguma coisa", numa leitura estrita, indica para a questão do verdadeiro e do falso: "a noção de significação requer a univocidade do sentido: a definição do princípio de identidade, em seu sentido lógico e ontológico o exigem...Assim, a comunicação entre os homens só é possível se as palavras tiverem *um* sentido, quer dizer um sentido *uno*"<sup>13</sup> .

A esta vertente semântica unicista Ricoeur vai contrapor - auxiliando-se tentativamente do próprio Aristóteles, pois nele encontramos algumas indicações, sobretudo extraídas da Metafísica, onde o ser aparece como não unívoco, aportes que poderiam ajudar a romper com aquele caráter - a abertura para um conceito de sentido múltiplo. Mas é, na verdade, o marco estabelecido pela exegese bíblica que permitirá melhor fixar esta abertura.

Para Ricoeur, as categorias desenvolvidas pela hermenêutica religiosa, configuradas em regras de exegese das Escrituras, servirão de base para uma lenta expansão da noção de texto para além do domínio escritural, carregando consigo o conceito de interpretação e dando nascimento às

---

<sup>13</sup> Ricoeur, Paul. Op. Cit. p. 32.

condições de formação do conceito intermediário que ele busca estabelecer. Em Freud encontramos o sinal claro dessa passagem já realizada: "com ele não é somente uma escritura que se oferece à interpretação, mas todo o conjunto de signos suscetíveis de serem considerados como um texto a decifrar, portanto tanto um sonho, um sintoma neurótico, quanto um rito, um mito, uma obra de arte, uma crença"<sup>14</sup>. Mas isso não significa nem que Freud tenha se ligado à tradição hermenêutica religiosa, nem que ele inaugure a nova perspectiva. Na realidade a psicanálise aparece como um momento que patenteia a fratura do campo hermenêutico: "não há hermenêutica geral, nem cânon universal para a exegese, mas teorias separadas e opostas no que concerne às regras de interpretação"<sup>15</sup>. Ricoeur, diante dessa pulverização, retém como fixo somente o movimento de desterritorialização do campo hermenêutico; ele mantém a estabilidade suficiente para que seja possível perceber os limites de uma polaridade que se desenha. De um lado a interpretação restaura e manifesta um sentido; de outro ela age na direção de um desfazimento do sentido, o que acarreta uma função de desmistificação.

Como Freud encontra-se no segundo polo, resta ainda um passo para caracterizá-lo melhor, pois a partir desse ponto somente a análise concreta do texto freudiano poderá

---

<sup>14</sup> Ricoeur, Paul. Op. Cit. p. 35.

<sup>15</sup> Ricoeur, Paul. Op. Cit. p. 35.

fazer avançar. Como nosso interesse não é explorar a inclusão de Freud no domínio da suspeita, operação que Ricoeur empreendeu juntando-o a Marx e Nietzsche e opondo-os a Descartes, importa-nos apenas lembrar que Ricoeur vê nos trabalhos de Freud - assim como em Nietzsche e Marx - a constituição de "uma ciência mediata do sentido, irreduzível à consciência imediata do sentido"<sup>16</sup>.

Quais são as consequências que estas teses gerais sobre a inserção da psicanálise no campo hermenêutico, defendidas por Ricoeur, têm para o estabelecimento de um programa de leitura dos textos de Freud que vise apreender alguns aspectos da presença do sentido em sua obra? Evidentemente só a análise de seu trabalho, se não completa, ao menos dedicada a um problema específico, ou a comparação com outras performances interpretativas poderia dar uma resposta definitiva a esta questão, muito embora alguns trabalhos sobre sua investigação de Freud possam servir como guia na avaliação dos resultados de seu projeto<sup>17</sup>. Mas nós estamos querendo estabelecer as balizas que orientem nosso próprio trabalho e, nesse sentido, a leitura de Ricoeur pode, neste momento, ao menos dar uma lição negativa.

---

<sup>16</sup> Ricoeur, Paul. Op. Cit. p. 42.

<sup>17</sup> Pensamos sobretudo nas análises que dois filósofos brasileiros, Luiz R. Monzani e Bento Prado, fizeram já há algum tempo. Nelas, estão bem marcados alguns dos limites que se podem fixar às leituras que Ricoeur faz de Freud.

Se Ricoeur acusava Cassirer de impedir a visão clara do problema hermenêutico, podemos dizer que sua imbricação do sentido duplo com a interpretação coloca-o num lugar que não é favorável à percepção de que, analogicamente ao ser, o sentido se diz em muitos sentidos. Não que ele limite externamente o acesso às diferentes abordagens do sentido. A dificuldade é que sua visão do problema hermenêutico draga para o interior da relação duplo sentido- interpretação, que pressupõe a ampliação da noção de texto já indicada, a inteligibilidade final que estes outros modos de ser do sentido poderiam ter. Afinal, podemos perguntar, será que toda consideração que se possa fazer sobre o sentido em Freud deve ser reduzida à questão do desfazimento das ilusões, presumivelmente implicada no duplo sentido? Teria todo trabalho de individuação da presença do sentido que passar pela trilha da hermenêutica, tal como Ricoeur a dispôs para seus leitores?

Levar a sério, numa cadeia descendente, que a psicanálise é uma hermenêutica, mesmo feitas as ressalvas de que ela se vincula a uma energética; assumir portanto, que ela lida, sobretudo, com o duplo sentido, por sua vez afeito a um trabalho de exegese que finalmente implica no dissolvimento das ilusões é, desde logo, estar comprometido com marcos de valoração conceitual bastante estritos. Esta valoração atua em pelo menos duas direções: uma, indicando o caminho pertinente, funciona como uma diretriz temática;

outra, apontando a "linha de redução" que deve ser operada quando os conceitos não forem, de primeira mão, adequados ao quadro já estabelecido, apresenta como resultado uma chave interpretativa fixa.

Esta linha de consequências resulta apenas do modo como Ricoeur concebeu o papel da linguagem na psicanálise, da forma **particular** como ele pensou a sua pertinência ao domínio da hermenêutica? A consideração da abordagem de Habermas talvez possa nos auxiliar a responder a essas questões, na medida em que, além de ser ela mesma uma inspeção do papel que a linguagem tem a desempenhar na psicanálise, pode ainda nos propiciar uma comparação com Ricoeur, já que, a princípio, Habermas reclama também da tradição hermenêutica.

O trabalho de Habermas pode ser inserido, como de fato o foi por uma série de comentadores, na linhagem das análises que consolidaram aquilo que ficou conhecido como a Teoria Crítica da sociedade. Sabe-se que os trabalhos desta variada corrente de pensamento frequentemente discordam entre si, mas mesmo tendo isso em conta, um intérprete importante como Thomas McCarthy, leitor atento da ampla obra de Habermas, situa sua interpretação de Freud, assim como o uso desta na consecução de um projeto teórico maior, na tradição inaugurada pelas primeiras reflexões da escola de Frankfurt. "A abordagem que Habermas faz de Freud pode ser localizada em relação a estas primeiras discussões. Como

fica evidente desde a discussão dos 'interesses emancipatórios' no capítulo 2, ele continua a usar os conceitos psicanalíticos para estabelecer os vínculos entre a estrutura institucional da sociedade e a psicologia individual"<sup>18</sup>. Malgrado os traços de identificação, McCarthy nota que não é o papel de especificação dos elos entre os dois planos mencionados que vai marcar a particularidade da abordagem habermasiana, mas o viés sobretudo metodológico que sua inspeção adquiriu. É na medida em que a psicanálise pode oferecer parâmetros para uma disciplina que tenha a auto-reflexão metódica como sua característica maior, que a psicanálise vai importar a Habermas. "Tomando a obra de Alfred Lorenzer como ponto de partida, ele então vai reconstruir a psicanálise como uma teoria da comunicação distorcida. As lições que ele deriva desta reconstrução são largamente metodológicas; ela nos supre com uma mais precisa concepção da lógica da ciência reflexiva e então nos provê com as linhas diretivas para a construção de uma teoria crítica da sociedade"<sup>19</sup>. Uma tal teoria tende a se encontrar com aquilo que Habermas identifica como um *telos* emancipatório próprio à autoformação do gênero humano. Rouanet resume o papel que a auto-reflexão tem em Habermas, quando este *telos* se explicita em seu interesse, nos seguintes termos: "as teorias correspondentes a esse

---

<sup>18</sup> McCarthy, T. "The Critical Theory of Jürgen Habermas", Cambridge, The MIT Press, 1982, p.194.

<sup>19</sup> McCarthy, T. Op. Cit. p.195.

interesse são as disciplinas críticas (a psicanálise e a crítica da ideologia) e de modo mais específico as ciências sociais criticamente orientadas, cujo objeto vai além da mera descrição de fatos e da simples formulação de regularidades nomológicas. O quadro metodológico que estabelece a validade das proposições derivadas do interesse emancipatório é a auto-reflexão. Nela, o sujeito se libera dos poderes hipostasiados que alimentam a ilusão objetivista e bloqueiam a livre comunicação entre os homens"<sup>20</sup>.

Feita esta breve caracterização do pano de fundo dos interesses de Habermas, podemos tomar contato com sua análise de Freud, contida em "Conhecimento e Interesse", para aí encontrar alguns itens que coordenam sua concepção de linguagem e avaliar seu papel na leitura de Freud. Neste texto podemos ler logo de saída que "a psicanálise começa afirmando-se como uma forma especial de interpretação; ela libera pontos de vista teóricos e regras técnicas para interpretação de conjuntos simbólicos. Freud orienta constantemente a interpretação dos sonhos no modelo hermenêutico do trabalho filológico"<sup>21</sup>. Poucos textos podem ser tão enfáticos como esse ao encampar Freud a um largo domínio de procedimentos já existentes. Não obstante, a inclusão dos procedimentos de Freud aos mais gerais da

---

<sup>20</sup> Rouanet, S. P. "Teoria Crítica e Psicanálise", Rio de Janeiro-Fortaleza, Tempo Brasileiro/ Edições Universidade do Ceará, 1983, p.264.

<sup>21</sup> Habermas, J. "Conhecimento e Interesse", Rio de Janeiro, Zahar, 1982, p. 234.

filologia requer uma limitação, precisão conceitual que não tarda a chegar. "Mas o obrar interpretativo do analista não apenas se distingue da atividade do filólogo pela seleção de um *domínio particular do objeto*; um tal obrar exige uma hermenêutica específica e ampliada, que leva em consideração, frente à interpretação habitual das ciências do espírito, uma *nova dimensão*"<sup>22</sup> .

Diferentemente da filologia - que Habermas apreende modelizada pelos trabalhos de Dilthey - cuja meta é tornar compreensíveis as objetivacões em seu conteúdo intencional, enfrentando com isso as desvirtuações semânticas que advêm do exterior das manifestações a serem interpretadas, "os conjuntos simbólicos que a psicanálise procura compreender estão adulterados por *influências internas*"<sup>23</sup> . É exatamente esse aspecto de desvio interno que abre caminho para uma ampliação nova do quadro hermenêutico, pois ele requer o que Habermas cunhou como uma "hermenêutica das profundezas", capaz de compreender o próprio efeito corruptor dos complexos de símbolos.

Em qual marco se desdobra esta nova hermenêutica? Na concepção de Habermas, na medida em que o sujeito se constitui por meio de um processo de objetivação contínuo, a existência de complexos simbólicos adulterados implica uma falha de objetivação que podemos chamar de auto-ilusão. Esta

---

22 Habermas, J. Op. Cit. p. 234.

23 Habermas, J. Op. Cit. p. 236.

objetivação pode ser entendida desde uma ordenação que é realizada pelo campo da linguagem e Habermas foi buscar em Wittgenstein, filtrado por intermédio da sociologia e da teoria da ação, as bases de sua concepção. "A gramática da linguagem cotidiana não regula apenas o conjunto simbólico, mas igualmente, a imbricação de elementos da linguagem, modelos de ação e expressões. Numa situação normal estas três categorias comportam-se de maneira complementar, de modo que aquilo que denominamos de expressão verbal encontra-se, por um lado, 'enquadrado' em interações e, por outro, ambas se 'adequam' novamente a expressões..."<sup>24</sup>. Esta caracterização do papel organizador desempenhado pela linguagem serve como um padrão normal ao qual será anteposta a descrição advinda da tipologia patológica que a psicanálise estabeleceu. Como resultado, poderemos verificar - é o caso, por exemplo do ato falho, mas a conclusão pode ser estendida às outras figuras encontradas na clínica - que há uma quebra do quadro gramatical tal como ele foi apresentado, tendo como consequência que "ações e expressões extraverbais desmentem agora o que é *expressis verbis* asseverado"<sup>25</sup>.

Este abalo interno dos ordenamentos levados a cabo pela gramática, cuja feição maior é a de um discurso onde "o texto de nossos jogos de linguagem cotidianos é interrompido

---

<sup>24</sup> Habermas, J. Op. Cit. p. 237.

<sup>25</sup> Habermas, J. Op. Cit. p. 237.

por símbolos incompreensíveis"<sup>26</sup>, vai tornar-se inteligível pela afirmação da tese de que houve uma privatização da linguagem, resultado teórico maior da leitura que Habermas faz do recalçamento. "Pelo fato de os símbolos que interpretam as necessidades reprimidas serem excluídos da comunicação pública, a comunicação do sujeito que fala e age está interrompida com ele mesmo"<sup>27</sup>, donde advém, quando o indivíduo busca equilibrar essa situação de desequilíbrio interno, aquilo que podemos chamar de auto-ilusão. Estamos assim, frente à situação em que o processo psicanalítico encontra a ancoragem de sua ação terapêutica. Diante da privatização da linguagem oferecer um ato de compreender que gere um movimento de auto-reflexão, esta é a tarefa e a possibilidade da psicanálise.

A exposição de todas as passagens onde Habermas reconstrói os conceitos psicanalíticos de Freud, com base no modelo da linguagem-ação transparente versus deterioração comunicativa ocasionada pela privatização da linguagem decorrente do conflito psíquico e da repressão, não cabe perseguir nesta introdução. Sabemos uma de suas mais importantes decorrências: a negação de todas as categorias que não se adaptaram à reconstrução da psicanálise como auto-reflexão. Mas, mais importante para nós, é perceber os efeitos de uma leitura como essa para a própria categoria do

---

<sup>26</sup> Habermas, J. Op. Cit. p. 245.

<sup>27</sup> Habermas, J. Op. Cit. p. 245.

sentido. Em nossa opinião, ocorre uma limitação de abordagem tão definida como a que encontramos com Ricoeur.

Anteposta uma concepção tão abrangente do estatuto da psicanálise e tão específica de linguagem, como a que encontramos em Habermas, só resta ao leitor-autor reconstruir. Dissemos ampla, pois como Ricoeur, Habermas apreende o todo da psicanálise desde o marco hermenêutico, genérico em seu encontro com Freud, mas ao mesmo tempo delimitador, pois organiza a psicanálise a partir de um único ponto de vista, o da interpretação. Específica porque, mesmo que em "Conhecimento e Interesse" não a encontremos desenvolvida, a concepção de fundo da linguagem com a qual nos deparamos aí - uma das origens daquilo que ficou conhecido por pragmática universal, posteriormente ampliada por Habermas - não pode dar senão uma chave de leitura demasiadamente seletiva para a obra de Freud. Desta forma, parece que partir de um paradigma de linguagem como o de Habermas **implica** na reconstrução<sup>28</sup>, justamente na medida em que não sobra espaço para a fixação de inteligibilidade senão no plano projetado pelos conceitos gestados na concepção que se adotou.

É chegada a hora de retomar claramente nossa antecipação, uma das premissas da qual parte nosso trabalho: existem diversos planos onde o sentido, ou melhor, um

---

<sup>28</sup> Reconstrução que serve sobretudo para qualificar uma nova abordagem da psicanálise, como por exemplo nos trabalhos recentes de Spence e Schafer, onde a crítica à psicanálise desemboca em uma proposta teórica que não tem nada a ver com uma tentativa de ler Freud.

trabalho do sentido pode ser detectado; encontramos ainda noções variadas de sentido, ou correlativas a seu campo, funcionando no transcorrer da obra de Freud. Assim, além do patamar em que se coloca o conceito de interpretação - pois, como é evidente, não negamos cidadania a esta categoria na psicanálise de Freud - encontramos vários níveis da teoria onde parece ser legítimo dizer que o sentido está, não somente presente, mas é categoria central que a teoria mobiliza, de um modo ou de outro, implícita ou explicitamente, para dar conta do problema que está para resolver.

Trabalhar com este movimento disperso, que pode ser posto à sombra por um instrumento demasiadamente forte de interpretação, trilhar alguns andamentos que a própria obra de Freud apenas indicou do ponto de vista conceitual, tal é o caminho que procuraremos percorrer.

Esta não é uma aposta na dispersão pela dispersão, na falta de síntese ou de definição. Pensamos apenas que a psicanálise de Freud nos deixou como herança uma série de planos de elaboração teórica que envolvem a categoria do sentido, domínios que não necessariamente vão confluir para uma teoria central forte, e que nessa medida, o melhor meio de lidar com essa situação teórica suposta, é não antepor, de um ponto de vista polarizador do todo teórico, senão a menor dose possível de pressuposição teórica acabada sobre o conceito de sentido, parta ela da doutrina que for, e

acompanhar na ordem dos conceitos do texto de Freud, a presença daquilo que podemos **receber** como sentido. Não queremos com isso indicar que não se possa, após um trabalho de apreensão destes pontos de emergência, formular uma visão que finalmente tente encontrar o lugar da unidade conceitual que abarque as diversas operações de sentido que a psicanálise de Freud mobilizou. No entanto, parece-nos que um tal trabalho deve passar por esse momento em que o reconhecimento da diversidade só tem a ensinar, já que ele não quer, como o concebemos, ser uma resposta final, mas apenas o índice que ilumina conclusões que estão por vir, vias de pesquisa que podem se anunciar.

No entanto, mesmo tendo em vista a proposta de afastamento que fizemos, não podemos deixar de levar em conta que muitos setores da teoria de Freud foram estudados e iluminados desde uma ótica vinculada a considerações linguísticas ou, de um modo ou de outro, ordenadas por uma teoria do sentido. Sendo assim, utilizaremos algumas vezes textos críticos relativos a problemas trabalhados por Freud quando da constituição de suas teses sobre questões particulares da teoria psicanalítica e que envolvem temas que foram sistematicamente conceitualizados no interior de uma teoria da linguagem. O exemplo mais notável é o dos estudos sobre o texto dos chistes. A abordagem feita em nome de uma teoria particular da linguagem, quando aplicada a uma teorização concreta de Freud, pode nos auxiliar a apreender,

mesmo que evidenciando o negativo, fazendo ver o que não pode ser pensado a respeito de um conceito freudiano, aquilo que Freud **está fazendo trabalhar**. Em razão desse fato, não nos privamos, em alguns momentos, de recorrer a essas leituras e de utilizá-las para construir nosso próprio percurso de leitura e interpretação.

Em função do inacabamento dogmático da obra de Freud no que diz respeito ao nosso tema, o procedimento esquematizado para lidar com seu texto não será sempre o mesmo. Em alguns momentos, nos limitamos a buscar acompanhar o estabelecimento conceitual pertinente ao tema que propusemos desenvolver concretamente no texto que estamos analisando e as variações conceituais que, pouco a pouco, tornam-se patentes. Em certos casos, nos defrontamos com uma região conceitual que permitiu a ligação com uma colocação em causa - quer explícita, quer implícita - que interpretes ou teóricos da linguagem fizeram das concepções de Freud. Como dissemos, sempre que julgamos oportuno, fizemos intervir tais discussões em nossa leitura.

Não obstante, muitos problemas conceituais de nossa área de interesse, encontrados em Freud, não recebem por sua parte um tratamento que desenvolva suas conseqüências teóricas; às vezes, nem mesmo recebem uma tematização adequada. Quando acreditamos estar frente a esse tipo de lacuna, não deixamos de procurar por meio de teorias do sentido que nos pareceram pertinentes, mesmo que

regionalmente utilizadas, ampliar o quadro teórico com vistas a uma melhor aproximação da solução ao problema emergente, buscando nesse trabalho seguir um padrão de constituição conceitual harmônico com o de Freud. A crítica a interpretações de Freud, nesse caso, sempre pôde ajudar a estabelecer nossa própria interpretação.

Por fim, um esclarecimento. O texto com que se tomará contato seguir é, como dissemos, uma leitura de Freud, de parte considerável da sua obra. Leitura encaminhada, sempre que possível, respeitando a progressão temporal dos trabalhos de Freud que julgamos mais significativos para nossos propósitos, modo de apresentação que foi abandonado somente quando o tema pareceu exigir e quando uma nova unidade de análise foi por nós selecionada, implicando num recuo ou num salto relativamente à sequência que vinha sendo desenvolvida.

Na medida em que enfrenta um grande volume de material, este trabalho defronta-se com a variada rede conceitual e a problemática que a teorização de Freud nos legou. Não isolamos, na sua condução, a noção de sentido a tal ponto que ela pudesse ser tratada de modo absolutamente autônomo. Pelo contrário, ao tratar do andamento conceitual concernente a nosso problema mestre nos escritos de Freud, procuramos dar destaque também, na medida do possível, ou seja, sem que perdêssemos o fio de nossa intenção, ao que seu pensamento desenvolvia dos vários temas teóricos

próprios da psicanálise como um todo. Assim, talvez possamos dizer que tentamos realizar uma leitura de Freud antes de tudo sensibilizada pela noção de sentido.

## Capítulo 1

### Da criação da psicanálise à sua primeira consolidação

O texto de Freud "Sobre o Mecanismo Psíquico dos Fenômenos Históricos: Comunicação Preliminar" - escrito em 1893, conjuntamente com seu amigo e companheiro de investigações Breuer<sup>1</sup> - apresenta-nos logo às suas primeiras linhas as intenções que o animam: trata-se de expor uma teoria que permita isolar o fator capaz de ocasionar, levar a termo, os fenômenos históricos, fator materializado na formação dos quadros sintomáticos.

Tal como as intenções dos autores são rapidamente mostradas, o ângulo da abordagem, que surge pela via de uma dificuldade experimentada com freqüência na então insipiente clínica, também não demora a aparecer: era praticamente impossível levar a cabo a anamnese dos casos de histeria, pois quase sempre

---

<sup>1</sup> Utilizaremos no decorrer de nosso trabalho, a edição das Obras Completas de Sigmund Freud publicada na Argentina pela Amorrortu editores, e que serão traduzidas para que a leitura seja facilitada. Nossas citações seguirão esta edição. Para a eventual consulta, citaremos também as páginas correspondentes da edição brasileira Standard, que segue a mesma numeração dos volumes.

uma falha de memória ocorria, impedindo a determinação de uma "conexão causal" adequada entre fatos e sintoma.

Para superar este empecilho, Freud lançou mão do recurso à hipnose, tida por ele, sobretudo, como um método investigativo. Método que não tardou a apresentar seus frutos, pois por meio dele foi possível perceber a importância de "fatores externos" na formação da patologia histérica, mais especificamente, de experiências vividas como traumáticas que, assim como nas neuroses traumáticas, permitem estabelecer uma conexão causal adequada entre o evento traumático e o sintoma.

Freud com isso se coloca com firmeza no campo de investigação das experiências do sujeito, fazendo os primeiros movimentos de um trabalho que transcorrerá por toda a sua vida.

Segundo Freud, os resultados obtidos "parecem demonstrar-nos a analogia patógena entre a histeria comum e a neurose traumática"<sup>2</sup>. Como foi construída esta analogia? Para ele, assim como a emoção, susto, sofrida num acidente e facilmente evocável numa anamnese, na neurose traumática é retomada no nível do sintoma - por exemplo, com uma alucinação aterradora do acontecimento, ficando clara a "conexão causal" entre os dois elementos - a histeria comum deve apresentar uma tal inteligibilidade quando do estabelecimento da causa desencadeadora.

É importante notar que esta ligação entre elementos encontrada na neurose traumática foi estendida formalmente à

---

<sup>2</sup> Freud, S." Sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos: comunicação preliminar", Vol.II, SE A. p.31; SE B. p. 46.

histeria comum - depois chamada de traumática - pela observação feita através do método investigativo então utilizado. Vale dizer, a utilização da hipnose conduziu à investigação de certos elementos que exibem, além de tudo, uma conexão, um nexos causal que parece ser **evidente**. Assim, "um homem de elevada inteligência assiste à operação a que é submetido seu irmão: em estado de narcose estiram-lhe uma articulação ancilosada da cadeira. No momento em que esta cede com um estalido, ele sente uma dor em sua própria articulação da cadeira, dor que persiste quase um ano, etc."<sup>3</sup> e ainda "um afeto dolorido, gerado no curso de uma refeição, porém sufocado, produz logo náuseas e vômitos, e esses últimos duram meses como vômitos histéricos"<sup>4</sup>. Esta noção de uma relação que se torna patente merece alguma atenção. A idéia que parece estar sendo desenvolvida aqui é a de que há uma interpretação válida compartilhável por aqueles que tomam conhecimento do contexto que envolve a situação a partir da qual o fenômeno pode instalar-se. Em suma, faz sentido, desde que tenhamos acesso às condições de instalação do sintoma, pensá-lo como tal e tal; isso o torna justificado.

Uma relação menos simples entre o fenômeno que provoca a sintoma e o mesmo pode ser encontrada. Trata-se da relação simbólica onde o corpo do sintoma seria um símbolo daquilo que ocuparia o lugar terminal da ligação com inteligibilidade comum, o que é claro, só pode ser apreendido sobre o pressuposto desta.

---

<sup>3</sup> Freud, S. Op Cit p.31; p.45.

<sup>4</sup> Freud, S. Op Cit p.30; p.44.

Percebe-se, deste modo, que é a análise dos resultados obtidos sob a hipnose que permite a Freud, chegando a um ponto crucial, isolar uma **característica comum** aos elementos encontrados, ou seja, que eles são **experiências aflitivas traumáticas** que mantêm uma ligação evidente com o corpo do sintoma, a idéia mesma de uma experiência traumática aflitiva sendo construída desde um nexo de sentido advindo de uma prática compreensiva comum, ou ainda, originada do campo da inteligibilidade dos fenômenos própria ao senso comum.

Devemos perguntar, agora que mostramos como foi construída a analogia, de que modo foi pensado o elemento patogênico das experiências ditas traumáticas que, aliás, não foi preliminarmente explicado em seu funcionamento pelos autores, no caso de neurose traumática.

Mais um elemento, colhido das experiências com a hipnose, vai abrir caminho à formação das hipóteses de Freud, é claro, num confronto com o campo dos fatos que são encontrados nos quadros histéricos analisados. Sendo assim, são levados em conta dois componentes: um, primeiro, é a dificuldade em recordar a experiência dolorosa, traumática, que imediatamente induz à pergunta: como é possível que uma experiência tão forte possa ser esquecida e além disso ser a causa desencadeante do sintoma? Outro, segundo, é o resultado terapêutico que pode ser verificado no transcorrer dos trabalhos com os histéricos. Quando eles, pela hipnose, recordavam o evento importante e davam lugar à livre descarga dos afetos a ele ligados podia ser verificado que os

sintomas desapareciam. As emoções aflitivas quando vertidas numa "tradução de emoções em palavras" **desfaziam** o sintoma. Isto colocou a Freud a idéia de que tais eventos traumáticos, além de provocarem o sintoma, pelo fato de terem mantido fortes emoções a ele ligadas, sustentavam-no ao longo do tempo, mantinham o sintoma, fazendo deste, verdadeiramente, um "corpo estranho que ainda muito depois de sua intrusão tem que ser considerado como de eficácia presente"<sup>5</sup> .

Em concomitância com tais observações devemos lembrar que Freud vai nos apresentar neste texto, um passo importante na construção da hipótese maior sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos, uma tese sobre o "desgaste" afetivo de uma representação, tirada quase que unicamente da experiência e do senso comum. Vejamos sua idéia: "O empalidecimento ou perda de afetividade de uma recordação depende de vários fatores. O que importa, sobretudo, é se diante do acontecimento afectante reagiu-se *energicamente* ou não. Por 'reação' entendemos aqui toda a série de reflexos voluntários e involuntários em que, segundo o que sabemos por experiência, se descarregam os afetos: do choro até a vingança. Se esta reação se produz em escala suficiente, desaparece boa parte do afeto; nossa língua testemunha esse fato de observação cotidiana mediante as expressões *sich austoben* [desafogar-se], *sich ausweinen* [desafogar-se chorando]...[Mas a linguagem serve de substituto para a ação; com sua ajuda, uma emoção pode ser 'abreagida' {Abreagiert} quase que com a mesma eficácia]... Quando

---

<sup>5</sup> Freud, S. Op Cit p.32; p.46.

não se produz essa reação pela ação, a palavra, ou mediante o choro, nos casos mais leves, a recordação do fato conserva, em princípio, seu matiz afetivo"<sup>6</sup>.

Esta passagem célebre, além do interesse que tem para nós na reconstituição do pensamento de Freud, vai nos chamar a atenção, por um momento, por um outro motivo. Ela, por ser uma das primeiras páginas do gênero, é um magnífico exemplo da trama conceitual, própria ao pensamento de Freud, onde encontra ocasião de se desenvolver um tipo de interpretação da qual gostaríamos de nos afastar. Trata-se da interpretação que traduz, subsumindo, um plano conceitual não linguístico - aqui, o do reflexo - a um plano que o é, operação falaciosa que pode sempre ser realizada numa leitura de Freud. Queremos sublinhar isso pois, se estamos sobretudo atentos ao plano do sentido e dos conceitos que podem subsidiar a sua presença, não é para lançar mão de uma operação de apagamento de contrários, de categorias não harmônicas com a ordem conceitual de antemão escolhida, mas para buscar a especificidade e o campo problemático no interior da teoria de Freud que lhe são próprios.

Ao comentar a passagem citada, que atribui à linguagem um importante papel na evacuação de afetos, Monique Schneider, cujo trabalho busca captar a especificidade da ligação entre o afeto e a linguagem, faz a seguinte observação: "nestes exemplos de resposta imediata, a linguagem se acha duplamente promovida, Freud mencionando duas funções que podem ser separadas: a linguagem enquanto evocadora de uma ação se situando para além do lugar onde

---

<sup>6</sup> Freud, S. Op Cit p.34; p.49.

se efetua o discurso; e a linguagem enquanto sendo ela própria instrumento de uma operação: confissão, acusação, injunção. Estas duas funções do enunciado podem ainda ser relacionadas a uma distinção que E. Benvéniste empresta dos estudos de filosofia analítica de J. L. Austin feitos nos quadros da escola de Oxford: além de uma função 'declarativa', trata-se de especificar o uso 'performativo' onde a linguagem não é somente, conforme a fórmula freudiana, 'o equivalente do ato', mas o próprio ato. J. L. Austin propunha um exemplo: 'dizer: eu prometo, formular, como se diz, este ato performativo, é aí que se encontra o ato mesmo de fazer a promessa'. Estas pesquisas sobre a linguagem seriam uma confirmação trazida à tentativa, conduzida por Freud, de ver na linguagem não o simples reflexo articulado de coisas ou atos situados no exterior de si, mas o local de uma ação, real ou substitutiva. A linguagem não somente diz as coisas, ela as muda"<sup>7</sup> .

Citamos Schneider pois, o tipo de interpretação do papel assumido pela linguagem na obra de Freud que ela pratica pode, caso seja visto como a descoberta de um fio condutor que leva a uma verdade conceitual latente, acarretar num problema de compreensão que vale a pena evitar preliminarmente em um estudo como o nosso. É evidente que as noções de linguagem e sentido que Freud tinha - tanto as explícitas, assumidas, como as implícitas, implicadas na trama conceitual de sua obra - podem a princípio se beneficiar da inteligibilidade que conceitos mais atuais podem lançar sobre ela.

---

<sup>7</sup> Schneider, M. "Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud", São Paulo, Escuta, 1994, p.21.

Inclusive problemas conceituais podem ser resolvidos por esse caminho. Não obstante, parece não ser adequado desviar o significado de um conceito onde não há, propriamente falando, uma dificuldade conceitual que demande correção. Vejamos como isso pode se dar com o auxílio da passagem mencionada.

A caracterização dos performativos é um assunto bastante complexo e uma enorme massa de opiniões diferentes já foi emitida sobre ele. No entanto, dentro do parâmetro da filosofia de Austin tal como ela foi retomada por Benveniste, levando-se em conta inclusive o exemplo - um caso explícito - que foi escolhido pela autora, deve-se pensar o performativo como a realização de um ato **através** da própria palavra, de seu proferimento, e não como algo que possa decorrer da palavra que foi utilizada. Assim, por exemplo, quando alguém diz "eu inauguro" o ato de inaugurar **é levado a efeito** por esse proferimento verbal, e não é um efeito secundário de seu uso. Além disso, como Benveniste ressalta, trabalhando criticamente as idéias de Austin com vistas a estabelecer um limite à sua caracterização, devemos "reconhecer no performativo uma propriedade singular, a de ser *auto-referente* [sui-référentiel], de se referir a uma realidade que ele mesmo constitui, pelo fato de que ele é enunciado nas condições que o fazem ato. Disto advém que ele é ao mesmo tempo manifestação linguística, já que deve ser pronunciado, e fato da realidade, enquanto cumprimento do ato"<sup>8</sup>. Ainda vale acrescentar que para

---

<sup>8</sup> Benveniste, É. "Problèmes de linguistique générale, 1", Paris, Gallimard, 1966, p.274.

Benveniste um enunciado performativo, mesmo podendo ser inicialmente caracterizado por meio da forma verbal declarativa da primeira pessoa do presente, só é suficientemente determinado quando são feitas enunciações "por aqueles a quem pertence o direito de enunciar. Esta condição de validade, relativa à pessoa do enunciador e à circunstância de enunciação, deve sempre supor-se preenchida quando se trata do performativo"<sup>9</sup>; somente assim, devemos concluir, "aquele que o pronuncia cumpre o ato denominando-o"<sup>10</sup>.

Nenhum desses itens comparece, mesmo que implicitamente, na descrição de Freud; para ele, a palavra não está senão proporcionando um efeito que **também** o ato, entendido como reação, como reflexo, proporciona: descarregar afetos. Freud está pensando, esse parece ser o caso, em uma reação que seja adequada à descarga afetiva, como ele mesmo disse, algo como um uso de expressões que dasafoguem os afetos; isto fica patente no caso dos impropérios e congêneres usados em resposta a ofensas: eles guardam uma similaridade com a vingança, ato que Freud admite explicitamente como adequado. Não podemos comparar o uso de linguagem pressuposto por Freud àqueles que se dão quando são feitas promessas, juras, ou a outros atos de palavra que lhe sejam correlativos. No entanto, são justamente atos desse tipo, que são levados a cabo pela

---

<sup>9</sup> Op. Cit. p.273. Não pensamos que Benveniste neste artigo tenha de fato definido as condições que delimitam todos os performativos. No entanto, sua tentativa apresenta um grau de generalidade que a torna bastante abrangente.

<sup>10</sup> Op. Cit. p.274.

linguagem, que Austin descreveu<sup>11</sup>. Desta forma, a tradução da emoção em palavras, que Freud e Breuer tomaram como produtora de um efeito terapêutico maior, apresenta-se teoricamente no mesmo plano das outras reações e ambas requerem uma explicação de seus efeitos, o que mais tarde sobrevirá sobretudo com os textos de caráter metapsicológico. Sendo assim, tomar a palavra como "local de uma ação", no sentido que foi sugerido pela autora, é pôr Freud num terreno teórico que ele, mesmo que aproximativamente, não pisou.

Retomando os passos dos autores, pelo que foi apresentado até então, uma conclusão se impõe: as experiências compostas de emoções aflitivas que encontramos nos quadros histéricos não foram descarregadas, abreagidas; aliás, foi isto que as tornou patologicamente traumáticas, o que as diferencia de uma lembrança desagradável qualquer. Isto pelo menos num ponto, pois a não descarga pode ser fator momentâneo não implicando, por si só, na

---

<sup>11</sup> Mesmo que fossemos conduzidos a recorrer a autores que desenvolvem as teses de Austin, por vezes criticando-as, tais como Searle, a utilização do tipo de recurso interpretativo proposto por Schneider pode causar dificuldades, ao menos no que respeita ao presente problema. Por exemplo, com a generalização operada por Searle, para quem por pressuposto "toda a comunicação linguística envolve atos linguísticos" e "falar é executar atos de acordo com certas regras", hipótese que lhe permitiu recortar diversos atos que são levados a cabo numa ação de fala, as dificuldades não diminuiriam. Os atos levados a cabo em questão são linguísticos e não qualificam ações senão dentro deste parâmetro. Assim, mesmo no caso dos atos perlocucionais, perlocutórios para Austin, devemos ter em conta que eles geram apenas "consequências ou efeitos...sobre as ações, pensamentos, ou crenças, dos ouvintes", ou seja, do parceiro linguístico de uma troca verbal.

patogeneidade da representação: melhor seria dizer que ele é um de seus elementos.

Consideremos a informação sobre a dificuldade na recordação. Seguindo os caminhos traçados por Freud, coloquemos a pergunta: quais são as condições em que uma descarga das emoções não é adiada ou preterida, mas impedida?

Freud levanta dois tipos de condições. Uma esta ligada ao conteúdo da lembrança: "os pacientes não reagiram diante dos traumas psíquicos porque a natureza mesma do trauma excluía uma reação (como por exemplo, a perda que se mostrou irreparável, de uma pessoa amada), ou porque circunstâncias sociais a impossibilitaram, ou porque se tratava de coisas que o paciente queria esquecer e por isso propositadamente as reprimiu {desalojou} de seu pensar consciente, as inibiu e sufocou"<sup>12</sup>; outra, esta relacionada aos "estados psíquicos em que sobrevieram as vivências em questão"<sup>13</sup>. Tanto o primeiro como o segundo grupo de condições apresentam aos olhos dos autores um elemento comum, a saber, a dissociação da consciência. A partir disso a síntese oferecida pelo texto é clara: "então, a inclinação a dissociar e, com isso, ao surgimento de estados anormais de consciência, que resumiremos com o nome de 'hipnóides', seria o fenômeno básico desta neurose"<sup>14</sup>.

Fecha-se assim o círculo: as lembranças não são abreagidas porque houve uma paralisação da ação da consciência

---

<sup>12</sup> Freud, S. Op Cit p.36; p.51.

<sup>13</sup> Freud, S. Op Cit p.36; p.51.

<sup>14</sup> Freud, S. Op Cit p.37; p.53

devido à sua divisão, o que acarretou também a impossibilidade de recordação: é em razão desta dissociação que as experiências tornaram-se traumáticas fundamentando assim a categoria de histeria traumática.

Para os autores podemos, a partir deste momento, definir uma **histeria disposicional**, caracterizada pela presença de estados hipnóides anteriores à instalação da doença e uma histeria **psiquicamente adquirida**, na qual o trauma (entendido aqui como emoção forte tal como a encontramos na neurose traumática) - ou uma "supressão-laboriosa" (como a de uma emoção sexual) - pode conduzir a uma dissociação das idéias em jogo do restante do corpo ideacional do paciente: assim teríamos um caso de indução do quadro histérico.

Nos resultados finais do texto, um elemento merece ser mencionado. A noção de dissociação psíquica devida a um estado hipnóide - acalentada somente por Breuer, como o próprio Freud indicou explicitamente em 1914<sup>15</sup>, mas no texto em questão assumida pelos dois autores - acaba tendo um papel que, de certo modo, apaga algumas das conclusões a que Freud havia chegado. A concepção de que uma idéia pode ter sua reação emocional elidida em função de elementos que podemos caracterizar como do seu conteúdo, não é recuperada plenamente na definição de histeria psiquicamente adquirida. Aqui uma emoção ou um trabalho de supressão de uma emoção - sexual - acarreta, desencadeia, uma divisão da

---

<sup>15</sup> Freud, S. Ver: "Contribuição à história do movimento psicanalítico", Vol. XIV, p.10-11; p.20-21.

consciência: a divisão não é fruto de uma intenção de afastamento, que teve como consequência uma "supressão do seu pensamento consciente", mas, pelo contrário, é efeito mecânico. Eis porque o conceito de estado hipnóide, com sua conotação de exterioridade, vai englobar o elemento crucial da explicação do mecanismo "psíquico" dos fenômenos histéricos.

Gostaríamos ainda, antes de passar para outro texto, de colocar a seguinte questão: este trabalho de Freud já opera com o conceito de energia? A má tradução portuguesa poderia induzir à resposta: sim. Na verdade ocorre uma ligação entre o conceito de emoção e o de reação, fazendo com que o grau de reação a uma emoção, principalmente uma emoção intensa, determine o "estoque" resultante da emoção. É evidente que a idéia de uma quantidade está no horizonte, e que a própria concepção de que a emoção não reagida sustenta o sintoma, o qual desaparece quando da reação, dá a este horizonte um tom realista: um passo, e surge a idéia de que o fundo da emoção possui, enquanto quantidade, realidade. Não há no trabalho, não obstante, um conceito que formule isso que parece estar subjacente ao escrito.

Um texto intermediário entre a "Comunicação Preliminar" e o estudo sobre as "Neuropsicoses de Defesas" vai apontar importantes considerações sobre o papel do sentido, da linguagem, na formação das paralisias histéricas. Antes de abordarmos o núcleo destas elaborações, vale a pena esboçar os pressupostos que amparam as conclusões e hipóteses de Freud.

Afastando-se de Charcot - para quem as paralisias histéricas podiam ser remetidas a uma lesão orgânica, funcional ou dinâmica que, muito embora não deixe marcas definitivas no aparelho cortical, poderia ser materialmente estabelecida - Freud afirma que a "lesão nas paralisias histéricas deve ser completamente independente da anatomia do sistema nervoso..."<sup>16</sup>. Esta afirmação encontra ressonância naquilo que Freud, em 1888, considerou uma importante característica dos distúrbios histéricos, ou seja, o fato de que eles "de nenhum modo oferecem um reflexo da constelação anatômica do sistema nervoso. Como é sabido, os sintomas das afeccões orgânicas espelham a anatomia do órgão central e são as fontes mais confiáveis para nossas noções sobre esse último"<sup>17</sup>.

Pelo que foi dito, percebemos que são considerações fáticas que dirigem a discordância com Charcot. Se somarmos a isso alguns dos resultados que foram alcançados na "Comunicação Preliminar", teremos, sem dúvida, dispostas à nossa frente, as pré-condições da verdadeira superação do paradigma teórico ao qual Charcot estava ligado.

Para além das "provas negativas" que limitam a suposição de determinação orgânica, Freud acha-se em condições de afirmar que, se interpretarmos o conceito de lesão funcional "no seu sentido próprio de 'alteração de função ou de dinamismo', alteração de uma propriedade funcional"<sup>18</sup>, será possível encontrarmos

---

16 Freud, S. "Algumas considerações com vistas a um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas", Vol. I, p.206; p.234.

17 Freud, S. "Histeria", Vol. I, p.54; p.89.

18 Freud, S. "Algumas...", Vol. I, p.207; p.235.

modificações que atingem uma determinada função, sem que haja remissão ao orgânico, bastando para isso que lancemos mão, como ele diz, da Psicologia.

Se a anatomia era de fato desrespeitada no quadro da paralisia histérica havia, não obstante, uma interessante delimitação do fenômeno histérico no corpo, à qual Freud ficará atento. Como já observara Janet, uma certa **idéia de corpo** serve de parâmetro para a paralisia concreta; tal idéia era basicamente correlativa das percepções visuais, além das tácteis. Deste modo o conjunto das percepções que formam o conteúdo da *conception*, por exemplo, do braço, regia a paralisiação histérica, o que conduziu Freud a pensar que "a lesão da paralisia histérica será, então, uma alteração da concepção {representação}; da idéia de braço, por exemplo"<sup>19</sup>.

Levando em conta o que foi dito, Freud levanta a hipótese de que a paralisia do corpo, de partes dele, está relacionada com a não associação das idéias da parte afetada como restante da massa ideacional do ego; assim, fica pressuposta a assunção de que a livre associação das idéias é pré-condição da realização plena das funções ao nível do corpo: há um bom funcionamento das ligações entre idéias, cujo curso dispara os movimentos. Isto que dizer que a tradução do aspecto funcional no nível psíquico implica que "a lesão seria então a *abolição da acessibilidade associativa da*

---

<sup>19</sup> Freud, S. Op. Cit. p.208; p.236.

concepção do braço"<sup>20</sup>. Resta agora responder à pergunta: por que uma idéia fica inacessível ao jogo associativo?

Alguns exemplos, não extraídos da patologia, introduzirão a saída. Dentre eles o mais significativo é o do 'súdito encantado'. Um homem, cheio de lealdade, não se permite lavar a mão que anteriormente havia sido tocada pelo seu rei. Segundo Freud, "o nexo desta mão com a idéia do rei parece tão importante para a vida psíquica do indivíduo, que ele recusa-se a fazer entrar essa mão em outras relações"<sup>21</sup>. Os outros exemplos vão na mesma direção e desembocam na seguinte conclusão: "O motivo de todas estas ações é muito claro. O valor afetivo [*valeur affective*, tal como consta do original. Nosso] que atribuímos à primeira associação de um objeto repugna fazê-lo entrar em uma associação nova com outro objeto e, em consequência disso, torna inacessível a associação da idéia deste [primeiro] objeto"<sup>22</sup>.

Antes de apresentar as conclusões a que Freud chega partindo destas considerações, vale a pena determo-nos alguns instantes na passagem do súdito. No texto da "Comunicação Preliminar" Freud lidava com a noção de uma "conexão evidente" entre o elemento desencadeante e o sintoma, ligação que não fazia senão apontar para um vínculo plausível, razoável. A concepção de símbolo neste mesmo texto, muito embora seja um acréscimo ao que foi elaborado, depende da idéia básica de "conexão evidente". O

---

20 Freud, S. Op. Cit. p.208; p.236.

21 Freud, S. Op. Cit. p.208; p.236.

22 Freud, S. Op. Cit. p.208; p.236.

exemplo no qual sobrevêm "vômitos ao afeto de asco moral" parece indicar, cremos, que o papel da plausibilidade da situação, da razoabilidade, tal como ela é articulada ao nível do senso comum - incluindo-se aí o fato de que este parece incorporar sem dificuldade a relação de simbolização entre repulsa moral e repulsa alimentar - é fundamental. Mas, por isso mesmo, há uma indeterminação desta "evidência" como conceito teórico: podemos apenas contar com ele. Já o texto sobre as paralisias abre, mesmo que superficialmente, uma nova perspectiva. Os exemplos dados por Freud, muito embora estejam orientados para um outro interesse que não o conceito de símbolo, são pertinentes para a nossa investigação. O interesse de Freud, como já notamos, é mostrar como um objeto pleno de valor afetivo resiste a se ligar com a representação de outro objeto, destituído desse papel. Ocorre que nos exemplos citados as representações de objetos resistentes são substitutos de objetos primários, eles sim, originalmente importantes do ponto de vista afetivo. Neste jogo da formação de símbolos, não é (como na paralisia) o parâmetro da linguagem comum, articuladora do senso comum, que age; mas uma circunstância: o toque na mão que poderia ser substituído por outra parte do corpo, por exemplo. O que importa é que um objeto comparece a título de substituto do rei, mas esta substituição, ou seja, a representação que é feita do rei, é operada pela transferência de valor afetivo. O símbolo é constituído no sentido forte do termo, pela incorporação do valor do rei. É o **afeto** que é operativo nesta concepção.

Seja como for, Freud não vai precisar utilizar-se do que foi dito para a explicação das paralisias. A estas ele reserva uma explicação direta. "Se a concepção do braço está envolta em uma associação de grande valor afetivo, será inacessível ao jogo livre das outras associações. *O braço estará paralisado em proporção à persistência deste valor afetivo ou à sua diminuição por meios psíquicos apropriados.* Eis aqui a solução do problema que havíamos colocado..."<sup>23</sup>

Está dada a resposta à pergunta relativa à inacessibilidade associativa? O texto é ambíguo. Sem dúvida a afirmação de Freud é bastante taxativa, o que nos conduz a tomar a grande quantidade de afeto, **como** a causa da inacessibilidade. Não obstante, a continuidade do texto mostra que há mais coisas a serem trazidas à cena, "pois em todos os casos de paralisia histérica, verificamos que o órgão paralisado ou a função abolidos estão envolvidos numa associação subconsciente provida de um grande valor afetivo...Por conseguinte, a concepção do braço existe no substrato material, mas não está acessível às associações e impulsos conscientes porque toda sua afinidade associativa, por assim dizer, está saturada em uma associação subconsciente com a recordação do evento, do trauma, produtor da paralisia"<sup>24</sup>. À inacessibilidade posta pelo primeiro movimento explicativo junta-se uma segunda, que afirma que a representação não é operada no seu plano normal porque está associada a uma ligação subconsciente que tomou, por assim

---

<sup>23</sup> Freud, S. Op. Cit. p.208; p.236.

<sup>24</sup> Freud, S. Op. Cit. p.209; p.237.

dizer, toda a capacidade associativa que lhe seria própria, natural, e que permitiria o pleno trânsito associativo relacionado ao braço. Aliás, Freud dirá que o afeto não é eliminável enquanto esta ligação se mantiver.

Essa dupla vertente explicativa tem sua razão de ser? Sabemos que este texto não lança mão do conceito de estado hipnóide, muito embora mencione o trabalho "Sobre o mecanismo...", cujo papel explicativo, esperamos tenha ficado claro. Em razão disso, há como que um hiato entre a representação fortemente afetiva de um lado, e as ligações que ela mantém com o sistema que não é o da consciência, de outro. Desse modo, o resultado final das investigações de Freud, sintetizado na afirmação de que "esta alteração puramente funcional (com integridade da concepção mesma) está causada pela fixação de tal concepção numa associação subconsciente com a recordação do trauma..."<sup>25</sup>, muito embora reflita o ponto de vista da clínica, fica carente de uma fundamentação completa, resultando no caráter um pouco indeterminado do final do texto.

Importantes elaborações teóricas serão introduzidas com o texto de 1894 sobre as "Neuropsicoses de Defesa". Este verdadeiro marco do pensamento freudiano está concentrado na tese de que a ocorrência de uma desarmonia na vida ideativa do sujeito - nas mulheres são sobretudo representações ligadas à esfera da vida sexual - pode implicar num ato voluntário de defesa, cuja consequência é a divisão da consciência. Segundo Freud, na clínica

---

<sup>25</sup> Freud, S. Op. Cit. p.210; p.239.

são fartas as ocasiões em que podemos constatar que as pacientes "recordam com toda a precisão desejável seus empenhos defensivos, seu propósito de 'afugentar' {fortschieben, 'empurrar fora'} a coisa, de não pensar nela, de sufocá-la"<sup>26</sup>. Tais constatações darão à Freud a oportunidade de moldar uma teoria que, afastando-se do norteamento utilizado na caracterização das histerias hipnóides por Breuer e aprofundando sua percepção demonstrada já no texto escrito em parceria com este último, irá estipular uma nova forma de histeria, a de defesa, com um particular mecanismo psíquico de formação, além de permitir a ele discutir o processo de formação das obsessões e fobias.

Vale a pena utilizar uma longa citação para introduzir o pensamento de Freud. "A tarefa que o eu defensor se impõe, tratar como 'non-arrivé' {não acontecida} a representação inconciliável, é diretamente insolúvel para ele; uma vez que o vestígio mnêmico e o afeto aderido à representação estão aí, já não os pode extirpar. Por isso equivale à uma solução aproximada desta tarefa conseguir *converter essa representação intensa em uma débil*, arrancar-lhe o afeto, a soma de excitação que sobre ela gravita. Então essa representação deixará totalmente de colocar exigências ao trabalho associativo; *porém, a soma de excitação divorciada dela tem que ser aplicada de outro modo*"<sup>27</sup>.

---

26 Freud, S. "As neuropsicoses de defesa. (Ensaio de uma teoria psicológica da histeria adquirida, de muitas fobias e representações obsessivas e de certas psicoses alucinatórias), Vol. III, p.49; p.60

27 Freud, S. Op. Cit. p.50; p. 61.

Anuncia-se aqui, com todas as vozes, a hipótese de trabalho pressuposta que apresenta o montante de afeto como algo que possui as características de uma quantidade. Muitas elaborações teóricas serão feitas a partir deste ponto.

Nos deparamos aqui com uma questão preliminar importante; o tradutor inglês das obras de Freud, em um apêndice a este texto, já nos alertava para esse problema. Trata-se da diferenciação entre o afeto, entendido como algo que tem um montante, uma cota, e a soma de excitação. A questão que se coloca é: são equivalentes ou não estas duas expressões? Strachey, após um rápido apanhado de alguns textos chave, conclui que "provavelmente seja acertado conjecturar, pois, que para Freud o 'montante de afeto' era uma manifestação particular da 'soma de excitação'"<sup>28</sup>. Assim, a seus olhos, o afeto aparece como uma emoção ou sensação que tem um certo montante por sobre o qual transita uma quantidade de excitação. Esta interpretação nos parece satisfatória e em função disso nós a adotamos. Mas, voltemos ao texto freudiano.

A divisão da consciência já mencionada, aparece como um resultado da retirada do afeto pertencente à idéia incompatível: enfraquecida, ela não mais transtorna o sujeito, nem impõe à consciência a tarefa de tentar, por meio da associação, da atividade de pensamento - método já mencionado na "Comunicação Preliminar" - fazer uma liberação de afeto. Fica distanciada da consciência, como núcleo de um segundo grupo psíquico. O destino do

---

<sup>28</sup> Strachey, J. in Vol III, p.68; p.82.

afeto, livre de sua ligação anterior, é que vai caracterizar a histeria de um lado, as obsessões e fobias de outro.

Antes de apresentarmos as idéias de Freud sobre a especificidade das patologias, gostaríamos de explorar um pouco mais a noção de incompatibilidade.

É dito de uma representação que ela é incompatível com o eu. O que pode significar, aqui, incompatibilidade? Iniciemos uma aproximação da resposta considerando dois exemplos dados por Freud, extraídos do então inédito "Estudos sobre a Histeria". Uma governanta, ele diz, elimina uma representação de sua mente porque ela era incompatível com o seu orgulho; num outro caso, uma jovem sente-se culpada por ter pensamentos eróticos quando da doença de seu pai e afasta-os da consciência.

Se tomamos estes exemplos junto à caracterização feita acima por Freud, podemos perceber como o próprio conceito de representação ao qual aplicam-se os qualificativos de inconciliável, incompatível, trabalha em dois registros diferentes. Um primeiro registro é o que toma a representação como algo que se dá para a mente do sujeito e cuja presença, *post factum*, é mnêmica. Nesse caso há como que uma tendência a tomar a representação como se fosse do plano perceptivo, e o termo "inconciliável" parece ter dificuldades em ser aplicado. Pois, o que poderia, neste sentido, tornar representações vindas do polo perceptivo inconciliáveis, senão um pensamento que, aglutinando-as em uma apreensão específica, aplica um critério e recolhe, numa espécie de juízo, a incompatibilidade. Mas nesse caso, a incompatibilidade não seria

vivida com todo o sentido dinâmico que Freud quer fazer ver, mas somente pensada.

Já num segundo registro, nos damos conta de outra coisa. Orgulho, desajuste moral que gera culpa, não são representações na acepção aproximativamente perceptiva. Sem entrar na difícil tarefa de definir, por exemplo, o que seja orgulho - empresa não realizada por Freud - vemos que no próprio caso mencionado, alguém que é orgulhoso, reage a um certo tipo de pensamentos, assim como uma moça moralista a outros. Na realidade, parece que nestes casos, se dá o mesmo tipo de doação de sentido motivacional em face de certos contextos que já vislumbramos anteriormente - algo parecido com o encontrado na definição de experiência aflitiva - mas não aplicado a uma situação que o sujeito propriamente observa, mas sim a uma que vive num sentido global.

Sendo assim, Freud parece supor que a incompatibilidade na vida ideativa do sujeito, tem a mesma estrutura de sentido que aquela exposta no caso da compreensão, estrutura essa que não se deixa apreender dentro do parâmetro perceptivo, no qual a relação de representação se constitui, para simplificar, na referência a um objeto que se presentifica no domínio mental.

Em função dessa análise, para nós ganha relevância notar como Freud resolveu, se assim podemos dizer, o problema que se lhe dispunha. Quando ele fala em uma solução aproximada, parece intuir que o único meio de modificar a incompatibilidade seria mudar o jogo de sentido no qual ela se instalou, o que suporia justamente uma capacidade que não se encontrava à disposição do sujeito. É por

isso que, para dar uma solução teórica ao problema, ele teve que retroagir ao primeiro plano da noção de representação tratando-a do ponto de vista "empirista". Retira-se então da representação, entendida agora como um traço, algo que lhe dava um tônus: a carga de afeto. Se não era possível modificar o jogo de sentido, que se retire, então, a vivacidade da representação. Está feita a passagem para uma concepção de representação que não consegue pensar com propriedade o conceito de incompatibilidade e introduzi-lo na teoria. Esta dificuldade repercutirá por toda a obra de Freud.

Ao pensar o processo de formação do quadro histérico, Freud lança a idéia de que, nesta patologia, há um escoamento para o corpo da soma de excitação que foi cindida da representação pela defesa. A transferência do afeto opera ao longo da linha de "inervação motora ou sensorial que mantenha um nexu, mais íntimo ou mais frouxo, com a vivência traumática"<sup>29</sup>. Ao contrário do que anunciava o artigo anteriormente analisado, aqui não há qualquer desenho ligado à ordem do sentido limitando a finalização do processo histérico. A "conversão histérica", termo escolhido por Freud para indicar o processo em pauta, é eminentemente físico; o "símbolo mnêmico", termo talhado para apontar a resultante no corpo do escoamento, não é visto senão como um sinal, mera demarcação do já dado: ele é contingentemente ligado à experiência traumática, não mantendo nenhuma ligação com o sentido ao nível de sua constituição.

---

<sup>29</sup> Freud, S. Vol. III, p. 51; p.61.

A interpretação que Alfred Lorenzer faz deste trabalho de Freud merece a nossa atenção. Em seu texto "Crítica ao conceito psicanalítico de símbolo", obra cuja dimensão ultrapassa em muito a análise dos escritos de Freud, encontramos a seguinte ponderação, amparada em observações de J. H. Phillips: tendo-se em conta que no texto de 1894 'símbolo mnêmico' é empregado quase que como um sinônimo de 'sintoma mnêmico' "cabe destacar que por símbolo se entende, neste sentido, uma atribuição inteiramente contingente do signo ao designado"<sup>30</sup>. O problema apontado enfaticamente por Lorenzer <sup>31</sup> é que este conceito de símbolo deixa de lado um aspecto que lhe parece fundamental. Neste momento da reflexão de Freud há um esquecimento do **conteúdo**: símbolo é usado "estritamente como *assinalamento temporal*. O signo não há de expressar nada do designado; indica exclusivamente a ocorrência de um acontecimento determinado (alterado em sentido traumático); portanto, o símbolo mnêmico não é interpretável"<sup>32</sup>.

Sem dúvida, o próprio conceito de símbolo mnêmico está marcado pelo traço de **assinalamento**. No entanto, ao reconhecer que não há um conceito satisfatório de símbolo, não devemos encampar a idéia de que não há nenhuma relação pertinente de sentido

---

<sup>30</sup> Lorenzer, A. "Crítica del concepto psicoanalítico de símbolo", Buenos Aires, Amorrortu, 1976, p.15

<sup>31</sup> As razões que Lorenzer encontra para justificar as primeiras posições de Freud prendem-se, prioritariamente, ao fato de que ele estaria, devido à sua formação científica, preso ao modelo reducionista, paradigma das ciências naturais,.

<sup>32</sup> Lorenzer, A. Op. Cit. p.16.

envolvendo a órbita do símbolo mnêmico. Tendo em vista realçar essa idéia gostaríamos de abordar a seguinte passagem do texto freudiano que, explicitamente, apenas busca completar a visão sobre os processos psicofísicos já anteriormente afluídos: "uma vez formado em um 'momento traumático' esse núcleo [de representação reprimida - nosso] para uma cisão histérica, seu engrossamento se produz em outros momentos que poderiam ser chamados 'traumáticos auxiliares', toda vez que uma impressão da mesma classe, recém advinda, consiga furar a barreira que a vontade havia estabelecido, aportar novo afeto à representação debilitada e impor por um momento o enlace associativo de ambos os grupos psíquicos"<sup>33</sup>. Esse texto, em nossa opinião, mostra que se não há, como havíamos afirmado, uma marcação do término do processo de conversão pelo sentido, há não obstante uma sinalização semântica quando do reaparecimento de situações traumáticas. É assim que, uma **mesma classe de representações** tem a capacidade de, aproximando-se da região do símbolo, do corpo do sintoma, encontrar uma brecha que lhe permita transmitir sua soma de excitação. Lorenzer tem razão pontualmente: mas esquece de notar que já havia um jogo de sentido, que se não foi tematizado, compareceu no plano geral da concepção de Freud. É como se ele, ao não encontrar uma forma simbólica de presentificar as relações de sentido, estivesse pronto a abandonar outras possíveis marcas da presença do sentido. Mas retomemos o texto freudiano.

A capacidade de conversão, para Freud, é uma disposição desconhecida que é própria da histeria e não caracteriza uma

---

<sup>33</sup> Freud, S. Vol. III, p.51; p.62.

degeneração ou uma decorrência hereditária. O termo "disposição" aqui tem o papel de coroar a descrição da parte física do processo, muito embora falar em disposição seja simplesmente lançar para frente o problema de especificar o mecanismo íntimo atuante.

No que diz respeito às obsessões, as análises levadas a cabo estabelecem que o afeto que encontra-se no ponto de partida do ciclo patológico é da mesma espécie, tem a mesma qualidade, do encontrado no ponto de chegada, ou seja, na representação obsessiva ou fóbica. Vejamos um dos exemplos usados por Freud, no qual ele se depara com o caso de uma moça que praticava contra si variadas acusações obsessivas nas quais ela assumia a culpa pelos mais múltiplos deslizes e as mais viçosas atrocidades das quais tinha notícia. Na origem Freud encontra um sentimento de culpa cujo ponto de partida encontra-se na atividade masturbatória levada adiante pela mulher. Diante desses elementos ele foi levado a pensar que nas obsessões "em todos os casos por mim analisados era a vida sexual qua havia proporcionado um afeto penoso da mesma índole, exatamente, que o afeto cedido à representação obsessiva"<sup>34</sup> .

Ora, se tomarmos esta afirmação frente ao exemplo dado, veremos que a qualidade do afeto<sup>35</sup> não é senão a unidade da

---

<sup>34</sup> Freud, S. Op. Cit. p.53; p.65.

<sup>35</sup> Na tradução das Obras Completas para o francês, cuja direção científica e estabelecimento terminológico foi feito por Jean Laplanche, encontramos o seguinte texto: "Em todos os casos analisados por mim, era a vida sexual que tinha fornecido um afeto penoso, exatamente da mesma compleição (complexion) que aquele que estava atado à representação coercitiva (représentation de contrainte" Ver: Oeuvres complètes, Paris, Presses Universitaires de France, 1989, p.10.

representação que decorre da incompatibilidade - a culpa - com a carga que lhe é própria; trata-se, portanto, mesmo que assumamos, como faz Freud, que o processo de deslocamento do afeto seja físico, de uma ligação entre representações, da ordem do sentido. Não é por outra razão que Freud dirá que "para o enlace secundário do afeto liberado se pode aproveitar qualquer representação que seja compatível com um afeto dessa *qualidade*, ou que tenha com a representação inconciliável certos vínculos à raiz dos quais pareça utilizável como seu substituto".<sup>36</sup>

Diferentemente do que ocorre no primeiro passo da constituição da histeria, como vimos a pouco, o sintoma mantém ligações de sentido com a representação traumática. A representação obsessiva não é como o símbolo mnêmico, um mero marco de um processo cujo meio e o fim são físicos. Ela é o sinal de um parâmetro interno que conjuga dois movimentos: um que sem dúvida é físico e corresponde a um deslocamento de excitação; outro sêmico que estanca, serve como ponto de ancoragem, do processo físico, ao fazer com que a representação incompatível seja desviada sem que, no entanto, ela seja lançada num circuito aleatório.

É importante notar que Freud não dá conta deste processo; ele o apreende sobretudo do ponto de vista descritivo. Não obstante, o texto como um todo nos dá a oportunidade de apreciar dois tipos de organização envolvidos na produção do sintoma. Isso ilustra, assim nos parece, um dos perfis que nossa leitura vai poder isolar e compreender.

---

<sup>36</sup> Freud, S. Op. Cit. p.55; p.67.

\*

Pelo período que estamos levando em consideração é fascinante observar como as dificuldades práticas enfrentadas por Freud vão abrindo caminho a novos métodos de análise cujas conseqüências teóricas são das mais relevantes.

Este é o caso do texto "A Psicoterapia da Histeria", quarta parte dos "Estudos Sobre a Histeria". Rico em modificações de pontos de vista anteriores, esse texto de 1895 anuncia a criação do **método da insistência**, e de uma decorrência prática para o trabalho clínico, a técnica da pressão. Indo direto ao assunto, aos olhos de Freud, por vários motivos que não precisamos elencar aqui, a técnica da hipnose mostrava-se restrita em sua aplicação e era premente conseguir, sem o seu uso, um alargamento do campo de memória dos pacientes. Era necessário abrir espaço em direção às recordações patogênicas escondidas.

A solução encontrada àquela época veio à tona por meio de uma inspiração em certos procedimentos de Bernheim. Freud **insistia** junto a seu paciente que era possível recordar a impressão patógena, ou ao menos lembrar de algo que fosse relacionado com ela. Para nossos propósitos não importa discutir o método de Freud, mas sim o surgimento do conceito de resistência, diretamente ligado a ele.

A idéia de Freud é simples e, de um certo modo, percebêmo-la apenas como um prolongamento da concepção do senso

comum de que se algo fora expulso da consciência então, para isso, deveríamos supor a ação de uma força. Além do mais, se o procedimento de insistência aparecia como um esforço do médico em direção à lembrança, esforço várias vezes reiterado até que seu objetivo fosse atingido, pareceu a Freud lícito supor que, como correlativo psíquico da insistência deveria haver uma resistência que lhe impunha um obstáculo. "O ego do doente havia se proposto uma representação que demonstrou ser inconciliável {*unverträglich*}, que convocou uma força de repulsão {*Abstossung*} do lado do eu cujo fim era a defesa frente a esta representação inconciliável. Esta defesa prevaleceu de fato, a representação correspondente foi forçada para fora da consciência e da recordação, e em aparência era impossível pesquisar seu vestígio psíquico. Porém, este vestígio tinha que estar presente. Quando eu me empenhava em dirigir a atenção para ela, sentia como resistência a mesma força que na gênese do sintoma havia se mostrado como repulsão." <sup>37</sup>

Este texto guarda algumas ressonâncias com certas passagens de "Neuropsicoses de Defesa" que merecem ser comentadas. Naquele estudo, o sintoma aparecia como a prova de que o processo de defesa havia sido bem sucedido; de um ponto de vista geral, nada mais era exigido do ego quando o sintoma estivesse instalado. Dessa forma, **stricto sensu**, um conceito como o de resistência não tinha bem onde ser instalado. No entanto, uma observação clínica realizada por Freud como que abria caminho para o trabalho da

---

<sup>37</sup> Freud, S. Vol. II, p.276; p.326.

"Psicoterapia da Histeria". Ele notou que, como já indicamos, mesmo estando cindida da consciência, uma representação poderia, "toda vez que uma impressão da mesma classe" surgisse, ser investida de afeto, o que levaria à situação aflitiva e à conseqüente operação de defesa. A referência ao campo do sentido é evidente: indica para uma qualidade intrínseca à representação, fato que aponta para a esfera do sentido. Antecipa-se, dessa forma, o esboço de um campo de representações que são, todas elas, ligadas à representação patógena e que têm, no seu processo de associação, a capacidade de gerar, ou melhor, reinstalar o conflito.

Acreditamos que seja esta primeira intuição que, somada à experiência do procedimento de pressão - uma variante "aperfeiçoada" da insistência - formará a base da descrição da organização complexa de idéias que acompanha a própria representação patogênica. Voltemos à "Psicoterapia...". Esta interpretação poderá ser completada pelo segmento que segue.

"Nem sempre é uma recordação 'esquecida' a que aflora sob a pressão da mão; é raríssimo que as recordações genuinamente patógenas se encontrem tão na superfície. Com muito maior frequência emerge uma representação que é um elo entre as representações de partida e a procurada, patógena, ou uma representação que constitui um ponto de partida de uma nova série de pensamentos e recordações, em cujo fim se situa a representação patógena... Por isso, a representação despertada primeiro por

aquele artifício pode ser uma recordação consabida, nunca reprimida”<sup>38</sup> .

Os exemplos dados são fartos em mostrar como, em casos concretos, as relações de sentido vão tendencialmente, à medida em que o procedimento é empregado, se perfazendo: a sequência das associações permite o fechamento, mesmo que provisório, de pensamentos que tendo ocorrido, não estavam, não obstante, presentes à consciência do paciente. Apenas como ilustração, o caso da *tussis nervosa* vai mostrar a série de recordações associadas: cão, cão da tia, a morte do cão, o seu enterro, o início da tosse e a representação “Agora estou inteiramente só no mundo. Ninguém aqui me ama...”, à qual se reunia a lembrança da morte do tio ligada a novo período de tosse e novamente à idéia de que ninguém a amava, permitindo encontrar a representação patogênica procurada. Exemplo onde os pensamentos são mais *simbólicos* podem também nesta lista de casos, ser encontrados, mas não é isso que nos interessa pelo momento. Importa mostrar os níveis de organização que isso pressupõe. E para mostrar como ela se dá, nada mais apropriado do que nos lançarmos em direção às histerias não monossintomáticas.

A descrição de Freud caminha no sentido de, em torno do núcleo das lembranças traumáticas, estabelecer três ordens de material mnêmico diferentemente organizado.

a) a **ordenação cronológica** das recordações, cuja sequência se dá da mais recente para a mais antiga, no que concerne a cada tema. O arquivo.

---

<sup>38</sup> Freud, S. Op. Cit. p. 278; p.328.

b) organização do componente **temático** de acordo com graus de resistência dados pela proximidade com o núcleo temático. As camadas desta organização "concêntrica" aparecem como campos com igual índice de resistência para os variados elementos dos temas.

c) organização de acordo com o **conteúdo** dos pensamentos, estabelecendo um "fio lógico" entre os diversos laços de representações que podem se unificar em "pontos nodais" que vão dar no núcleo patogênico.

Para nós, é muito valioso mostrar que, em harmonia com a noção de resistência, toda esta organização está para Freud "presente em ausência". A "demonstração" disso se dá da seguinte maneira, no texto freudiano. Não devemos mais nos utilizar da idéia de um corpo estranho no eu: este pequeno modelo é muito estático para dar conta daquilo que a clínica apresentava. Atingindo a princípio os mesmos domínios do eu, a organização agora descrita - chamada de "grupo psíquico patogênico" - comporta-se como um "infiltrado", seus elementos em si, não sendo diferenciáveis dos do eu: é como se um elemento pertencesse simultaneamente a dois conjuntos. Não é à toa que, do ponto de vista prático, são as *lacunas do discurso* que vão servir de guia à detecção de uma zona de resistência. É no agenciamento da comunicação (fala) que mobiliza o eu, que surgem, no completamento do discurso, as falhas indicativas de que um elemento que também é do eu pertence ao grupo patogênico, ou à sua esfera de influência: a resistência se faz mostrar.

Pelo que foi dito podemos depreender que o grupo patógeno funciona como um sistema de significações imbricado com um outro sistema do mesmo tipo: o eu. É como se a memória fosse um amálgama que, pela análise, pudesse ser recortado, cada recorte individualizando um sistema de significações. Neste sentido, é interessante perceber, de um outro ponto de vista, porque a interrupção do discurso ou a lacuna discursiva são sinais de presença da resistência. "Toda a massa espacialmente extensa de material patogênico se filtrará por uma estreita fenda, e assim chegará à consciência decomposta em fragmentos ou tiras"<sup>39</sup>. É por isso que só o procedimento de pressão pode levar, segundo esta teoria, à representação patogênica: só ele pode puxar o fio das lembranças para a porta da consciência, com a qual a resistência não quer se deparar.

Resta ainda saber como a rede de sentido materializa a incompatibilidade que está em sua base. O texto do "Projeto..." será uma tentativa de dar esta resposta?

\*

Sem dúvida, um dos mais ricos e complexos textos de Freud, o "Projeto para uma Psicologia Científica" de 1895 - só postumamente publicado - é uma parada obrigatória para quem se propõe a estudar as vicissitudes da noção de sentido nos escritos de Freud. Não porque ele desenvolva uma abordagem exclusiva sobre o

---

<sup>39</sup> Freud, S. Op. Cit. p.296; p.348.

assunto, mas sim pela magnífica tentativa de redução do sentido à energia que ele vai operar; isso sobretudo, se nós olharmos para o pano de fundo da apreensão destes termos na elaboração teórica de Freud que o antecede: a psicopatologia.

O "Projeto..." é na verdade bastante categórico desde a apresentação primeira de seu escopo. "O propósito deste projeto é oferecer uma psicologia que seja ciência natural, a saber, apresentar os processos psíquicos como estados quantitativamente comandados de partes materiais comprováveis, e fazê-lo de modo que esses processos tornem-se intuitivos e isentos de contradição"<sup>40</sup>. Uma afirmação de propósitos como esta, tem força suficiente para desestimular qualquer investigação sobre o sentido e remeter o leitor diretamente para as teses econômicas. Mas para nós este trabalho de Freud será visto de um ângulo um pouco diferente. Como já dissemos, ele reduzirá o sentido à energia e isso, se não tem nada a nos informar positivamente sobre o campo do sentido, pode, por outro lado, pelo negativo, nos dar algumas diretrizes de como Freud neste momento pode prescindir do sentido.

Vamos isolar alguns aspectos que julgamos centrais no texto tendo em vista, principalmente, o atingimento do conceito de desejo e de símbolo. Isso implicará numa espécie de desvio para que possamos, depois de apresentar alguns pressupostos teóricos, voltar ao plano de nosso interesse geral.

Todo o texto de Freud move-se apoiado no pressuposto de que os processos psíquicos envolvem quantidades de excitação que

---

<sup>40</sup> Freud, S. "Projeto de psicologia", Vol. I, p.339; p.395.

devem ser remetidas a um substrato material, o neurônio. A introdução das quantidades de excitação foi, como em outro texto, legitimada por "observações patológico-clínicas, em particular aquelas em que se trata de representações hiperintensas"<sup>41</sup> e o conceito de neurônio, sobre o qual a atividade psíquica se desenvolve, deriva-se da histologia da época.<sup>42</sup>

A partir da concepção de uma fluência das quantidades normais sugeridas pelos processos encontrados na histeria e na obsessão, Freud vai estabelecer um princípio que deverá propiciar a inteligibilidade da estrutura do aparelho psíquico, assim como de suas funções e desenvolvimento. Tal é a tarefa do princípio da inércia neuronal, que postula: "os neurônios procuram aliviar-se da quantidade"<sup>43</sup>, sem a ajuda do qual o caráter dedutivo do aparelho - sem dúvida informado frequentemente pela clínica - não poderia se firmar.

O princípio acima mencionado vai fornecer a base da explicação da dicotomia funcional que é própria à estrutura do sistema neuronal: de um lado, os neurônios sensoriais encarregados de receber as quantidades de excitação ( $Q\eta$ ), de outro, os motores encarregados da descarga. A descarga de excitação "representa a

---

<sup>41</sup> Freud, S. Op. Cit. p.339; p.395.

<sup>42</sup> Na verdade, segundo a sugestão de alguns comentadores, os trabalhos em neuroanatomia realizados por Freud "contém uma clara antecipação da última teoria dos neurônios, cuja primeira formulação é usualmente associada com a introdução do termo *neurônio* por Wilhelm Waldeyer em 1891 (Brun 1936; Jelliffe 1937; Jones 1953)'in: Sulloway, Frank, J. "Freud Biologist of the Mind", Great Britain, Fontana Paperbacks, 1979, p.16.

<sup>43</sup> Freud, S. Vol.I, p.340; p.396.

função primordial do sistema nervoso" à qual se agrega a função secundária de "preservação" das vias de descarga que obtiveram êxito em interromper os estímulos.

Logo que o aparelho passa a receber estímulos provindos do interior do organismo, Freud indica-nos, ocorre uma ruptura do princípio da inércia. Impossibilitado de fugir às pressões destes estímulos - sexualidade e fome, por exemplo, - pois eles "só cessam sob precisas condições que têm que realizar-se no mundo exterior"<sup>44</sup>, o sistema nervoso deve poder acumular uma certa Q<sub>n</sub> capaz de prover de energia a ação específica que é requerida para a cessação do estímulo endógeno, já que as quantidades internas em logo, por si só não são suficientes para sustentar a ação. Tem assim assentadas suas bases o princípio de constância. É importante notar que "todas as operações do sistema de neurônios devem se situar sob o ponto de vista da função primária ou o da função secundária, que é imposta pela necessidade da vida"<sup>45</sup>.

No nível da teoria neuronal, o princípio de inércia, expressa-se na concepção de que um neurônio, segundo a histologia da época composto por via de recepção de excitação (dendrite) e uma de descarga ou transmissão da mesma, é como que "modelo" do sistema nervoso central; frente ao princípio de constância, a função secundária do aparelho requer, em razão da acumulação de excitação postulada, que haja uma retenção da descarga. Daí, partindo mais

---

<sup>44</sup> Freud, S, Op. Cit. p.341; p.397.

<sup>45</sup> Freud, S. Op. Cit. p.341; p.398.

uma vez da histologia que lhe é contemporânea, Freud vai localizar esta resistência à descarga em barreiras de contatos neuronais<sup>46</sup>.

Esta hipótese é fundamental para a concepção da memória psíquica, sem a qual "toda teoria psicológica digna de consideração" não pode passar. A dificuldade com a qual Freud se depara é compatibilizar de um lado a modificação permanente que um neurônio deve sofrer quando da passagem de uma excitação - fator requerido pela retenção da memória - e de outro, a sempre renovada condição de recepção que as novas excitações encontram ao nível de percepção. Daí a hipótese de duas classes de neurônios diferentes: "em primeiro lugar, aqueles que deixam passar a  $Q\eta$  como se não tivessem nenhuma barreira de contato e que depois de cada decurso excitatório ficam no mesmo estado que antes e, em segundo lugar, aqueles cujas barreiras de contato se fazem valer de tal modo que a  $Q\eta$  só com dificuldade ou só parcialmente pode passar por eles."<sup>47</sup> Esta última classe de neurônios nos permite conceber a memória. Freud chamará os neurônios permeáveis encarregados da percepção de  $\phi$  e os impermeáveis de  $\psi$ .

A junção das noções de neurônio e barreira de contato vai permitir a Freud conceber a memória como "facilitações existentes

---

<sup>46</sup> A este respeito, é interessante recordar a seguinte observação de Pribram e Gill: "devemos recordar, a esse respeito, que o *Projeto* foi escrito em 1895, dois anos antes de Foster e Sherrington proporem o nome de 'sinapse' para as descontinuidades intercaladas entre os elementos que se presume compõem o sistema nervoso. Freud empregou o expressão 'barreiras de contato' para descrever essas descontinuidades." in: "Pribram, Karl e Gill, Merton "O *Projeto* de Freud: um exame crítico." São Paulo, Cultrix, sem data, p.56.

<sup>47</sup> Freud, S. Vol. I. p.344; p.400.

entre os neurônios  $\psi$  "48 onde 'facilitação' que dizer um grau específico de permeabilidade de excitação. Esta facilitação é função das  $Q\eta$  que passam pelos neurônios assim como da repetição desta passagem. Daí os fatores quantitativos operarem na seleção de vias preferenciais de passagem de excitação, o que caracteriza a memória justamente como um sistema de neurônios diferentemente facilitados em consonância com o princípio de constância.

O próximo passo que agora nos interessa é o dado em direção à questão das qualidades e a do prazer e desprazer. Freud irá esbarrar, no seu tratamento, com o conceito de consciência que será pensado a partir dos "processos  $\psi$  quantitativos" que até agora estiveram em jogo.

"A consciência nos dá o que se chama de *qualidades*, sensações que são algo outro {anders sind} dentro de uma grande diversidade, e cuja alteridade {Anders} é distinguida segundo nexos com o mundo exterior"<sup>49</sup>. Estas, para Freud, não se originam no mundo exterior no qual encontramos somente quantidades em movimento, mas a partir da excitação, juntamente com a percepção, de um sistema de neurônios  $W$  encarregados da produção de sensações conscientes por meio da conversão dos períodos das excitações nas sensações mesmas.

Ao conjunto das qualidades sensoriais Freud agrega a série de sensações de prazer e desprazer: "o desprazer se coordenaria com uma elevação do nível de  $Q\eta$  ou com um acréscimo

---

<sup>48</sup> Freud, S. Op. Cit. p.344; p.401.

<sup>49</sup> Freud, S. Op. Cit. p.352; p.410.

quantitativo da pressão: seria a sensação  $W$  frente a um aumento de  $Q\eta$  em  $\psi$ . O prazer seria a sensação de descarga<sup>50</sup>.

A este quadro devemos ainda juntar a importante divisão dos neurônios em nucleares e do pallium, o primeiro sendo investido desde o interior do organismo por intermédio de vias de condução de excitação, o segundo investido a partir do sistema  $\phi$ .

Esta distinção ao nível de  $\psi$  é fundamental na medida em que representa o fato do organismo impor quantidades de excitação no nível do próprio aparelho psíquico. Estes estímulos internos, segundo Freud supostamente de natureza intercelular são produzidas continuamente e tornam-se estímulos psíquicos somente a partir de um processo de acumulação, chamado por Freud de somação. O correlativo do processo de somação no nível dos neurônios nucleares é o que Freud denomina urgência de liberação de excitação.

Tomemos o exemplo de uma criança recém-nascida, como faz Freud, como modelo da necessidade alimentar que implica em somação.

Esta somação de excitação não pode ser aliviada ou descarregada senão por intermédio de uma "ação específica" que age no nível do corpo suspendendo temporariamente a excitação, fato que requer uma modificação no mundo circundante à qual o imaturo organismo da criança ainda não está apto a realizar. A intervenção de uma "assistência alheia" se faz então necessária e o resultado do provimento do objeto capaz de abrandar temporariamente a pressão da excitação interna vai nos conduzir à "vivência de satisfação".

---

<sup>50</sup> Freud, S. Op. Cit. p.356; p.415.

Não há razão para não citar: "três coisas acontecem dentro do sistema  $\psi$ : (1) é operada uma descarga duradoura e, assim, se põe fim ao esforço que havia produzido desprazer em W. (2) gera-se no manto [Pallium: nosso] o investimento de um neurônio (ou vários), que correspondem à percepção de um objeto, e (3) em outros lugares do manto chegam as informações de descarga do movimento reflexo desencadeado, inerente à ação específica. Entre esses investimentos e os neurônios do núcleo forma-se então uma facilitação"<sup>51</sup>

A facilitação mencionada é o resultado daquilo que Freud chama de "lei fundamental de associação por simultaneidade"<sup>52</sup>. Segundo esta lei, se um determinado conjunto de neurônios for simultaneamente investido, estabelecer-se-á uma facilitação entre as suas barreiras de contato: "pela vivência de satisfação gera-se uma facilitação entre duas imagens-recordação e os neurônios do núcleo que são investidos no estado de esforço {Drang}"<sup>53</sup>. Estamos tocando aqui o conceito de desejo, tal como ele era primeiramente concebido, já que este último resulta do reinvestimento do circuito preferencial estabelecido pela experiência de satisfação. Reinvestimento que num primeiro momento, segundo Freud, conduz a uma alucinação do objeto e a uma decorrente insatisfação, pois não é atingida a paralisação provisória do estímulo endógeno.

---

51 Freud, S. Op. Cit. p.363; p.422.

52 Freud, S. Op. Cit. p.363; p.423.

53 Freud, S. Op. Cit. p.364; p.424.

A experiência da dor produz-se no sistema  $\psi$ , devido a grandes quantidades de estímulos que lhe são aplicados, o sistema W sentindo-os como desprazer. Estabelece-se a partir disso uma tendência à descarga e uma facilitação entre uma tal propensão e a imagem do objeto que provoca a dor.

Para nossos propósitos interessa apenas que, neste contexto teórico, percebamos como se dá a defesa primária ou repressão, ou seja, o abandono sistemático da imagem que gera a dor-hostil pela sua catexia. Três "fases" devem ser consideradas: (1) as experiências primárias de dor foram eliminadas pela fuga; (2) como sinal do término da experiência de dor apareceu uma imagem de objeto não hostil; (3) o sistema  $\psi$  aprendendo biologicamente, busca repetir o estado que marcou o fim da experiência dolorosa. Como resultado encontramos o sistema  $\psi$  penetrado por uma tendência biologicamente dirigida de buscar catexizar impressões que assinalam o fim da dor.

Os processos de inibição do ego, responsáveis pelo não atingimento do estado alucinatório, não são relevantes para a nossa linha de raciocínio. Assim, podemos já ir diretamente ao nosso pretendido recorte temático e perguntar: os elementos até aqui esquematicamente levantados nos permitem perceber, no plano privilegiado do desejo, relações entre a energia e o sentido?

Até aqui, o papel preponderante das quantidades de excitação salta aos olhos, bem como o seu correlativo na mecânica do aparelho, os coeficientes de resistência nas barreiras de contato. E quanto ao sentido? Sem dúvida podemos falar em

representações (*Vorstellung*) , mas devemos sempre remetê-las, imediatamente, ao neurônio. Não há dúvida de que - por exemplo no caso da formação do desejo - haverá uma visão, percepção, de um objeto, uma representação estará presente ao nível do aparelho; mas sua presença somente se **realiza** como um neurônio com um certo investimento. No caso do desejo, percebe-se sobretudo a supremacia do plano econômico - explicitamente visada por Freud - na medida em que somente depois que as facilitações já se estabeleceram é que a representação pode ser tida como realmente pertencente ao circuito do desejo, ou seja, somente então a representação poderá constituir algo que externamente aparece como "significação" no nível psíquico, significação esta ligada diretamente ao âmbito do prazer.

Um exemplo, que sem dúvida ultrapassa o domínio da facilitação por simultaneidade, talvez corrobore esta leitura.

Vejamos a seguinte reflexão de Freud: "Tomemos um exemplo: a imagem mnêmica desejada [pela criança] é a imagem do seio materno e seu mamilo em visão frontal, e a primeira percepção, uma vista lateral deste objeto sem o mamilo"<sup>54</sup> . Como pode a criança, aos seus olhos, atingir a satisfação de seu desejo, se este só contém os traços de uma via específica? Freud continua: "na recordação da criança encontra-se uma experiência, feita por acaso ao mamar: a de que com um determinado movimento de cabeça a imagem lateral se modifica em imagem frontal"<sup>55</sup> . O que está Freud pressupondo aqui? Que há uma facilitação entre um neurônio e

---

<sup>54</sup> Freud, S. Op. Cit. p.374; p.435.

<sup>55</sup> Freud, S. Op. Cit. p.374; p.435.

neurônios "correlativos" correspondente às experiências vividas concretas. A noção de casualidade reforça a contiguidade vivencial que é requerida para o retorno ao neurônio correspondente à visão frontal.

Deste modo, simultaneidade e contiguidade referem-se a uma organização neuronal, montada por meio dos movimentos excitatórios do aparelho, e fornecem por assim dizer, a matriz dos movimentos e dos investimentos de representação do aparelho.

Com a parte dedicada à psicopatologia poderemos, tendo em vista, o que foi sumarizado das hipóteses de Freud, discutir o conceito de símbolo. Veremos que, como todo o resto, ele está na estrita dependência das leis gerais do aparelho, as quais descrevem a economia das energias psíquicas.

Para acompanhar o raciocínio de Freud, basta seguir o exemplo do choro histérico. Na histeria como já fora antes notado, um dos traços mais marcantes é a "compulsão que é exercida por representações *hiperintensas*"<sup>56</sup>; por exemplo, uma representação **A** qualquer, compulsivamente, causa choro. No quadro patológico, é notável que a representação **A** além de compulsiva, é incongruente, ou seja, não entendemos porque ela causa seu efeito; além de persistente, ela é intratável pelo pensamento, vale dizer, nos termos anteriormente usados por Freud, é incontrastável.

A análise do caso vai nos mostrar que uma representação **A** está ligada a uma **B**, esta sim capaz de provocar inteligivelmente o choro; esta ligação era, pelo que a análise podia levantar,

---

<sup>56</sup> Freud, S. Op. Cit. p.394; p.457.

ocasional: **A** estava no mesmo contexto da ocorrência de **B**. Pela investigação analítica ficou estabelecido que sempre que uma determinada representação pudesse despertar **B**, seja por meio de uma associação direta ou por intermédio de uma ligação externa, era **A** que surgia no campo da consciência. A este deslocamento das Q $\eta$  envolvidas que ao invés de **B** vai investir **A**, Freud dará o nome de **símbolo histérico**.

Deste modo, como **resultado** prático do deslocamento, **A** está no lugar de **B**, muito embora diferentemente de um símbolo comum que mantém um vínculo inteligível entre o simbolizado e ele mesmo, **A** simboliza **B** sem que haja consciência disso. Vale a pena nos determos sobre esse ponto, e discutir algumas idéias implicadas nessa concepção.

Se há um sentido claro, evidente, entre o choro e a representação **B**, temos dois elementos a serem considerados. Em primeiro lugar, a própria inteligibilidade que existe entre o choro e **B**; em segundo, a presença, na consciência, deste vínculo, garantido pelas quantidades investidas no plano neuronal. Quando de **B** é retirada uma quantidade de energia que lhe faz ser consciente e esta é transferida para a representação **A** - devidamente alocada no plano neuronal - o raciocínio de Freud indica que, na medida em que algo pudesse despertar **B**, ou seja, investi-lo, na realidade aparecerá **A**. Mas, atenção, a inteligibilidade fica perdida. Não há mais nexos inteligíveis entre a cena instigadora e a representação **A**. Ocorre apenas um fenômeno de consciência: uma representação - **A** - brota na mente do sujeito.

O sentido somente surge quando a teoria de Freud é aplicada, mostrando-nos que houve um deslocamento de  $Q\eta$  de **B** para uma representação ocasional **A** - propiciado pelo esquema de facilitações concreto que havia sido instalado -. O que ocorre é, na verdade, o lançamento de uma inteligibilidade pelo esquema teórico. Surge um vínculo de **B** com **A** que não é um nexos de sentido, mas a projeção de um nexos teórico sobre o plano exterior das representações.

Podemos perceber melhor ainda este aspecto da questão, analisando um trecho de um ensaio de Jean Laplanche que trata, sobretudo, do problema dos princípios do funcionamento psíquico na teoria de Freud.

A certa altura - quando ele está falando sobre a especificidade dos processos inconscientes - vai fazer o seguinte comentário: "que se tomem como referência a esse propósito as passagens do *Projeto* sobre a simbolização histórica nas suas relações com a simbolização normal. Entre as representações **B** e **A**, das quais uma 'simboliza' a outra, há um deslocamento de energia; mas, na simbolização normal **A** retém para si uma parte da carga: assim sendo, o soldado que morre pela bandeira não esqueceu ou recalçou o fato de que morre pela pátria. A simbolização histórica, ao contrário, caracteriza-se por um deslocamento completo, total, de **A** para **B**"<sup>57</sup>. O texto, muito claro, sugere entre outras coisas como uma representação que mantém um pouco de

---

<sup>57</sup> Laplanche, J. in: "Teoria da Sedução Generalizada e outros ensaios", Porto Alegre, Artes Médicas, 1988, p.15.

sua carga não é esquecida. Não obstante a facilidade com que a noção de transferência de energia é veiculada, há um problema que permanece intocado. Trata-se da questão da constituição do símbolo. O exemplo da bandeira em nossa opinião evidencia, antes de tudo, que já havia um símbolo formado, por assim dizer, antes do desenrolar do ato heróico. Esta espécie de esquecimento do fator temporal, tem sua origem no texto de Freud. Nele podemos ler: "formações de símbolo sobrevêm também normalmente. O soldado se sacrifica por um trapo multicolor posto sobre um mastro porque isso **se converteu** em símbolo da pátria, e ninguém o toma por neurótico"(grifo nosso)<sup>58</sup>. Parece que há uma analogia implícita: assim como **A** toma o lugar de **B**, a bandeira tomaria o lugar da pátria: a diferença estaria no conhecimento que cada tipo de simbolização proporciona ao sujeito. No caso normal, haveria um conhecimento da relação de simbolização; no histérico não.

No entanto, isso é importante, não podemos dizer, na acepção usada por Freud, que a bandeira é o ponto terminal de um deslocamento de energia para uma representação ocasional. Não podemos dizer algo parecido com : em certo ponto que, estando próximo da pátria, ganhou o seu lugar sempre que certas circunstâncias despertaram o sentimento nacional. Não há nada de parecido como o movimento de constituição do chamado símbolo histérico.

Em razão disso, acreditamos que o raciocínio de Laplanche encobre uma dificuldade conceitual. Não é o problema do

---

<sup>58</sup> Freud, S. Vol. I. p.396; p.460.

conhecimento, a única chave para pensar a distinção entre os dois "tipos" de símbolo. É o processo de constituição que lhes é próprio, na sua diferença, que permite separá-los e, mais ainda, verificar que eles trabalham com dois tipos de processo de significação diferentes, mesmo que, aqui, não nos dediquemos a refletir nele mesmo o problema de significação envolvido no exemplo da bandeira. No caso do símbolo histórico o nexo de sentido é externo à representação em jogo, sendo obtido não pela análise das representações mas pela inteligibilidade proporcionada pela teoria da facilitação e pela teoria do deslocamento de Qη; no caso do símbolo da pátria - a bandeira - o jogo de sentido, podemos afirmar, é outro.

Em suma, se é possível tentar determinar um jogo de deslocamento para o processo patológico, não é possível pensar o processo dito normal, como o faz Laplanche, por meio de um prolongamento do raciocínio teórico.<sup>59</sup>

Não nos importa agora o longo trajeto percorrido por Freud para explicar como, em posse das hipóteses anteriores, um fenômeno como este pode se dar. O fato é que nessa concepção não há lugar para uma ordem de sentido, plenamente dada, e tal como ela

---

<sup>59</sup> Lorenzer, no livro já mencionado, vai também se ocupar com os problemas decorrentes desta concepção de símbolo. Para ele, nos textos de Freud que estamos trabalhando, surge com muita clareza o fato de que há uma elisão de toda relação de conteúdo significativo entre os elementos que dispõem a relação dita de simbolização. Segundo seu ponto de vista, Freud ainda uma vez seria tributário de um ponto de partida teórico redutivista, baseado nas ciências naturais.

era até então desenhada em alguns momentos do texto freudiano aos quais já tivemos a oportunidade de aludir; e muito embora não iremos tratar dos conceitos ligados à psicopatologia, vale a pena ressaltar que o símbolo aqui não tem papel algum a desempenhar na armação do quadro patológico: ele aparece como o produto inerte de um jogo de energias que não se compõe senão com energias.

\*

Um bom ponto para iniciarmos nossas investigações acerca da Interpretação dos Sonhos é o das relações do sonho com os materiais do dia anterior. Segundo Freud, os sonhos sempre mantêm relações com materiais oriundos da vida de vigília do dia que antecede o sonho. Isto se verifica mesmo nos casos em que fica patente a presença de materiais provindos de épocas remotas da vida do sujeito que sonha: nestes casos, estes materiais perdidos no tempo deverão manter alguma relação com a vida de vigília que antecede imediatamente o sonho; eles deverão ser **mediados** pelo dia antecedente. Tais materiais são caracterizados por Freud como fundamentalmente acessórios desde a perspectiva da vida diurna. No entanto, mesmo levando-se em conta esse caráter, o dia anterior proporciona algo que funciona como estímulo para um sonho. Correlativamente, os materiais do dia anterior podem funcionar como o ponto de partida da análise do próprio sonho, fato atestado pelas ocorrências livres (*freier Einfall*) - frequentemente traduzidas por "associações livres" - que constituem a análise do sonho. É no

conjunto dos materiais do dia anterior que podemos perceber os desejos que impulsionam o sonho, muito embora, Freud não tardará a nos indicar que um desejo pré-consciente não terá condições de despertar o sonho sem o reforço de um desejo inconsciente infantil. Em breve falaremos disso.

Para explicar as relações do texto manifesto do sonho com os materiais do dia anterior é preciso tomarmos um sonho concreto: o famoso sonho da "monografia botânica" será útil para esse fim. Freud assim contou o seu sonho: "Escrevi uma monografia sobre certa planta. O livro está em minha frente, e estou folheando uma lâmina em cores dobrada. Acompanha a cada exemplar um espécime dissecado da planta, ao modo de um herbário"<sup>60</sup>.

A partir do próprio sonho manifesto, evidencia-se uma estreita ligação com os acontecimentos do dia anterior: "monografia botânica" evoca a recordação de um acontecimento fortuito, a visão, em uma livraria, de uma recém lançada monografia sobre os Ciclamenes. Impressão diurna à qual Freud atribui um caráter de todo indiferente.

O prosseguimento da análise do sonho vai nos revelar uma surpresa: as livres ocorrências nos conduzem a um outro acontecimento do dia anterior, que não aparece no conteúdo manifesto, ao qual Freud vai atribuir o papel de instigador do sonho, fato devido ao valor psíquico contido em um tal acontecimento: trata-se da conversa com seu amigo doutor Koenigstein.

---

<sup>60</sup> Freud, S. "A Interpretação dos Sonhos", Vol. IV. p.186; p.180.

Não é preciso retomar aqui a longa série de associações feitas por Freud; (nossa intenção não é atingir a totalidade da análise, tarefa de resto impossível, mas apenas seguir uma trilha). Pelo momento basta-nos afirmar que para Freud muito embora a análise do sonho nos conduza sempre a acontecimentos importantes o conteúdo manifesto do sonho só acolhe em seu texto elementos classificáveis como acessórios. Quais são, contudo, as relações entre esses dois elementos se levarmos em conta que "o que nos ocupou durante o dia preside também os pensamentos oníricos, e só nos damos o trabalho de sonhar com aquelas matérias que durante o dia nos deram o que pensar"<sup>61</sup>. Ou seja, qual o papel que os elementos indiferentes têm a desempenhar no sonho?

Esbarramos aqui com o problema da censura e com a consequente deformação que ela impõe ao sonho. Daremos como postos e aceitos estes dois conceitos em função da continuidade de nosso argumento.

A frase capital a ser considerada é: "minha recordação da monografia sobre o gênero Ciclamene é empregada como se fosse uma alusão (*Anspielung*) à conversa com meu amigo, tal como no sonho da comida vedada a menção (*Erwaehnung*) da amiga estava subrogada pela alusão 'salmão defumado'"<sup>62</sup>.

O sonho do 'salmão defumado' trazido por uma paciente que tentava infirmar as teses de Freud, é exemplar no que diz respeito a uma das possibilidades de se efetivar a alusão. A seqüência de

---

<sup>61</sup> Freud, S. Op. Cit. p.191; p.185.

<sup>62</sup> Freud, S. Op. Cit. p.191; p.185.

associações que foi obtida nos permite perceber que a amiga da pessoa que sonhou é aludida pelos termos 'salmão defumado' na medida em que este é seu prato preferido, fato reconhecido pela própria paciente. Ou seja, este prato corresponde a um elemento pertencente ao conjunto das representações que a autora do sonho possui de sua amiga e relaciona, ou pode relacionar com ela, mesmo em circunstâncias diferentes das que envolveram o sonho.

Freud observa que se no sonho do 'salmão defumado' a alusão é facilmente compreensível, o sonho da 'monografia botânica' não nos oferece as mesmas facilidades. Neste sonho não há uma montagem da alusão que corresponda à ocorrida no sonho do salmão: não há senão uma série de representações diferenciadas ocorridas no mesmo dia anterior. Qual o processo de significação que está em jogo?

A solução dada por Freud será muito importante. Ele dirá que está em jogo um processo de significação do mesmo gênero encontrado nos chistes. E para Freud, "*Der Machtbereich des Witzes ist ein uneingeschränkter*"<sup>63</sup>. Como ele desenvolve esse tema?

Freud lança mão de conteúdos de representações (*Vorstellungsinhalt*). As representações intermediárias entre a conversa com Koenigstein e o surgimento de "monografia botânica" no texto manifesto, obtidas pelas livres ocorrências do próprio Freud pertencem "ao círculo de representações sobre botânica": o encontro com o senhor Gartner (jardineiro); a referência ao aspecto

---

<sup>63</sup> Freud, S. Op. Cit. p.192; p.187. Esta frase notável foi assim traduzida; "o domínio dos chistes é ilimitado".

florescente de sua mulher; a paciente Flora que ocupou-lhe o pensamento por alguns instantes. Estas representações , cada uma por si, não aludem à conversa; em si, estas representações são indiferentes, inclusive à representação que serve de alusão efetiva, ou seja, 'monografia botânica'. Ocorre que a **unidade** formada ocasionalmente por estas representações estabelece relações de sentido que permitem conduzir de uma significação a outra e consolidar um campo que, este sim, vai funcionar como alusivo. Freud é bem claro quanto à mobilidade e a variedade das representações que operam a alusão: caso não houvesse nenhuma possibilidade de estabelecer ligações intermediários que fossem suficientes entre as impressões, o sonho simplesmente teria sido formado de modo diverso. "Outra das impressões diurnas indiferentes que nos chegam em multitude e depois esquecemos haveria ocupado para o sonho o lugar de 'monografia', ligando-se com o conteúdo da conversa e substituindo a essa no conteúdo onírico"<sup>64</sup> .

Podemos dizer que as representações intermediárias, por seus conteúdos, concretizam o enlace alusivo, materializam-no propriamente dizendo, preenchendo o papel operativo que no caso de uma alusão, como no sonho do salmão defumado, tinha possibilidade de ser efetivada pelo fato da representação alusiva pertencer à ordem interna de representações da sonhante em relação aquilo a que ela aludia. A diferença é que no primeiro caso colhe-se uma representação que em certa media já era capaz de substituir à outra representação: esta representação que efetua a alusão fazia parte

---

<sup>64</sup> Freud, S. Op. Cit. p.192; p.187.

de um circuito que já era da sonhante e que era contíguo, se assim podemos dizer, à representação aludida. No segundo caso isso não se dá. São as relações ocasionais de conteúdo que, fundidas numa série, **sustentam** o processo alusivo. A ponte significativa é constituída com base nas potencialidades semânticas que encontramos nos chistes. Se houvesse no primeiro caso a presença de uma terceira pessoa que também estivesse informada das preferências alimentares da figura aludida no discurso, ela certamente teria a possibilidade de entender a alusão. No segundo caso, não há esta possibilidade, pois é o conjunto, em sua unidade provisória e não social, que garante o efeito de sentido.

Parece-nos que o trabalho do sonho, utilizando-se da técnica do chiste, muito embora faça uso de materiais que só podemos admitir como fazendo parte da memória, amplia as ligações, alarga a combinatória das representações, sobretudo se tivermos em conta um conjunto de relações já dado: é a diferença entre o sonho do salmão e o da monografia botânica. O modelo que se pode extrair do exemplo do salmão baseia-se num sistema concreto de memória, mas e isso é importante para nós, ele **abre** para um outro modelo que pode ser operado por outros fatores, justamente aquele desenvolvido na Interpretação dos Sonhos.

Podemos dizer, que o sistema da memória funciona desde uma inter-relação de marcas (representações) inscritas e relacionadas concretamente no sistema como tal: desde que inscrita, uma representação (agora traço de memória) tem definida uma combinatória de relações possíveis, dada pelos limites do próprio

sistema de inscrições. Este fato parece-nos contrastar com a "potência ilimitada do chiste" segundo a concepção mais recente de Freud. Quando ele nos diz que se não estas, outras representações serviriam para efetuar a alusão, a combinatória possível das representações abre-se de uma maneira monumental. É a uma ordem do sentido alargado que estamos nos referindo, pois não se trata apenas de afirmar que outra representação poderia também aludir a uma determinada situação, já que o sonho do salmão defumado oferece esta possibilidade também, mas de estabelecer que, para além de um circuito fechado de representações ligadas a uma certa situação ou pessoa, novas representações, quando postas em conjunto, realizam a alusão.

O processo ao qual estamos dando atenção recebe, da parte de Freud, um tratamento importante no item que discute a condensação. Encontramos nele a famosa passagem na qual é afirmado que "os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho apresentam-se a nós como duas figurações do mesmo conteúdo em duas linguagens diferentes; dizendo melhor, o conteúdo do sonho aparece-nos como uma transferência dos pensamentos do sonho a outros modos de expressão, cujos signos e leis de articulação devemos apreender a discernir pela via da comparação entre o original e sua tradução"<sup>65</sup>.

Gostaríamos de fazer uma observação preliminar sobre este texto, sobretudo sobre o termo "tradução". É evidente que quando Freud fala em comparar o original com a sua tradução está usando

---

<sup>65</sup> Freud, S. Op. Cit. p.285; p.296.

metaforicamente os dois termos, pois, como é notório, não existe propriamente falando um original, já que Freud admite expressamente ser impossível determinar de modo estrito a extensão dos pensamentos do sonho, fato indispensável para o devido estabelecimento de um ponto de partida definido, como é o caso de um texto a ser traduzido; no que diz respeito à tradução, no sentido próprio do termo, só pode ser concebida - com seu caráter de bi-transitividade entre os sistemas simbólicos - quando estão em jogo sistemas simbólicos regulares mais ou menos equivalentes. Como sabemos, Freud tomou como exemplo do sonho o *rébus* onde, de modo algum, encontramos uma tal unidade nos sistemas de significação. Sua ilustração do enigma pictográfico nos mostra o essencial de sua concepção: caminhar não do todo, mas de cada parte em direção à solução do enigma, buscando uma "referência significante"<sup>66</sup> para cada termo isolado, referência essa que se encontra por meio de uma chave interpretativa qualquer - justamente a que qualifica a dificuldade de resolução do enigma - e não pela consideração do sistema simbólico ao qual ela usualmente está incorporada e sua remissão ao restante do corpo do *rébus*. Para Freud o que está em jogo é um novo modo de expressão, cujo funcionamento é preciso descrever, o termo expressão sendo importante pois indica que, diferentemente de uma mensagem visada, para a qual seria lícito supor uma intenção comunicativa, o sonho sobretudo **expõe** certos conteúdos psíquicos, uma variedade deles, não sendo possível, sem imprecisão, imaginar que há, para Freud, uma mensagem do sonho.

---

<sup>66</sup> Freud, S. Op. Cit. p.285; p.296.

Para Freud há um caminho na expressão para uma nova forma que vai evidenciar uma condensação nos conteúdos latentes. Nesta condensação - tida como de direito indeterminável, pois para Freud nós nunca podemos estar plenamente certos de ter levado a seu termo a interpretação de um sonho - o que vai nos interessar é que o conjunto dos materiais que sofreram o processo de agrupamento é tido como efetivamente pertencente aos pensamentos do sonho. Freud, como ocorre inúmeras vezes no transcorrer de sua obra, antecipa as objeções que poderiam ser feitas a esta idéia, que na verdade é apenas uma decorrência e um desenvolvimento do que fora anteriormente dito a respeito do processo alusivo no qual se expressa o desejo do sonho.

A questão à qual Freud vai responder é: o material que nos é oferecido nas livres ocorrências esteve de fato presente nas representações latentes; todas as representações obtidas estavam de fato ativas na elaboração do sonho? Ele nos responde que novas representações só surgem no material associativo se estiverem em conexão com o que já havia de material representacional quando da elaboração do próprio sonho. Em última análise, se há um desvio, ele não nos tira da rota, mas apenas apresenta-nos uma via derivada em "curto circuito" com o material da fonte do sonho. Na verdade, Freud supõe que os pensamentos latentes existem em função do fato de que, quando nos abandonamos às livre ocorrências, mesmo que elas apresentem um desvio em relação o conteúdo representado, num momento ou outro vamos nos deparar com uma representação efetivamente presente no conteúdo manifesto. O ponto importante na

argumentação de Freud é que seria ilegítimo acreditar que pudéssemos atingir uma tal representação por uma **outra** via que não aquela percorrida pelos pensamentos livres em análise. É por essa razão que ele pensa que estas representações estiveram **de fato** presentes quando o sonho estava sendo formado. É em razão disso que podemos falar em **análise** dos sonhos<sup>67</sup>.

Seguindo o pensamento de Freud, se há uma condensação, ou seja, se certos materiais são excluídos do sonho manifesto, tais materiais não deixam, entretanto, de manter uma relação com este último. Os elementos latentes **põem** o elemento manifesto: " 'Monografia' e 'botânica' foram recolhidos no conteúdo do sonho porque podem exibir os contatos mais ricos com a maioria dos pensamentos oníricos, e portanto figuram pontos nodais onde reúnem-se muitos dos pensamentos oníricos"<sup>68</sup>. Estes elementos são "pontos de convergência" de uma multiplicidade de significações que podem remeter às mais variadas fontes de desejo. Estamos aqui face à idéia de que o material superficial do sonho é sobredeterminado pelas representações latentes.

Um dos mais importantes fatores apontados por Freud em relação ao conjunto do material representacional que desde os elementos latentes, obtidos pela análise, condensa-se no material

---

<sup>67</sup> Sabemos que este é um dos pontos básicos sobre o qual Wittigenstein assenta sua crítica a Freud. Segundo o filósofo, é a tese forte do determinismo psíquico, **aplicada** ao caso dos sonhos, que acarreta na concepção de que os sonhos podem ser analisados pelo processo de livre ocorrência de idéias. O que sucede na verdade, para Wittigenstein, é que o sonho **ganha** um sentido quando ele é inserido em um contexto montado através da junção das idéias que ocorrem ao paciente. Segundo Wittigenstein, as representações agrupadas não são prova da existência de uma cadeia causal.

<sup>68</sup> Freud, S. Op. Cit. p.291; p.303.

patente, é que, pela própria rede estabelecida na ligação desses elementos, firma-se um deslocamento das intensidades psíquicas, entendidas como valor psíquico, como acento psíquico; já no capítulo sobre as fontes e o material do sonho, Freud nos chamava a atenção para a transferência do acento psíquico que ocorre das representações inicialmente providas de sentido para as representações que eram "debilmente" providas de tal acento. Aqui Freud indica apenas o papel que cabe, praticamente, a um tal movimento que, **montado** a partir da organização das representações que formam a alusão, opera uma transferência de intensidades que qualifica uma economia: a energia - termo de Freud - acumulada com a transferência capacita a representação antes fraca, a forçar o acesso à consciência, fato que terá conseqüências materiais na figuração do sonho, em seu caráter alucinatório.

Há portanto uma possibilidade de ser pensado um circuito energético cujo desenho é realizado no e pelo campo da alusão (na verdade, "alusão" é meramente um termo que vai designar a operação de sentido levada a cabo pelas representações intermediárias), circuito esse que, por sua característica interna, permite a transferência de energia cujo resultado é a modificação dos valores psíquicos no sonho: aqui percebemos como foi importante, para uma melhor inteligibilidade do fenômeno, a modificação que Freud fez em relação ao "Projeto..". Lá, como já havia notado Ricoeur, ele falava em investimento dos neurônios; aqui trata-se de representações investidas. Não há, na Interpretação dos Sonhos um

esquema teórico que pratique a mesma espécie de redução ao físico tal como a encontramos no "Projeto...".

Frente a essas considerações, o capítulo sobre o deslocamento apresenta alguns aperfeiçoamentos. O sonho manifesto acha-se "diferentemente centrado" do sonho latente. A princípio, esta é uma caracterização formal que decorre do mesmo processo que conduziu à condensação: assim como encontramos um grande conjunto de pensamentos do sonho agrupando-se expressivamente num mesmo elemento manifesto, sendo perdida a base dos primeiros, os diferentes valores temáticos que podemos estabelecer para os pensamentos do sonho desaparecem no sonho manifesto. As intensidades psíquicas das representações de saída, que Freud diferencia da intensidade sensorial das representações, passam pelas representações que as expressam, criando novos valores psíquicos até então inexistentes.

Um dos resultados mais importantes desse processo é que o deslocamento permite aos desejos do sonho se realizarem, já que um determinado desejo, com seu respectivo valor psíquico, é justamente aquilo que, estando na base do sonho, foi impedido de se realizar em função da censura psíquica. O deslocamento deforma o sonho, assim como a condensação, permitindo, no entanto, que os valores psíquicos da origem se expressem "disfarçadamente" no conteúdo manifesto.

É importante observar que o sonho não se produz como uma associação de idéias normal. O sonho é deformado. A metapsicologia do sonho não pode ser, pois, a metapsicologia das associações

normais da memória; não pode ser a metapsicologia das ligações associativas por mais variadas que sejam, no esquema do pensamento normal. As ligações que ocorrem nos sonhos não são as ligações cotidianas; deve-se portanto ter isto bem claro para não querer decalcar o modelo das livres ocorrências do sonho (que também serve para o sintoma e sua análise) de uma derivação simples do modelo normal como aparece, por exemplo, na carta 52 e no "Projeto"... Estes modelos, mesmo se aplicados ao patológico, não são ainda o que Freud veio a montar na "Interpretação dos Sonhos".

O capítulo sobre a regressão visa construir as bases explicativas para duas particularidades do sonho: a de apresentar-se como algo de experimentado no presente e a de quase sempre conter características visuais. É em função desses fatores que a primeira tópica foi concebida. E aqui a energética terá uma grande importância.

Os elementos que entram nesta construção são vários. O que delinea a tópica é evidentemente a idéia de localização psíquica, inspirada em Fechner, da qual Freud afasta qualquer preocupação de correspondência anatômica: o modelo do microscópio permite a Freud elidir o aspecto material. Ele vi desenhar, ao mesmo tempo, uma representação do aparelho mental, entendido, sem dúvida, como o sustentáculo do sonho, "como um instrumento composto cujos elementos chamaremos de "instâncias" ou, em benefício da clareza, *sistemas*"<sup>69</sup>.

---

<sup>69</sup> Freud, S. "A interpretação dos Sonhos" Vol. V. p.530; p.573.

Importa neste sistema salientar a ordem fixa da passagem das excitações relativas aos processos psíquicos, ordem que tendo início no polo perceptivo do aparelho se conduz para o polo motor do mesmo. É desde este sentido normal estabelecido que Freud irá explicar as particularidades acima mencionadas.

Não nos interessa descrever todos os passos desta explicação que culminará no conceito de regressão. Importa-nos sobretudo apreender o papel que o inconsciente desempenha neste esquema que de um modo patente, é regido pela necessidade de organizar fatores de ordem econômica, e compô-los de tal modo que o sonho possa aí também receber uma figuração.

Como o próprio Freud nos faz notar, o esquema do aparelho, contendo um polo perceptivo, um outro motor e também uma série de registros de memória organizados segundo funções diferentes, pode ser desenvolvido com base em concepções da psicologia geral, conforme atesta, por exemplo, o fato de o aparelho ser construído como um aparelho reflexo. Não obstante este início independente, a teoria dos sonhos vai, ao mesmo tempo em que se funda, informar a própria tópica.

"Vimos que nos resultava impossível explicar a formação do sonho se não ousávamos supor a existência de duas instâncias psíquicas, uma das quais submetia a atividade da outra a uma crítica cuja conseqüência era a exclusão de seu devir consciente"<sup>70</sup>.

---

<sup>70</sup> Freud, S. Op. Cit. p.534; p.576.

Estas duas instâncias serão apresentadas na tópica em função de suas relações de acessibilidade com a consciência. O inconsciente é concebido como uma instância que, em continuidade com os registros mnemônicos - não há nenhuma distinção entre o sistema mnemônico e a instância inconsciente senão a posta pela acessibilidade com a consciência - só tem ligação com o consciente por meio do pré-consciente, a outra instância em jogo. Esta última, Freud diz, "nós a chamamos *pré-consciente* para indicar que os processos de excitação havidos nele podem alcançar sem mais demora a consciência, sempre que satisfaçam certas condições; por exemplo, que se alcance certa intensidade, certa distribuição daquela função que recebe o nome de 'atenção', etc."<sup>71</sup> .

O importante para nós é que, dentro desse esquema, o desejo onírico que motiva o sonho, que dá sua partida, é localizado no sistema inconsciente.

Quando Freud nos fala que o inconsciente só tem acesso ao consciente por meio do pré-consciente, o termo 'acesso', nesta descrição tópico-econômica, significa, atingir. Ou seja, os processos excitatórios do inconsciente só atingem a consciência quando passam pelo pré-consciente. Eles precisam dessa intermediação. Este fato, notável, será justificado posteriormente.

Se estamos lidando com o desejo e com o sistema inconsciente, devemos poder caracterizar com compatibilidade os dois conceitos. Até aqui, o inconsciente foi trabalhado por Freud

---

<sup>71</sup> Freud, S. Op. Cit. p.534; p.577.

tópica e economicamente. Como será a caracterização teórica do desejo?

Deparemo-nos, pois, com a questão do desejo, de sua especificidade e origem. Estamos diante de um entroncamento teórico. A análise concreta dos sonhos que foi levada a cabo por Freud sempre nos falava de desejo mas poucas vezes se aprofundava na sua discussão. Pode-se, até o momento de desenvolvimento do texto no qual nos situamos, isolar alguns de seus tipos: a) os desejos que induzem o sonho desde o seu despertar e que o fazem por **não** terem sido satisfeitos (por razões contingenciais, ocasionais até); b) os que despertos, do mesmo modo **não** realizam-se na vigília por terem sido repudiados; c) finalmente os desejos inconscientes sem relação direta com a vida de vigília. Nas análises de sonhos, abundavam os exemplos dos dois primeiros tipos, desejos que, de um modo ou de outro, tinham a ver diretamente com acontecimentos significativos para o sonhador Freud. Ocorre que Freud não se satisfaz com isto, acrescentando o terceiro tipo: ele procura uma hipótese que dê determinação mais específica ao sonho. Ele nos dirá: "imagino as coisas assim; o desejo consciente só torna-se indutor de um sonho se consegue despertar outro desejo paralelo\*, inconsciente, mediante o qual se reforça"<sup>72</sup>. Esta determinação pontual coloca uma série de problemas. Ela nos indica que, antes

---

\* "gleichlautenden" é o termo utilizado por Freud. A tradução por 'paralelo' talvez perca uma marca sêmica importante deste termo, sobretudo para nossa interpretação. Parece ser mais adequado traduzi-lo, de modo tradicional, por idêntico.

<sup>72</sup> Freud, S. Op. Cit. p.545; p.589.

que ocorra toda a sorte de transferências que caracterizam o trabalho do sonho implicado na deformação onírica - fator fundamental do sonho - ocorre uma outra transferência que, partindo de desejos inconscientes específicos, vai se acoplar a elementos conscientes - seria melhor qualificá-los de pré-conscientes - reforçando-os, o que ocasiona as condições de indução necessárias. Ao comentar o papel desempenhado pelos restos diurnos, Freud vai afirmar: "Uma representação inconsciente como tal é de todo incapaz de ingressar no pré-consciente, e só pode exteriorizar ali um efeito se entra em conexão com uma representação inofensiva que já pertença ao pré-consciente, transferindo-lhe sua intensidade e deixando-se encobrir por ela"<sup>73</sup> .

A questão que nos cabe abordar é a do desejo: até então sabíamos o que ocorre com o desejo no trabalho do sonho; agora devemos investigar o que é o desejo a fim de poder estabelecer o que é esta **identidade**, ou como grafa a edição brasileira "teor", que permite a transferência primária que está na base de todo o sonho.

Freud apresenta-nos uma concepção de desejo que aparece preliminarmente como abstrata. Esta qualificação, usando essa expressão, quer indicar a distância e a generalidade da concepção de desejo que será trabalhada frente às noções implícitas que encontramos até então.

Esta concepção é moldada no que Freud chama de experiência da satisfação. Baseada na hipótese de que o aparelho

---

<sup>73</sup> Freud, S. Op. Cit. p.554; p.599.

psíquico tende a descarregar os estímulos tendo em vista a manutenção da excitação interna num "minimum" possível - hipótese esta sustentada na noção geral de arco-reflexo - a vivência ou experiência da satisfação é possibilitada pela interveniência de um outro que cumpre o papel de provedor do objeto. Esta situação só ganha sentido quando consideramos que o simples movimento não dá conta da descarga de excitação proveniente do interior do organismo: o objeto é o único capaz de fazer parar a emissão de excitação que atinge o aparelho psíquico. Aqui vale citar Freud:

"Um componente essencial desta vivência é a aparição de uma certa percepção (a nutrição, em nosso exemplo) cuja imagem mnêmica fica, daí por diante, associada à marca que deixou na memória a excitação produzida pela necessidade. A próxima vez que esta última sobrevenha, graças ao enlace assim estabelecido se suscitará uma moção psíquica que buscará investir de novo a imagem mnêmica daquela percepção e produzir outra vez a percepção mesma, vale dizer, em verdade, restabelecer a situação da satisfação primeira. Uma moção desta índole é o que chamamos desejo; a reaparição da percepção é o cumprimento do desejo"<sup>74</sup>. Este texto estabelece a dinâmica genérica do desejo, não importando se o investimento do objeto, ou melhor, de sua imagem mnemônica, conduziu à alucinação (que de fato não cessa o estímulo na fonte), ou se foi dada uma percepção no exterior.

Importa-nos estabelecer neste nível que o desejo tal como ele foi descrito não é mais do que uma específica associação de

---

<sup>74</sup> Freud, S. Op. Cit. p.558; p.603.

representações, associação esta que ganha sua particularidade por estar vinculada a uma excitação vinda do interior, cuja somação - termo já do "Projeto" - impõe com freqüência o percurso de um mesmo circuito. Aliás, neste texto a noção de associação, ligada a de desejo, pouco difere do "Projeto" havendo de notável, apenas, que a especificação da base material - neurônio - aqui é prescindida.

Do ponto de vista estrutural, o desejo pode, então, ser visto como um conjunto de registros preferenciais de escoamento da excitação, organizado pelas experiências de satisfação. Neste sentido, o que poderia significar despertar um desejo inconsciente idêntico, do mesmo teor, processo sem o qual o sonho não terá oportunidade de se formar?

Sabemos que estamos lidando com dois estratos. O processo suposto postula que, uma representação pertencente ao estrato pré-consciente, encontra-se em condições de colocar-se no lugar de marco final do circuito do desejo inconsciente; e isto em função de uma propriedade da representação, do seu teor, de seu sentido. Haveria, devemos supor, algo como um sistema de transmissão que permitiria a passagem de nível do investimento. Devemos notar que esta passagem do investimento não é equivalente a uma derivação para uma representação que é contígua ao mesmo sistema; há, propriamente falando, uma passagem de nível. Os desenvolvimentos teóricos de Freud vão exatamente nesta direção. Partindo do mecanismo de atenção, entendido como a aplicação de uma determinada quantidade de investimento através das redes de representações, mecanismo responsável pelo fato de tornarem-se conscientes

representações pré-conscientes, Freud vai identificar três possíveis relações entre as representações e o investimento.

Se uma seqüência de representações foi abandonada isto quer dizer que ela não recebeu suficiente investimento nas suas vias associativas; e, se desta seqüência se retirar o investimento, a seqüência terá sido repudiada. O terceiro caso é o que nos interessa de perto, já que ele é caracterizado pela transferência de investimento do inconsciente para o pré-consciente. Exatamente o processo indicado acima. O que deriva deste fato? Freud dirá: "a partir daí o itinerário de pensamentos sofre uma série de transmutações que já não reconhecemos como processos psíquicos normais..."<sup>75</sup>. Qual a razão deste fato? A resposta pode ser encontrada no conceito de processo primário.

Como Freud caracterizou este processo? Ele vai derivá-lo da ficção teórica de um "aparelho psíquico primitivo cujo trabalho era regulado pelo afã de evitar acumulação de excitação e de manter-se o mais carente possível de excitação"<sup>76</sup>. Dois modos de funcionamento do aparelho são, então, definidos: um primeiro, exclusivamente governado pelas marcas primeiras de experiência da satisfação que tende (sempre que é dada uma pressão interna) a percorrer as vias já estabelecidas pela experiência mesma: fato que acaba por conduzir à alucinação que não atinge a satisfação por não conseguir cessar a excitação na fonte; um segundo que busca, por meio de um caminho indireto, atingir a percepção real do objeto de

---

<sup>75</sup> Freud, S. Op. Cit. p.584; p.633.

<sup>76</sup> Freud, S. Op. Cit. P.587; p.636.

satisfação . Em função das necessidades impostas ao aparelho no desempenho da segunda atividade, basicamente, o arquivamento de todos os traços mnêmicos das variadas experiências, e a manutenção em quiescência da maioria dos investimentos do sistema, podemos distinguir claramente dois tipos de mecânica nos processos excitatórios correspondentes aos dois sistemas.

"Eu me ateno com exclusividade a essa idéia; a atividade do primeiro sistema  $\psi$  está dirigida ao *livre desaguar* {*Abströmen*} das quantidades de excitação, e o segundo sistema produz, pelos investimentos que dele partem, uma *inibição* desse desaguar, sua mudança em investimento quiescente..."<sup>77</sup> . Esta bases nos permitem sustentar, com Freud, duas teses importantes. Uma, que caracteriza o inconsciente - do qual o primeiro sistema é o germe - como um núcleo eminentemente formado de desejos, posto que o primeiro sistema não tem de modo algum propensão ou necessidade de investir representações que conduzem ao desprazer: esta tese ajuda a explicar porque o sonho é sempre realização de desejo; outra, ligada diretamente ao modo de funcionamento do inconsciente, pois se o primeiro sistema visa a livre descarga, quando ocorre a um pensamento pré-consciente ser investido pelo inconsciente, a mudança no modo de funcionamento do pensamento que daí decorre - do ponto de vista econômico - deve-se à livre descarga.

E é isto que Freud nos diz: "Eis aqui o traço principal que discernimos nestes processos: todo o acento se põe em fazer com que a energia de investimento se torne móvel e *susceptível* de

---

<sup>77</sup> Freud, S. Op. Cit. p.589; p.638.

descarga"<sup>78</sup>. A esta observação Freud agrega: "o conteúdo e a significabilidade intrínseca dos elementos psíquicos a que os investimentos aderem passam a ser coisas acessórias"<sup>79</sup>. Trata-se da descrição do abandono do sentido, por assim dizer, próprio, comum das palavras, que perdem a aderência ao que lhes é intrínseco enquanto elemento de comunicação regular. Dissemos que Freud agrega, para pontuar a entrada em cena, ou melhor, para marcar o lugar onde torna-se possível a elaboração de sentido percebida no trabalho do sonho. A noção de uma livre descarga parece adequada ao livre jogo que ocorre no âmbito dos "conteúdos de representação".

Parece-nos que é exatamente a imbricação dos dois movimentos que nos permite legitimamente falar em realização de desejo: sem esta interação e adequação do campo do sentido e do campo da força seríamos conduzidos a transformar a proposição de que o sonho é uma realização de desejo em algo como: o sonho realiza uma descarga de excitação ou efetua uma liberação de desejo. Não poderíamos nunca fazer a síntese.

O resultado principal de nossa leitura pode ser apresentado de maneira genérica, do seguinte modo: olhando os processos pelo lado econômico e desde uma perspectiva genética, os movimentos da energia constituem, ao realizarem os primeiros circuitos do desejo, uma abertura para o campo do sentido; vendo pelo lado do sentido, percebemos que em certos níveis, articulações sêmicas constróem vias pelas quais a energia pode escoar. A

---

<sup>78</sup> Freud, S. Op. Cit. p.586; p.635.

<sup>79</sup> Freud, S. Op. Cit. p.586; p.635.

imbricação dos dois processos dá-se no sonho, o qual procuramos apreender em seu momento crucial da urdidura do desejo inconsciente com os desejos oriundos da vigília: é a problemática do teor destes dois desejos que, na teoria de Freud, aparece como pré-condição da formação concreta do sonho, mas que só pode ser aprendida de modo formal em nosso estudo em função da própria indeterminação do conceito que lhe corresponde em Freud.

Considerações posteriores, acreditamos, farão com que o conceito de fantasia talvez se ofereça como aquele que se apresenta nas melhores condições para realizar a passagem de níveis, a ligação do sistemas que foi apontada por Freud na Interpretação dos Sonhos.

\*

Tendo em vista a clara indicação de Freud no que respeita às analogias existentes entre o sonho e o chiste, um trabalho que visa estabelecer alguns marcos fundamentais para encaminhar uma apreensão relativa ao problema do sentido, como é o nosso, não pode privar-se de um estudo de "O Chiste e sua relação com o Inconsciente". Como sabemos, as analogias aludidas dizem respeito à presença quase todos mesmos procedimentos de elaboração do sonho na elaboração do chiste, fato, aos olhos de Freud, trazido à luz pela análise da técnica do chiste, de tal forma que este surge como o resultado da revisão inconsciente de certos pensamentos pré-conscientes que lhe são base.

A inspeção de todos os passos dados por Freud em direção à descrição ampla da técnica dos chistes, na qual será possível apoiar a hipótese da presença da condensação, do deslocamento, etc, encontra-se fora do escopo de nosso trabalho pois ela, em si mesma, seria uma tarefa de porte superior ao que cabe num texto como o nosso. O interesse de nosso trabalho é mais restrito e se atém a um ponto de diferenciação do chiste em relação ao sonho: o fato do chiste ser eminentemente social. Acreditamos que por essa via seja possível realçar uma face mais ampla que envolve o problema do sentido na obra de Freud e o âmbito maior da atividade comunicativa do homem.

Desta forma, este momento do trabalho encaminhará uma leitura do texto de Freud e uma posterior discussão dele, feita por intermédio de alguns estudos situados dentro do campo da lingüística, aos quais devotaremos alguma atenção. Faremos um corte nestes trabalhos, visando isolar os elementos pertinentes a uma aproximação de conteúdo com os resultados obtidos em nossa primeira etapa de investigação.

Tomamos como ponto de partida a seguinte afirmação de Freud: "O chiste, por outra parte, [em contraste com o sonho. N] é a mais social de todas as operações anímicas que têm por meta um ganho de prazer. Com freqüência necessita de terceiros, e demanda a participação de outro para levar a seu fim os processos anímicos por ele incitados. Tem, por conseguinte, que estar atado à condição de ser inteligível e não pode utilizar a desfiguração, possível no inconsciente pela condensação e pelo deslocamento, senão até o

ponto em que o entendimento da terceira pessoa o possa reconstruir"<sup>80</sup>. Dois aspectos importantes, entre outros, podem ser selecionados em função de nosso objetivo. Um mais geral, afirma que o chiste é uma atividade pública, social; é uma entidade relativa à esfera de comunicação e por isso está preso às normas que a regulam. Um segundo aspecto, talvez mais importante, é aquele que nos informa haver um uso social específico da linguagem que, para ser efetivado, deve manter uma certa relação com o inconsciente. Este segundo aspecto nos põe diante do problema da relação entre o inconsciente e a linguagem, especificamente no que tange ao chiste, pois os limites e a participação dos dois "atores" envolvidos não é algo de dado à primeira vista.

Faremos um esforço por encaminhar uma diretriz de solução a esta questão mais ampla, permitindo-nos primeiramente assentar as bases de nossa compreensão do primeiro aspecto apontado.

Apresentaremos um apanhado sintético dos aspectos mais importantes, apontando os principais conceitos envolvidos no âmbito comunicativo do chiste.

Freud, levando em conta o famoso chiste do personagem de Heine, o hamburguês Hyacint<sup>81</sup>, inicia seu trabalho afastando o efeito chistoso da mera esfera do pensamento, vale dizer, do sentido expresso pelo comentário de Hyacint, para especular sobre

---

80 Freud, S. "O chiste e sua relação com o inconsciente", Vol. VIII, p.171; p.204.

81 "E assim, verdadeiramente, senhor doutor, quis Deus conceder-me toda sua graça; tomei assento junto a Salomon Rothschild e ele tratou-me como a um dos seus, bastante *famillionariamente*." in; Freud, S. Op. Cit. p.18; p.29.

a **forma de expressão** que lhe é própria, já que, Freud admite, "um pensamento pode, em geral, expressar-se em diversas formas lingüísticas"<sup>82</sup>.

Para Freud há a possibilidade, num padrão ótimo de inteligibilidade, de exprimir o pensamento que é expresso tão particularmente no chiste do "familiarmente": o custo desta expressão-versão é, no entanto, muito caro, pois se esvai com ela o caráter chistoso que, assim, é atribuído à expressão particular tomada pelo chiste, para usar os termos de Freud, a "forma de verbalização" que ele assume.

A paráfrase "absolutamente inteligível" - expressão que aponta para um nível ideal de formulação do pensamento - que foi criada é tomada como ponto de partida. Frente a ela verificou Freud que a expressão do chiste opera uma **abreviação**. A paráfrase era composta de duas expressões: a) Rotschild tratou-me quase como um seu igual, muito familiarmente; e b) isto é, na medida em que o faz um milionário. Na expressão do chiste, a segunda sentença é elidida, mas, e isto é o importante, restou um elemento "um substituto a partir do qual podemos reconstituí-la"<sup>83</sup>. A importância do conceito de reconstrução é aqui fundamental. A esse respeito algumas observações devem ser feitas. Em primeiro lugar, fica claro que a reconstrução é **reconstrução do sentido** - no caso do sentido da segunda expressão - muito embora, no chiste em questão, ela seja feita por meio de uma estratégia verbal -

---

82 Freud, S. Op. Cit. p.18; p.29.

83 Freud, S. Op. Cit. p.20; p.31.

significante -. Ele é disposto à reconstrução pela via da formação da palavra composta. Em segundo lugar, e, isto é mais um problema, podemos nos inquirir qual o lugar no qual estava "construído" o sentido que foi, com a ajuda da particular verbalização, reconstruído?

A definição da técnica é: "condensação com formação substitutiva; em nosso exemplo a formação substitutiva consiste em formar uma *palavra mista*"<sup>84</sup>. Segundo Freud, a palavra que permite a reconstrução é entendida em seu **contexto**. Como definir este contexto? O que significa ainda responder à questão anteriormente apresentada: onde estava "construído" o sentido que foi suprimido e indiretamente reconstruído? Podemos dizer que ele era subjacente a toda a pauta de significação que estava envolvida na introdução da piada assim como na sua expressão mesma. R é o rico barão Rothschild; Hyacint é o pobre calista hamburguês; o comportamento dos riquíssimos frente aos pobres já está estabelecido e, portanto, pode ser expresso, etc. Vale dizer, o contexto é a pauta das descrições compartilhadas possíveis que envolvem os elementos em jogo no chiste. Desta forma, o que é omitido e reconstruído na expressão verbal, não é algo propriamente latente, escondido, privado, mas algo subjacente (poderíamos dizer, em certo sentido, público, ao menos para a comunidade de linguagem à qual o chiste é endereçado). Esta interpretação se sustenta para outros chistes?

---

<sup>84</sup> Freud, S. Op. Cit. p.21; p.33.

Parece que sim, por exemplo, em "Millionarr"; "Cleopold",<sup>85</sup> etc . Tomemos, ainda, como exemplo, aquele chiste o qual perfaz, segundo Freud, uma condensação magnífica: "Este não é o *roter Fadian* {insipidóide vermelho} que se enfia {ziehen sich durch} pela história dos Napoleônidas"<sup>86</sup> . Como antes, Freud vai nos apresentar uma paráfrase - redução - que contém "o sentido original' completo do chiste, vale dizer, de seus pensamentos subjacentes, ou seja, a rede de sentido que lhe é associada.

Freud encontra, na armação do chiste de Herr N, dois pensamentos: um, depreciativo e outro evocativo do famoso símile com que Goethe introduz os excertos "Do diário da Ottilie" no *Wahlverwandtschaften*<sup>87</sup> , o famoso escrito "As Afinidades Eletivas". Estes dois pensamentos compõem o conteúdo ou o sentido subjacente à montagem do chiste. A evocação mencionada e sua conexão com a depreciação recebem de Freud uma descrição (baseada numa construção) que pode, à primeira vista, trazer para o terreno do privado, as ligações operadas: mas isso não se dá. A reincidência temática dos escritos publicados no diário de Viena, cujo autor, é aqui objeto do chiste, "desperta" a passagem do *Wahlverwandtschaften* - "*roter Faden*". Daí, abre-se a possibilidade de, por ser vermelho, *rot*, o autor, expressar também a partir de *roter Faden* uma menção - como no caso do sonho do salmão - ao autor das tais histórias tediosas; o processo completa-se pela

---

<sup>85</sup> Ver: Op. Cit. p.22; p.33-34.

<sup>86</sup> Freud, S. Op. Cit. p.24; p.36.

<sup>87</sup> Ver: Op. Cit. p.24; p.37.

possibilidade de emitir o juízo a partir da modificação de *Faden* em *Fadian*.

Esta construção de Freud, que tenta descrever o processo de **formação** do chiste é notável no sentido de nos apresentar também o jogo envolvido na reconstrução que é sempre necessária. Se o chiste nos diz " ...*roter Fadian*..." sua compreensão depende do conhecimento de pelo menos dois pontos: o sentido de continuidade implicado no texto de Goethe '*roter Faden*' sobre o qual se opera o chiste e o *rot* que caracteriza o cabelo do mencionado escritor de terceira categoria. Somente assim, o juízo depreciativo pode ser montado e efetivado, vale dizer, devidamente reconstituído. Está assim suposto o caráter público, pressuposto, dos dois sentidos. A pauta dos sentidos necessária à compreensão do chiste e da conseqüente produção do riso é dada, ou pelo conhecimento do autor, ou pelo intróito que acompanha a própria piada.

As relações existentes entre os chistes e a linguagem podem ser abordadas de vários pontos de vista; nós aqui tentaremos, com o auxílio de alguns textos de apoio, fazê-lo de dois pontos de vista que, embora a princípio sejam próximos, na verdade não são compatíveis, fato que ficará patente no transcorrer de nossa descrição. Abordaremos algumas questões que surgiram na leitura do trabalho de Freud de um ponto de vista pragmático e de um outro embasado sobretudo no estudo das figuras de retórica. Não cabe neste trabalho, como parece ser claro, uma discussão no tocante às teses mesmas que sustentam as duas posições: grassa aqui um litígio cuja inspeção, por si só, demanda um trabalho de vulto à parte.

Tomaremos estes pontos de vista como **instrumentos** de discussão do texto de Freud.

É evidente que a leitura freudiana dos chistes, como não poderia deixar de ser, está lidando com problemas da ordem do sentido, vale dizer, problemas pertinentes à semântica. No entanto, não cabe conceber esta "semântica subjacente informal" que consta no texto de Freud como compatível com uma mera análise de expressões em relação com os seus referentes: isto sem levar em conta que aquilo que podemos chamar de "fenômeno semiótico" é de circunscrição bastante polêmica. No tratamento do chiste, podemos incorporar uma investigação que diga respeito ao **uso** da linguagem, uma investigação pragmática que recaia sobre o **tipo** de uso da linguagem que está envolvido no trabalho de chiste, já que, como é patente, o chiste faz um uso bastante específico desta. A crença subjacente a esta abordagem é a de que problemas semânticos como os envolvidos no chiste não podem ser tratados com adequação sem a incorporação teórica dos aspectos pragmáticos nele envolvidos. Antecipadamente devemos observar que não pretendemos nos colocar no lugar do lingüista, para então, daí, julgar o texto de Freud. Pelo contrário, queremos ver em que medida uma análise, por exemplo, pragmática, pode contribuir para a "abertura interpretativa" do texto freudiano, abertura esta que queremos direcionar para o nosso horizonte problemático já delineado. Tomaremos o texto de uma

conferência feita por M. Dascal<sup>88</sup> sobre o tema, alçando-o a exemplo típico de um trabalho de extração pragmática.

O próprio Dascal, numa coletânea por ele organizada e introduzida<sup>89</sup>, nos oferece uma caracterização bastante geral e interessante da pragmática. Falando de suas concordâncias com Grice, ele diz: "a pragmática não vem modificar os **significados próprios** das sentenças, mas sim, permite explicar como sentenças com **esses significados** podem adquirir em contextos de conversação particulares, interpretações diversas"<sup>90</sup> e acrescenta a título de precisão: "É à semântica que cabe a descrição dos significados, enquanto que à pragmática cabe o estudo de como esses significados podem vir a ser explorados para vincular, em contextos particulares, diversas mensagens".<sup>91</sup> Diante dessas posições, patenteia-se que o chiste é um *objet par excellence* dos estudos pragmáticos. Vejamos o trabalho de Dascal mais de perto.

A base de sua análise está fundada no fato de que os chistes são uma atividade comunicativa, coisa que Freud assenta em diversos momentos, frisando, por exemplo, o fato de que o chiste - como já tivemos a oportunidade de indicar - está preso "à condição

---

<sup>88</sup> Trata-se de uma conferência à qual estivemos presentes e somente tivemos acesso a seu texto através de uma fotocópia. Não dispomos da informação sobre sua publicação por veículos editoriais regulares, nem a data de sua produção. Nosso material tem o seguinte título: "Language use in jokes and dreans. Sociopragmatics Vs. Psychopragmatics". Daqui em diante "Language...".

<sup>89</sup> Dascal, M. (organizador), "Fundamentos Metodológicos da Linguística", Vol. IV, Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1982.

<sup>90</sup> Dascal, M. Op. Cit. p.20.

<sup>91</sup> Dascal, M. Op. Cit. p.20.

de inteligibilidade"<sup>92</sup>. O elemento acrescentado pela teoria sustentada por Dascal consiste na ligação entre comunicação lingüística e a existência de parâmetros reguladores de caráter pragmático. Esta ligação presentifica-se por ser o chiste uma atividade social cujo **perfil intencional** é produzir prazer que não se realiza senão quando do **reconhecimento** por parte do ouvinte da **intenção** do falante. Este reconhecimento é justamente aquilo que é facultado pelos parâmetros sócio-pragmáticos da linguagem, os quais serão explorados por Dascal.

Podemos entender desta perspectiva o chiste se, antes de tocarmos em sua especificidade, pudermos apresentar, do ponto de vista do uso, uma caracterização geral da fala. E Dascal nos introduz a ela. De modo geral "a fala (*speech*) é usada para transmitir uma interpretação pragmática, e o sucesso na comunicação é mensurado pela habilidade do destinatário em apanhar esta interpretação"<sup>93</sup>. O que terá peso na sua tese é que a interpretação pragmática não é simplesmente a compreensão do sentido das palavras, poderíamos dizer, daquilo que comporta o léxico, nem ainda o sentido contextual definido desde o lugar da enunciação; ela é a apreensão da "intenção do falante em anunciar tais palavras naquele contexto"<sup>94</sup>. Deste modo, **uso** e **intenção** são os conceitos que circunscrevem de modo mais amplo esta aplicação da pragmática a qual estamos nos atendo.

---

92 Ver: Freud, S. Vol. VIII, p.171; p.204.

93 Dascal, M. "Language...", p.3.

94 Dascal, M. Op. Cit. p.3.

A intenção do falante ou o sentido do falante pode ser transmitido direta ou indiretamente e é este segundo caso que irá importar para a análise dos chistes. Tanto a primeira como a segunda forma de transmitir **supõem um sentido de elocução**, digamos, regular, fechado e estável: a primeira transmissão, a direta, vai então ser lida em função de uma igualdade entre o sentido do falante e o da elocução, havendo como que uma concordância entre ambos; o segundo tipo de transmissão, como dissemos, o que nos importa aqui, é aquele cuja interpretação vai diferir do sentido da elocução.

Como chegar ao sentido do falante, à sua intenção se temos um desvio do padrão direto de interpretação? E se, como ficou patenteado, a intenção do falante é parte fundamental da interpretação pragmática e portanto da interpretação pertinente na recognição requerida pelo chiste?

A resposta dada por essa interpretação pragmática é a seguinte: utilizando-se de **chaves dispostas no contexto** e aplicadas ao sentido da elocução como **marcos** de saída.

Para Dascal, nos chistes nós encontramos um uso de marcos indiretos freqüente, de tal forma que "uma rede de interpretações são deixadas abertas". O movimento geral dos chistes vai em direção ao estabelecimento de uma **interpretação preferida** por parte do ouvinte, que é possibilitada pelas dicas indiretas, mas que, não obstante, nunca fixam-se definitivamente no decorrer da estória, interpretação essa que, esperando no limiar a sua confirmação, é

deslocada por uma "interpretação não favorecida" que vai conduzir ao efeito cômico do chiste.

Podemos ver, por meio desta rápida retomada, que a introdução do conceito de intenção, que parece inerente à pragmática, traz um custo alto no que tange à apreciação da teoria de Freud. A pergunta que esta leitura evoca poderia ser: em que medida, nos chistes, há o reconhecimento da intenção do falante, e se há, em que nível esta intenção é apreendida?

Vejamos um exemplo onde Dascal configura uma intenção indiretamente transmitida. Num ônibus, uma mulher pisa no pé de um passageiro e este lhe diz: "Madame, você certamente pesa mais de duzentos libras", ao que esta responde: "Sim, claro"<sup>95</sup>. Além da marcação de um efeito cômico que para ele é resultado freqüente da *indirectness*, Dascal nota que o fato de que o ouvinte percebe que a elocução não é uma asserção sobre o peso efetivo da descuidada senhora, não pretende ser verdadeira nem falsa de um ponto de vista cognitivo, mas "antes é uma requisição indireta para a senhora sair dos seus pés"<sup>96</sup>.

A intenção do locutor prende-se pois ao campo da elocução e é construída com base nos traços semânticos da mesma.

Poderíamos dizer que a intenção é elocutiva no sentido de que é a elocução no contexto de fala que, por meio de uso de marcadores indiretos (alusão) conduz à interpretação pragmática razoável. Isso ocorre com o chiste? Parece que não, porque não há, em nossa

---

95 Dascal, M. Op. Cit. p.5.

96 Dascal, M. Op. Cit. p.5.

opinião, intenção elocutiva, mas somente, quando muito, uma intenção geral de provocar riso que não se prende à elocução que perfaz o chiste. O exemplo de Silberstein<sup>97</sup> apresentado por Dascal parece confirmar isso. No nível em que estamos propondo realizar a análises, qual a intenção do locutor, mesmo que pensamos somente na interpretação que se realiza ao final do chiste? Apontar a "insuportável" e despropositada importância de Silberstein, ou o absurdo do mundo que o circunda, consubstanciado no comportamento da freira? Não é a intenção que é capturada, mas o absurdo dos pensamentos que descrevem a importância do personagem do chiste, ou melhor, a loucura dos raciocínios das personagens envolvidas, sobretudo consubstanciada na frase das freiras.

Seja como for, parece que a introdução do conceito de intenção causa uma perturbação na leitura do chiste, pois o

---

<sup>97</sup> In Dascal, M. "Language...", "Silberstein é um empregado de uma fábrica israelense. É o encarregado da limpeza dos escritório. Cada visita importante que chega a Israel pede para ver Silberstein. O presidente Reagan, a rainha Elizabeth, etc. O patrão de Silberstein fica intrigado. Às sua perguntas, Silberstein responde que a razão para sua fama é a de que todo domingo ele aparece ao lado do Papa, no balcão da Catedral de São Pedro, no Vaticano. O patrão não acredita. Silberstein o convida para ir à Roma no próximo domingo e verificar a verdade. No domingo, o patrão está lá na praça de São Pedro, no meio de uma multidão de 100.000 pessoas. E, de fato, ele vê Silberstein ao lado do Papa no balcão. Silberstein localiza o patrão na multidão e repentinamente o vê cair; corre para baixo para ajudar seu patrão. Quando o alcança, o patrão já havia se recuperado. "O que aconteceu?" - pergunta Silberstein. "Bem, diz o patrão, ver você perto do Papa, no balcão, não me causou muita surpresa, mas quando eu ouvi uma das freiras atrás de mim perguntar à outra :- Quem é o cara de manto branco perto do Silberstein?, eu desmaiei".

conceito mesmo é operado em dois sentidos: um primeiro, ligado à elocução, portanto ao material propriamente lingüístico; um segundo, aplicado à generalidade da visada do locutor o que desloca o conceito de seu campo de aplicação original.

Mas, além desta limitação (objeção?) há ainda um problema que parece ser mais grave. A leitura pragmática, baseada na abertura de interpretações, aplica-se aos chistes verbais? Por exemplo, como ela poderia ser aplicada a um chiste do tipo: "Cleopold" ou "os quatro calcanhares de Aquiles" e a tantos outros marcados fortemente pelo conceito de condensação? A própria noção de interpretação preferida e a sua coadjuvante de ruptura de interpretação parecem ser inaplicáveis nestes casos.

Um outro traço que a concepção pragmática parece elidir e isto em função, ao que tudo indica, ainda do conceito de interpretação pragmática, é o importante conceito de abreviação, que na verdade está ainda no campo que é próprio ao conceito de condensação. A concepção de uma abertura de interpretações e de uma subsequente fixação de interpretação parece afastar-se, por-se em movimento contrário, ao conceito de abreviação, já que a expressão do chiste como que omite um pensamento (e nisto consiste a sua técnica) não havendo alargamento semântico senão em relação à estrutura significante (verbal) do chiste, ou seja, em função dos pensamentos que lhe são inerentes. O chiste, do ponto de vista expressivo, diz muito; mas não ocorre sempre de sua expressão abrir-se semanticamente a várias interpretações.

O traço que vai distinguir a leitura que Todorov <sup>98</sup> faz de "Os chistes e sua relação com o inconsciente" é a sua convicção de que o chiste deve ser encarado fundamentalmente como um **produto da linguagem**, cuja natureza verbal dá acesso aos caminhos que conduzem ao desvelamento de seu fundamento. É a manutenção dessa perspectiva que permitirá a ela fixar uma crítica ao texto de Freud - entre outras que vão nos interessar agora - crítica essa que terá uma utilidade para o nosso trabalho, como em breve se notará.

Façamos desde logo, a apresentação de algumas das principais aquisições de seu trabalho, ressaltando que nossa triagem vai focalizar aqueles elementos que contribuem para a discussão dos conceitos de condensação e deslocamento.

Talvez o elemento mais geral que o texto em questão vai apresentar-nos é aquele que estipula a interdependência entre o estrato do significante e o estrato do significado - o aspecto verbal e o aspecto semântico que estão presentes na composição do chiste. Este apontamento, o qual, aliás, vai de encontro ao sentido do texto de Freud, visa sobretudo aperfeiçoar o tratamento lingüístico do chiste e pensar, em primeira mão, a diferenciação que deve ser feita entre o chiste verbal e o chiste conceitual (espírito das palavras - espírito do pensamento). Todorov vai nos dizer: "O significado é sempre pertinente, e o significante, sempre necessário. Mas, além disso o significante (a palavra) pode, ou não, prestar-se à substituição. Se quisermos substituir a palavra

---

<sup>98</sup> Todorov, T. "A retórica de Freud" in: "Teorias do Símbolo", Lisboa, Edições 70, 1979.

de onde vem um espírito por um de seus sinônimos e continuarmos a ter vontade de rir, então estamos no domínio do "pensamento". Se esta substituição é impossível - estamos no domínio das palavras"<sup>99</sup>. Busca-se com isso superar uma má interpretação que poderia ver no chiste verbal um trabalho exclusivo com o significante e ver no chiste conceitual um trabalho exclusivo com o significado.

Um bom exemplo da imbricação mencionada (e que serve a Todorov para fazer uma crítica a Freud no que respeita ao arranjo em classes exclusivas que este teria efetuado - Todorov conseqüentemente, indica que não devemos pensar senão em categorias permeáveis) é o do par de chistes: "Cartaginise" e "Dichteritis". Cada um destes termos poderia ser apresentado - embora não tenha sido - através da descrição que foi feita do outro, já que em ambos os casos há tanto um processo morfológico (composição de palavras) quanto um processo semântico que aproxima dois significados não ligados previamente.

Esta ligação entre significante e significado vai permitir que Todorov trate, entre outros, do conceito de condensação. Já havíamos notado a importância do conceito de "abreviação de pensamento" utilizado por Freud logo às primeiras páginas da sua investigação sobre os chistes. Os pensamentos abreviados são como que implícitos ao chiste e por isso é possível dizer que este condensa pensamentos. Freud percebe que uma tal condensação pode se operar de diversos modos, deixando ou não

---

<sup>99</sup> Todorov, T. Op. Cit. p.252.

vestígios materiais na expressão: assim, por exemplo, a formação de substitutos deixa um evidente sinal enquanto que o múltiplo uso do mesmo material não faz. Todorov tentará nos apresentar a definição destas operações desde o ponto de vista linguístico, atentando para a necessidade de compor a multiplicidade de formas que subjaz ao conceito de condensação: "Poderíamos dizer, portanto, que há condensação sempre que um único significante nos leva ao **conhecimento** de mais um significado; ou mais simplesmente: sempre que o significado é mais abundante que o significante"<sup>100</sup> .

Grifamos o termo **conhecimento** porque ele nos permite, dentro dos limites internos que são próprios à definição de Todorov, recuperar o conceito freudiano de reconstrução. Por essa definição vemos que, dentro do jogo significante-significado resolvem-se todos os problemas de ordem semântica que são pertinentes à produção e ao empreendimento do chiste. Diante disso Todorov está à vontade para acrescentar: "condensação seria, aliás, o nome de um processo cujo resultado é a densidade simbólica do dito de espírito densidade co-extensiva a todo simbolismo linguístico"<sup>101</sup> Esta afirmação não será sem consequências para nós.

Todorov mostra-nos como mesmo no âmbito do espírito de pensamento - o chiste conceitual - a função linguística que opera a passagem de um significante para mais de um significado está presente, muito embora não esteja o próprio conceito de condensação. Sua presença é garantida pelo conceito de alusão, o

---

100 Todorov, T. Op. Cit. p.253

101 Todorov, T. Op. Cit. p.254.

qual, por sua vez, é aproximado do conceito de omissão, já que "no fundo, qualquer alusão comporta uma omissão, que é a da sequência de pensamentos que conduz à alusão"<sup>102</sup>. A omissão permite-nos perceber a gama de significados que, operada a alusão, lhe estão subjacentes: o significante que realiza esta operação possui, pois, mais de um significado.

Uma importante contribuição que o trabalho de Todorov aporta está relacionada à discussão do item deslocamento, notadamente no que diz respeito à noção - tão importante para nós dada sua ligação também com aspectos econômicos que ultrapassam frequentemente a angulação semântica - de acento psíquico. A definição oferecida por Freud, tal como foi resgatada por Todorov, é inequívoca porém circular: "O elemento essencial do deslocamento, consiste no desvio de curso de pensamento, no deslocamento do acento psíquico do tema primitivo para um tema diferente"<sup>103</sup>, fato ao qual deve ser juntada a condição indispensável de que haja ao menos duas réplicas, ou ainda, "um comentário e uma réplica"<sup>104</sup>. Todorov seguindo a esteira de Freud caracterizará: "o deslocamento não é o 'duplo sentido' do enunciado inicial que permite interpretá-lo desta ou daquela maneira, mas o fato de haver ruptura entre as duas réplicas"<sup>105</sup>. Toda a questão estará focalizada na configuração desse conceito de ruptura. Tomemos um exemplo citado por Todorov e extraído do próprio Freud. "Um mercador de cavalos

---

<sup>102</sup> Todorov, T. Op. Cit. p.255.

<sup>103</sup> Todorov, T. Op. Cit. p.258.

<sup>104</sup> Freud, S. Vol. VIII. p.53; p.71.

<sup>105</sup> Todorov, T. "A retórica de Freud", p.260.

recomenda um corcel a um de seus clientes: 'Se você pega este cavalo e o monta às 4 da manhã, às 6 e meia estará em Presburg'. - E o que eu faço em Presburg às 6 e meia da manhã?"<sup>106</sup>. O recurso teórico usado por Todorov é tirado da pragmática. O que é evidente aqui é que a ambiguidade que está presente neste chiste é relativa ao uso - o que nos lembra Dascal - ou seja, a ambiguidade é pragmática e não semântica. Assim, o primeiro enunciado do chiste "pode ser tomado como exemplo da qualidade do cavalo (e, nesse caso a viagem é hipotética) ou como a descrição de uma viagem real: é a construção condicional - e, através dela, o valor alocutório global do enunciado - que permite uma dupla interpretação"<sup>107</sup>. Segundo Todorov, fica como que patenteado que o fenômeno linguístico chamado deslocamento não é mais do que "a incoerência de dois segmentos de um texto"<sup>108</sup>. Até aqui não há nada que diferencie de maneira radical a posição de Freud da de Todorov. Qual será então a diferença? Vejamos isso em cima de um exemplo: "dois judeus encontram-se nas vizinhanças de um balneário. 'você tomou um banho?' pergunta um deles. O outro lhe responde, perguntando por sua vez: 'O quê? Há um faltando?'"<sup>109</sup>.

A posição de Freud é a de que entre as duas locuções há um desvio no curso do pensamento, configurando um deslocamento, consubstanciado na ênfase dada ora a 'banho' - na primeira locução - ora a 'tomou', na segunda locução.

---

106 Freud, S. Vol. VIII. p.53; p.71.

107 Todorov, T. "A retórica de Freud" p.260.

108 Todorov, T. Op. Cit. p.260.

109 Freud, S. Vol. VIII. p.48; p.65.

Muito embora Freud admita neste chiste uma dependência quanto à verbalização, assim como em outros, o aspecto verbal não é senão veículo para que se realize o desvio encontrado na réplica: assim, Freud admite que no chiste do banho, é a resposta que constitui um caráter cômico, chistoso. É por isso que ele nos diz que o deslocamento no chiste, diz respeito, na verdade, ao curso do pensamento. A objeção de Todorov recai sobre o fato de que o elemento deslocamento de assento' seja utilizado para definir todos os casos da técnica de deslocamento; ele não nega que haja possibilidade de assento, mas afirma que a categoria de incoerência - reinterpretação - é mais geral.

Desde essas considerações feitas por Todorov, qual a crítica mais geral que este pode fazer ao trabalho de Freud? Ora, durante todo o seu trabalho, ele procurou demonstrar que os chistes eram essencialmente formados dentro dos parâmetros que são inerentes às atividades linguísticas. No entanto, para Freud, os processos dos chistes, tais como a condensação e o deslocamento etc, são basicamente devidos à contribuição da atividade inconsciente: eles são o resultado do contato de um pensamento normal com processos que são particulares ao inconsciente. Um dos mais notáveis textos que confirmam esta posição é aquele que nos apresenta a hipótese freudiana da formação dos chistes: 'Um pensamento pré-consciente é entregue por um momento à elaboração inconsciente, e seu resultado é apreendido em seguida pela percepção consciente"<sup>110</sup>. O resultado disso é que o trabalho

---

<sup>110</sup> Freud, S. Op. Cit. p.159; p.190.

semântico que é produzido no chiste é remetido ao inconsciente. Mas, não obstante, para Todorov "o mecanismo simbólico que Freud descreveu nada tem de específico, mas operações por ele identificadas (no caso do espírito) são, simplesmente, as de todo o simbolismo linguístico tal como foram inventariadas particularmente por toda a tradição retórica. Num estudo aparecido em 1956, Todorov aponta, Benveniste já percebera muito bem tudo isso: ao descrever o sonho e o espírito, Freud reencontrara, sem o perceber, 'o velho catálogo dos tropos'<sup>111</sup> .

Atingimos assim, o ponto crítico que já havíamos anunciado. O trabalho de Todorov permite-nos perceber uma certa tensão interna à obra de Freud, que precisa ser considerada: a presença da linguagem, com toda a sua tessitura, por um lado, a participação do inconsciente, com todas as suas propriedades, do outro. Como conectar estes dois elementos, agora que esta tensão foi, digamos assim, tornada concreta? Sabemos de antemão que o texto de Todorov não vai apontar nenhum caminho; pelo contrário, achamos que ele como que fecha, obstaculiza, as vias de acesso a uma possível solução. Ou ainda, se quisermos ser mais otimistas, ele não trabalha com conceitos que possam ao menos prometer uma tal solução.

Se estamos interessados em saber qual é a efetiva ligação entre o domínio do chiste, que é um domínio de linguagem, (mesmo que o seu estatuto enquanto tal não seja de fácil ou unívoca expressão), com o do inconsciente, um bom passo seria, talvez,

---

<sup>111</sup> Todorov, T. "A retórica de Freud" p.275.

lembrar com Freud que há um papel a ser desempenhado pelo campo pulsional no chiste. Para ele o chiste perfaz um objetivo pulsional, ou seja, por intermédio do método do chiste há a realização de um percurso pulsional, seja de ordem sexual, seja de ordem da hostilidade, que em função das inibições tanto internas quanto externas, encontrava-se suspenso. Não vamos tratar aqui do conceito de pulsão, devido à extensão dos problemas que isso implica. Para os nossos fins atuais, basta-nos, por exemplo, lembrar o perfil que é peculiar ao "Smut", tal como Freud o caracteriza: o "Smut" apresenta de saída um caráter eminentemente sexual, presentificado no desmascaramento daquilo que é sexual no outro. A ligação com a pulsão se faz de modo genérico assinalando que em primeiro lugar "o ver substitui o tocar"<sup>112</sup>; e a seguir a linguagem representa, no nível do pensamento, aquilo que é visto.

Dado que a pulsão está presente, podemos arriscar, tendo isso como pressuposto, uma leitura que tente harmonizar a tensão a pouco referida a partir da consideração de um texto do próprio Freud, que tenta refletir sobre o instante de formação do chiste. "O chiste possui, de modo sobressalente, o caráter de uma 'ocorrência involuntária'. Um momento antes não se sabe que chiste será feito, como se só lhe faltasse ser vestido com palavras. Pelo contrário, sente-se algo indefinível que eu me inclinaria a comparar com uma ausência, um repentino cessar da tensão intelectual, e eis aí que o chiste brota de golpe, o mais das vezes

---

<sup>112</sup> Freud, S. Vol. VIII. p.93; p.118.

junto já com a sua vestimenta"<sup>113</sup>. Este texto, que ressalta o caráter involuntário e instantâneo do chiste, é claro: aquele que elabora o chiste tem somente em seu pré-consciente os pensamentos que estão sujeitos à inibição, os pensamentos que nós - os analistas do chiste - obtemos por reconstrução. Sabemos que se há obstáculos, inibições, é porque algo da ordem pulsional entrou em jogo. Assim, estes obstáculos são determinados pela pulsão na medida mesma em que ela aponta para uma "realização possível". O processo de elaboração do chiste vai justamente superar este obstáculo. Vejamos o chiste de Hyacint. Pensamos primeiro: 'R tratou-me de modo familiar'; pensamento segundo suprimido: isto é, tanto quanto isto é possível a um milionário. Sobre a base de um contexto no qual R é equivalente a um milionário, poderíamos dizer que, se admitirmos, mesmo a título de hipótese, ser este um chiste hostil, a pulsão hostil deve prender-se a R. Este elemento, que faz a ponte entre o inconsciente e os pensamentos pré-conscientes, determina o ponto de captura do segundo pensamento no mesmo movimento em que determina o locus de simbolização que é 'millionar'. Deste modo a **pulsão sinaliza e abre espaço** para a formação do chiste - a superação da inibição; não obstante, o método técnico que perfaz o chiste, causando a condensação constatada, opera-se no registro simbólico que é próprio aos materiais linguísticos que estão em jogo.

Como presentifica-se como isto o inconsciente? Nossa visão é que ele, desde a sinalização que opera, entra em cena com o

---

<sup>113</sup> Freud, S. Op. Cit. p.161; p.192.

processo primário, exatamente o processo que, pelas características que são conhecidas, permite a pulsão hostil contra R **realizar-se**, perfazer-se, em "familiarmente".

Esta leitura parece concordar com o resultado de nossa pesquisa realizada na "Interpretação dos Sonhos": lá também encontramos um nível em que o sentido, no seu elemento próprio, permitia a passagem da energia, ou seja, permitia a realização da pulsão. Lá também, o aspecto econômico da pulsão parecia presentificar-se sobretudo sobre a forma de um processo.

\*

Visando mostrar mais um ângulo da extensão relativa aos movimentos semânticos, às simbolizações que estão presentes quando da ligação entre o inconsciente e a ordem da linguagem - entendida no sentido mais largo - faremos uma rápida incursão por um exemplo retirado da "Psicopatologia da Vida Cotidiana", com vistas também a evidenciar uma particularidade no tratamento que Freud dá às questões que envolvem o sentido nesse texto.

O caso do esquecimento do nome *Signorelli* e da correlativa lembrança de dois outros nomes, *Botticelli* e *Boltraffio*, é caracterizado por Freud como um caso de "perturbação de um tema novo que emerge pelo precedente"<sup>114</sup>.

Preliminarmente gostaríamos de apontar para o fato de que o termo "tema" - *Thema* no original - é usado de um modo muito mais

---

<sup>114</sup> Freud, S. "Psicopatologia da vida cotidiana", Vol. VI, p.10; p.21.

largo e generoso do que o termo "pensamento" - o primeiro termo aparecendo desde o seu trabalho anterior de 1898, que trata amplamente do assunto do esquecimento - e tem um importante papel a desempenhar na qualificação da extensão da esfera do sentido. Assim, ele ultrapassa o termo "pensamento", na medida em que não contém o mesmo grau de determinação deste, geralmente aplicado no sentido mais restrito de **um** pensamento ou conjunto deles, tal como o encontramos, por exemplo, no caso dos chistes, ao passo que um tema é uma categoria semântica que pode marcar sua presença em todo um vasto corpo de significações, por exemplo, o próprio tema da morte que está presente nos afrescos, mas também pode ser encontrado em outros tipos de pintura. Não obstante o que foi dito, é evidente que o pensamento pode também, ele mesmo, conter um tema, como aliás é o caso na presente descrição do esquecimento.

Ultrapassa também, de maneira mais evidente, a extensão das representações de coisa. Como parece ser claro, o espectro semântico de um tema, em sua amplitude e abstração, é muito maior que o conjunto das representações que possam compô-lo do ponto de vista de um psiquismo tomado em sua materialidade concreta, sobretudo se levarmos em conta a raiz efetiva das representações de coisa. O tema abrange, nele mesmo, num nível superior, essas representações e outras mais que possam ser tomadas como a sua encarnação. Assim, o tema não pode ser concebido como redutível às representações que um certo psiquismo pode conter, muito embora estas mesmas representações possam ser um caso do tema.

Façamos agora um rápido apanhado do quadro do esquecimento. Na concepção de Freud, o tema novo - o perturbado - é aquele que inclui o nome *Signorelli* e que diz respeito aos afrescos de Orvieto conhecidos como "As Quatro Últimas Coisas". Os temas antecedentes, presentes na conversa durante a viagem pouco antes do esquecimento, são relativos aos costumes dos turcos da Bósnia, tanto no que respeita à sua resignação com relação à morte, quanto ao que é atinente à importância por eles concedida ao prazer sexual. Quanto ao segundo tema, o sexual, Freud comunica-nos que muito embora tenha estado presente em sua mente, foi censurado por tratar-se de um assunto pouco adequado a uma conversação com pessoa desconhecida. Além disso, ele admite que, com a suspensão do segundo tema, na verdade tenta impedir que a conversa atinja um tema correlato que lhe afligia, ou seja, o tema da morte de um paciente que cometera suicídio em função de graves dificuldades sexuais, notícia que lhe havia chegado na pequena cidade de Trafoi. Entretanto, os esforços de Freud não foram bem sucedidos, pois o tema da morte e da sexualidade foi de fato despertado pelos assuntos casuais da conversa no trem; este é o fator que comanda o esquecimento e a substituição.

Os dois temas foram expressos por meio de uma locução que contém o termo "Herr" (Senhor). Este fato, inicialmente, já permite-nos perceber que a representação de palavra pode manter relações bastante mais amplas do que a estrita relação com as representações de coisas, posto que, como o exemplo indica, o termo

"Herr" estará em condições de simbolizar o próprio tema reprimido. Como esta simbolização se deu?

No plano dos pensamentos antecedentes que se aproximam do assunto que repugna a Freud recordar, encontramos uma exemplificação dos temas por meio de duas locuções que se iniciam pela palavra "Herr": "Herr, o que hei de dizer...", apresentando o tema da morte e " Herr, se aquilo ...", o da sexualidade. O movimento repressivo-defensivo se dá sobre o elemento que conjuga, reúne, os dois temas que, de fato, estão presentes no pensamento a ser afastado do suicídio do paciente. Assim sendo, "Herr" simboliza a própria unidade, o tema, a ser afastada. Quando entra em pauta conversa no trem, alusiva aos afrescos, que contém os temas relevantes, morte e sexualidade, o elemento que operou a unidade temática, simbolizando-a, continua a funcionar, dragando "Signor", o equivalente de "Herr".

Retomando, apreendemos assim que um sentido concebido de modo genérico, ou seja, amplo e indeterminado como o conteúdo de um tema, opera no esquecimento. A partir de certos elementos de destaque nos temas subjacentes, ou melhor, nas locuções que os exprimem, percebemos o ponto onde opera-se uma captura: Signor. Uma tal sucção sustenta-se num duplo movimento: os pensamentos antecedentes tem um movimento que tende para sua exclusão da consciência; *Signorelli*, por sua junção com o tema de Orvieto sinaliza uma co-pertencença à sequência de pensamentos representada por "Herr" ; e assim, "Herr" como que simboliza (representa) todos os temas reprimidos: tanto os temas antecedentes que vão em direção

ao desprazer, quanto o tema novo que na verdade continuava, por uma via totalmente indireta, o tema reprimido. À associação "externa", "Herr-Signor", que opera em nível significante, junta-se uma associação "interna" : tema da morte, sexualidade.

Muito embora neste exemplo seja difícil localizarmos o "ponto de apoio da pulsão", (fato que parece ser devido ao apontamento bastante geral do traço sexual, coisa atestada também pelo surgimento desconectado com o aspecto pulsional do princípio do desprazer: este aparece no texto quase que reduzido a um "desagrado", a uma insuportabilidade de ressonância mentalista) podemos perceber que há todo um trabalho de sentido levado a cabo no elemento mesmo da linguagem, um trabalho simbólico, que tem as mesmas características de relativa autonomia que encontramos ou apontamos nos chistes.

## Capítulo 2

### Fantasia e sentido

O momento da investigação no qual nos encontramos impeliu-nos a continuar o nosso trabalho fazendo uso de um recurso que nos possibilitasse descortinar o mais amplamente possível, no conjunto de textos que agrupamos à nossa frente - constituídos dos trabalhos que antecedem a metapsicologia de 1915, levando-se em conta os textos que já exploramos - os desenvolvimentos conceituais que podem confluír para a caracterização da ordem do sentido e para o que, de um modo ou de outro, possa garantir a sua inteligibilidade.

Sendo assim, pareceu-nos oportuno considerar o plano que corresponde preferencialmente ao sentido através da presença do desejo e do desdobramento da pulsão. Tendo em vista esse fim, o conceito de fantasia pareceu-nos taticamente adequado para funcionar como um polo atrator que permitisse expor o leque problemático no qual se insere o desejo, pois através dele, podemos perceber um fio que perpassa algumas conceitualizações importantes da obra freudiana, sobretudo as que são encontradas nos casos clínicos.

Antes de prosseguirmos, talvez seja útil fazer uma aproximação genérica, uma retomada, entre os conceitos de desejo e de sentido, pautada apenas pela necessidade de apresentar uma ligação imediata entre eles, sem entrar na particularidade - que se depreenderá de nossos desenvolvimentos posteriores - dos diversos momentos teóricos em que podemos encontrá-los. Deste modo, se o desejo aparece no plano metapsicológico como uma propensão do aparelho psíquico a reinvestir a representação de um objeto que foi prazeroso, como vimos anteriormente, no plano propriamente psíquico esta propensão tem no objeto representado o seu sentido. Fica evidente que esta ligação entre desejo e sentido tem aplicação somente no nível **elementar** em que o próprio desejo é definido **apenas** como o movimento de reencontro do objeto prazeroso. Assim, podemos dizer que deste ângulo definicional a relação entre desejo e sentido é fechada, marcada pela onipresença do objeto.

Desenvolvamos um pouco algumas idéias implícitas no que acabamos de dizer levando em conta a fantasia. A representação do objeto é uma figuração do objeto, ou seja, é a imagem do objeto na mente. No plano que estamos discutindo há somente o objeto e sua representação e o desejo e a fantasia são quase que indistinguíveis. No entanto, como podemos diferenciar desejo e fantasia? Se diferenciamos por meio apenas da separação entre metapsicologia e psicologia, o desejo sendo descrito no

primeiro plano, e a fantasia no segundo, damos uma solução somente parcial. Sempre poderíamos nos perguntar: mas, e no mesmo plano, qual é a diferença entre os dois? Talvez a questão possa ser respondida mais facilmente se investigarmos qual é o elemento que se agrega à fantasia para formá-la, já que tudo indica que o desejo é, se assim podemos dizer, o elemento primitivo? Evidentemente, trata-se de algo ligado à idéia mesma de realização. Assim, seria um fator agregado à representação de objeto que a qualificaria, a fantasia, como sendo realizada. Como é claro, a realização não pode se reduzir à mera atualização da representação mas, necessariamente, deve ser um enriquecimento em relação ao estado primário desta. Assim, o traço imaginativo, neste plano, ganha corpo, pois a fantasia, na verdade, envolve uma **situação** que apresente a representação do objeto do desejo sendo, de algum modo, atingida. Logo, a fantasia, intrinsecamente, amplia o sentido que é próprio ao desejo. A realização do desejo que encontramos na fantasia não pode ser conceitualmente o mero surgimento da representação ativado por um movimento pulsional. Este é o marco conceitual a partir do qual propomos acompanhar as idéias de Freud sobre o tema.

Como seria de se esperar, a teoria de Freud não desenvolve de um modo equitativo, a cada texto, os conceitos já mencionados: é em razão disso que alguns escritos de

Freud acabam privilegiando mais um aspecto conceitual que outro.

Para que possamos ter ao menos uma noção do andamento conceitual que foi realizado com o passar dos anos, faremos um rápido recuo a alguns dos primeiros trabalhos de Freud sobre a fantasia, para depois partir do ponto em que nos detivemos no capítulo anterior.

Como é sabido, é com o abandono da teoria da sedução que Freud abre espaço para o conceito de fantasia. Discutiremos este marco na teoria de Freud em breve. No momento, queremos indicar que o contorno teórico da fantasia vai se firmar paulatinamente; há um trabalho de montagem conceitual que é coetâneo a certas organizações teóricas da obra freudiana. Tais organizações vão permitir apreender o papel, a significação para a teoria, que pode ser, a cada momento, assignado ao conceito de fantasia.

Muito embora não procure ser exaustiva, a leitura de Laplanche e Pontalis em "Fantasia originária, fantasia das origens e origem da fantasia", nos parece uma importante contribuição ao estudo do tema. Estaremos, sempre que julgarmos necessário, levando-a em conta nesta parte da investigação.

\*

Vamos começar fazendo algumas considerações a respeito de textos que antecedem a dissolução da teoria da sedução. O melhor lugar a ser investigado, se queremos lidar com o assunto das fantasias, são as memoráveis cartas que Freud enviou a seu amigo Wilhelm Fliess. Ao consultarmos esse vasto epistolário, publicado entre nós em 1986 em edição de Jeffrey M. Masson como correspondência completa, verificamos que é por volta de maio de 1897 que se inicia a formulação das idéias mais completas e interessantes sobre o assunto. Trata-se da discussão que toma fôlego naquilo que a edição de Masson chama de "A Arquitetura da Histeria". Ela se inicia como esboço teórico ao rascunho L, o qual segue como anexo a uma carta datada de 2 de maio de 1897, já ocupada com o anúncio das reflexões recentes. As preocupações que Freud manifesta em carta por essa época podem ser descritas como estando em torno do problema da efetividade da sedução, fato exemplificado na descrição de caso que ele fez em correspondência imediatamente anterior, de abril de 1897: havia aí uma evidente, porque lhe parecia suficientemente indicada, sedução da paciente pelo pai. Talvez não seja ocioso relembrar que a teoria da sedução fixou-se desde 1895, funcionando por essa época - até setembro de 1897 - como a chave explicativa das neuropsicoses de defesa.

A carta endereçada a Fliess, de 2 de maio de 1897, vai resumir o pensamento freudiano: " ... adquiri uma noção

segura da estrutura da histeria. Tudo remonta à reprodução de cenas [do passado]. A algumas se pode chegar diretamente, e a outras, por meio de fantasias que se erguem à frente delas. As fantasias provêm de coisas que foram ouvidas, mas só posteriormente entendidas, e todo o material delas, é claro, é verdadeiro. São estruturas protetoras, sublimações dos fatos, embelezamentos deles e, ao mesmo tempo, servem para o alívio pessoal"<sup>1</sup>. Sendo assim, verificamos que a carta lança a idéia de que as fantasias dependem de um material real, sobre o qual ela trabalha e manipula, com o propósito, Freud afirma, de **proteger** o indivíduo das cenas do passado. O anexo, conhecido como rascunho L, vai apenas reafirmar, completando a especificação, o que foi dito. Por seu intermédio verificamos que a proteção aludida, na verdade, significa aos olhos de Freud um impedimento do acesso às recordações, às *Urszenen*. Quanto ao tipo de material utilizado na construção das fantasias, pouco é acrescentado. No entanto um elemento chama a nossa atenção. Vejamos o que diz uma passagem na qual é discutido exatamente esse assunto: "[as fantasias] são fabricadas por meio de coisas ouvidas e das usadas posteriormente, assim combinando coisas experimentadas e ouvidas, acontecimentos passados (da história dos pais e antepassados) e coisas que

---

<sup>1</sup> in Masson, J. M. "A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (1887-1904) ", Rio de Janeiro, Imago, 1986, p.240.

foram vistas pela própria pessoa"<sup>2</sup>. É interessante notar como aqui não são somente elementos propriamente vivências, no sentido forte do termo, que são utilizados no fantasiar; há um uso de material do passado contado, o que parece qualificar uma ligação de sentido narrativo com a cena suposta que está na base da fantasia. Não há, entretanto, desenvolvimento maior dessa idéia no próprio escrito de Freud e, ao que parece, apenas devemos entendê-la como a admissão de que os materiais referidos podem compor a base das fantasias. Sendo assim, parece que Freud atribui, neste primeiro momento, um papel eminente funcional à fantasia, situando-a no registro da proteção do indivíduo.

O movimento conceitual do manuscrito, ou rascunho M - um anexo à carta enviada por Freud em 25 de maio de 1897 - nos permite retirar as seguintes conclusões: as fantasias, neste escrito, são tidas como **formações defensivas** baseadas, em primeira instância, sobre recordações as quais eram, em seu interior, desfiguradas, desorganizadas; ou seja, a fantasia era tida como uma falsificação, com caráter defensivo, da memória. Ela "visa a tornar inacessível a lembrança da qual provieram ou podem provir os sintomas"<sup>3</sup>. Freud está preocupado, neste trabalho, sobretudo com a finalidade e o método de distorção das fantasias - amalgamento e fragmentação - cuja consequência mais notável

---

<sup>2</sup> Op. Cit. p.241.

<sup>3</sup> Op. Cit. p.248.

é o desmantelamento das relações temporais que funcionariam como guia no encontro das recordações importantes. "Assim, a conexão original torna-se impossível de rastrear"<sup>4</sup>. Verificamos, desta forma, que as relações temporais atuantes como ligação entre representações, ou seja, capazes de estabelecer uma ordem interna de sentido, não comparecendo, impedem que o mesmo seja apreendido. As cenas do passado que se conectam com os sintomas dando significação ao conjunto, ficam, devido a interferência da fantasia, inacessíveis.

Há ainda um elemento importante a ser lembrado: as fantasias, desde que suficientemente intensas, emergem na consciência e provocam uma reação de defesa. Esta, por sua vez, vai então gerar um sintoma, como é o caso, por exemplo, na fobia. O manuscrito N, escrito poucos dias depois do M, nada acrescenta ao que já foi definido. A carta 66 traz algumas modulações que confirmam o que foi dito: nela fica realçado que as fantasias, que aparecem como derivações de recordações que já sofreram o rechaço da defesa, podem sofrer subsequentemente as agruras do mesmo processo. Assim, aos sintomas já formados pela repressão de recordações, serão agregadas novas determinações de sintomas, de uma ordem superior, advindas da fantasia.

Parece que estes textos breves têm o mérito de mostrar em seu conjunto como Freud, ao iniciar suas reflexões sobre a fantasia, estava preocupado com a busca de

---

<sup>4</sup> Op. Cit. p.248.

um elemento real - preocupação que perdurou, de modos variados, durante muitos anos - justamente aquele que estaria na base da formação da própria fantasia. Para Freud, neste momento, a fantasia era produto da elaboração efetuada sobre um traço de memória de um evento, de uma representação de algo realmente ocorrido: a fantasia derivava deste acontecimento chave, que envolvia a sedução, e não podia ser pensada sem ele. Ele se ocupava com a concepção de que a fantasia era uma defesa que se aplicava justamente sobre as recordações traumáticas tidas como derivadas de um real, ou seja, a fantasia não estava basicamente vinculada a um desejo, mas a um evento. Além disso, se o tema do sentido se liga a ela, é pelo negativo, na medida em que ela o obstaculiza, não permitindo que vinculações entre as representações se dêem.

Se tomarmos, então, a famosa carta 69 - que estabelece dramática e definitivamente o fim da teoria da sedução, tal como ela havia sido pensada - escrita pouco mais de quatro meses depois, 21 de setembro de 1897, das comunicações que estivemos analisando até aqui, vamos nos defrontar com uma modificação decisiva: o fator accidental, o acontecimento apregoado pela teoria, perde sua razão de ser; o componente exógeno e de realidade perde seu direito de cidadania.

Como alguns analistas da obra de Freud apontaram, o abandono do fator externo, que nos moldes do pensamento

freudiano da época significava a presença da sexualidade, tal como ela era identificada, acarretou uma espécie de retorno ao determinismo de molde organicista característico da psiquiatria clássica. O próprio Freud vai dizer: "o fator da predisposição hereditária recupera uma esfera de influência da qual eu me incumbira de desalojá-lo - em prol do esclarecimento da neurose"<sup>5</sup>.

Como é evidente, estamos frente a um problema na conceitualização da fantasia. De um lado, como o pensamento de Freud sobre a fantasia indicou, temos a necessidade da presença de um elemento real que funcionaria como a matéria prima sobre a qual ela se forma; de outro, a negação da teoria da sedução eliminou o papel dos elementos que ocupavam o lugar desse real. Laplanche e Pontalis vão frisar a dificuldade, indicando o caminho que Freud haveria de seguir: "posto que o real, em uma de suas modalidades, falta e se revela não sendo mais do que uma 'ficção', é preciso buscar em outra parte um real que funde esta ficção"<sup>6</sup>. Para os dois autores o fato de Freud não ter realizado à época uma articulação entre a sexualidade infantil e o Édipo implicou que não lhe fosse dada outra opção senão seguir uma via de determinação endógena: "se esta existe [a sexualidade

---

<sup>5</sup> Op. Cit. p.266.

<sup>6</sup> Laplanche, J. e Pontalis, J. B. "Fantasia Originaria, Fantasia de los Origenes, Origen de la Fantasia", in "El Inconsciente Freudiano y el Psiconálisis Frances Contemporáneo", Buenos Aires, Nueva Vision, 1969, p.116.

infantil]], como demonstram irrecusavelmente a observação e a clínica, então só pode ser concebida como realidade biológica, e a fantasia é só a expressão segunda desta realidade...quase não se pode, então, reconhecer à fantasia uma realidade física - no sentido que Freud soube dar, às vezes, à expressão - já que a realidade é remetida inteiramente a uma sexualidade endógena cujas fantasias não poderiam ser mais que uma floração imaginária"<sup>7</sup>

A leitura de Laplanche e Pontalis, embora relativizada pelos próprios autores ao apontarem para as linhas de desenvolvimento da pesquisa freudiana desde então - o reconhecimento de que a fantasia é um conteúdo latente; a idéia de que ela é uma realidade psíquica; a busca de seu fundamento - pode operar, no entanto, o apagamento de uma linha de força no pensamento de Freud que nos parece significativa, mesmo sendo correta no que diz respeito ao papel preponderante que a constituição então assumiu. A fantasia, desfeita a hipótese de uma sedução real que deixava um traço de memória, sobre o qual ela se erguia, apareceu então no interior da descrição **global** da neurose sem seu fundamento anterior. Mas, como a fantasia não ocupou o lugar explicativo da cena de sedução, pois ela não cumpre o mesmo papel teórico que a sedução - já que não possibilita a lógica explicativa desta - não faz sentido acreditar que a busca de um fundamento real que movia Freud na explicação da

---

<sup>7</sup> Op. Cit. p.118.



neurose se aplique a ela, pois, repetimos, a fantasia não surgiu então como peça chave no deslindamento da etiologia da neurose. A ligação entre o plano biológico e a fantasia é uma espécie de subproduto de um remanejamento maior - da cena de sedução para a predisposição hereditária - realizado por Freud. Esta consideração acarreta, segundo pensamos, que não havia um motivo conceitual para que Freud buscasse tão imediatamente um real que fundasse a ficção, como parece indicar o texto dos críticos franceses. A hipótese da hereditariedade vai relacionar-se genericamente com a neurose como um todo e não especificamente com a fantasia, categoria ainda sem um lugar teórico perfeitamente definido na teoria da neurose que restou. Se podemos dizer assim, sobrou, na rede de pensamento sobre a fantasia ligada ao evento da dissolução da teoria da sedução, um índice de realidade que espera ser unido a determinações que não esvaziem o conceito de fantasia em seu todo.

Afirmar que a fantasia apareceu como segundo plano da atividade sexual biologicamente concebida implica em desalinhar um resultado investigativo que não se perdeu completamente com a queda da teoria da sedução. Pois a fantasia, no quadro da própria teoria da sedução era também um plano derivado e, seja como for, o aspecto representativo da fantasia, apreendido sobretudo nos seus **modos de formação**, garantiu um estatuto de realidade psíquica à fantasia: ela tinha um processo de constituição com

finalidade e não tendia apenas a ser entendida como um mero reflexo simples, epifenômeno ôco da sexualidade de base orgânica. Na verdade ela ainda era um problema sem solução satisfatória, mas apontava, na medida em que guardava a sua finalidade defensiva e deformadora, para um papel conceitual que a colocasse mais perto do desvendamento etiológico da neurose.

Se quisermos tomar contato, sem pretender a exaustividade, com as determinações iniciais progressivas do conceito de fantasia, um dos textos mais importantes que seguem à negação da teoria da sedução é o das "Lembranças Encobridoras". Há neste texto alguns elementos definicionais importantes que voltaremos a encontrar em trabalhos posteriores.

A fantasia aparece aqui como um dos componentes fundamentais da constituição das lembranças encobridoras. A concepção de Freud sobre aquelas lembranças da infância cujo conteúdo parece ser de todo indiferente, desprovido de importância emocional, e no entanto são vivamente trazidas à mente, está marcada pela idéia de que tais representações são o resultado do jogo de forças opostas que podem ser encontrados em todas as neuroses. Assim, ele pode dizer que - ampliando a aplicação do conceito - em analogia com o que acontece nos casos destas rememorações em pessoas normais, mesmo num caso de paranóia também podemos encontrar lembranças de elementos insignificantes que escondem fatores

na verdade aflitivos: "o processo aqui discernido - conflito, repressão, substituição com formação de compromisso - retorna em todos os sintomas psiconeuróticos"<sup>8</sup>. Como não estamos aqui interessados diretamente em trabalhar com as lembranças, vamos tentar cernir o papel da fantasia nestas formações. Para poder delimitá-lo, devemos observar que Freud vai atuar analiticamente em relação a tais lembranças, fato que terá como consequência a localização da fantasia em relação ao todo do material que foi paulatinamente obtido.

Freud usa para expor o assunto o recurso da reprodução de um diálogo ocorrido na análise de um caso clínico. Na verdade, como nos alerta o editor das obras completas, este texto não é senão o fragmento transformado de um trecho de análise autobiográfico. Não vamos retomar o caso enquanto tal, mas apenas qualificar os pormenores que podem nos interessar. Sendo assim, dada a lembrança da infância estranha e injustificada inicia-se a análise. O primeiro ponto que gostaríamos de relevar é o fato de que a "recordação" ocorre pela primeira vez numas férias transcorridas aos 17 anos do paciente, fato que revela a Freud o indício de que houve um lançamento para o passado de pensamentos pertencentes àquela época. Além disso, a análise traz à tona duas fantasias, devaneios que Freud não se

---

<sup>8</sup> Freud, S. "Sobre as recordações encobridoras", Vol. III. p.302; p.338.

constrange em caracterizar com o nome comum de "castelos no ar", ocorridos no mesmo período. As duas fantasias figuram desejos surgidos em contextos bastante específicos, onde ficam evidenciados a percepção dos traços de fragilidade econômica para os quais o encontro com certas mulheres ofereceria uma solução, já que elas estavam em condições financeiras excepcionais. O conteúdo destas fantasias, que figuravam imaginativamente a resolução dos problemas que afligiam o "paciente", foi perfeitamente consciente na época mesma em que ocorreram, e foram retomadas na situação de análise sem maiores dificuldades. Em função do material intermediário colhido na análise, Freud não tem restrições em indicar o que ocorreu: "as duas fantasias se projetaram uma sobre a outra, e assim se constituiu uma recordação de infância"<sup>9</sup>, ou seja, produziu-se uma lembrança que encobriu **os desejos expressos** nas fantasias conscientes, o desejo de ter uma boa vida, possivelmente condenado pelo todo do caráter do jovem.

Não obstante, há ainda um outro ponto a ser considerado. Sua importância está em que ele agrega uma determinação ao caso que na verdade fundamenta o papel da fantasia na construção das lembranças e esclarece, por outro lado, um tipo de fantasia. Trata-se da fantasia que tem em seu bojo o elemento mais propriamente sexual, concebida por Freud como um prolongamento dos pensamentos conscientes

---

<sup>9</sup> Freud, S. Op. Cit. p.309; p.346.

encontrados nas fantasias de boa vida mas que, muito embora estivesse representada de modo peremptório nas lembranças infantis, estava afastada da consciência. Deste modo, esbarramos com fantasias inconscientes que, na realidade, nunca chegaram a ser conscientes, tendo sido afastadas de antemão em razão de seu conteúdo. O modo como Freud apresenta o tema não é desprovido de humor. "O mais atrativo de todo o tema é, para o espertalhão, a representação da noite de núpcias; o que sabe ele o que vem depois {*nachkommen*; também 'ter descendência'}? Mas essa representação não ousa sair à luz: a voz dominante da discrição e do respeito pela garota a mantém sufocada. Então permanece inconsciente...E troca de caminho para uma recordação infantil. O senhor tem razão; o grosseiramente sensual da fantasia é a razão de que não se desenvolva em uma fantasia consciente, mas que se veja na necessidade de conformar-se com que se retire numa cena infantil, como alusão em forma metafórica {*Verblümt*, 'floral'}"<sup>10</sup>. Fica assim esclarecido o mecanismo da formação da lembrança: uma fantasia inconsciente relacionada a fantasias conscientes busca um meio de expressão alusivo e com ela draga para o campo do mesmo modo de expressão o material consciente, processo reforçado pelas críticas conscientes que elas já haviam sofrido.

---

<sup>10</sup> Freud, S. Op. Cit. p.310; p.348.

Temos que levar em conta também que, segundo Freud, além das lembranças encobridoras infantis serem constituídas a partir de fantasias, digamos assim, de uma fase "pós-infantil", existe também a possibilidade de que experiências da primeira idade, que passaram pela repressão, possam ser a base da elaboração de "lembranças" que lhe sejam posteriores na ordem do tempo. No primeiro caso, infantis são as lembranças encobridoras e o material de memória utilizado na expressão das fantasias; no segundo, infantis são os materiais da fantasia.

Percebemos então que, neste texto, as fantasias mantêm uma relação diversificada com o registro infantil e, ao menos do ponto de vista da organicidade teórico-conceitual, este registro não está, como sabemos, plenamente conectado com o registro da sexualidade.

Em 3\1\99, presumivelmente antes do presente texto ser escrito, Freud envia uma carta a seu amigo Fliess na qual revela: "um pequenino dado de minha auto-análise forçou passagem e confirmou que as fantasias são produtos de períodos posteriores e que são projetadas, a partir do que era então presente, para épocas mais remotas da infância"<sup>11</sup>. Esta comunicação, que corrobora a primeira vertente de análise do trabalho sobre as lembranças encobridoras, nos indica que Freud, por essa época, ainda vacilava quanto às

---

<sup>11</sup> Freud, S. in Masson Op. Cit. p.339.

determinações da fantasia, principalmente no que diz respeito à época em que eram produzidas.

No ponto em que nos encontramos, qual será o papel do conceito de sentido, mesmo que tenhamos que admitir apenas sua presença implícita? Se Freud pensa aqui a fantasia consciente como uma expressão indireta do desejo, ele não o toma como uma derivação a partir da ligação direta com o objeto, já que os "castelos no ar" não podem ser concebidos como uma representação **do** objeto: eles apenas apresentam imaginativamente uma situação na qual a resolução das dificuldades financeiras se encontra realizada. Freud acredita, no entanto, que a este conjunto de anseios liga-se um outro, basilar, que não tornou-se consciente e que apresenta todos os indícios de uma ligação, mesmo que mediada, com o objeto. Mesmo assim, a fantasia consciente não apresenta a realização do objeto do desejo, mas figura uma condição que supõe o encontro com o objeto, configurando-se assim como uma complexificação do modelo primário de fantasia.

\*

Seguindo a ordem do tempo, se tomamos os textos da "Interpretação dos Sonhos" que são significativos para a abordagem do conceito de fantasia, notadamente aqueles encontrados no capítulo que trata da elaboração secundária e

certas passagens do capítulo VII, vamos nos deparar com algumas ambigüidades.

Talvez o mais importante fator a ser realçado seja o de que Freud, na "Interpretação dos Sonhos", opera uma ligação explícita entre o desejo e a fantasia apoiado na analogia entre sonho e fantasia, fundamentalmente as fantasias diurnas. Deste modo, as fantasias, como os sonhos, "são cumprimentos de desejo; como os sonhos, baseiam-se em boa parte nas impressões de vivências infantis; e como eles gozam de certo relaxamento da censura com respeito a suas criações"<sup>12</sup>. Gostaríamos de destacar dois elementos neste texto. Em primeiro lugar, o abandono da definição pela via defensiva; em segundo, em função da proximidade com o conceito de desejo no sonho, a condução da fantasia para a fase infantil. Estes dois aspectos, muito embora já presentes em textos anteriores, parecem ter aqui, pela primeira vez, garantidas suas determinações de modo definitivo.

As fantasias enquanto realizações de desejo não são, assim como os sonhos, realizações diretas; um trabalho de reformulação passa por elas. Desse modo, o espaço do desejo e o das fantasias constituídas é mediado por um trabalho de distorção: "se pesquisamos sua construção, nos damos conta de como o motivo de desejo que afirma-se em sua produção desorganizou, reordenou e compôs em uma nova

---

<sup>12</sup> Freud, S. Vol. V. p.488; p.526.

totalidade o material de que estão construídas"<sup>13</sup>. Logo, de uma forma evidente, a fantasia aparece como um produto cuja elaboração assemelha-se à encontrada no sonho. Ela expressa o desejo, mas de um modo específico, não direto, fato já registrado no estudo sobre a lembranças encobridoras.

Como podemos conceber as relações da fantasia com o próprio sonho? Para tentar responder a essa questão vamos caminhar um pouco indiretamente. Perceberemos, assim, os problemas que podem emergir desta indagação.

Freud, quando da delimitação do conceito de elaboração secundária, vai nos afirmar que a função secundária que está em jogo no sonho tem a tarefa de fazer com que este ganhe uma conexão aparente, um **acabamento** que tende se consolidar no registro de uma certa inteligibilidade. Não nos importa explorar, na esfera de nosso problema, porque isto se dá, com que fim tal fenômeno se realiza. Basta que retenhamos o fato de que, para Freud, a elaboração secundária cria uma "fachada" para o sonho. Ele pensa que há casos de sonhos em que este trabalho tem pouco a contribuir na elaboração onírica pois, "dentro do material onírico encontra-se, já pronto, um produto assim, que não espera senão que se o use"<sup>14</sup>. E complementa, criando um campo conceitual dos mais relevantes para a especificação de seu pensamento no que diz respeito às fantasias: "este

---

<sup>13</sup> Freud, S. Op. Cit. p.489; p.526.

<sup>14</sup> Freud, S. Op. Cit. p.487; p.525.

elemento dos pensamentos oníricos a que aludo designo-o como 'fantasia'; talvez evite possíveis mal-entendidos se em seguida o chamo *sonho diurno* {*Tagtraum*}, por ser análogo ao sonho que encontramos na vida de vigília"<sup>15</sup>. Ou seja, as fantasias utilizadas pela elaboração secundária do sonho podem sê-lo porque, elas mesmas, são um tipo **em si organizado**, capaz de fazer "as vezes da fachada".

Não estaríamos corretos ao perceber uma certa incompatibilidade, ao menos aparente, entre as duas posições anteriormente expostas? De um lado a fantasia como realização disfarçada de desejo, realização deformada; de outro, uma estrutura de fantasia ordenada internamente segundo princípios que a fazem semelhante a algo inteligível. Sem dúvida, o segundo aspecto se aproxima harmoniosamente do que estamos acostumados a chamar de sonho diurno, ou ainda, devaneio: realização quase que direta do desejo, o sonho diurno apresenta este acabamento que Freud aponta. Mas, e o primeiro aspecto, aquele em que a fantasia aparecia como um produto mediado por um trabalho? Não seria estranho que nós lhe atribuíssemos a capacidade de ser organizada como uma fachada?

Poderíamos esperar uma solução dessa dificuldade numa diferenciação existente entre fantasia consciente e fantasia inconsciente: a primeira formando um todo organizado, capaz, portanto, de funcionar como fachada; a

---

<sup>15</sup> Freud, S. Op. Cit. p.488; p.525.

segunda, soterrada em função dos conteúdos que lhe servem de base serem reprimidos. Mas, neste caso, o que seria da analogia, não apregoada de modo restrito, entre o sonho diurno e a fantasia? Seja como for, parece que todas as dificuldades recaem sobre o conceito de fantasia inconsciente.

Um outro texto vem ainda trazer novas dificuldades ao já não muito claro panorama conceitual. No cap VII, Freud faz a seguinte afirmação: "a primeira trama (dos sonhos) estende-se, em sentido progressor, desde as cenas ou fantasias inconscientes até o pré-consciente; a segunda trama volta, desde o limite da censura, até as percepções"<sup>16</sup>. Aqui, a fantasia inconsciente deve ser encarada como ponto de partida. Parece que, para seguir mais ou menos corretamente os resultados obtidos deveríamos dizer que no ponto de partida do sonho já há algo da ordem de uma organização em cenário do desejo, posto que a fantasia é, como o sonho, realização do desejo. Esta apresentação do desejo cenarizado pode, então, encontrar-se em alguns casos com um outro tipo de cenarização que lhe é decorrente, aquela encontrada nos sonhos diurnos.

Os textos que acabamos de recordar, como pudemos ver, pouco tem a nos ensinar sobre o sentido, sendo importantes antes de mais nada por situarem-se a meio

---

<sup>16</sup> Freud, S. Op. Cit. p.565; p.612.

caminho da construção do conceito de fantasia que importantes trabalhos que estão por vir levarão a cabo.

\*

Neste incompleto traçado dos desenvolvimentos freudianos que concernem ao conceito de fantasia, o "caso Dora" ocupa um lugar importante. Texto fragmentado, como indica o título do trabalho, este escrito tem, no entanto, a vantagem de apresentar uma extensão temático-conceitual que será sem dúvida, duradoura. Nosso objetivo, com o caso, requer apenas que fixemos os eixos conceituais que têm na fantasia um de seus pontos. Não são, na verdade, novos; mas conduzem a direções até então não exploradas. Freud já havia antes reconhecido o papel da fantasia na formação dos sintomas psiconeuróticos e dos sintomas histéricos em particular. Mas a análise de Dora trará novos elementos.

Freud está discutindo, num dos momentos que nos interessa, a questão da determinação psíquica e ao mesmo tempo somática dos sintomas histéricos. Ele chega à seguinte conclusão: "até onde eu posso ver, todo o sintoma histérico requer a contribuição das duas partes"<sup>17</sup> e lança mão, para unificar, fazer o ponto de contato entre os dois planos, do conceito de solicitação (ou submissão, conforme a tradução

---

<sup>17</sup> Freud, S. "Fragmento da análise de um caso de histeria", Vol. VII. p.37; p.38.

brasileira; na verdade o termo em alemão é *Entgegenkommen*, que significa boa disposição, receptividade, complacência, não sendo traduzido bem por nenhuma das duas opções anteriores) somática. Na perspectiva freudiana, a ocorrência de um sintoma histérico vai depender da presença de " certa solicitação {transação} somática oferecida por algum processo normal ou patológico no interior de algum órgão do corpo ou relativo a esse órgão"<sup>18</sup>. É, aliás, exatamente esta submissão que funciona como o elemento diferenciador - por esta época - entre o quadro que conduz aos sintomas histéricos e aquele responsável pelos demais sintomas psiconeuróticos. Há também, é claro, o fator sentido, ou seja, o sintoma histérico se repete em função do sentido psíquico que ele tem, devido ao fato de expressar os pensamentos inconscientes que lhe são equivalentes.

O que nos importa é que este conceito de solicitação somática vai se ligar à sexualidade, e por meio desta, ao conceito de fantasia. Vejamos como.

Os textos que nos interessam estão contidos na discussão do sintoma da tosse de Dora. Freud interpreta esta tosse, ou um de seus sentidos, como uma "situação de satisfação sexual per ós"<sup>19</sup>. A interpretação de Freud, seu erro ou acerto, não vem ao caso aqui, mas sim como ele busca firmar as bases que a sustentam. Citamos Freud: "ninguém

---

<sup>18</sup> Freud, S. Op. Cit. p.37; p.38.

<sup>19</sup> Freud, S. Op. Cit. p.43; p.45.

colocará em dúvida, creio, que a mucosa dos lábios e da boca pode ser considerada uma 'zona erógena' primária, pois uma parte dessa satisfação se conserva no beijo que se julga normal. Uma ativação intensa desta zona erógena em tenra idade é, portanto, a condição para a subsequente solicitação somática por parte da membrana mucosa que começa nos lábios"<sup>20</sup>. Muito embora o conceito de submissão somática seja mais extenso em sua aplicação do que o de zona erógena, já que na concepção de Freud, processos patológicos podem também estabelecer, implantar, uma tal submissão, é de fundamental importância a ligação entre zona erógena e submissão somática, pois como o texto de Freud fará ver a seguir, inicia-se aqui uma articulação entre o corpo e o sentido cuja importância teórica será evidente. Continuemos com o texto de Freud: desta forma, "na época em que o objeto sexual genuíno, o membro masculino, já se tenha tornado conhecido, se apresentam circunstâncias que fazem aumentar de novo a excitação da zona oral, que conservou seu caráter erógeno; pouca força criativa é, então, necessária para substituir a situação de satisfação original com o bico do seio ou o dedo que faz a sua vez, pelo objeto sexual atual, o pênis. Assim esta fantasia perversa de sugar o pênis, de todos os pontos de vista chocante, tem a origem mais inocente"<sup>21</sup>.

---

<sup>20</sup> Freud, S. Op. Cit. p.47; p.49.

<sup>21</sup> Freud, S. Op. Cit. p.47; p.50.

Percebe-se, com isso, um movimento que vai do nível de solicitação somática até a fantasia que, não é constituída senão pela retenção da forma na qual a solicitação se implantou, com um objeto novo, adequado ao momento do desenvolvimento historial do sujeito. Encontramos com isso, o esboço de fundamentação - interna ao conceito de sintoma - da afirmação de Freud de que "pelo menos *um* dos significados de um sintoma corresponde à figuração de uma fantasia sexual"<sup>22</sup>.

Há ainda neste texto, uma pequena variação conceitual, que vale a pena apontar. O esquema que vai tentar dar conta da histeria poderia assim ser exposto: atividade da zona erógena - reativação tardia - fantasia. No entanto, quando da exposição de um modelo explicativo para as psiconeuroses em geral, encontraremos um esquema algo diferente. Vejamos o texto de Freud: "todos os psiconeuróticos são pessoas inclinações pervertidas muito marcadas, que foram reprimidas no curso de seu desenvolvimento e tornaram-se inconscientes. Por isso, suas *fantasias* inconscientes mostram conteúdo idêntico que as ações documentalmente registradas dos pervertidos"<sup>23</sup>. Parece-nos claro que aqui o esquema deveria ser: atividade da zona erógena - repressão - fantasia inconsciente. O modelo como um todo é ainda apoiado num fator que não recebe

---

<sup>22</sup> Freud, S. Op. Cit. p.42; p.44.

<sup>23</sup> Freud, S. Op. Cit. p.45; p.48.

realce no esquema anterior: o desenvolvimento. Qual é a implicação desta diferença? Acreditamos que há aqui uma variação de abordagem interessante: de um lado, a fantasia é primordialmente concebida como sendo **posta** pela forma da relação com o objeto primário; de outro a fantasia aparece como a materialização da substituição de objeto realizada, acabada e tornada inconsciente em função da repressão.

Além disso, o modelo das psiconeuroses em geral apresenta a fantasia como sendo inconsciente tomando-a em sua independência no que diz respeito à mera reativação contingente, circunstancial, das regiões do corpo que manifestam submissão somática: o segundo modelo comporta um conceito de fantasia como decorrência da expressão de tendências sexuais consolidadas; o primeiro, como decorrência possível da reativação das zonas erógenas.

Existe ainda um outro fator que intervém - entre outros - na montagem do quadro explicativo do sintoma histérico de Dora: o fator edípico. Muito embora saibamos que o conceito de fantasia não terá senão uma integração tardia com o conceito de Édipo, encontramos neste texto um dos primórdios desta ligação

Há uma série de fatores que Freud traz à luz, no percurso da análise, com a finalidade de explicar o caráter repetitivo do pensamento de Dora no que diz respeito à relação de seu pai com a Sra. K. Para caminhar diretamente ao ponto, devemos lembrar que Freud vai interpretar essa

repetição a partir da afirmação de que Dora estava identificada às duas mulheres que seu pai amou: sua mãe e a Sra. K. Em razão de um elemento da análise, Freud percebe que Dora estaria, na fantasia que acarretou a sua tosse, identificada à senhora K. Isto implicaria que ela ocuparia um lugar frente ao seu pai, que teria sido, ele mesmo, uma substituição do lugar ocupado por sua mãe. Teríamos desse modo uma organização edipiana dos lugares e relações amorosas inconscientes subjacente à fantasia e conseqüentemente ao sintoma da tosse: Dora identificada ao lugar da senhora K., sob a base da submissão somática teria elaborado a fantasia da relação per os - e já que se tratava de seu pai - o recalçamento da fantasia resultaria na tosse como sintoma.

Neste esquema explicativo haveriam duas séries a serem consideradas. Uma, digamos, mais "funcional": zona erógena e os objetos derivados; outra, relativa à corrente amorosa com o pai que implica na ocupação de lugares (identificação) para a efetivação da relação com ele. A fantasia ocupa o lugar de soldagem das duas séries. Não há, entretanto, da parte de Freud, um desenvolvimento destas questões. Seguimos, contudo, acompanhando seus passos para tentar capturar possíveis linhas de convergência das evoluções conceituais relativas ao conceito de fantasia.

A sequência cronológica dos textos de Freud nos indica agora uma passagem pelos "Três Ensaio..."; mas,

antes de mais nada, importa perguntar: traz o texto algum desenvolvimento concreto do conceito de fantasia?

A resposta, se não nos enganamos, se organiza desde em dois níveis. Do ponto de vista do desenvolvimento temático, os ensaios pouco acrescentam ao que já foi dito, não obstante tentarem assentar as bases conceituais necessárias a uma teoria da sexualidade, ou seja, não obstante a elaboração conceitual sistematizada. Do ponto de vista da sugestão teórica, as coisas se passam de um modo mais promissor. Isto porque, (e aqui concordamos com a leitura de Laplanche e Pontalis) se estivermos interessados na apreensão do campo conceitual implicado na questão da ligação de desejo e fantasia o conceito de **auto-erotismo** parece fornecer o ponto recuado ao qual devemos remeter a mencionada junção.

O momento do auto-erotismo, em que a partir da recordação de um prazer já vivido, modelado pela relação com o objeto exterior, a criança busca encontrá-lo de novo pela via de uma relação com corpo próprio, seria assim privilegiado no sentido de apontar para o espaço mesmo onde se instala a fantasia. O interesse dessa leitura reside no fato de que é na articulação da pulsão - entendida como produto da atividade da zona erógena - com a fantasia - entendida como o espaço derivado a partir do qual se realiza a pulsão - (espaço segundo, aproximado do campo de alucinação) que se dá a sexualidade, concebida como

afastamento do objeto "natural" propriamente dito. E disto resulta a definição de desejo, pois nesta perspectiva "o desejo não é puro surgimento da pulsão mas está articulado na frase da fantasia"<sup>24</sup>.

Mais uma vez, devemos aguardar os desenvolvimentos seguintes e verificar se esta hipótese interpretativa se sustenta numa síntese conceitual futura.

O texto "As Fantasias Históricas e sua Relação com a Bissexualidade", de 1908, continua a linha de identificação das fantasias ao devaneio. Referindo-se a uma variedade de quadros patológicos onde se reconhece a presença de fantasias, tais como as imaginações delirantes na paranóia ou quadros históricos dos mais variados, Freud dirá: "fontes comuns e arquétipo normal de todas estas criações da fantasia são os chamados *sonhos diurnos* dos jovens"<sup>25</sup>. O termo 'fonte' permite que pensemos que o lugar de onde emanam os tipos de fantasia é o devaneio. Isto faz com que ele seja o primeiro na ordem de formação dos tipos: a fantasia inconsciente neste contexto não é senão um devaneio tornado inconsciente pela repressão e cuja existência pode provocar uma série de desordens patológicas.

Não obstante essa visão "ortodoxa", Freud nos diz também o seguinte: "as fantasias inconscientes podem ter

---

<sup>24</sup> Laplanche, J. e Pontalis, J. B. "Fantasia Originária..." p.143.

<sup>25</sup> Freud, S. "Fantasias históricas e sua relação com a bissexualidade" Vol. IX. p.141; p.163.

sido sempre inconscientes, ter se formado no inconsciente"<sup>26</sup>. Aqui, como parece evidente, não podemos mais admitir - mesmo que a frequência destas fantasias seja menor, como Freud o reconhece - o processo de formação descrito acima. Instala-se mais uma vez uma ambiguidade que atinge o próprio corpo conceitual da fantasia.

É interessante notar ainda a ligação que Freud faz entre a fantasia inconsciente constituída pelo recalque das fantasias conscientes e a masturbação. Vejamos: "a fantasia inconsciente mantém um vínculo muito importante com a vida sexual da pessoa; com efeito, é idêntica à fantasia que lhe serviu para dar satisfação sexual durante um período de masturbação"<sup>27</sup>. Freud analisa o ato masturbatório e encontra, de um lado, a "evocação da fantasia" e do outro, a "atividade". A fantasia servia para figurar um desejo e a atividade para saciá-lo. Temos então, esquematicamente, desejo-fantasia-masturbação, ou seja, o devaneio mais a masturbação como atividade. Porém, Freud nos diz na sequência: "Como sabemos, esta composição consiste em uma soldadura. Originalmente a ação era um processo puramente auto-erótico, destinado a obter prazer de uma determinada parte do corpo que chamamos de erógena. Mais tarde, essa ação fundiu-se a uma representação-desejo tomada do círculo do amor de objeto, e serviu para realizar de uma maneira

---

<sup>26</sup> Freud, S. Op. Cit. p.142; p.164.

<sup>27</sup> Freud, S. Op. Cit. p.142; p.165.

parcial a situação em que aquela fantasia culminou"<sup>28</sup>. Pois bem, a interpretação do auto-erotismo nos mostrou o desejo sexual, o nascimento da sexualidade mesma, inscrito numa "linha de fantasia". Parece, na medida em que o auto-erotismo foi concebido neste texto como um ato cuja forma engloba a ligação entre uma região erógena e o outro, que encontramos aqui a confirmação da idéia de Laplanche: para ser prolongado na masturbação, onde o sujeito encontra o objeto **na fantasia**, o auto-erotismo já deve trazer em seu próprio interior o lugar onde o desejo é amarrado à fantasia.

Como resultado destes comentários, percebemos que, ao que tudo indica, está presente no texto de Freud uma noção de fantasia que não passa simplesmente pelo sonho diurno ou devaneio. Está presente numa instância mais fundamental que, embora não seja plenamente teorizada, aparece nos limites de sua teorização.

As observações que se seguem buscarão completar o levantamento do conceito de fantasia. Procuramos, a seguir, integrar este conceito ao conceito de Édipo (que deverá também ser levantado na sua ordem de construção). Buscamos com isso perceber uma dimensão de sentido que não foi por nós ainda trabalhada.

---

<sup>28</sup> Freud, S. Op. Cit. p.143; p.165.

\*

O ano de 1909 tem para a investigação da psicanálise muita importância, pois é o ano da publicação do caso Hans, sem dúvida riquíssimo do ponto de vista do desenvolvimento do conceito de fantasia. Várias das articulações teóricas encontradas aqui serão um patamar para desdobramentos futuros imprescindíveis.

As fantasias que nos interessam foram colhidas no transcorrer da análise da histeria de angústia de Hans, realizada no seu medo de cavalos que, progressivamente, vai encontrando várias determinações.

A análise de Hans visa dar conta do quadro completo de uma fobia infantil. Dados nossos objetivos específicos, no entanto, é ocioso fazer uma apresentação total do caso. Por esta razão, vamos apenas pinçar os elementos que julgarmos mais relevantes para o estabelecimento da posição do conceito de fantasia neste momento da obra freudiana. Segue-se a essa escolha de apresentação o caráter por vezes fragmentário do texto que iniciamos a seguir.

A primeira fantasia que vai nos interessar, foi assim relatada por Hans: "passei o dedo um pouquinho no meu pipi. Então vi a mamãe despida, de camisa, e ela me deixou ver o seu pipi. Mostrei a Grete, a minha Grete, o que a mamãe estava fazendo e mostrei o meu pipi para ela. Então

tirei depressa a mão do meu pipi"<sup>29</sup>. Aos olhos de Freud, esta era uma fantasia masturbatória em cuja cena poderíamos nos dar conta de que se encaminhava uma justificação, ou melhor, uma auto-justificação: ela funcionava como uma proteção e uma defesa.

A plena compreensão de um tal construto fica na dependência de alguns fatores que devemos levar em conta. Em primeiro lugar, é crucial ter em mente um dos mais importantes traços da vida sexual de Hans, ou seja, o seu interesse pelo pênis. Dois movimentos vão aqui se completar. De um lado constata-se que o interesse pessoal de Hans pelo pênis desdobra-se num "espírito de inquérito" que leva a algumas conclusões: a diferenciação entre animado e o inanimado podia ser feita pela constatação da presença ou ausência do pênis; por extensão foi estabelecida a concepção de que todos os seres animados teriam o pênis como um traço criando-se assim uma *Weltanschauung* sobre o assunto. Por outro lado, o pênis não teria este papel se não fosse ele, para o próprio Hans, um elemento pleno de prazer, prazer cuja origem Freud faz remontar aos primeiros cuidados maternos que têm o papel de ligar a zona erógena em questão com os primeiros traços do que virá a ser o domínio dos objetos escolhidos: a mãe ocupa, desta forma, o seu lugar privilegiado. Para a análise da fantasia é necessário ainda

---

<sup>29</sup> Freud, S. "Análise da fobia de um menino de cinco anos", Vol. X. P.28; p.42.

considerarmos a concepção da confluência ou entrelaçamento das pulsões, conceito retirado do trabalho de Adler. Freud supõe que "...o prazer no membro sexual próprio se liga com o prazer de ver em suas plasmações ativa e passiva"<sup>30</sup>.

Em segundo lugar, devemos nos lembrar, a atividade masturbatória de Hans era anterior à data da fantasia e à ameaça de castração efetuada pela mãe. Esta última teve o papel de se contrapor à imagem de mundo representada pela generalização da presença do pênis. É importante ter em mente que Freud nos diz que o pênis é uma das representações privilegiadas do eu, servindo de padrão de medida e horizonte de idealização; é especialmente significativo observar que uma tal representação ocupa este lugar em função do prazer que está a ela associado. O caráter narcísico, ao nível de investimento, encontra aqui os seus primeiros movimentos de discriminação teórica.

Voltemos então, após a apresentação desses pressupostos, à própria fantasia, recordando ainda um último elemento contextual importante: lhe é imediatamente subjacente o esclarecimento feito pelo pai sobre a não universalidade do pênis. Podemos agora tentar responder às questões: em que medida a fantasia era defensiva, auto justificatória e masturbatória? Devemos supor um único desejo que organiza os vários estágios predicados, como se todos eles tivessem a "lei" de sua organização posta por

---

<sup>30</sup> Freud, S. op. cit. p.88; p.114.

ele; ou devemos pensar a interação de mais de um desejo, mais próximo ao modelo do sintoma, numa espécie de montagem? Ao que parece, o texto de Freud aponta para a segunda interpretação.

Consideremos o termo defesa. Segundo Freud, teria sido para afastar-se do conteúdo das afirmações de seu pai que Hans teria fantasiado ver, por sob a camisa de sua mãe, o pênis dela. É lícito aqui perguntarmos pelo desejo que está na raiz deste movimento da fantasia. Seria ver o pênis suposto da mãe, tendo-o como o objeto primário do desejo ou negar a castração, a falta do pênis, através de uma idealização que representava a sua não-existência (da falta)? Tudo leva a crer que a segunda visão é a que melhor se coaduna com os pressupostos do caso. E sendo assim, podemos constatar aqui uma particular amarração do desejo com aquilo que o realiza: no caso o desejo se realiza na medida em que ele perfaz um sentido, exatamente o da negação da castração.

Quando dizemos "perfaz um sentido", o que exatamente isso significa? Em nossa opinião, Freud dá mostras claras aqui da impossibilidade de seu pensamento trabalhar unicamente com uma concepção estrita de desejo, aquela formulada sobretudo em seus escritos de traço mais metapsicológico. Há no caso Hans a evidência de um **desejo de se defender da castração**, ou seja, aquilo que é visado, almejado, não é da ordem de um encontro com o objeto, mas,

diferentemente, é algo assim como a construção de uma cena que realize, de algum modo, representando-o, o sentido intrínseco do desejo. É por isso que, num caso como este que estamos analisando, a abordagem que melhor se coaduna com o conteúdo da fantasia, ou de parte dela, é a de que a realização do desejo não vai de fato figurar o encontro com o objeto, mas vai representar, constituir como representação, aquilo que é desejado, perfazendo e desdobrando o seu sentido.

A auto-justificação e a masturbação estão intimamente relacionadas enquanto movimento de formação da fantasia. Ao "ver" que sua mãe lhe mostrava o pênis, Hans poderia mostrar o seu próprio pênis à amiga Grete, e assim usufruir da fusão pulsional à qual já nos referimos anteriormente: as condições para a masturbação estariam assim montadas.

Poderíamos, na tentativa de reforçar a primeira via de interpretação, que foi por nós abandonada, dizer: havia **um** desejo, percebido no fim da análise da fantasia, que organizara desde um só ponto a fantasia: o desejo de masturbar-se. Ora, o que nossa interpretação está querendo mostrar é que há, para além da concepção de desejo que se liga à identidade de percepção<sup>31</sup>, restritiva na definição de

---

<sup>31</sup> Esta concepção de desejo, baseada sobretudo no construto do aparelho psíquico, apresentada por Freud em vários momentos de sua obra - talvez a mais famosa seja a da "Interpretação dos Sonhos" - foi retomada por diversos críticos de seus trabalhos. Um dos mais vívidos autores

objeto da fantasia, um desejo que **visa** a representação de um sentido por meio de uma cena que perfaz o que é almejado: onde o "objeto" aparece então como que implicado, indiretamente apenas, na tecitura **deste** sentido. E parece que a "saída" acima hipoteticamente apontada vai exatamente nesta direção. A masturbação não pode, sem que haja um empobrecimento, ter o papel único de objeto organizador. Os frutos dessa leitura deverão ser juntados ainda a outros

---

brasileiros, Renato Mezan, ao comentar as palavras de Freud às quais nos referimos acima, diz: o desejo "consiste no 'movimento psíquico' (*psychische Regung*) que desemboca no reinvestimento da imagem daquele objeto que uma vez aplacou a necessidade". Sem dúvida esta leitura, baseada no texto de Freud, aponta para o fato de que eu só desejo, em última instância, aquilo que eu já tive. Ou, ser quisermos amenizar, desejo a partir de **figuras** do que já tive, posto que o desejo se dá eminentemente no campo do objeto perdido. Mezan, que a pouco havia lembrado algumas palavras de Laplanche, vai então sintetizar: "o desejo é assim definível por sua característica intrinsecamente fantasmática, e é por isso que a fantasia será o correlato do desejo, seu cenário, seu roteiro e sua realização. Na fantasia, como nos sonhos, os desejos não precisam se realizar porque já estão sempre realizados: fantasia e sonho são realizações de desejo, independentemente de seu conteúdo específico". Em nossa opinião, a fantasmática do desejo, quando combinada com a leitura pela via perceptiva, muito embora coerentemente montada a partir do texto freudiano, pode deixar fora a explicitação de fantasias como as que estamos trabalhando. Sem dúvida, Freud não formulou um teoria explícita que desse conta dessa concepção mais ampla de desejo que parece, não obstante, estar perpassando o seus trabalhos clínicos. Para uma consulta ao que foi mencionado ver: Mezan, Renato "A Vingança da Esfinge" São Paulo, Brasiliense. 1988, p.81-82.

resultados que estão por vir, principalmente quando formos de encontro à problemática do sintoma de Hans.

A seguir Freud vai nos apresentar as novas fantasias que Hans produziu, pois "depois de ter dominado parcialmente o complexo de castração, ele era capaz de comunicar seus desejos em relação à sua mãe, e o fez, de forma ainda desfigurada, por meio da *fantasia das duas girafas* uma das quais grita infrutuosamente porque ele toma posse da outra"<sup>32</sup>. Aqui a ligação com o objeto é patente, muito embora haja um outro elemento a ser considerado, coisa que é notada pelo próprio Freud em seu texto.

Estamos nos referindo ao fato de que nesta fantasia da girafa, na qual Hans representa, aos olhos de Freud, a tomada de posse da mãe através do sentar em cima da girafa - a fantasia não é toda ela minuciosamente destrinchada - o jovem fóbico consegue **também** realizar o desejo de abrandar o desgosto paterno. Num belo jogo que pode nos ensinar muito sobre as representações complexas do fantasiar, a própria fantasia apresenta, no fechamento da cena, a solução: "Logo, ela parou de gritar, então eu me sentei em cima da amarrotada"<sup>33</sup>. Aqui é sumamente significativo atentarmos para o fato de que a realização de desejo vai depender da representação do obstáculo como **superado**. Aliás aqui, a própria noção de cena, que é frequentemente ligada à de

---

<sup>32</sup> Freud, S. Vol. X. p.99; p.128.

<sup>33</sup> Freud, S. Op. Cit. p.32; p.47.

fantasia, não pode ser pensada senão como complexo de sentido emergente, ou seja, como o alçar ao plano da representação os sentidos imanentes aos desejos de Hans; a concepção que faria da fantasia uma mera "apresentação" do objeto, mesmo que disfarçada, seria, como no mais das vezes, bastante simplificadora.

Do mesmo modo que esta última, as duas fantasias que serão apresentadas a seguir vão na mesma direção: para Freud elas fazem parte do "complexo de tomar posse da mãe"<sup>34</sup>. Podemos descrevê-las sucintamente como segue: junto com o pai, Hans forçara passagem em um campo proibido de ovelhas e (outra fantasia) quebrara as janelas de um trem. Vamos colher aqui mais algumas determinações importantes do conceito de fantasia.

Freud sublinha o caráter violento e proibido das ações que Hans, em cumplicidade praticava; no final das fantasias, a figura do policial estava sempre presente, punindo o ato praticado.

É notável como estas "fantasias simbólicas de relações sexuais" oferecem uma leitura, pelo negativo, das mesmas: aqui, o proibido; e o desejo se realiza através do sentido que é perfeito na representação do ato que é proibido. O desejo aqui é fazer algo que, não obstante, é desconhecido, com a mãe. Freud vai tentar fazer uma figuração dos pensamentos que estão na sua base: "eu

---

<sup>34</sup> Freud, S. Op. Cit. P.100; p.129.

gostaria de estar fazendo algo com a mamãe, algo proibido, não sei o que, mas sei que você o faz' "35. Desse modo, o que é simbolizado não é o objeto - a mãe não está simbolizada na fantasia mas o sentido **põe** algo, uma prática suposta, como objeto do desejo, entendida na acepção daquilo para o que tende o desejo. Não se poderia jamais postular uma identidade de percepção *stricto sensu*, para este caso, mas sim, se quiséssemos manter a expressão, uma identidade de sentido. Ou seja, a representação do ato proibido que se perfazia, não valia pelo objeto, já que este não se apresentava como a origem da simbolização; por outro lado, a representação do ato proibido, de uma ultrapassagem, estava no lugar daquilo que se supunha ser o ato sexual com a mãe: havia um sentido no horizonte e Hans só podia expressá-lo com os elementos que possuía. Não se trata aqui propriamente falando de distorção, não obstante fosse um desejo que se realizava na fantasia de Hans.

Ao que foi dito aqui, devemos juntar algumas considerações sobre o papel do Édipo na organização das fantasias. Sem dúvida, como o próprio Freud faz questão de nos lembrar, nosso jovem Hans era um pequeno Édipo: desejava livrar-se do pai e amava sua mãe; Freud chega até a **concretizar** o nascimento da percepção da posição do pai como impedidor de uma relação plena com a mãe. Uma das determinações da fobia de cavalos explica-se no quadro dos

---

<sup>35</sup> Freud, S. Op. Cit. P.100; p.129.

sentimentos hostis, desejo de morte, que Hans nutria por seu pai - o Édipo positivo, tal como era então pensado (mas e a agressividade com a mãe?). Assim sendo, Freud reconhecerá desejos que envolvem a esfera das relações com o pai e a mãe e lhes dará papel destacado. As três formas que analisamos têm ligação com o complexo das relações mencionadas, mas não há ainda, ao que tudo indica, uma organicidade plena entre os elementos. Vejamos.

Em relação à fantasia do "pipi" da mãe: Hans buscava denegar a possibilidade de castração que lhe fora imposta pela própria mãe. Sem dúvida, a escolha de objeto se dará via prazer ligado ao pênis, mas, neste sentido a ameaça não vem do antagonista na relação; no entanto, o medo de ser mordido pelo cavalo, na medida em que o sintoma se determina também por esse traço - inicialmente - poderia ser visto como a prova de que foi feita uma passagem da ação castrativa para o lado do pai, principalmente se levarmos em conta a identificação do cavalo ao pai; a frase: "*não passe os dedos no cavalo branco senão ele o morderá*"<sup>36</sup> e o movimento de constituição do pai **em** cavalo ferido que desemboca no sintoma, são sinais que vão na mesma direção. Não obstante, o próprio texto freudiano parece não se apropriar plenamente destas passagens que a própria descrição da análise fornece. Sendo assim, nos parece que

---

<sup>36</sup> Freud, S. Op. Cit. p.26; p.40.

não há uma integração da interdição com a castração, coisa que podemos com certeza esperar para um futuro breve.

Se formos levar em conta os trabalhos da época, sobretudo o texto sobre as Teorias Sexuais Infantis, veremos que um dos traços da fantasia equivale, ou melhor, é coerente com a frase das teorias infantis nas quais o pênis é generalizado, e devido a sua posição privilegiada quanto ao investimento narcísico é negado todo o indício que leve na direção contrária a tal generalização.

As duas outras fantasias analisadas colocam-se dentro do mesmo esquema: o Édipo aponta como a cena onde os dramas se desenvolvem, como a organização deste desenvolvimento, é ponto de passagem dos desejos na medida mesma em que por aí se dá sua constituição.

Acreditamos que com as observações feitas até agora, já tenhamos atingido nossos objetivos com este trabalho de Freud; em razão disso, outras considerações a respeito das demais fantasias do caso não se fazem necessárias.

\*

Novas oportunidades no estudo da presença do sentido na obra de Freud, organizadas desde o conceito de fantasia, se abrem com a abordagem que ele faz do caso do Homem dos Ratos.

Por volta de 1909, o pensamento freudiano concebe as estruturas obsessivas, que dominam o quadro das neuroses que levam o mesmo nome, como podendo se instalar em quaisquer espécies de "atos psíquicos", tais como "desejos, tentações, impulsos, reflexões, dúvidas, mandamentos ou proibições"<sup>37</sup>.

É conhecida a idéia que passa pela mente do paciente de Freud, Lorenz, logo após ter ouvido a narração de um suplício que se utiliza de ratos, no qual um criminoso era torturado com o auxílio de um animal que buscava insistentemente penetrar no seu ânus: "no momento me golpeou violentamente a representação de *que isso estava acontecendo com uma pessoa que me era cara*"<sup>38</sup>. O transcorrer imediato da análise revela que a idéia que acometeu Lorenz referia-se à mulher que ele amava, bem como a seu pai, já falecido. Geradora de um medo obsessivo, tal idéia é também encarada por Freud como uma fantasia. Vamos nos ater a esse ponto para poder trilhar os caminhos do pensamento de Freud.

Qual é o desejo que se realiza na fantasia? Devemos pensar em apenas um desejo?

Para responder a essas questões, alguns passos da análise que Freud fez deste caso serão refeitos, em ordem não necessariamente cronológica. Nossa meta é chegar ao ódio

---

<sup>37</sup> Freud, S. Op. Cit. p.173; p.223.

<sup>38</sup> Freud, S. Op. Cit. p.133; p.171.

pelo pai e o conseqüente desejo de morte, para verificar como ele é duplamente definido.

O relato da vida infantil do paciente evidenciou que desde a idade de seis anos ele já era vítima de uma neurose obsessiva perfeitamente configurada. Freud chegou a essa conclusão a partir da observação das características de certos fragmentos de seu pensamento ligados à atividade sexual: "Havia pessoas, moças, que muito me agradaram, e por quem eu sentia um urgentíssimo desejo de vê-las *despidas*. Mas, na raiz desse desejar tinha um *sentimento ominoso, como se forçosamente algo devesse acontecer se eu pensasse em tais coisas e como se devesse fazer todo tipo de coisas para impedi-lo*"<sup>39</sup>.

Como amostra de tais acontecimentos, aparentemente indefinidos, o paciente de Freud vai recordar-se do seguinte estranho pensamento que freqüentemente lhe ocorria: "Meu pai morreria"<sup>40</sup>.

A oposição entre uma pulsão única e uma revolta contra ela, que caracteriza a neurose obsessiva, assim como outros traços coligados (medo compulsivo e surgimento de medidas defensivas) fazem-se notar com extrema clareza. Vejamos inicialmente como isso se verifica no caso no que diz respeito à pulsão.

---

<sup>39</sup> Freud, S. Op. Cit. p.130; p.167.

<sup>40</sup> Freud, S. Op. Cit. p.130; p.167.

A "revolta contra a pulsão" aparece, fenomenologicamente, apenas no caráter de impedimento do desejo que era assumido pelo medo: a própria ligação entre o desejo e o medo não fica desvendada, assim como as razões da contraposição. Aquilo que era temido contrapunha-se **exteriormente**, a princípio, ao que era desejado, sobretudo se nos ativermos apenas ao plano em que os pensamentos se apresentam ao paciente.

O andamento da análise vai, entretanto, tocar na culpabilidade sentida por Lorenz relativamente à morte efetiva do pai, para ir buscar por trás de um deslocamento o "conteúdo ideativo" que justificará a mesma. Pouco a pouco vão assomando idéias, representações, que partilham o mesmo tema: a morte do pai.

O transcurso deste trecho da análise pode ser resumido pela constante tentativa do paciente em desviar o pensamento da morte do pai, assim como se esquivar da idéia de que havia um desejo subjacente de morte, suposto fato que era imputado pela hipótese de Freud. A correlação compreensiva implicada pela interpretação freudiana seria: medo da morte, repudiado com variadas idéias defensivas, segundo o ponto de vista do paciente; desejo de morte com medidas defensivas, segundo Freud. É importante assinalar que Freud já dispõe da tese de que o medo é um equivalente do desejo reprimido, e a análise vai ser um misto de busca e de encontro com a tese avançada.

Como não é propriamente o caso clínico no seu todo que está nos interessando, daqui já podemos alcançar vários dos resultados que Freud vai obter. O desejo reprimido de morte - o ódio - é devido à posição interferente assumida pelo pai frente aos impulsos sexuais de seu filho. Esta perspectiva é posta em cena por Freud por meio de uma **construção**: "Criança, com a idade de 6 anos ele cometeu alguma inconveniência sexual relacionada com a masturbação e recebeu do pai uma sensível reprimenda. Esse castigo...deixou como seqüela uma aversão inextinguível contra o pai e o fixou para sempre em seu papel de perturbador do gozo sexual"<sup>41</sup>.

Assim como com o pai, em relação a quem uma corrente amorosa subsiste com a agressividade, a ligação com a sua namorada também é ambivalente. Sentimentos agressivos advieram quando se verificou que o amor por ele dedicado à jovem não era devidamente correspondido, ocasionando uma instabilidade de sentimentos a qual devemos marcar, seguindo os resultados da análise, como tendo seu início dez anos antes do momento da análise.

Estes traços, aos quais demos especial relevo, vão nos permitir discutir a proveniência dos afetos ligados à fantasia principal, muito embora nos falte esclarecer a irrupção da doença na idade adulta.

---

<sup>41</sup> Freud, S. Op. Cit. p.161; p.207.

O interesse dos pensamentos que subjazem ao agravamento da obsessão é o de colocar em jogo um conflito que já estava presente na constituição psíquica de Lorenz. O pressuposto do jogo que irá ser ativado, e que terá o papel de marcar e caracterizar os personagens, é o fato de seu pai ter namorado uma jovem pobre antes de ter se casado com sua mulher - mãe do paciente - que era abastada.

"Depois da morte do seu pai a mãe comunicou um dia ao filho que entre ela e seus parentes ricos se havia falado sobre o futuro dele e um dos primos havia expressado sua boa disposição para entregar-lhe uma de suas filhas quando terminasse seus estudos"<sup>42</sup>. Devemos lembrar aqui que seu pai lhe havia feito, não proposta de um projeto de tal ordem, mas objeções severas à relação que ele mantinha com sua namorada.

Sendo assim, Lorenz se viu em meio a um situação que Freud qualifica como um conflito entre o amor e a posição fácil que lhe era oferecida por sua família, fato que o que o identificou com seu pai de modo a reproduzir um conflito anterior entre "seu amor e o efeito continuado da vontade do pai"<sup>43</sup>, conflito esse que já era, aos olhos de Freud, devido a sua original posição no tempo, um estágio regredido.

---

<sup>42</sup> Freud, S. Op. Cit. p.156; p.201.

<sup>43</sup> Freud, S. Op. Cit. p.156; p.201.

Dois caminhos se abrem à nossa frente. Um ligado aos movimentos de construção do sintoma; outro à gênese das pulsões agressivas. Vamos iniciar pela discussão do último dos elementos. Encontraremos aqui uma dupla vertente definitiva.

Numa longa nota sobre as fantasias, Freud disse: "A partir da uniformidade desse conteúdo e da constância dos influxos modificadores posteriores, se explica com facilidade que universalmente se formem as mesmas fantasias sobre a infância, não importa quão grandes ou pequenas contribuições aporte a isso o vivenciar efetivo. Responde por inteiro ao complexo nuclear infantil que o pai receba o papel do oponente sexual e do perturbador da atividade auto-erótica, e a realidade efetiva tem habitualmente boa participação nisso"<sup>44</sup>. Muito embora o que Freud vise diretamente com estas observações seja a caracterização do porquê da regularidade das fantasia, verificamos que ele generaliza o lugar ocupado pelo pai frente às atividades auto-eróticas, masturbatórias, assim como o seu papel de oponente. Deste modo, e no contexto que nos interessa, a oponência e o impedimento do gozo masturbatório **implicariam** na cristalização da agressividade e do conseqüente desejo de morte que acarretaria, se satisfeito, a eliminação do opositor, do impedidor. Freud fará depender, assim, a agressividade de uma situação que focaliza um lugar paterno

---

<sup>44</sup> Freud, S. Op. Cit. p.163; p.211.

e lhe atribui uma função. O ódio nasce da cena mesma onde se dá o impedimento; é um ódio estrutural, se assim podemos dizer, constituído por meio da posição que o pai ocupa. Ele nasce da cena interpessoal e só se põe por meio dela. O afeto emerge da relação entre filho, mãe e pai e podemos dizer que ele é fruto, enquanto um afeto específico, de um nexó posicional que tem um sentido imanente, justamente aquele que pode ser descrito como o gerador de uma reação própria, a saber, o ódio: a criança é conduzida de modo inexorável em direção ao afeto e seu conteúdo está marcado, de maneira universal, pela organização do contexto relacional no qual ela se situa.

Vejamos agora a outra posição que mencionamos anteriormente. Seguindo os passos de Freud, não fazemos mais do que apresentar a relação conflituosa com o pai e com a mulher amada. Duas vertentes conflituosas que se isolam. Uma, entre amor e ódio, ligada a cada uma das figuras em jogo; outra, entre a influência do pai e o chamamento amoroso da parte de sua mulher. Muito embora possam ser analisadas separadamente, uma correlação poderia ser pensada entre esses elementos de forma a que o ódio por uma figura implicasse no amor por outro e inversamente.

Não obstante essa correlação estar nas origens do conflito causador da doença adulta, tal como Freud nos diz, devemos pensar que sua vacilação entre a mulher que amava e a outra "pode ser reduzida ao conflito entre a influência do

pai e o amor pela dama"<sup>45</sup>. Segundo o ponto de vista de Freud, o conflito mencionado "corresponde à oscilação normal entre macho e fêmea como objetos da escolha amorosa"<sup>46</sup>. Para nós, o ponto marcante é sublinhado pelo termo **vacilação** pois Freud não está trabalhando no sentido de determinar tais e tais elementos que decidem da escolha: traça apenas os contornos de uma instabilidade que seria como que inerente à própria escolha. É importante observar: o que foi apontado ocorre, aos olhos de Freud, não importando "a fixação das metas sexuais definitivas"<sup>47</sup>.

Na origem há amor tanto em relação ao macho como em relação à fêmea: então, "de quem você gosta mais, do papai ou da mamãe?"<sup>48</sup> será a questão subjacente.

Ora, segundo a condução dada por Freud, o conflito importante era entre a influência de seu pai e de seu amor; deste modo a própria influência ficara indeterminada, ou melhor, ficou determinada a partir de um marco teórico ligado ao senso comum: amo mais a uma pessoa do que a outra, escuto-lhe pois os conselhos, influencio-me por ela.

Na verdade, é por meio do conceito de **identificação** que o pensamento de Freud vai enriquecer o quadro explicativo, pois identificado ao pai na situação que se lhe advinha é que o 'Homem dos Ratos' vai assumir a posição do

---

45 Freud, s. Op. Cit. p.185; p.238.

46 Freud, S. Op. Cit. p.186; p.239.

47 Freud, S. Op. Cit. p.186; p.239.

48 Freud, S. Op. Cit, p.186; p.239.

pai, e a vacilação entre os objetos de amor vai se configurar na exclusão de um deles **a partir** da postura defendida, ou seja, configurada pela posição do pai. Ao mesmo tempo, é pela própria identificação que pode se operar uma regressão dos afetos "aos resíduos de sua infância". O que nos dará a oportunidade de falar do outro aspecto do conflito que já foi indicado.

O conflito entre amor e ódio está aqui apoiado, na sua consideração teórica, numa unidade interna ao amor. Vejamos o andamento do argumento. Freud parte da constatação da coexistência frequente dos dois sentimentos e isto é lido num registro onde há uma passagem de um ao outro. Assim, "sabemos que o apaixonamento incipiente com frequência é percebido como ódio, que o amor ao qual se denega satisfação se transpõe facilmente, em parte, em ódio"<sup>49</sup>. Esta coexistência e a passagem de um ao outro é, não obstante, resolvida, em condições normais, numa "absorção" do ódio pelo amor.

Não é este o caso do 'Homem dos Ratos'. Sabemos que nele houve uma "coexistência crônica"<sup>50</sup> do amor e do ódio e Freud lançará mão da idéia de que condições especiais devem ocorrer para que um tal fato se dê.

"Uma divisão muito prematura desses dois opostos, ocorrida nos anos pré-históricos da infância, com **repressão**

---

<sup>49</sup> Freud, S. Op. Cit. p.186; p.239.

<sup>50</sup> Freud, S. Op. Cit. p.186; p.240.

de uma das partes - comumente o ódio - seria a condição para essa surpreendente constelação da vida amorosa (grifo nosso)"<sup>51</sup>. Nesta condição, como já sabemos, ele poderia persistir, e causar por meio de seus efeitos, os danos conhecidos.

O que é importante, para nós, é ver como Freud vai conceber o nascimento deste ódio, pois ele o fará depender dos componentes sádicos da pulsão: o fator negativo do amor. Deste modo, podemos supor que "...nos casos em questão de ódio inconsciente, o componente sádico do amor se desenvolveu constitucionalmente com particular intensidade; por isso experimentou uma sufocação prematura e demasiado radical..."<sup>52</sup>. Assim sendo, no compósito de amor-ódio, o elemento ódio irrompeu prematuramente em razão dos fatores constitucionais, ligados à origem orgânica da pulsão, criando assim a necessidade de uma contraposição violenta, radical: a própria repressão. Não houve, deste modo, a oportunidade para que o próprio tempo agisse, conduzindo à conquista do ódio pelo amor de que fala Freud. Fica evidente, pois, que nesta concepção - o próprio Freud a considera provisória, muito embora uma continuidade dela terá desenvolvimento, como no texto sobre "A Disposição à Neurose Obsessiva" de 1913 - as relações interpessoais, se quisermos, intersubjetivas, não têm lugar primordial, ou se

---

51 Freud, S. Op. Cit. p.186; p.240.

52 Freud, S. Op. Cit. p.187; p.241.

preferirmos, só vêm em segundo lugar: o ódio nasce do sadismo e a ele se reduz. Não há um porquê do ódio que implicaria numa margem de sentido operando em sua montagem. Neste ângulo, a relação já é sádica no seu modo de ser originário, e o ódio é assimilado ao sadismo, que lhe dá sua matéria própria. É o elemento negativo do amor. Na perspectiva anterior é a ação do pai que traz a negatividade para o campo. A unidade entre estes dois movimentos não está bem realizada.

Chegamos com estas considerações ao resultado que já havíamos antecipado. Há uma dupla vertente de concepções sobre a origem do ódio no corpo da teoria de Freud.

Para que possamos perceber, com base nos pressupostos já estabelecidos, como pôde ter lugar a fantasia dos ratos - vamos nos ater somente a ela, declinando da análise dos outros elementos do caso - é fundamental que deixemos sublinhado que o ponto de apoio da fantasia é justamente o desejo hostil contra o pai. Não obstante todos os elementos que Freud levantou no transcorrer da análise sobre o ódio contra o pai, a hostilidade desenfreada de Lorenz, a explicação final dada por ele pode chegar a decepcionar. Principalmente se levarmos em conta o modo pelo qual o disparo dos impulsos negativos se deu. Em breve chegaremos a este detalhe; antes, porém, vamos apresentar algumas conexões que análise permitiu a Freud estabelecer.

Dois acontecimentos são marcantes. O primeiro é a descrição do suplício com os ratos feita pelo capitão; o segundo é a menção feita pelo capitão de que Lorenz devia algum dinheiro ao tenente A por este último ter pago por ele as despesas do seu pince-nez. Sabemos que é ao suplício dos ratos que Lorenz deve a formação imperativa de que o suplício estaria sendo aplicado a seu pai e à sua namorada; a dívida, imputada pelo capitão, com o tenente levou à formação de um juramento defensivo que funcionava como um impedor da realização da fantasia: uma proteção. Freud diz:

"O castigo dos ratos avivou sobretudo o erotismo anal, que em sua infância havia desempenhado considerável papel e se havia mantido durante anos, por um estímulo constante, devido aos vermes {lombrigas intestinais}. Assim os ratos chegaram ao significado de 'dinheiro' "<sup>53</sup>. Uma coisa deve ser observada. Freud admite que a punição teve o papel de estimular recordações, por meio de pontes verbais baseadas no termo 'rato' , com as quais foi estabelecida uma ligação com a dívida para com o tenente; não obstante a fantasia já havia sido produzida, anteriormente portanto, às tais ligações.

Todo o processo das associações rato-dinheiro, suportadas pela ligação entre: ânus\defecação\fezes\dinheiro - idéia que acompanha Freud desde 1897 - vai ganhar papel

---

<sup>53</sup> Freud, S. Op. Cit. p.167; p,215.

operativo quando ele estiver vinculado à outra vertente de representações relativas à dívida do pai: aí ela poderá aduzir o caráter de crítica ao pai - hostilidade para com a sua figura - que, no entanto, deverá se somar e não dar origem ao traço de ódio constante da fantasia.

Sendo assim, faltava a Freud um elemento de origem. Ele resolveu assim seu problema: "Quando naquela parada para a sesta em que se viu despojado de seu pince-nez o capitão contou sobre o castigo dos ratos, primeiro somente intimidou-se pelo caráter de cruel concupiscência da situação representada. Mas em seguida se estabeleceu a conexão com aquela cena infantil na qual ele mesmo havia mordido; o capitão, capaz de defender tais castigos, foi situado no lugar do pai e atraiu para si uma parte do rancor retornante que, naquela época, havia se sublevado contra o pai cruel"<sup>54</sup>.

A citação é muito útil. Antes de tratarmos dela, porém, vale completar o raciocínio de Freud que, amparando-se no que foi acima dito, vai tomar o surgimento da fantasia como o produto da identificação do capitão com o pai somada à hostilidade contra o pai surgida da lembrança do castigo sofrido pela mordida. Um voto teria sido conscientemente feito para que o capitão sofresse, ele mesmo, o castigo dos ratos e a identificação reforçada pela corrente hostil ligada à mordedura - que veio ao mundo também numa via

---

<sup>54</sup> Freud, S. Op. Cit. p.170; p.219.

associativa com os ratos de dentes afiados - implicou que o mesmo fosse desejado ao pai.

A menção, se assim podemos dizer, realística à memória de uma punição por morder, tem, deste modo, o papel disparador que vínhamos procurando. Não obstante, somos aqui confrontados com algo estranho.

O elemento morder e o castigo a ele associado vieram na análise à luz quando Freud apresentou sua construção ao paciente; buscava-se, com isso, fazer emergir uma lembrança qualquer que ligasse a masturbação com o castigo dado pelo pai. Tudo o que Lorenz pode recordar foi a menção feita por sua mãe de um castigo. Mais tarde a própria mãe determinou - quando inquirida pelo filho no curso imediato da análise - que a punição tinha sido dada porque ele mordera alguém. Na mente de Lorenz só havia a recordação das 'ofensas' com que ele atingia o pai. Ora, a idéia da mordida era da mãe de Lorenz; Freud chega mesmo a tomá-la como uma modificação da cena verdadeiramente ocorrida que teria caráter sexual - levada a cabo com finalidades defensivas. Desse modo, parece, há uma certa dificuldade em se firmar, por meio do elemento morder, a emergência dos impulsos hostis como uma fantasia.

As relações que o próprio Freud tentou estabelecer entre a hostilidade e a analidade não estão ainda, por esse época, maduras a ponto de poderem se harmonizar plenamente na explicação do caso, em particular, na da fantasia, muito

embora, muito já tenha sido feito em direção à elucidação teórica da questão ódio-analidade.

Para que possamos dar por encerrada nossa abordagem desse texto, devemos ainda recordar que se a fantasia dos ratos realiza um desejo, ela o faz, se assim podemos dizer, no interior de um quadro que é, ele mesmo, totalmente marcado pela obsessão: a fantasia gera todo um conjunto de compulsões; o quadro sintomático do paciente. Resumidamente, Freud apresenta-nos duas fases que justificam essa situação.

Um primeiro momento reflete, sem rodeios, a dualidade de valores emocionais que está em jogo no caso, implicando uma indecisão entre qual dos valores deve imperar; não obstante, como o próprio caso clínico atesta, um dos impulsos geradores - do amor ou do ódio - possa imperar. Mas isso não será senão a via para o segundo momento, aquele que propriamente vai nos interessar: "Quanto à **compulsão** é uma tentativa de compensar a dúvida e de retificar o estado de inibição insuportável de que esta dá testemunho"<sup>55</sup>. Vemos então, que Freud concebe tanto a fantasia como os imperativos que a ela se somam, como um sistema que vive da instabilidade da emoção constante da própria fantasia - ela é contraposta a sentimentos amorosos - e antepõe a ela uma espécie de decisão, mas que não está baseada em ponderações normais: ela surge como um dever.

---

<sup>55</sup> Freud, s. Op. Cit. p.190; p.244.

Para Freud este caráter imperativo encontra explicação no fato de que a "solução" que a compulsão encontra para a dualidade de impulsos retira sua força inibindo o "extremo motor dos sistemas do pensar"<sup>56</sup> - no nosso caso, isto poderia ser entendido como um momento de proteção - e desviando-o para o campo do pensamento. O sistema como um todo é circular e não faz senão ampliar a ação sintomal do paciente.

\*

O trabalho de Freud, "Leonardo da Vinci: uma lembrança de sua infância" de 1910, move-se por entre os elementos biográficos do gênio florentino, visando explicitar alguns de seus traços característicos por meio de uma síntese que é facultada graças à exploração da vida sexual de Leonardo, descortinada por uma suposta recordação de sua infância, interpretada por Freud como uma fantasia. Em razão disso, é para nós significativo acompanhar este texto.

A cena recordada, na verdade, como já dissemos, "não há de ser uma recordação de Leonardo, mas uma fantasia que ele formou mais tarde e transpôs para sua infância"<sup>57</sup>.

---

<sup>56</sup> Freud, s. Op. Cit. p.191; p.246.

<sup>57</sup> Freud, S. "Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci", Vol. XI. p.77; p.77.

Era ela a seguinte: "'Parece-me que já anteriormente estava destinado a ocupar-me tanto com o abutre, pois me ocorre como uma recordação de muito cedo, que estando eu ainda no berço um abutre desceu sobre mim, me abriu a boca com seu rabo e golpeou muitas vezes com esse seu rabo os meus lábios'"<sup>58</sup>.

Logo de início, devemos alertar para o conhecido equívoco de Freud, embora isto não interfira diretamente em nossas observações. Trata-se do erro que ele cometeu ao verter para o alemão o termo 'nibio', milhafre, para 'abutre'<sup>59</sup>. Em função disso, alguns detalhes importantes da montagem de Freud - onde opera o papel do abutre, interpretado como mãe - caem por terra; mas nossos propósitos, entretanto, não são perturbados, já que não nos preocupamos, aqui, com a síntese interpretativa e seu acerto, tal como ela foi promovida por Freud, mas com a alocação conceitual que faz funcionar a fantasia.

Sendo assim, vale a pena perceber o que foi posto em jogo, pois isso nos oferece a oportunidade de capturar o enriquecimento do conceito de fantasia e verificar o papel do desejo.

Como não poderia deixar de ser, Freud, não dispondo evidentemente das associações do próprio Leonardo, é obrigado a lançar mão, no encaminhamento do processo

---

<sup>58</sup> Freud, S. Op. Cit. p.77; p.76.

<sup>59</sup> Sobre isso, ver a nota de Strachey Op. Cit. p.57; p.57.

interpretativo de símbolos, mais ou menos fixos, que ele supõe estarem à disposição do artista. Concretamente falando, logo de saída, a cauda é interpretada como um pênis. Adquire ela este significado, erótico, sem mediação, pois, "cauda, 'coda' é um dos mais familiares símbolos e designações substitutivas do membro viril, não menos em italiano que em outras línguas"<sup>60</sup>; o acolhimento do sentido advindo do linguajar comum marca um dos tipos de presença que esta tem na formação do fantasiar e de outras formações psíquicas aos olhos de Freud: o sentido serve de base à figuração que surge na formação em questão.

A cauda na boca, neste parâmetro interpretativo, conduz inevitavelmente à felação. O caráter quase que automático da designação do ato, feita a interpretação, já que é a própria cena que induz a conclusão, vai ser completado com um resultado da teoria sexual desde algum tempo estabelecida. Tratava-se então de conceber a felação como efeito de uma reprodução da cena de amamentação que deixara marcas de prazer agora reproduzidas na nova cena da fantasia.

Não obstante, no corpo do mesmo elemento representacional, comparece um outro dado a ser pensado: o caráter passivo e homossexual que pode ser atribuído à cena aos olhos de Freud. Seria o lado que apenas se **apoiaria** na caracterização anterior - amamentação - para ir além dela.

---

<sup>60</sup> Freud, S. Op. Cit. p.80; p.79.

É interessante notar como, pelo fato de Freud interpretar a felação como derivado imediato do ato de sugar, onde se estabelece uma relação direta com a mãe, esta última surge no conteúdo da cena **por ser pressuposto dela**, tal como foi interpretada. Daí, o caráter talvez um pouco rápido da afirmação de Freud: "interpretamos a fantasia como o ato de ser amamentado por sua mãe e vemos a mãe ser substituída por um abutre"<sup>61</sup>. Há uma redução do sentido ao mais primariamente sexual e por isso temos a impressão de que Freud, ao invés de chegar a tais resultados, parte deles.

Mesmo alertados para as dificuldades em que Freud se encontrou ao utilizar o termo abutre, uma das significações atribuídas à fantasia é firmada por meio de sua análise. Vamos rapidamente lembrar que Freud sabia que o abutre, símbolo egípcio para a mãe, foi utilizado pelos padres para explicar, ou melhor, ilustrar a possibilidade da maternidade com virgindade da mãe de Deus, pois os abutres, supunha-se, eram fecundados em vôo, pelo vento, sem o auxílio, pois, de ninguém. Freud acreditava que Leonardo, pela via de algum escrito religioso, tivesse tomado conhecimento da história e se utilizado dela para expressar sua própria situação, numa espécie de comparação: "ele mesmo

---

<sup>61</sup> Freud, S. Op. Cit. p.82; p.81. Seguimos, nesse caso, a tradução brasileira que parece transmitir melhor a idéia de Freud. Ver a esse respeito: *Gesammelte Werke*, Vol IX, p.170.

era um filho de abutre, pois tinha mãe mas não pai"<sup>62</sup>. Esta comparação estava para Freud na origem da própria fantasia; era o seu ponto de apoio real. Como é evidente, o sentido desta construção cai por terra na medida em que não se tratava, na "recordação" de Leonardo, de um abutre: todas as hipóteses que conduzem à ligação da ave com a mãe e a sua situação frente ao próprio nascimento perdem sua razão de ser. Não obstante, podemos perceber com clareza como Freud concebe participação dos vários planos de sentido na formulação da fantasia acabada, um exemplo magnífico da determinação confluyente de sentido.

É necessário lembrar que, aos olhos de Freud, é a partir do pensamento que opera a comparação, que se associa a lembrança evocada - "da maneira em que só impressões tão antigas são capazes de exteriorizar um eco do gozo que lhe havia ser deparado no peito materno"<sup>63</sup>. Assim, esta associação reativa uma importante vertente de prazer em Leonardo e liga, ao nível da representação da fantasia em construção, o ato de sugar à representação da mãe, no caso, o abutre. Além disso, seguindo o raciocínio de Freud, o sentido subjacente à lembrança criada pela comparação - a solidão da relação com a mãe - **vai junto** com a evocação do prazer.

---

<sup>62</sup> Freud, S. Op. Cit. p.84; p.84.

<sup>63</sup> Freud, S. Op. Cit. p.84; p.84.

Resta ainda explicar como o conteúdo até aqui levantado foi impregnado pelo aspecto passivo e homossexual. Os raciocínios de Freud vão se desenvolver desde considerações sobre as teorias sexuais infantis.

Como já fora exposta no texto sobre "As Teorias Sexuais das Crianças" de 1908, "houve um tempo, com efeito, em que o genital masculino esteve unido à figuração da mãe"<sup>64</sup>. Vamos resumidamente apresentar os estágios descritos por Freud:

- A) Interesse pelo genital.
- B) Generalização da idéia da posse do pênis.
- C) Negação da falta do pênis na mulher.
- D) Leitura da falta do pênis como castração.

Para o desenrolar do argumento freudiano o importante é que o interesse em ver o pênis se dá como um desdobramento da primeira fase a qual conduz, pela notável importância assumida então pelo órgão, para a segunda fase.

A chave da leitura parece ser, mesmo que insuficientemente trabalhada, a afirmação de que paralelamente ao interesse - que podemos chamar de narcísico, sem dar a ele ainda um conteúdo rico em determinações - pelo pênis, e a generalização deste para as outras pessoas indiscriminadamente, corre um outro movimento no qual a atração erótica sentida pela mãe resulta em uma

---

<sup>64</sup> Freud, S. Op. Cit. p.88; p.87.

"nostalgia pelos seus genitais, que ele considerava um pênis"<sup>65</sup>.

Freud vai mobilizar junto à observação feita acima a tese geral de que "todos os nossos homossexuais masculinos, haviam mantido em sua primeira infância, esquecida depois pelo indivíduo, uma ligação erótica muito intensa com uma pessoa do sexo feminino, geralmente a mãe, provocada ou favorecida pela hiper-ternura da própria mãe e sustentada, além disso, por um relegamento do pai na vida infantil"<sup>66</sup>. Nenhum caráter explicativo assumiria a conexão da observação e da tese não fosse o desdobramento identificatório que descreveremos a seguir.

O pressuposto do processo é que a vertente amorosa da criança não pode ir adiante: "o amor pela mãe não pode prosseguir num desenvolvimento ulterior consciente e sucumbe à repressão"<sup>67</sup>. Neste caso Freud reconhece que ainda não está de posse dos fatores que determinam o que ocorre, mas é em razão disso que há uma identificação com ela. Este movimento psíquico, afirma Freud, leva a que a criança ocupe o seu lugar na vertente amorosa, o que tem como consequência que o modelo do qual derivam as futuras relações de objeto passe a ser a própria criança, fato que conduzirá a escolhas homossexuais. Freud caracteriza este processo como um

---

<sup>65</sup> Freud, S. Op. Cit. p.90; p.89.

<sup>66</sup> Freud, S. Op. Cit. p.92; p.91.

<sup>67</sup> Freud, S. Op. Cit. p.93; p.92.

retorno ao auto-erotismo, o que, talvez, pareça um pouco inapropriado se não percebermos isto como um retorno formal, ao modo de relação e não como uma relação com o corpo próprio, sem objeto sexual propriamente dito. De um certo modo, a relação consigo e o auto-erotismo não têm o mesmo conteúdo, globalmente falando.

Há ainda um novo sentido da reflexão de Freud no que diz respeito ao narcisismo encontrado na homossexualidade, que ele admite não ser senão um dos elementos envolvidos na condução a esta forma de sexualidade. Freud afirma que um homem homossexual, cuja sexualidade passou pelas fases anteriormente apontadas "permanece no inconsciente fixado à imagem mnêmica de sua mãe"<sup>68</sup> e acrescenta: "quando parece correr como amante atrás dos rapazes, o que na realidade faz é correr a refugiar-se das outras mulheres que poderiam fazê-lo infiel"<sup>69</sup>.

Qual a diferença entre a primeira descrição e a segunda?

Na primeira, e para usar o próprio Leonardo no exemplo, é como se ele mesmo ocupasse o lugar da mãe na vertente amorosa: o lugar da mãe, como lugar de objeto é substituído pelo próprio Leonardo, um homem. A partir da troca, que está baseada na identificação, mas que consiste sobretudo numa precipitação de Leonardo sobre o lugar

---

<sup>68</sup> Freud, S. Op. Cit. p.94; p.92.

<sup>69</sup> Freud, S. Op. Cit. p.94; p.92.

ocupado pela sua mãe, a corrente amorosa passa a funcionar, digamos assim, sem nenhum auxílio outro além do que já foi dado.

A segunda descrição é levada a cabo sem o auxílio da noção de modelo, ou seja, não é a mãe que foi substituída como modelo, por um homem - ele mesmo, Leonardo; a mãe mantém o seu lugar, só que inconsciente, mas dá oportunidade a uma derivação a partir de seu lugar para outros objetos femininos: muito embora Freud não utilize a palavra, as escolhas de objeto parecem então retomar a modalidade defensiva posta em jogo quando da repressão primeira do amor pela mãe. Este parece ser o sentido da seguinte consideração: "além do mais, pela observação direta de casos pudemos comprovar que essas pessoas, em aparência só receptivas para o encanto masculino, na verdade estão submetidas, como as normais, à atração que parte da mulher; mas em cada nova oportunidade se apressam a transladar para um objeto masculino a excitação recebida da mulher e, dessa maneira, repetem continuamente o mecanismo pelo qual adquiriram sua homossexualidade"<sup>70</sup>.

Os fios que tecem a explicação são dados por Freud como bem entrelaçados. Para nossos propósitos atuais cremos ser possível ficar por aqui, lembrando que, o objetivo de Freud era explicitar certos traços psicológicos de Leonardo no âmbito de um estudo biográfico. É em função deste escopo

---

<sup>70</sup> Freud, S. Op. Cit. p.94; p.92.

que ganha seu sentido pleno a assignação última que é feita ao caráter homossexual da fantasia de Leonardo: "Requereria esta tradução: 'Por obra desse vínculo erótico com a mãe tornei-me um homossexual'"<sup>71</sup>.

Esta maneira de encarar a fantasia está, por assim dizer, ligada a um aspecto de revelação que para nós é pouco útil, e se presta somente aos fins imediatos de Freud.

Mas, todo o desenvolvimento do texto permite-nos ver como o desejo - suposto a Leonardo - se articulou à organização do papel sexual de Leonardo. Um tema provoca uma analogia que liga-se a uma fonte de prazer. O tema não pode se desenvolver devido ao sentido conflituoso para o próprio sujeito; a fonte de prazer, a mãe, surge como que por **contiguidade** (Freud não lança mão de uma idéia de completude da mãe). Não obstante, o objeto não aparece numa relação simples com a pulsão, com o prazer. Ele vem organizado e caracterizado já, segundo um padrão que fora originalmente fruto de uma expectativa, de um desejo: a teoria sexual infantil é, digamos assim, uma tese sobre o mundo, própria de uma fase do desenvolvimento psico-sexual, mas, por meio dela, vaza, a seu modo, um desejo. Lembremos do alerta de Freud de que o desejo de possuir a mãe, a atração erótica sentida, "culminou prontamente na nostalgia de seus genitais, que ele considerava um pênis"<sup>72</sup>. Deste modo, a

---

<sup>71</sup> Freud, S. Op. Cit. p.99; p.97.

<sup>72</sup> Freud, S. Op. Cit. p.90; p.89.

fantasia realiza o desejo reprimido da relação original com a mãe, desejo reprimido que, aliás, Freud supõe estar na base do movimento de constituição da posição homossexual de Leonardo.

A repressão da relação com a mãe, que redundava na identificação com consequências homossexuais, muito embora Freud não diga, deveria ocorrer na fase em que a mãe ainda fosse portadora do falo; a substituição à mãe, neste caso, pelo **si** de Leonardo, seria marcada por este elemento (significante?) que, segundo nos parece, permitiria que a idealização do objeto de amor, fosse desde então, portadora desta marca. Em nosso entender, talvez com este acréscimo explicativo, possamos melhor caracterizar a passividade da fantasia, que então teria sido evocada pela estrutura dinâmica tardia do psiquismo de Leonardo, havendo também algumas consequências que parecem positivas no esclarecimento dos efeitos no nível da sublimação.

Vemos então que Freud vai aprofundando na discussão da fantasia - encarada por nós genericamente - o papel das relações primárias que montam a sexualidade infantil. Neste texto em particular, o Édipo fica como que estacionado no limite da relação unilateral com a mãe, afinal Freud não menciona, ou melhor, afirma desconhecer, as razões da repressão da relação amorosa com a mãe.

\*

O caso do Homem dos Lobos, assim ficou conhecido, é reconhecidamente o mais complexo e elaborado caso clínico publicado por Freud. Reconhecida também é a destreza com que Freud apresentou a variada rede de elementos pertinentes trazida à tona pela análise. Tentar imitar esta apresentação, seguindo os passos da análise, alargando-os com os temas que vão surgindo e ligando-se a associações de outra parte, está fora de nossa cogitação.

Inicialmente gostaríamos de indicar que o conceito mesmo de fantasia, ao qual temos feito recurso constante no presente capítulo, não encontra neste caso clínico ocasião para um desenvolvimento mais detalhado e enriquecido. Não obstante, a importância do caso e a variedade de movimentos conceituais que nele encontramos vão nos oferecer a oportunidade de seguir na mesma direção interpretativa que desenvolvemos até aqui, rastreando em última instância o vínculo que se apresenta entre o desejo e o sentido, apenas de maneira um pouco mais indireta. Por essa razão, apresentamos nossas considerações sobre esse caso na sequência do presente capítulo. Vamos nos limitar a tratar do modo como o paciente de Freud teceu a série de seus objetos e das posições que assumiu frente a eles. Na sequência deste estudo, a própria questão da existência de uma cena original, uma das saídas teóricas que o caso como um todo pode oferecer, receberá atenção.

Toda a sexualidade do Homem dos Lobos tem sua inteligibilidade fundamentada naquilo que Freud construiu para o seu paciente no curso da análise, construção baseada no que ele pensa ser necessário pressupor para dar conta, principalmente, do sonho dos lobos e que, como veremos, terá papel decisivo no andamento de toda a vida sexual do paciente.

O que Freud constrói é uma cena originária na qual, então com um ano e meio, o paciente teria visto uma cópula entre seus pais, **a tergo**. A interpretação do sonho, cujo grosso do trabalho se desenrola no cap IV, vai conduzir a três importantes elementos que devemos imediatamente assinalar: a organização da cena, que dá o seu conteúdo; uma conclusão que ela vai garantir, mesmo que tardiamente; e o seu caráter de evento. Além disso, há a pergunta maior, qual era o desejo que mobilizou o sonho?

Existe uma certa dificuldade em armar a gênese de um dos pontos acima mencionados sem, ao mesmo tempo, fazer a pressuposição de que a cena tenha realmente se dado. Uma saída para esta dificuldade pode ser encontrada se ressaltarmos a via da escolha de objeto heterossexual que é própria à vida do Homem dos Lobos. O interesse e a força dessa perspectiva reside no fato de que ela nasce de uma recordação efetiva do paciente.

Apenas para situar as idéias, o paciente de Freud, na época em que se deu a recordação a que nos referimos,

andava às voltas com a sua fobia de borboletas com listras amarelas, a qual se ligava associativamente às mulheres. O paciente apresentou este sintoma quando tinha pouco mais de quatro anos, isto é, logo após o episódio do sonho com os lobos. A cadeia associativa que conduziu à recordação não é significativa para nós, nesse momento, mas sim a própria recordação

"Um dia emergiu tímido e pouco nítido, um tipo de recordação que não podia ser menos do que de uma época muito remota: antes, contudo, da ama tinha havido uma babá que o amava muito. Tinha o mesmo nome que sua mãe"<sup>73</sup>. Freud acreditou haver na mente do paciente uma relação entre sua mãe e a ama: num primeiro momento pensou terem o mesmo nome, fato que se mostrou incorreto posteriormente.

A esta última recordação soma-se uma outra na qual, a ama, numa postura ajoelhada, se encontrava próxima a uma vassoura feita de feixes de galhos.

O interesse da retomada desses elementos reside no fato de que Freud acredita, num primeiro momento, que a posição da ama, conhecida por Grusha - simbolizada por sua postura - é a responsável pelo traço que determina os objetos amorosos, alguns compulsivos, do Homem dos Lobos. O jovem paciente escolhia pessoas que, de um modo ou de outro

---

<sup>73</sup> Freud, S. "Da história de uma neurose infantil", Vol. XVII. p.83; p.114.

sempre se apresentaram "degradada(s) em sua postura"<sup>74</sup>. É claro que o desdobramento simbólico gerava significações diversificadas tais como a humildade, a posição de criada ou de inferior: traços que compunham todos os objetos de amor do Homem dos Lobos.

Mas e a significação da própria cena da ama, a que podemos atribuí-la? Um outro aspecto ainda não comentado da mesma cena pode nos dar a indicação de um caminho a ser seguido. Freud aqui pode ser questionado nas suas conclusões, como ele mesmo fez questão de apontar. Não obstante, parece ser mais prudente acolher positivamente os seus resultados em razão dos argumentos que ele mesmo, em contrapartida, aporta: os apoiados na força do efeito clínico.

Estamos nos referindo à interpretação que Freud dá do feixe ao lado da ama. Ele liga, com base em experiências recolhidas em análises anteriores, o feixe à enurese. Daí um passo para interpretar a cena com Grusha como sendo um disfarce para esconder o fato de que junto à ama, ele havia urinado quando esta lavava o chão.

Mas porque razão a ligação entre a ama lavando o chão e o ato de urinar foram distorcidos na recordação? A hipótese de Freud é a de que quando Grusha constatou a urina "ela lhe formulou uma ameaça de castração, certamente por

---

<sup>74</sup> Freud, S. Op. Cit. p.86; p.118.

brincadeira"<sup>75</sup>. A distorção atesta que havia uma ligação pulsional entre o garoto e a ama, justamente a ligação que sob a ameaça de castração se realizava por meio de distorção. Ora, tendo em vista que a ama havia sido confundida previamente com a mãe - havia uma identidade ideal entre elas - Freud dá um passo para estabelecer aquilo que modela a relação do garoto com a ama.

"Quando viu a moça de bruços sobre o piso, ocupada em esfregá-lo, ajoelhada, as nádegas estendidas para adiante, as costas horizontais, reencontrou nela a posição que havia adotado a mãe na cena do coito. Ela se transformou em mãe; arrebatou-o {*ergreifen*} a excitação sexual como consequência da ativação daquela imagem e se comportou virilmente para com ela, como o pai, cuja ação só pode ter compreendido então como um urinar"<sup>76</sup>. Em suma, ele desde o lugar que era ocupado pelo pai - identificado a ele - tomou a mãe, substituída, como objeto sexual.

Pelo que tivemos a oportunidade de discorrer, mesmo que aceitemos as instabilidades inerentes à escolha de objeto heterossexual, tal como ela pode ser reconstruída, a análise fixa, na origem, a organização da cena primária e permite, se não apresentar uma prova, colocar como plausível o caráter de **evento** da própria cena.

---

<sup>75</sup> Freud, S. Op. Cit. p.85; p.116.

<sup>76</sup> Freud, S. Op. Cit. p.85; p.117.

Este plano de análise já nos permite tecer alguns comentários sobre a relação existente entre a cena e parte das determinações que colaboram na escolha de objeto.

A cena funciona como um registro primário onde a excitação é apreendida e ligada a uma ordem estruturada. As figuras que participam da cena se distribuem em lugares e situações que, pela lógica da sua configuração, secretam significações as quais, com o passar do tempo, vão ordenando o modo pelo qual a criança concebe o encontro com o objeto de amor, pois situam tanto o objeto como o próprio sujeito neste encontro. Assim, levando-se em conta as associações e construções de Freud que expusemos até aqui, percebemos como a leitura que a criança fez da cena implicou - a análise das lembranças distorcidas parece atestar - na qualificação de um plano de significações delimitado que marcou as mulheres - a série mãe, Grusha de joelhos e as mulheres humildes - por onde a libido poderia fluir no seu encontro com o objeto. O sentido atribuído, mesmo que de modo indefinido, ao que foi visto, no que concerne à posição da mãe no coito, modelou a identidade de fundo que as mulheres teriam que assumir para se colocarem na posição de objeto de amor para a criança e depois para o adulto: a simbolização encontrada, digamos assim, no ponto terminal, atesta a necessidade de distorção relativa característica de uma representação que sofreu as agruras do recalque.

A sequência de nosso texto vai apresentar ainda novas facetas dessa escolha de objeto que vão se agregar ao que foi definido. O que é importante reter agora é a lógica do sentido que preside os encontros com o objeto descritos acima.

Um outro acontecimento, trazido à luz também por meio de uma recordação, vai envolver ainda a postura masculina e genital, sendo muito rico em seus desdobramentos subjetivos. Freud nos conta que em meio às interpretações de um sonho que envolvia atos agressivos para com a irmã, seu paciente recordou que fora ela quem o havia introduzido ao mundo das práticas sexuais. Mais do que isso, o paciente dispunha da recordação de que ela "agarrou {greifen} o membro, brincou com este, e enquanto isso, disse como maneira de explicação, umas coisas inconcebíveis {unbegreiflich} sobre a babá"<sup>77</sup>. A prática sedutora da irmã, não obstante as suas proposições, não foi bem sucedida, posto que o jovem ao mesmo tempo que acolhia com satisfação o prazer que o ato lhe oferecia, nutria pela irmã sentimentos hostis, principalmente devidos aos elogios que eram dirigidos a ela pelo seu pai. Algumas fantasias do paciente puderam confirmar esse fato. Sendo assim, o jovem promoveu uma verdadeira recusa em tomar sua irmã como objeto sexual.

---

<sup>77</sup> Freud, S. Op. Cit. p.20; p.34.

Apenas a título de complementação, é interessante notar como Freud detecta, nas escolhas heterossexuais de objeto feitas por seu paciente, um papel de determinação coadjuvante exercido pela posição da irmã na futura corrente libidinal: os objetos, além da motivação pura e diretamente erótica da cena com Grusha, incorporam uma projeção da negação da irmã, ou melhor, de um traço que incomodava o Homem dos Lobos. Na delimitação do objeto capaz de ser reconhecido como sendo desejado, a posição de Grusha, que era simbolizada pela humildade recebia um reforço na figura da escolha de mulheres sem dotes intelectuais, etc. Sem dúvida, esta modificação a partir da inversão do modelo da irmã permitia ao mesmo tempo superar o impedimento ocorrido e manter a perspectiva da libido genital.

Mas no momento em que ocorreu, a recusa teve como consequência um deslocamento, dominado pela libido genital, da irmã para a figura da babá. Freud descreve assim o comportamento da criança: "começou então a brincar com seu membro diante da babá, o que como em tantos outros casos em que o menino não oculta seu onanismo, deve ser concebido como uma tentativa de sedução. A babá o desenganou, fez cara séria e declarou que isso não estava bem. Os meninos que fazem isso recebem aí uma 'ferida' "78.

Para Freud, essa ameaça indireta de castração teve como consequência que o pequeno viu-se impossibilitado de ir

---

<sup>78</sup> Freud, S. Op. Cit. p.24; p.39.

adiante, de desenvolver os caminhos de sua posição genital. Nestas circunstâncias, foi posta em movimento uma regressão da libido para a fase anal-sádica. A regressão, por si só, no entanto, explica apenas alguns traços da postura do Homem dos Lobos àquela época, tais como a agressividade para com os animais, etc. Há muito mais em jogo no quadro que está sendo pintado por Freud.

Antes que a própria regressão fosse levada a cabo, cujo papel deixar-se-á entrever em breve, a sedução imposta pela atividade da irmã agregou um caráter passivo àquela manifestação genital que, pelo menos do ponto de vista da identificação em ação, fora ativa. A ameaça de castração incidu sobre um compósito de atividade e passividade, preservando, como é claro, o aspecto que não contrastava com a sedução contra a qual ela se armou: o lado passivo dominante.

A regressão se opera, portanto, tendo este pano de fundo. Do ponto de vista dos objetos, já que a ameaça vai exigir que a própria babá não seja mais tomada pela corrente libidinal, Freud será taxativo ao colocar o pai como o próximo objeto de investimento: o paciente "renovou assim sua primeira e mais originária escolha de objeto que, segundo corresponde ao narcisismo do menino pequeno, havia se consumado pela via da identificação"<sup>79</sup>. Podemos perceber aqui uma complexificação do funcionamento da escolha do

---

<sup>79</sup> Freud, S. Op. Cit. p.26; p.42.

objeto. O nível de identificação narcísico, aqui considerado numa etapa em que o ego já está constituído, se modeliza pelo ego paterno, vale dizer, pela representação que representa o pai para o filho, e encontra-se desenhado na cena paterna: Freud nos recorda que a identificação que se chamou de narcísica - o que implicaria, a princípio, que ela fosse tida como pré-genital - na realidade, a cena atesta, fez sua passagem para a fase genital: esta modelização do ego se dá pois apoiando-se na representação do genital que é inerente à cena do coito.

Mas o texto de Freud fala de uma passagem da identificação para a escolha de objeto. A regressão pode nos esclarecer este aspecto, pois o desligamento forçado da fase genital e a volta para o estágio anal-sádico vai implicar que, aquilo que representa o pai só possibilitará uma relação se assumir a forma nova do estágio regredido, ou seja, uma relação passiva. Desse modo, pelo que podemos compreender, a passagem para o objeto se dá através da regressão: a criança se encontra passiva diante daquilo que a cena organizou como elemento paterno.

Harmoniza-se com esta injunção o fato de Freud ter encontrado, pela análise de algumas fantasias, uma posição masoquista relativamente ao pai, sobretudo: a regressão somada ao traço passivo faz a contraposição ao elemento sádico justamente ao nível da relação com o objeto.

O resultado mais geral desta gama de movimentos subjetivos foi que a criança se encontrou na posição de quem recebe, passivamente, satisfação sexual do pai.

Estamos agora perto do ponto de transição daquilo que existia antes do sonho e do que se deu por seu intermédio, a presentificação da ameaça de castração.

Havíamos, há pouco, apontado para a identificação com o pai desde a cena originária. Freud por meio da análise captura também uma identificação com a mãe. Com isso pode ser feito e que motivos temos para acreditar nessa hipótese? Freud vai partir da modificação de comportamento de seu paciente no que respeita a defecação realizada em ocasiões inadequadas. Num primeiro momento as fezes tinham o papel de desafio e desafeto, quando ligadas, ou melhor, idealmente endereçadas, para alguém que o paciente não gostava: num segundo momento, por volta dos quatorze anos e meio, a incontinência gerou desespero e a emissão do lamento: "não posso viver mais assim."<sup>80</sup>

Buscando dar conta do comportamento modificado, Freud atinge uma recordação em que a mãe do paciente proferia as mesmas palavras quando, numa conversa com o filho, se queixava sobre dores e hemorragias que lhe importunavam. Sem dúvida, a mera menção das mesmas palavras não é suficiente para que possamos apontar uma identificação: as mesmas palavras podem manifestar uma

---

<sup>80</sup> Freud, S. Op. Cit. p.71; p.98.

identificação, mas não constituí-la. Um outro evento vai ajudar a Freud na tarefa de concretizar a identificação.

Ele nos conta que pouco após a irrupção da ansiedade, sua mãe, precavendo-se de uma disenteria que rondava as imediações de onde moravam, promoveu o conhecimento de que a doença era acompanhada de sangue nas fezes. Esta informação gerou um pânico, um medo de morte extremamente resistente. É a partir do medo que Freud vai trabalhar, levando em conta a cena primária, a identificação do Homem dos Lobos com sua mãe.

"Para ele foi sem dúvida 'disenteria' o nome da enfermidade que havia ouvido sua mãe queixar-se, essa enfermidade com a qual não se podia viver..."<sup>81</sup>e adiante, Freud agrega, após continuar o raciocínio levando em conta a cena primária - e podemos ainda dizer, desde a perspectiva compreensiva propiciada pela posição masoquista do paciente - desde a qual a criança conclui que as hemorragias têm a ver com o coito, "a angústia era também a prova de que, na elaboração posterior da cena primordial, havia se colocado no lugar da mãe, havia lhe invejado esse vínculo com o pai. O órgão em que podia exteriorizar a identificação com a mulher, a atitude homossexual passiva para com o homem era a zona anal"<sup>82</sup>. Deste modo, a identificação aparece como um

---

81 Freud, S. Op. Cit. p.72; p.99.

82 Freud, S. Op. Cit. p.72; p.100.

precipitado da posição subjetiva já inserida na cena, ou ainda, na relação que a criança tinha com ela.

Se de um lado o medo atesta, como um pressuposto, que houve identificação, ele realiza também, esta é a concepção de Freud, um afastamento dessa posição, uma **recusa** em ocupá-la: "a mesma desautorização {*ablehnung*} com a que havia despertado do sonho"<sup>83</sup>.

Vamos então nos lançar em direção ao sonho, advertindo que a evidente contradição entre a concepção do coito pelo ânus, advinda da cena primária, e o medo de castração, da mesma origem, tal como Freud a tratou, será discutida depois que as características do próprio sonho estiverem fixadas.

Muito embora as determinações do objeto tenham, por suas particularidades, exposto suas relações com a cena original, é conveniente lembrar que ela foi construída quando da interpretação do sonho dos lobos<sup>84</sup>. Como já tivemos a oportunidade de apontar qual o desejo que estava subjacente ao sonho, desejo que não figurava senão a própria organização libidinal do Homem dos Lobos, vamos logo ao ponto que faz com que Freud inicie sua construção.

Alguns detalhes, como a sensação de realidade que seu paciente teve ao acordar dão pistas - segundo uma lição retirada da experiência com os sonhos, a sensação de

---

<sup>83</sup> Freud, S. Op. Cit. p.72; p.100.

<sup>84</sup> Ver: Op. Cit. p.29; p.45.

realidade sinaliza para a existência de um acontecimento real, não imaginado - mas somente pistas de que há uma cena. Entretanto, a própria cena só ganha necessidade quando Freud se faz a questão do por quê o desejo descoberto poderia ao mesmo tempo assustar tanto, a ponto de ser objeto de um repúdio que conduz ao desenvolvimento da angústia, que no sonho assumiu a forma de ser devorado pelo lobo.

A resposta de Freud é incisiva. Seu paciente, sob a base do seu desejo pelo pai, teve evocada a cena na qual ele, agora, em razão da sua compreensão da sexualidade, pôde **realizar** a castração, na medida em que ficou claro que levar a cabo o seu desejo implicaria na castração: seria como que uma decorrência lógica da própria organização em que seu desejo encontrava razão.

Podemos perceber que aí é como se funcionasse a outra leitura possível da cena, aquela em que o seu elemento passivo se **contrapõe** ao ativo, identificado como masculino, conduzindo a uma posição feminina que se realiza simbolicamente no interior da cena: não é a descoberta da vagina que realiza a castração por si só - lembramos das teorias em que a criança supõe que o pênis vai crescer futuramente - mas é a afirmação masculina que acarreta que a posição feminina seja tida como passiva, castrada, o órgão sexual feminino sendo marcado pela ausência do pênis.

Agora podemos assinalar que Freud não vê problemas ao nível da subjetividade, com a contradição que surge das

duas posições: elas simplesmente representam duas vertentes funcionando no interior do indivíduo. A primeira vertente implicava numa tomada anal da posição de desejo pelo pai; a segunda numa tomada feminina e por essa razão, dada a cena e a conjuntura subjetiva instalada, na castração. É interessante notar como o resto da cena que foi reconstruído depois, aquele em que o coito fora interrompido pela evacuação, fato que aponta para a excitação ligada ao ânus que a cena provocou - Freud vê aí uma direção que deve ser lida como sendo constitucional - pode conduzir a um argumento indireto à leitura da segunda vertente. Dizemos isso pois os dois momentos atestam que há uma diferença entre a identificação com a mulher - na qual um suposto elemento comum faz avançar uma unidade ideal - e a posição feminina que pressupõe que a posição masculina seja operante.

Desde a nossa perspectiva mais geral, acreditamos que a proposta de análise dos modos de constituição dos objetos, do jogo complexo do desejo possa se limitar ao campo dos materiais relativos à fobia. Resta-nos ainda tomar contato com a questão da realidade da cena original e apreciar o valor da saída alternativa para o problema que o próprio Freud indica. Vamos resumir os resultados da discussão.

A primeira crítica à efetividade da cena reside na sua qualificação como fantasia, regressivamente lançada,

oriunda de desejos da vida maduros que, não enfrentado a realidade de sua satisfação, foram para o passado.

Em apoio à tese de que as cenas são na realidade fantasias regressivas, está o fato de que elas não são na verdade recordadas mas sim construídas. Freud afasta essa objeção mostrando que a recordação, por si só, não é um critério adequado para o estabelecimento da realidade do fato recordado; vide as lembranças encobridoras.

O papel que os eventuais críticos buscavam atribuir a uma recordação, que na verdade, para esses casos não existe, Freud atribuiu aos sonhos que, quando interpretados, isto é, liberados do seu elemento distorcedor, levam à cena no sentido de exigirem que ela seja pressuposta. Como argumento auxiliar, é a constante presença nos sonhos interpretados que fornece o fator crença às cenas para os pacientes.

Um outro argumento levantado seria o de que as cenas são na realidade, fantasias do analista, ou seja, um elemento imaginativo com a finalidade facilitativa e sintética. Mas Freud rebate mostrando que a construção, no curso da análise, se dá através de um processo fragmentado.

Para aqueles que insistem na questão da fantasia, no sentido corrente do termo, Freud falará: "O conflito atual, o estranhamento da realidade, a satisfação substitutiva na fantasia, a regressão ao material do passado, tudo isso integrou desde sempre minha própria

doutrina e, certamente, dentro de idêntica travacão, talvez com mínimas variantes terminológicas. Mas não era toda a minha doutrina, mas sim somente a parte da causação que produz seus efeitos no sentido regressivo desde a realidade até a formação das neuroses. Junto a ela, deixei lugar para um segundo influxo, progrediente, que produz seus efeitos desde as impressões infantis, assinala o caminho para a libido que se retira da vida e permite compreender a regressão à infância, de outro modo inexplicável"<sup>85</sup>.

Para Freud, o problema a ser enfrentado é o do "valor do fator infantil"<sup>86</sup>. Neste caso, a presente análise tem um papel estratégico pois permite localizar uma neurose infantil que precede uma outra neurose adulta e aí apontar a influência do fator já mencionado. Um argumento adicional é oferecido quando o fator regressivo apontado se vê minimizado devido ao curto espaço de tempo existente entre a explosão da neurose e as experiências pressupostas, [a enorme abreviação do intervalo transcorrido entre a explosão da neurose e a época das vivências infantis em questão faz - como era de se esperar - que a parte regressiva da causação se comprima ao máximo e que a parte progrediente, o influxo das impressões remotas, saia à luz sem disfarce] "ao passo

---

<sup>85</sup> Freud, S. Op. Cit. p.52; p.74.

<sup>86</sup> Freud, S. Op. Cit. p.52; p.74.

que faz surgir plenamente a parte que opera em direção avançada, a influência das impressões anteriores"<sup>87</sup>.

Para Freud o fator "irradiador de conseqüências" tem um papel decisivo pois as fantasias teriam de se originar de elementos adquiridos e as crianças têm poucos recursos nesse sentido. O que verdadeiramente está surgindo aqui - veremos os desdobramentos posteriores em breve - é a necessidade de que seja fixada a origem dos desejos mais primitivos: as fantasias no sentido corrente pressupõem o desejo já instalado, e a cena busca dar conta da instalação, no limite, do acoplamento pulsional do desejo. A idade da criança na qual já detectamos efeitos da cena, testemunha em favor da precocidade dela e, pelas razões acima expostas, afasta a possibilidade da fantasia.

A primeira modificação, ou como nos diz Freud, retificação da tese que foi afirmada com a cena originária, é a de que ela é, na realidade, uma fantasia - Freud vai levar a cabo esta primeira fase da modificação baseado nos seus desenvolvimentos teóricos de 1916\1917, nas "Conferências Introdutórias sobre Psicanálise" - formada desde a observação de um coito entre animais, observação esta que ofereceu, nela mesma, todos os elementos posicionais encontrados na fantasia e aos quais se atribuiu efeito. Deste modo, é a partir dela, cena, que a fantasia é formada e depois lançada na memória, para trás, criando a

---

<sup>87</sup> Freud, S. Op. Cit. p.53; p.75.

impressão de que houve uma cena com os pais observada na mais tenra infância, no nosso caso, com um ano e meio. No novo ponto de vista abordado, a posição **a tergo**, que Freud afirma ser encontrada nas demais fantasias do gênero, tanto em neuróticos como (possivelmente) em não-neuróticos, funciona como uma espécie de corroboração da hipótese da origem da fantasia, pois o coito dos animais figura de maneira exemplar a posição referida.

Mas muito embora com essa nova hipótese seja possível tentar garantir a posição que conduz a uma leitura da castração, etc, Freud vai ainda fazer uma nova observação, que limitará as considerações precedentes. Trata-se da cena com Grusha, por nós já trabalhada, e que para Freud tem um papel todo especial na definição do caráter da cena original. Discorrendo sobre o assunto, ele afirmará: "Mas não posso desmentir que a cena com Grusha, o papel que lhe coube na análise e os efeitos que dela partiram para a vida do paciente, se explicam de maneira menos forçada e mais completa se se considera, neste caso, a cena primordial como uma realidade objetiva, o que, outras vezes, pode ser uma fantasia"<sup>88</sup>. Sendo assim é possível que as duas hipóteses, tanto a da fantasia como a da realidade da cena, sejam admitidas.

No entanto, e aqui se coloca uma nova hipótese que, o próprio Freud avisa, pode ser tida como surpreendente, a

---

<sup>88</sup> Freud, S. Op. Cit. p.89; p.121.

realidade não ocupa senão o lugar concreto daquilo que se daria de qualquer forma pois, a observação do coito, assim como a sedução e a castração, são "um patrimônio herdado, uma herança filogenética"<sup>89</sup>, ou seja, fazem parte daquilo que vindo desde os primórdios da história do homem surge em ato no indivíduo. Para Freud esta herança é composta de "esquemas {Schema} congênitos por via filogenética que, como 'categorias' filosóficas, buscam situar as impressões vitais. Sustentaria a concepção de que são precipitados da história da cultura humana"<sup>90</sup>.

Estamos, desse modo, ao assumir esta nova abordagem do problema da cena, retificando não o seu caráter de evento - ela poderia de fato ter ocorrido - mas a própria constituição da fantasia: o coito dos animais é agora um mediador, podemos até pensar, um disparador dos esquemas herdados.

É interessante notar como Freud raciocina no sentido de corroborar a sua hipótese. Ele assinala que o esquema, a organização por ele imposta, impera sobre a condução real das relações, corrigindo-as segundo o seu molde interno. E o exemplo mobilizado, tirado do corrente caso, é o de que a função do pai era a castradora, mesmo que, levando-se em conta que a vertente amorosa da criança

---

<sup>89</sup> Freud, S. Op. Cit. p.88; p.122.

<sup>90</sup> Freud, S. Op. Cit. p.108; p.148.

fosse para com o próprio pai, a análise tivesse atestado um Édipo invertido.

Aqui Freud, ao que parece, lança toda a carga das determinações subjetivas para o esquema. Ao adotar a fantasia original, ele nos parece estar buscando mais do que a estrutura da fantasia, ou se quisermos usar um termo mais amplo, do imaginário, parece estar buscando, diríamos, a raiz da organização do desejo que estaria aquém da vivência do sujeito. Do nosso ponto de vista, a importância da hipótese de Freud reside não no caráter de ela ser herdada - afinal, a idéia de uma herança filogenética busca dar conta do caráter trans-individual do esquema e da sua atuação hoje - mas no fato de ela apregoar um elemento organizador independente da vivência do indivíduo. Um tal elemento foi, sem dúvida, encontrado por Freud nas origens das relações familiares, lançado para o futuro por um meio que nos é desconhecido; mas Freud supõe que de algum modo seja uma herança da espécie. A discussão do traço herdado parece que levou a um beco sem saída; mais oportuno é ficarmos atentos a indícios que possam conduzir à autonomia do esquema e que possam, mais do que tudo, individualizá-lo. Esta individualização, sem dúvida, traria uma relevante contribuição na definição do desejo e de sua relação com o sentido.

## Capítulo 3

### Em torno da metapsicologia

Os textos teóricos agregados sob o nome de "Metapsicologia" são um excelente terreno para a discussão da concepção freudiana de sentido, sobretudo se focalizarmos o conceito de representação. Não obstante, a possibilidade de tratar esse núcleo temático abre para um plano de produção de sentido que avança para além da mera questão da representação: há uma armação de sentido que ultrapassa o espaço semântico da noção clássica de representação, pelo menos se a entendermos como uma imagem mental que representa algo que está fora do sujeito.

Talvez a primeira pergunta que devemos fazer tendo em vista a determinação da concepção alargada que afirmamos existir seja a seguinte: qual a relação existente entre a representação e aquilo que Freud chamou de objeto da pulsão?

Na realidade, os textos da Metapsicologia trabalham com dois conceitos: o de representação de palavra e o de representação de coisa. Após fazer uma reflexão sobre alguns problemas relativos aos distúrbios de linguagem encontrados

na esquizofrenia, Freud, em seu trabalho "O Inconsciente" fará a seguinte observação: "o que podemos chamar de representação-objeto {Objektvorstellung} consciente se nos decompõe agora na representação-palavra {Wortvorstellung} e na representação-coisa {Sachvorstellung} que consiste no investimento, se não da imagem mnêmica direta da coisa, ao menos das marcas mnêmicas mais distanciadas, derivadas dela"<sup>1</sup>. Esta concepção é completada, no que diz respeito à relação existente entre a representação e o objeto, pelo seguinte texto: "o sistema inconsciente contém os investimentos de coisa dos objetos, que são os investimentos de objeto primeiros e genuínos..."<sup>2</sup>. A idéia de Freud é, nesses textos da Metapsicologia, estabelecer os elementos suficientes para a diferenciação e determinação daquilo que é inconsciente e do que é consciente, e ele reservou à representação-coisa o caráter de inconsciente.

Freud definiu o objeto nos seguintes termos: "objeto de uma pulsão é aquilo em ou por meio do qual a pulsão pode atingir sua finalidade. É o que há de mais variável numa pulsão; não está originalmente ligado com ela, mas coordena-se com ela por ser apto para possibilitar o prazer"<sup>3</sup>. Resulta desta definição que o objeto é introduzido, num senso mais forte, individualizado, pela finalidade, ou seja, pela função de eliminação do estado de

---

1 Freud, S. "O inconsciente", Vol. XIV. p.197; p.229.

2 Freud, S. Op. Cit. p.198; p.230.

3 Freud, S. "Pulsões e destinos de pulsão", Vol. XIV. p.118; p.143.

estimulação encontrado na fonte que é caracterizado como a meta pulsional. É na medida em que algo possibilita o atingimento da satisfação pulsional, do prazer, ou ainda mais especificamente, do prazer do órgão, que ele aparece como objeto da pulsão.

Isso significa dizer que de direito quaisquer objetos poderão ser o objeto da pulsão, mas de fato somente aqueles que se encontram em condições de satisfazer a finalidade pulsional poderão sê-lo. Na verdade é somente por intermédio de uma atividade interativa já realizada que o objeto pode se apresentar: a percepção do objeto, e a inscrição dele no aparelho psíquico só se dão, do ponto de vista da pulsão, depois de uma relação dada.

Qual o momento da obra de Freud em que podemos detectar a origem de suas reflexões sobre a representação de coisa e o que ele pode nos ensinar? O plano mais recuado ao qual podemos nos deslocar para responder a essa indagação é encontrado no estudo "Contribuição à concepção das afasias", de 1891, no qual surge a idéia de uma representação de objeto, caracterizada como "um complexo associativo constituído de representações as mais heterogêneas, visuais, acústicas, táteis, cinestésicas e outras"<sup>4</sup>. Ou seja, a representação de objeto, origem do conceito metapsicológico de representação de coisa, surge em Freud como um conjunto

---

<sup>4</sup> Freud, S. "Contribution à la conception des aphasies", Paris, PUF, 1987, p.127.

de marcas, ligadas entre si, deixadas pela ação de impressões no aparato sensível: cada parte deste complexo é produzida por uma afecção cuja natureza é determinada pelo órgão do sentido do qual ela deve provir.

Freud é explícito na referência ao empirismo de J. Stuart Mill: da "filosofia tiramos que a representação de objeto não contém nada de outro senão a aparência de uma "coisa", da qual as diferentes propriedades são reveladas por suas impressões sensoriais"<sup>5</sup>.

Se atentarmos sobre o que foi dito<sup>6</sup>, veremos que no âmbito do texto sobre as afasias - afora a relação com as

---

5 Freud, S. Op. Cit. p.128.

6 Sabemos que o pensamento de Mill estava penetrado por uma questão fundamental: de onde provém nossas idéias? Sabemos também que para responder a esta indagação a sua obra leva adiante a tradição do empirismo e Freud parece continuar, no que diz respeito ao tema das representações - no plano em que estamos situados, o conceito que substitui o de idéia - a armação conceitual de Mill. A idéia é, como nos mostra José Henrique dos Santos, "a imagem 'residual' da sensação, ou seja, a imagem mental da sensação quando esta deixa de estar presente". Grande parte da doutrina da sensação e da idéia pode ser reencontrada em Freud, o que pode assustar alguns comentadores, aturdidos com esta influência empirista em Freud. Por exemplo, a primazia da sensação sobre a idéia, a teoria do desgaste de nossas idéias, perceptível no texto da "Comunicação Preliminar", a hipótese da reativação das idéias esquecidas pelo surgimento de novas sensações, etc. Talvez alguns delineamentos importantes da primeira metapsicologia de Freud possam ser diretamente remetidos ao pensamento que provém de Mill, naturalmente quando combinados com a concepção materialista do aparato anímico cujas diversas influências foram triadas no trabalho desigual de Paul-Laurent Assoun: "Introdução à Epistemologia Freudiana". Para que se tenha uma noção sobre os principais conceitos aos quais nos referimos na obra de Mill, vale a pena consultar o

representações de palavra, que não trataremos aqui - as representações de objeto não são outra coisa que imagens mentais, perfis sensíveis - no espectro dos diversos órgãos dos sentidos - de objetos, representações associadas entre si que não atestam nada além daquilo que lhes informa a sensibilidade.

Pois bem, parece que o conceito de pulsão traz uma novidade em relação ao texto de 1891. A íntima ligação existente entre a pulsão e seu objeto é desenhada de tal forma que a informação contida neste último, a título de um perfil seu, é intrinsecamente **completada** por uma marca que vem da relação com o próprio objeto: há uma qualidade que vem junto com a representação, entendida na acepção estrita que indicamos acima, e que perfaz um nexó que devemos qualificar como sendo de sentido com o lado imagético. Isto implica que o afeto comparece também como gerador de sentido, e não apenas como algo que se desloca no plano material, no nível energético, ininteligível fora dele.

É em razão desta unidade que Freud poderá dizer, numa de suas passagens mais famosa, que a pulsão surge como o "representante {Repräsentant} psíquico dos estímulos que provém do interior do corpo e alcançam a alma"<sup>7</sup>. A pulsão representa os estímulos internos **no** psiquismo justamente na medida em que, em razão do funcionamento geral do aparelho

---

trabalho de José Henrique Santos "Do Empirismo à Fenomenologia", pp. 45-53.

<sup>7</sup> Freud, S. "Pulsões e destinos de pulsão", Vol. XIV. p.117; p.142.

anímico, são agregadas sensações de prazer-desprazer à imagem da coisa.

Paul Ricoeur, num trabalho considerado clássico, fará uma leitura particular e diferente da que estamos propondo sobre o assunto. É importante levar em conta estas suas reflexões. Sua leitura do texto freudiano vai valorizar o conceito de *Vorstellung-Repräsentanz* e marcar a idéia de que está em jogo "uma qualquer coisa psíquica que 'vale pela' pulsão"<sup>8</sup>. A interpretação que Ricoeur elabora baseia-se na idéia de que "há um ponto onde a questão da força e a questão do sentido coincidem; este ponto é aquele onde a pulsão designa-se ela mesma, torna-se manifesta, dá-se em uma apresentação psíquica, quer dizer, em uma coisa qualquer que "vale pela" pulsão... Para designar este ponto, Freud forjou uma expressão excelente, a de *Repräsentanz*. Há qualquer coisa psíquica que "presenta a pulsão" enquanto energia; mas não é preciso mesmo falar de "representação" pois o que nós chamamos de representação, quer dizer a idéia de alguma coisa, já é uma forma derivada desse índice que, antes de representar qualquer coisa - mundo, corpo próprio, irreal - anuncia a pulsão como tal, a *presenta* pura e simplesmente"<sup>9</sup>.

Esta longa citação nos oferece a oportunidade de apreciar e deslindar o núcleo da postura de Ricoeur. A

---

<sup>8</sup> Ricoeur, P. "De l'interprétation - essai sur Freud", Paris, Seuil, 1965, p.138.

<sup>9</sup> Ricoeur, P. Op. Cit. p.138.

concepção que parece funcionar aqui toma a pulsão como algo que encontra o psíquico como já dado. Ele dirá, buscando realçar seu ponto de vista: "é preciso dizer mais radicalmente que a pulsão ela mesma apresenta, exprime, o corpo na alma, sobre o plano psíquico (in die Seele)"<sup>10</sup>. O plano psíquico, se é pressuposto, no entanto, não está definido de maneira clara. A representação é tida como um derivado: a idéia de algo funciona como uma forma secundária em relação à expressão da própria pulsão; nesta medida, ela não pode servir para definir a essência do psíquico que, além do mais, é encontrado, atingido, pela pulsão. Por outro lado, o afeto, tomado como "expressão proporcional à sua quantidade" se estiver desvinculado de sua base torna o psíquico expressão pura.

Na realidade Ricoeur parece oscilar em relação a este tema. Monzani, ao discutir o apagamento de fundo operado por Ricoeur do plano energético, mostrou de modo cabal que para este "o plano psíquico deveria ser o lugar das correlações de puro sentido"<sup>11</sup>; por outro lado, os textos que estamos trabalhando indicam que há em Ricoeur, ao mesmo tempo, uma espécie de esvaziamento de sentido no psíquico, ao menos no plano da representação. Esta dicotomia está vinculada ao fato de que ele não leva às suas últimas conseqüências a constatação freudiana de que não há um laço

---

10 Ricoeur, p. Op. Cit. p.140.

11 Monzani, L. R. "Freud: o movimento de um pensamento", Campinas, Editora da Unicamp, 1989, p.94.

interno, intrínseco, entre o afeto e a representação, mas que a ligação se dá em razão do encontro com o objeto e talvez possamos dizer, pelo menos orientados pelos textos que estamos interpretando, é em função disso que nasce a alma. Ricoeur afirma a íntima relação entre afeto e representação, mas acaba afastando os dois elementos, o que repercute no tema de nosso interesse.

O trabalho "A Repressão" pode aduzir alguns argumentos em favor de nossa ótica. Detalhando as consequências do processo de repressão, Freud vai fazer as seguintes observações: "nas elucidaciones anteriores, consideramos a repressão de uma agência representante de uma pulsão, entendendo por aquela a uma representação ou grupo de representações investidas desde a pulsão com uma determinada quantidade de energia psíquica (libido, interesse). Pois bem, a observação clínica nos obriga a decompor o que até aqui concebemos como unitário, pois mostra-nos que junto à representação {*Vorstellung*} intervém algo diverso, algo que representa {*räpresentieren*} a pulsão e que pode experimentar um destino de repressão totalmente diferente do da representação. Para este outro elemento da agência representante psíquica adquiriu certa de cidadania o nome de *quantidade de afeto*"<sup>12</sup>. Esta citação mostra o que Freud pensava ocorrer quando, sob o efeito da repressão, a unidade pulsional representada cinde-se evidenciando dois

---

12 Freud, S. "A repressão", Vol. XIV. p.147; p.176.

elementos que representam à pulsão. De um modo ou de outro, os dois elementos , representação e afeto, são enquanto tais psíquicos e nesta medida são parte integrante da esfera do sentido tal como Freud a concebe aqui. Ele vai dizer, poucas linhas depois do texto apresentado, que as quantidades "tornam-se registráveis para a sensação como afetos"<sup>13</sup> . Ou seja, enquanto afetos, os processos das quantidades estão no mesmo plano das representações, eles aparecem como sensações as mais variadas, inclusive de desprazer e angústia. Efetuada a repressão, temos então a oportunidade - é isso que nos adverte Freud - de apreciar a independência das duas categorias. Como dissemos, elas não são intrinsecamente unidas, o que não quer dizer que não estejam, através do encontro com o objeto, soldadas em uma unidade significativa, justamente aquela que a repressão vai buscar dividir.

\*

Gostaríamos de analisar agora algumas das vicissitudes das pulsões. Há um jogo em que o sentido se faz também presente, por exemplo, na reversão da pulsão em seu oposto e na reversão da atividade em passividade, assim como podemos identificá-lo no par sadismo-masoquismo e na volta contra a própria pessoa no mesmo par. O jogo a que aludimos

---

<sup>13</sup> Freud, S. Op. Cit. p.147;176.

pode ser apreendido quando levamos em conta aquilo que desdobra-se entre a finalidade da pulsão e seu objeto. Primeiramente fazemos um apanhado das descrições feitas por Freud.

Tomemos o par sadismo-masoquismo. O sadismo é concebido por essa época como sendo a violência sobre alguém que é tomado como objeto; a finalidade pulsional é definida como ativa. Dado este ponto de partida, um circuito pulsional vai se desenvolvendo em sua lógica resultando no momento intermediário do masoquismo que, quando o objeto é substituído pelo Eu do indivíduo, faz com que haja uma modificação da finalidade pulsional: de ativa para passiva. O completamento do circuito é atingido quando, num terceiro momento, uma outra pessoa é procurada como agente. Sabemos que neste ponto de seu trabalho Freud não admitia um masoquismo primário, não aceitava a idéia de um masoquismo que não fosse construído pela via do circuito da pulsão. Veremos, logo mais, ao discutirmos um texto de Laplanche, que segundo sua interpretação, o masoquismo, entendido como lugar onde surge o sexual propriamente dito, deve ser definido na verdade como primário. Mas por agora, basta-nos reter a **posição** pelo circuito, lembrando que ele não precisa necessariamente ser completado, como atesta o caso da neurose obsessiva. Nela, Freud nos fez ver, encontramos a troca do objeto pelo Eu mas, como não há progressão, o resultado é a instalação da auto-tortura.

O problema que queremos discutir, posto que implica diretamente em nosso tema, relaciona-se com a dificuldade encontrada em fundamentar o sadismo primário, plenamente ancorado no campo da sexualidade. Não é nossa intenção debater aqui as perversões enquanto tais, já que elas pressupõe um quadro conceitual mais complexo do que aquele trabalhado agora. Queremos atingir, se assim podemos dizer, o estado bruto que está na origem dessa vicissitude. Para Freud, no plano da primeira teoria das pulsões, este sadismo original corresponde a um produto direto do que ele chama pulsão de dominação. Esta pulsão não tem nada a ver com a dor, ao menos intrinsecamente, e isso nos leva à conclusão de que ela não está diretamente relacionada com os processos de derivação de prazer sexual que Freud encontrou vinculados à processos dolorosos, já apontados nos seus "Três Ensaios...", e que farão parte de argumentos subsequentes sobre o par sadismo-masochismo.

A pulsão de domínio encontra-se instalada, para Freud, no nível elementar da segunda fase de organização da libido: o sádico-anal. Responsável pela característica ativa desta fase, segundo o criador da psicanálise, "a atividade é produzida pela pulsão de apoderamento através da musculatura do corpo"<sup>14</sup>. Sabemos, além do mais, que segundo os "Três Ensaios..." na infância encontramos um desenvolvimento

---

14 Freud, S. "Três ensaios de teoria sexual", Vol. VII. p.180; p.204.

autônomo da corrente cruel, que é própria à pulsão sexual, em relação à zona erógena que domina a fase em que ela se encontra. Na verdade, aos olhos de Freud, "nos é lícito supor que a moção cruel provém da pulsão de apoderamento e emerge na vida sexual numa época em que os genitais ainda não assumiram o papel que desempenharão depois. Portanto, governam uma fase da vida sexual que mais adiante descreveremos como organização pré-genital"<sup>15</sup>. Assim, como Freud antevia numa síntese brilhante, publicada já em 1905, "temos direito de supor que as moções cruéis fluem de fontes, em realidade, independentes da sexualidade, mas que ambas podem entrar em conexão bem cedo, por uma anastomose {conexão transversal} próxima a suas origens"<sup>16</sup>.

Uma porta interessante se abre aqui, para a especulação do problema acima mencionado, se escolhermos o plano privilegiado da clínica e tomarmos o notável quadro da neurose obsessiva. Podemos então tentar ver se é possível, dentro do campo conceitual oferecido a nós por Freud, situar um sadismo sexual de base. Como sabemos, elementos sádico-anais tem, desde as teorizações elaboradas em 1913, importante papel a desempenhar nesta patologia. Nossa interpretação está baseada na idéia de que para Freud o sádico-anal é um estágio de tal forma constituído que nele "as pulsões parciais já se reuniram na escolha de objeto;

---

15 Freud, S. Op. cit. p.175; p.198.

16 Freud, S. Op. Cit. p.175; p.198.

além do mais, um objeto já se contrapõe à pessoa própria como um objeto alheio, mas *contudo não está instituído o primado das zonas genitais*"<sup>17</sup>. Se temos um objeto definido, qual a posição do sujeito em relação a ele? Encontraremos alguma dificuldade para caracterizar o lugar ocupado pelo sujeito pois, quando Freud vai estudar um caso concreto - como o do "Homem dos Lobos" - encontra um movimento de **regressão** para a fase sádico-anal. Há portanto, nesse caso como em outros, um elemento genital que, impedido de seguir adiante, volta para um patamar inferior de organização. Em suma, encontramos o masoquismo constituído a partir de um estágio superior - o genital, com toda a ordem de problemas que lhe é própria - e não, como seria mais adequado para nossos fins, vindo diretamente da posição sádica. Não obstante estas dificuldades, certas considerações podem nos ajudar.

A única forma de esquematizar a relação entre o Édipo e a fase fálica é tomá-la como uma conjunção emergente absoluta, imediata? Ou devemos conceber esta relação apoiados na tese de que há também, na fase sádico-anal, uma delimitação do objeto tal que encontramos - ao longo da linha que vai da configuração do objeto à presentificação da organização genital infantil - uma complexa gama de contatos envolvendo a criança, a mãe e o terceiro elemento que

---

<sup>17</sup> Freud, S. "A disposição à neurose obsessiva", Vol. XII. P.341; p.404.

perturba a plenitude do encontro dual? Se esse for o caso, muito embora o texto de Freud apenas deixe entrever essa possibilidade, podemos conjeturar, sem trair o modelo freudiano, baseados na presença de uma certa configuração subjetiva triangular. Neste caso, podemos pensar que, dentro do espaço das interrelações edípicas, mais particularmente, dentro do rol de rivalidades entre filho e pai que se encontram já nesse plano, é o **domínio** pela via anal da cena triangular que, buscando exercer-se - por meio da fase libidinal da qual dispõe o indivíduo - presentifica, no controle almejado do pai, a agressividade que agora surge numa montagem em que o propriamente sexual tem o seu lugar projetado, pois ele é o pressuposto de prazer que subjaz ao movimento subjetivo próprio à fase.

O prazer sexual vivido transmite-se à distância para a agressividade própria à fase anal, gerando uma "anastomose" que envolve não apenas as regiões do corpo que são fontes pulsionais, mas também as experiências que foram realizadas e os desejos novos que surgem na situação com a qual o indivíduo se depara. Inserida em seu contexto completo, percebemos como a agressividade pode se converter em destruição, e entendemos como esta pode conter um prazer, dito sádico, dependente do todo no qual ele está situado: é um prazer, derivado, que projeta o encontro com o que já foi prazeroso em outras ocasiões sobre a nova busca que se inicia. Deste modo, captura-se aqui uma unidade entre a

intenção presente na cena triangular e a força - no caso do sadismo - força propriamente advinda da pulsão que vai alimentar os ciclos da agressividade com o elemento propriamente libidinal. A agressividade embasa e serve de apoio à ação que visa definir o encontro com o objeto, mas com isso ela leva consigo um resto de prazer que lhe fica soldado. A busca sexual, desde então, incorpora um elemento cruel.

Levando-se em conta o que foi dito, as observações de Laplanche ao analisar a questão do sadismo vão nos interessar como elemento de contraste. Firmando sua leitura na idéia de que o sadismo aparece como um primeiro tempo agressivo, mas que não deve ser confundido com sexual - assim o chamamos apenas por impropriedade ou por extensão, segundo ele - Laplanche mostra que o masoquismo, "não será senão o reenvio dessa primeira atitude, um reenvio, aliás, facilmente compreensível em função dos obstáculos encontrados no exterior e sobretudo da culpabilidade que acarreta a agressão"<sup>18</sup>. Este segundo momento, ele sim, pode ser chamado de sexual; se quisermos, primariamente sexual, pois no campo da sexualidade ele surge como um primeiro ponto onde podemos identificá-la. Entra em cena o papel desempenhado pela dor, já que é pela dor que o gozo sexual pode ser instalado e configurar, assim, o masoquismo como

---

<sup>18</sup> Laplanche, J. "Vie et mort en psychanalyse", Paris, Flammarion, 1970, p.138.

sexualmente primário: "é na posição sofredora que reside o gozo sexual"<sup>19</sup>. Parece que Laplanche, apoiado unicamente no texto de Freud, não admite ver a sexualidade surgir senão pela dor, a sua produtora material. É por isso que ele dirá que só é sádico do ponto de vista sexual aquela segunda posição definida desde o masoquismo.

Como situar afinal o papel da dor tanto no sadismo como no masoquismo? À primeira vista, o caso do masoquismo parece ser mais apropriado a relacionar-se com a dor. O próprio Freud nos lembrou que "a psicanálise parece demonstrar que infligir dor não desempenha nenhum papel entre as ações-meta originárias da pulsão"<sup>20</sup>.

Façamos de nosso próximo passo uma nova aproximação do par perverso sadismo-masoquismo. Na medida em que o próprio Eu é tomado como objeto - aquilo que Freud pensa como o segundo momento - a dor pode produzir o espaço para a entrada em cena da excitação sexual. Vale a pena citar Freud: "uma vez que sentir dor se converteu em uma meta masoquista, pode surgir, retrogressivamente, a meta sádica de infligir dores; produzindo-as no outro, esse alguém mesmo as goza de maneira masoquista na identificação com o objeto que sofre. Desde logo, em ambos os casos não se goza a dor mesma, mas a excitação sexual que a acompanha, e como sádico isto é particularmente cômodo"<sup>21</sup>.

---

19 Laplanche, J. Op. Cit. p.141.

20 Freud, S. Vol. XIV. p.124; p.149

21 Freud, S. Op. Cit. p.124; p.150.

Aqui o processo que determina a configuração do movimento pulsional tem um desdobramento que já nos é conhecido: num primeiro movimento, é pelo limiar de excitação produzido pela dor, que este prazer vem ao mundo; a dor que é vista ou suposta pode então gerar prazer por meio da significação que está instalada.

É claro que o sádico - Freud sabe bem disso - que usufrui masoquisticamente por identificação, não sofre **efetivamente** a dor, ou seja, não tem **de fato** atuando uma excitação que, da dor, se transfigura em prazer: o sádico pode usufruir por identificação **porque** o que lhe faz funcionar é a significação posta pelo segundo movimento que, é evidente, se concretiza ao nível representacional neste último desdobramento. A energia funda um sentido que, a partir daí, ganha uma **autonomia relativa** ao processo de sua constituição. Então, nesta viagem, a dor, que é sentida por alguém que é batido pelo sádico, pode encarnar uma finalidade propriamente sexual e com isso capturar uma corrente libidinal para seu sustento.

O movimento acima descrito se ajustaria à posição masoquista passiva e o seu desdobramento à sádica, na ótica da posição perversa plenamente acabada. Mas aqui talvez surja um problema. Até aqui, falamos de alguém que, instalado em sua posição masoquista, pode **agir** sadicamente em função do fato de que usufrui, por identificação com o agredido, das dores que este sofre. Mas Freud está

interessado também em outro caso. Ao falar do masoquismo acabado, Freud vai observar que o indivíduo saído da posição inicial de violador - e parece não importar aqui senão o aspecto ativo - e que sofre, portanto, uma mudança de sua meta pulsional, tornando-se passivo, vai buscar - desde que faça um caminho reto em direção à perversão - uma outra pessoa que tomará, então, o papel ativo. "O caso c é o do masoquismo, como comumente o chamamos. A satisfação se obtém, também nele, pelo caminho do sadismo originário, na medida em que o Eu passivo translada-se na fantasia a seu posto anterior, que agora se deixa ao outro sujeito"<sup>22</sup> .

Parece que voltamos a nos encontrar com o sadismo. Ao que tudo indica, aos olhos de Freud, o masoquismo não pode ser compreendido apenas desde a geração da dor, e do prazer que dela pode advir, mas seu entendimento passa também pelo papel que o ímpeto agressivo e violador tem naquilo que de prazer ele agrega. Desde esse ponto de vista, tendo em mente que a dor somente pode fundar o segundo momento, parece ganhar de novo lugar a idéia de que o prazer obtido pela agressão é um prazer derivado da busca de franqueamento do objeto primeiro, prazer só compreendido a partir da situação total na qual encontra-se o sujeito, incluindo-se aí a fase libidinal, idéia que buscamos situar.

Freud lançou mão do conceito de narcisismo para dar conta da dinâmica geral que está em jogo aqui. Não obstante,

---

<sup>22</sup> Freud, S. Op. Cit. p.123; p.149.

não vamos falar diretamente deste conceito agora. Busquemos analisar a mudança de conteúdo. Ela vai nos dar mais dividendos no momento, inclusive abrindo-nos caminho para apreender a particularidade do conceito de narcisismo que Freud utiliza.

Consideremos a mudança de conteúdo de amor em ódio. Há um jogo de sentido que torna-se explícito neste caso? Vejamos como Freud encaminha esta discussão. Preliminarmente vale a pena lembrar que falaremos - nesta reconstrução das considerações teóricas feitas por Freud - de amor e de ódio tal como ele o fez, ou seja, de um modo que ele mesmo reconheceu como algo impróprio, já que no sentido usual amor e ódio devem ser empregados apenas quando existe uma relação do Eu total com seus objetos: Freud sabiamente afasta a possibilidade de concebermos o amor como resultante direto de uma pulsão parcial. O recurso analítico empregado por ele será o de pensar não somente o par amor-ódio, mas ainda o par amar-ser amado e amar-odiar-indiferença sob a ótica de três polaridades que, segundo ele, regem a vida mental do homem:

Sujeito ( Eu) - Objeto ( mundo externo)

Prazer - Desprazer

Ativo-Passivo

Como o próprio Freud enuncia no início de suas considerações, o par amor-ódio tem dificuldades em encaixar-se no esquema geral das pulsões: daí a aquisição paulatina

que devemos fazer de seus conteúdos. Logo de saída, ficando atentos às origens do indivíduo, podemos vislumbrar um primeiro momento do amor em que ele aparece como um **resultado** da relação do Eu com suas fontes de prazer: uma espécie de "protótipo" do amor.

"Originalmente, no próprio começo da vida mental, o Eu é catexizado com as pulsões, sendo até certo ponto, capaz de satisfazê-las em si mesmo. Denominamos essa condição de narcisismo, e essa forma de obter satisfação, de auto-erótica"<sup>23</sup>. Como correlativo desta situação, Freud diz que o mundo externo aparece como indiferente ou, se relevamos as fontes desagradáveis de estímulos externos, desprazeroso. Ele aproxima os dois pólos nesta passagem. Este texto, pelo que ele nos traz no campo definicional, convida-nos a uma pequena digressão.

É interessante notar como nesta página de Freud há uma identificação conceitual implícita do Eu com o corpo, e como consequência, a relação de investimento do corpo é pensada como sendo narcísica. Sabemos, desde os "Três Ensaio...", que o auto-erotismo caracteriza uma relação das pulsões parciais com o próprio corpo do indivíduo, para sermos mais específicos, com partes dele: o exemplo da criança chupando o dedo é, além de extremamente conhecido, bastante claro quanto à sua significação. Percebemos então que, neste texto extraído da Metapsicologia, há um

---

23 Freud, S. Op. Cit. p.129; p.156.

afastamento de posições teóricas que vinham sendo consolidadas e que foram assumidas em 1914, no célebre ensaio sobre o narcisismo. Neste trabalho, o Eu era constituído **a partir** do auto-erotismo, não sendo confundido com algo que estivesse já dado. Desde esse ponto de vista, o narcisismo aparecia como uma organização mais complexa que o auto-erotismo, superando-o de certa forma. Esta perspectiva vinha sendo construída pelo menos desde os meados de 1911. No caso Schreber, o auto-erotismo qualificava uma relação com o corpo próprio, sob o modo das pulsões parciais e o narcisismo apontava, na via do objeto amoroso, para a relação com o si próprio; Freud concebia, então, o auto-erotismo como uma primeira fase à qual seguia-se uma outra chamada narcisismo. Nesta, o indivíduo "sintetiza {zusammenfassen} em uma unidade suas pulsões sexuais de atividade auto-erótica para ganhar um objeto de amor"<sup>24</sup>. Há aqui uma distinção entre o corpo tomado pela pulsão parcial e o corpo tomado pela reunião das pulsões. Bastarão uns poucos anos para que esse problema se defina melhor na obra freudiana.

No texto de 1913 sobre a "Disposição à Neurose Obsessiva" o auto-erotismo é pensado como sendo a fase em que as pulsões parciais satisfazem-se no próprio corpo e o narcisismo é tido como a fase em que já se encaminhou uma

---

<sup>24</sup> Freud, S. "Sobre um caso de paranóia descrito autobiograficamente", Vol. XII. p.; p.83.

escolha de objeto, "mas o objeto coincide, contudo, com o próprio Eu"<sup>25</sup>. A idéia de que o objeto coincide com o Eu necessita que sejam feitas algumas considerações para fundamentá-la: em breve teremos a oportunidade de fazê-las. Por enquanto retomemos o texto sobre o amor.

Sendo assim, o escrito "Pulsões...", ao apresentar o amor original como uma derivação da "relação do Eu com suas fontes de prazer"<sup>26</sup>, tomando estas últimas como o corpo igualado ao Eu, faz com que esta primeira figura do amor, se levamos em conta os textos que acabamos de mencionar, fique determinada de um modo pouco satisfatório, prestando-se mais à ilustração da dualidade amor-indiferença do que abrindo-se teoricamente a um circuito de constituição e desdobramento. De qualquer forma, fica claro que o amor aparece sobretudo como um **derivado**, como uma qualidade que decorre da sensação de prazer, estando marcado, neste seu início, pelos caminhos de prazer que podem ser percorridos: a única determinação desde a qual este sentimento foi sendo construído é o prazer. Isto é importante para nós porque nesta concepção o amor tem como matriz uma **sensação**: é por intermédio dela que uma derivação para níveis mediados pode ser pensada.

A passagem do "Eu de realidade" para o "Eu de prazer" vai encaminhar o próximo passo na análise do amor realizada por Freud. Uma modificação relevante é aqui

---

25 Freud, S. Vol. XII. p.341; p.403.

26 Freud, S. Vol. XIV. p.130; p.157.

introduzida. Não se trata mais de pensar uma autonomia completa em relação ao mundo externo, no que diz respeito à consecução do prazer, à sua satisfação: o mundo externo agora entra numa relação ativa com a criança. A idéia é que, através de mecanismos primários de introjeção e projeção - moldados desde a atuação das pulsões de auto-conservação, as quais, além de produzirem uma aproximação com os objetos externos, promovem a primeira forma da relação de incorporação que é a via primária para a introjeção - o Eu, por intermédio do quadro das sensações de prazer e desprazer, purifica-se em um Eu-prazer. Isso se dá na medida mesma em que ele exterioriza os elementos que são desprazerosos e engloba em si os objetos externos que são fonte de prazer. Tais movimentos implicam, ou melhor, denunciam uma maior **operatividade** das sensações de prazer e desprazer na constituição do amor como algo próprio ao Eu e do ódio como algo pertencente ao mundo externo: "para o Eu-prazer purificado o objeto coincide novamente com o alheio e o odiado"<sup>27</sup>. Com esse movimento de introjeção e projeção - que Freud discutirá também mais tarde, em 1925, no trabalho sobre "A Negação", realçando o traço de oralidade que lhe é próprio - vai sendo consolidado um conjunto alargado de sensações, soldadas entre si, que permitem levar a cabo, prolongar, a fundamental distinção entre o interno e o externo, mas ao mesmo tempo vai sendo feita uma nova

---

<sup>27</sup> Freud, S. Op. Cit. p.131; p.158.

qualificação desta distinção, baseada, justamente, no jogo do prazer e do desprazer.

O ódio é percebido, nessa trilha, como um correlativo da repulsão provocada pelo desprazer: é claro que não se trata do ódio, como ele é vivenciado numa fase mais tardia, mas de uma espécie de origem do ódio a partir das sensações primárias derivadas da insatisfação pulsional. O mesmo raciocínio vale, feitos os ajustamentos devidos, para o amor.

Como já havíamos indicado, Freud verifica que, desde estas relações de prazer-desprazer, amor e ódio devem ser apreendidos - naquilo que têm de realmente qualificativo e reconhecido no mundo mental acabado - quando há uma progressão dos objetos pulsionais para a relação "do Eu-total com os seus [objetos]"<sup>28</sup>, e isso vai implicar no translado para uma relação com os objetos sexuais no sentido acabado do termo. "A palavra 'amar' se aplica ao vínculo do Eu com seu objeto sexual; esta observação nos ensina que sua aplicabilidade a tal relação só começa com a síntese de todas as pulsões parciais da sexualidade sob o primado dos genitais e a serviço da função da reprodução"<sup>29</sup>. É por essa razão que uma pulsão parcial não ama, propriamente falando, seu objeto.

---

28 Freud, S. Op. Cit. p.132; p.159.

29 Freud, S. Op. Cit. p.132; p.159.

Se formos, junto com Freud, reconhecer a origem do ódio para além dessa polarização que é desenhada na esfera da pulsão sexual, seremos conduzidos a admitir que o ódio é trazido ao mundo pela "luta do Eu para conservar-se e afirmar-se"<sup>30</sup>; ele surge, portanto, independente do amor e tem como sua origem um outro ponto de nascimento que este: é a sensação de desprazer oriunda da esfera das necessidades auto-preservativas que comanda o seu primeiro momento no mundo, ao qual, Freud torna claro, o desprazer sexual advindo da frustração pulsional agrega-se rapidamente.<sup>31</sup>

Se o desenvolvimento do amor parte do que Freud chama, neste texto, de etapa narcísica - prévia à relação com os objetos exteriores - o ódio supõe que já esteja constituído um Eu narcisicamente. Em contrapartida, o ódio antecipa-se ao amor no que diz respeito à relação com os objetos, pois, amparado no suporte auto-preservativo mencionado, ele tem a sua determinação garantida na mesma medida em que há um enfrentamento do Eu com o mundo externo. Desse modo, ganha sentido a afirmação de Freud de que o ódio

---

30 Freud, S. Op. Cit. p.132; p.160.

31 A título de especulação, a manutenção do Eu não é, se pensarmos por meio de uma derivação, ameaçada ao nível da auto-preservação quando o pai, além de impedir o acesso ao gozo, ao representar o polo irradiador da castração, ameaça, aos olhos do filho levá-la a cabo? Freud nos alertou para o importante papel desempenhado pelo falo como elemento do Eu.

"brota da repulsa primordial que o Eu narcisista opõe, no começo, ao mundo exterior prodigalizador de estímulos"<sup>32</sup> .

É interessante notar como ajusta-se a relação que acabamos de apontar com o desenvolvimento das fases da libido. É num prosseguimento da mesma linha que podemos ver o lançamento do ódio em direção à sexualidade e perceber a unidade que é conseguida entre esta concepção e os elementos destrutivos que foram objeto de discussão no caso do sadismo. "Quando as pulsões do Eu governam a função sexual, como sucede na etapa da organização sádico-anal, emprestam também à meta pulsional os caracteres do ódio"<sup>33</sup> . Assim, consegue-se uma unidade explicativa entre ódio e destruição. Sabemos que Freud por essa época toma a pulsão de dominação como não sexual; e muito embora não fale diretamente de sua vinculação às pulsões do Eu, isso fica mais ou menos implícito em seu pensamento.

Até agora falamos dos pares amor-indiferença e amor-ódio. Restou o par amar-ser amado. Freud concebe a mudança de conteúdo baseando-se no que ele descreve da escopofilia, onde, à diferença do sadismo, o primeiro momento ativo não é dirigido para um objeto outro, mas sim para o próprio corpo: este é seu objeto e Freud o define como caracterizando uma pulsão que se realiza de maneira auto-erótica. Pois bem, no caso do amor, o primeiro momento

---

32 Freud, S. op. Cit. p.133; p.161.

33 Freud, S. Op. Cit. p.133; p.161.

também é o momento 'auto': o "amar-se a si próprio, que é para nós a característica do narcisismo"<sup>34</sup>. É notável que tanto na escopofilia como no caso do amar, este momento "auto", que deve ser tido como ativo, não é substituído por sua contraposição passiva: pelo contrário o momento de olhar com o de amar são ainda ativos. Isto se deve ao fato de que Freud concebeu, se assim podemos dizer, este segundo grau de atividade, a partir de uma projeção para o objeto externo dos traços do objeto ao nível do si mesmo. Esta concepção fica clara a partir do importante texto sobre a escopofilia que Freud elaborou e que apresentamos a seguir. "De fato, inicialmente a pulsão de ver é auto-erótica, tem sem dúvida um objeto, mas este se encontra no corpo próprio. Só mais tarde se vê levada (por via da comparação) a permutar esse objeto por um análogo do corpo alheio (etapa a)"<sup>35</sup>. Basta verificarmos a caracterização desta fase, para saber do que se trata: "(a) o ver como uma atividade dirigida para um objeto alheio"<sup>36</sup>.

Podemos dizer então que, do ponto de vista da dinâmica das pulsões, esta particularidade, tanto da compreensão da escopofilia como do par amar-ser amado, apresenta um processo de constituição que merece ser considerado não reflexivo, diferindo dos há pouco citados.

---

34 Freud, S. Op. Cit. p.128; p.155.

35 Freud, S. Op. Cit. p.125; p.151.

36 Freud, S. Op. Cit. p.124; p.150.

Já vimos, alguns parágrafos atrás, que frente a alguns textos de Freud que trabalhavam com o conceito de narcisismo, ao que parece, o "Pulsões e seus Destinos" apresentava uma certa dissonância definicional. Vamos tentar realizar um pouco mais esta perspectiva.

\*

Em "Introdução do Narcisismo", já indicamos anteriormente, Freud nota que face ao auto-erotismo - identificado com o "estado inicial da libido" - é importante perceber que "é um pressuposto necessário que não esteja presente desde o começo, no indivíduo, uma unidade comparável com o Eu; o Eu tem que ser desenvolvido. As pulsões auto-eróticas são iniciais, primordiais; portanto, algo tem que agregar-se ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que o narcisismo se constitua"<sup>37</sup>.

Antes de continuar, vale a pena fazer uma observação. Se pensarmos nas definições que Freud nos oferece em "Pulsões..." teremos de admitir um Eu realidade original, que se desdobra graças ao princípio de prazer, em um Eu prazer e sabemos que neste mesmo texto o Eu "no próprio começo da vida mental" é investido pulsionalmente e se satisfaz auto-eroticamente. Parece haver um contraste

---

37 Freud, S. Op. Cit. "Introdução do Narcisismo", Vol. XIV. p.74; p.93.

evidente entre estas duas séries de declarações feitas por Freud: as do "Pulsões..." e as do "Narcisismo". Tentaremos encaminhar uma solução para esta dificuldade que não desarranje o espírito de seu pensamento.

As noções de Eu realidade original e do Eu prazer e as noções de Eu da fase narcísica, devem ser entendidas em níveis diferentes. Os dois primeiros termos denotam uma espécie de precursor do Eu inaugurado a partir do narcisismo. Na verdade, se atentarmos para o Eu prazer, veremos que ele consiste em representações - a princípio oferecidas ao sujeito graças à relação com o outro - que podem ser veículos de uma ligação pulsional que se torna independente do objeto que as originou, para mediar uma satisfação no próprio corpo; na realidade, o auto-erotismo, como se pode observar, aparece como o fundamento de uma fantasia. Assim, as experiências de satisfação são a origem, a partir da qual, na busca de retomada da satisfação, a pulsão (parcial, isto é, aqui, ligada independentemente a cada zona erógena) por encontrar no próprio corpo do sujeito a conveniência (o termo é de Freud) para a rápida consecução de seu fim, investe o corpo próprio. A posição da mãe, parcializada como está, é pilar destas experiências e ocupa um lugar central na configuração do Eu-prazer. As fantasias que facilmente encontram realização no próprio corpo envolvem setores de sua figura na mais ampla medida.

Mas, muito embora o sujeito "íntegro", introjetando, todos os traços de prazer, e fique somente com eles devido à projeção, não devemos nos esquecer que **não há** uma unidade em relação ao objeto no que respeita ao Eu- prazer. Parece que o conceito que melhor descreve esta situação é o de próprio: o Eu de prazer, na verdade, qualifica uma auto-percepção de algo próprio, pertinente, contido: não há dissonância e existe uma evidente característica de prazer envolvendo as representações. Isto não significa que este "próprio" tenha como referência qualquer coisa que vá além do que o movimento mesmo de introjeção e projeção podem determinar: uma boa separação do interno e do externo renovada pela ação do prazer.

Acreditamos que neste momento e sob estas bases é que se coloca a questão do Eu, ou melhor, da formação do Eu **a partir** de uma nova ação psíquica.

O narcisismo caracteriza a passagem do desordenamento das pulsões parciais para uma unificação frente ao objeto, mas que vai ser tomado como si mesmo. Como isso é possível?

Se pensarmos a unificação frente ao objeto como correlativa de uma unidade do objeto enquanto tal, ou seja, da figura da "mãe"<sup>38</sup>, podemos perceber que - sob a base das representações disponíveis - é num viés de fantasia que a

---

<sup>38</sup> A mãe deve caracterizar, nesse momento, a parceira na relação que o indivíduo estabelece com o outro e não a figura feminina que se relaciona, num jogo complexo, com o pai.

mãe é tomada relativamente à satisfação pelo corpo próprio do sujeito. Deste modo, o investimento pulsional que se põe neste momento no limiar do investimento **de** objeto (anaclítico) ao mesmo tempo implica na incorporação de uma imagem que media a satisfação através do corpo próprio.

Tentando completar o raciocínio, é o investimento de objeto, respaldado por uma experiência anterior da qual ele será síntese e que teve como matriz a possibilidade de obter prazer auto-eroticamente, que forma o campo da ação constituinte do Eu como algo que é então investido pelo próprio sujeito.

Deste modo, o prazer anteriormente obtido - e a forma pela qual este prazer foi conseguido - conduziu a que quando uma imagem total, a imagem da mãe como objeto, fosse investida, a corrente de incorporação sustentada pelo auto-erotismo dragasse a imagem da "mãe", colocando-a como imagem consistente do Eu: é o primeiro momento da constituição do Eu neste segundo nível a que aludimos há pouco; a primeira unidade interna.

Isto significa que o Eu tem primeiramente a forma da "mãe" determinante de seu contorno. Esta leitura pode ser confirmada por outros textos de Freud ou, ao menos, podemos tornar essa interpretação plausível à luz de algum outro texto?

Vamos apresentar dois exemplos do texto freudiano que vão expor um movimento de constituição da posição

subjetiva do indivíduo cuja **forma** é aproximada daquela que se pode extrair da interpretação que fizemos.

Retomemos o trabalho sobre Leonardo. Muito embora o escopo das articulações de Freud seja outro - e os mecanismos psíquicos em jogo sejam outros que os considerados na armação conceitual que dá conta da formação do Eu - este texto vai apresentar um jogo conceitual que é próximo ao que detectamos anteriormente.

"O amor para com a mãe não pode prosseguir o ulterior desenvolvimento consciente e sucumbe à repressão. O menino reprime o seu amor pela mãe pondo-se ele mesmo no lugar dela, identificando-se com a mãe e tomando a sua própria pessoa como modelo à semelhança do qual escolhe seus novos objetos de amor"<sup>39</sup>. E na sequência Freud agrega: Leonardo amará meninos, e "os ama como a mãe o amou quando menino"<sup>40</sup>. Como é patente, uma aproximação direta destas considerações com o problema da constituição do Eu fica excluída pois não há, antes de tudo, paridade temporal entre os termos; além disso, este trabalho lança mão de conceitos que não estão presentes na discussão da formação do Eu: repressão e identificação.

Estas idéias parecem atestar que, no movimento de constituição da homossexualidade, tão próprio da fase narcísica, a identificação com a mãe - o colocar-se no seu

---

39 Freud, S. "Uma recordação infantil de Leonardo da Vinci", Vol. XI. p.93; p.92.

40 Freud, S. Op. Cit. p.93; p.92.

lugar - acarreta numa passagem do circuito da pulsão pela "ótica" materna interiorizada e que por isso conduz a um investimento final no Eu do próprio sujeito. Este movimento completo da gênese da homossexualidade é mais complexo do que o anteriormente descrito mas, parece-nos, pode ser pensado como uma derivação dele. Na verdade aquilo que chamamos de forma da mãe se desdobra nos elementos que representam a sua posição: no caso em questão, a posição do olhar da mãe, a sua relação de amor com o próprio Leonardo; a partir daí as derivações.

Ao que parece a questão da formação de um ideal de Eu poderia ser também encarada desde uma perspectiva similar.

Freud introduz o conceito de ideal de Eu com a finalidade de discutir o problema da repressão. Não vamos discutir esse problema mas apenas acompanharemos a montagem feita por Freud. Sabemos que a visão de Freud faz fluir a libido investida no Eu para os ideais que o sujeito forma e que "medem" seu Eu real desenvolvido. Ocorre como que um **deslocamento** para o aspecto idealizado: "o que ele projeta diante de si como o seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância, na qual ele foi o seu próprio ideal"<sup>41</sup>. A questão que se coloca é por que razão a idealização é ao mesmo tempo uma operação de medida, de

---

41 Freud, S. Vol. XIV. p.91; p.111.

certa forma uma imposição, de tal sorte que ela comandaria à distância a própria repressão?

Esta consciência que vigia, para sintetizar o pensamento de Freud, e que foi adensada pela crítica, tanto dos pais num primeiro instante, como subseqüentemente da moral social, é montada de modo que "grandes quantidades de uma libido, em essência homossexual foram assim convocadas para a formação do ideal narcisista do Eu, e em sua conservação encontram drenagem e satisfação"<sup>42</sup>.

Ora, como vimos, há uma passagem pela ótica da "mãe" a qual opera uma determinação do modelo masculino que caracteriza o investimento libidinal homossexual na sua origem. Esta é a porta de entrada para a operação de medida, pois é deste afastamento original na própria constituição do sujeito, do seu Eu, que o ideal pode se desenvolver. É por isso que Freud intui que o ideal é investido com libido homossexual, vale dizer, libido narcísica.

A identificação com a mãe no momento de constituição do narcisismo implica na interiorização daquilo que a representa, tanto a título da determinação de objetos como da determinação da introdução da mesma.

Se tomarmos o momento inaugural da fundação do Eu perceberemos que o si mesmo é pleno do outro; desdobrando esta postulação, perceberemos ainda que a própria configuração do Eu traz consigo a semente de uma imposição

---

42 Freud, S. Op. Cit. p. 93; p.113.

que vai trabalhar de dentro do indivíduo e que pode atuar como uma medida que se afirma por sobre o Eu do sujeito.

Se nos fosse permitido arriscar uma síntese, o texto "Introdução do narcisismo" apresenta-nos uma visão em que a dinâmica dos prazeres acarreta a formação de uma divisão entre Eu e ideal de Eu; como é evidente, é a mais elementar circulação pulsional que promove a variação das sensações de prazer e desprazer, e portanto, devemos a ela a diferença interna que acompanha o sujeito.

Em nossa opinião, o trabalho que Freud escreveu em 1914, tem o mérito de tentar lançar as bases sobre as quais seria possível apenas com uma teoria das pulsões unificar uma grande gama de quadros que envolvem a sexualidade. Fornecendo com a teoria do narcisismo o pano de fundo das dinâmicas pulsionais, Freud esboçou um registro teórico que tornou plausível toda uma série de andamentos reflexivos da libido, tão frequentemente encontrados na clínica psicanalítica. Face a isso, o trabalho sobre as "Pulsões...", na medida em que não se preocupa com o ato que inaugura o Eu, lança mão do narcisismo para explicar as vicissitudes pulsionais mas - como aliás, o próprio Freud declara - caminha "sem examinar de imediato o vínculo entre auto-erotismo e narcisismo"<sup>43</sup>. É na medida em que Freud se apropria de uma dinâmica entre as pulsões já pensada, mas sem a intenção de fundamentá-la, que acreditamos ganhar

---

43 Freud, S. Op. Cit. p.126; p.153.

sentido as diferenças no uso de conceitos já apontados por nós.

\*

Para nossos propósitos não é sem interesse relevar, tendo em conta os textos metapsicológicos de 1915, o problema da repressão. Inicialmente gostaríamos de salientar uma circunstância que nos parece fundamental. Segundo a posição tomada por Freud somos obrigados a admitir que a pulsão que foi reprimida conduziria de maneira inequívoca à realização de prazer. Ocorre que, este é o ponto importante, é exatamente este prazer que, ao ser de algum modo transformado em desprazer, funciona como a condição que é pressuposta para a repressão. Freud nos impede de pensar que este desprazer que, por assim dizer, advém do prazer, possa ser tido apenas como decorrência da falta de satisfação pulsional: na repressão não se trata de um excesso de excitação que causa desprazer porque não foi descarregado, mas causaria prazer se o fosse. A repressão supõe que um prazer **seja tido** por desprazeroso quando efetivado. A solução encaminhada é perceber que há desprazer porque a satisfação de uma certa pulsão é "irreconciliável com outras exigências e desígnios"<sup>44</sup>. Freud falará que haverá prazer num lugar - podemos supor, ao nível da fonte pulsional - e

---

44 Freud, S. Op. Cit. p.142; p.170.

desprazer em outro, justamente o espaço cujas "reivindicações e intenções" encontram seu ponto de partida. Se lembrarmos do duplo aspecto que representa a pulsão onde sensações se juntam à representação (*Vorstellung*) numa síntese, nos será possível imaginar que a constituição de uma nova síntese, representacional, só se dará quando um novo sentido, diferente do resultante do encontro anterior for agregado a este último: esta re-significação será descrita justamente como desprazer e será articulada desde o espaço cênico das "outras reivindicações e intenções". Freud falará de motivo do desprazer em oposição ao prazer da satisfação, quer dizer, da descarga.

Podemos recordar aqui, sem retomar as discussões, a caracterização da formação de um ideal que seria a condição da repressão na medida em que tal ideal incorporaria, entre outras coisas, fatos da cultura - éticos, estéticos - que projetados sobre o Eu infantil perfeito proporcionariam os elementos de "medida" - a partir das significações agregadas ao ideal - do Eu atual real. São, rapidamente, estes últimos traços de sentido que funcionam como base de requalificação da satisfação pulsional envolvida na repressão.

Mas, estabelecendo esse pressuposto geral, em que consiste a repressão? "Sua essência consiste em rechaçar algo da consciência e mantê-lo distante dela"<sup>45</sup>.

---

45 Freud, S. Op. Cit. p.142; p.170.

Mais tarde, veremos que Freud vai mostrar que são as representações de palavra, as quais tem a propriedade de fazer a intermediação necessária entre as representações de objeto e a consciência que serão a chave para a repressão: pois o "sistema Inconsciente contém os investimentos de coisa dos objetos, que são os investimentos de objeto primeiros e genuínos"<sup>46</sup> .

Além do que foi dito devemos notar que a repressão só interfere na relação entre o representante pulsional e a consciência.

A repressão primeira consiste em que a agência representante não possa adentrar na consciência e fique desde então fazendo parte exclusivamente do sistema inconsciente, o que lhe ocasiona uma fixação<sup>47</sup> , Freud dirá, em função do fato de que não há temporalidade neste sistema: "a partir desse momento, a agência representante em questão persiste imutável, e a pulsão continua ligada a ela"<sup>48</sup> . Vemos em Freud que o isolamento da pulsão reprimida é uma decorrência do fato de que as representações de coisa ficam, como primeiras catexias de objeto, desconectadas da sua associação com as representações de palavras: assim sendo,

---

46 Freud, S. Op. Cit. p.198; p.230.

47 Sabemos que Freud ao analisar o caso Schreber atribui à fixação não um caráter de produto da repressão, mas sim o de um pressuposto dessa última. Ela é pensada como o fruto de um "retardamento passivo" do desenvolvimento do fluxo libidinal.

48 Freud, S. Op. Cit. p.143; p.171.

todas as transformações que, dentro do quadro da normalidade levam do objeto para o multifacetado mundo das palavras, permitindo um alargamento da presença do objeto no nível pulsional, na esfera da linguagem, ficam impedidas; a pulsão só mantém um único horizonte, ou até, só se dirige para um único ponto do horizonte.

No que diz respeito à repressão propriamente dita, a segunda fase do processo, Freud nos adverte que ela "recai sobre os brotos psíquicos da agência representante reprimida ou sobre uns itinerários de pensamento que, procedentes de alguma outra parte, entraram em um vínculo associativo com ela"<sup>49</sup>.

Do lado dos derivados do reprimido encontramos sobretudo as fantasias que se formam a partir do ponto de fixação e que são inconscientes, ou ainda, "insuscetíveis de se tornarem conscientes"<sup>50</sup>. Freud já havia nos alertado, por volta de 1911, que "a repressão permanece onipotente no reino do fantasiar; logra inibir representações *in statu nascendi* antes que possam fazer-se notadas pela consciência, toda vez que o investimento possa dar ocasião ao desprendimento de desprazer"<sup>51</sup>.

Como ficam estas observações, se adendarmos a teoria encontrada na Metapsicologia a elas?

---

49 Freud, S. Op. Cit. p.143; p.171.

50 Freud, S. Op. Cit. p.187; p.219.

51 Freud, S. Vol. XII. p.228; p.282.

Um bom caminho nos parece ser aprofundar a análise da impossibilidade aludida por Freud e combiná-la com a questão da inibição em *statu nascendi*. Sabemos que em se tratando de derivados do primordialmente reprimido o desdobramento da fantasia requereria que representações de palavra lhe fossem aduzidas. Ora, no nível da repressão primordial, a cisão da representação de palavra da representação de coisa se opera no mesmo movimento que realiza a modificação de prazer em desprazer que Freud coloca como condição da repressão: o objeto no Inconsciente está marcado pelo prazer mas as representações de palavras - o seu sistema - que agora estão cindidas das de coisa, estão significadas pelo desprazer. Como é evidente, este desprazer não é equivalente ao de uma pressão não descarregada, mas deriva do sentido que está agregado ao conjunto de representações de palavra que esteve ligado à representação de coisa. O efeito de automatização deste processo é total: desde que qualquer representação vivida do exterior vier a entrar em conexão com o sistema re-significado, ela estaria dotando a si mesma do traço de desprazer. Interpretamos assim o termo probabilidade: a provável carga que seria aduzida à representação constante da fantasia, que a impulsionaria em direção aos sistemas superiores é, apenas nascida, imediatamente inibida pois está marcada com o signo que a opõe à continuidade do processo.

O processo acima esboçado permite a inibição de qualquer passagem da fantasia para o consciente. Não obstante, se assumimos que a finalidade da repressão é, como nos diz Freud, interromper o desenvolvimento do afeto, seu processo de descarga e ao mesmo tempo atentarmos para o fato de que o reprimido volta - o Inconsciente, Freud vai afirmar, não é vestigial, ou "em síntese deve dizer-se que o Inconsciente continua a si em seus brotos, é acessível às vicissitudes da vida"<sup>52</sup> - seremos obrigados a concluir que a ação do Inconsciente, sua volta, vai significar o desenvolvimento do afeto de um outro modo: é o que ocorre com a formação do substituto. Vamos verificar como esse processo é a um só tempo realizador dos desígnios maiores do aparelho psíquico (busca do prazer) e mantenedor da própria repressão - o que aliás não vai contra o princípio de prazer, apenas atua num nível mais desenvolvido de suas requisições.

Freud vai permitir uma abordagem da formação de um substituto na reflexão que ele faz sobre as paradoxais "emoções inconscientes". A idéia é que o termo emoção inconsciente, na realidade, somente deve ser empregado na circunstância particular em que a repressão de fato conseguiu inibir o desenvolvimento de um afeto ligado a uma específica representação. Mas, na verdade, o mesmo afeto surge ligado a uma outra representação: a emoção é sempre

---

52 Freud, S. Vol. XIV. p.187; p.218.

consciente, os estados afetivos são sensações de descargas, são algo cujas exteriorizações últimas se **percebem** como sensações - ocorre, somente, que a tonalidade qualitativa que ela tem não é aquela que na origem lhe pertencia.

Esta abordagem no entanto, ainda não revela inteiramente o papel que pode ser atribuído a uma formação de substituto; é na consideração da dinâmica mesma da repressão que isso vai se dar. Freud vai basear sua descrição geral do processo repressivo tal como o encontramos na histeria de angústia.

Sinteticamente, podemos admitir três fases; não devemos, porém, deixar de lembrar que o modo geral de operação da repressão é a retirada de investimento - mais adiante Freud dirá, retirada de investimento das representações de palavra próprias ao sistema Pcs-Cs. Sendo assim, o primeiro momento do processo seria, do ponto de vista fenomenológico, o aparecimento de uma angústia não localizada pelo sujeito; do ponto de vista teórico, o fenômeno é pensável como sendo o resultado da retração do investimento que deveria ser aduzido ao impulso que tem sua nascente no Ics.: sem o apoio do investimento Pcs, a representação não segue seu curso até a Cs, rumo para o qual tendem as pulsões em sua visada de satisfação, pois "o sistema Cs normalmente governa a afetividade assim como o acesso à motilidade"<sup>53</sup>, indispensável à busca do objeto.

---

53 Freud, S. Op. Cit. p.175; p.205.

Inibido em seu desenvolvimento pleno, o investimento cindido da representação Pcs é descarregado como angústia. O resultado é que os ciclos funcionais acabam tornando-se ciclos de angústia.

Aqui a passagem freudiana merece ser integralmente mencionada. No segundo momento do processo, "o investimento [pcs] em fuga se voltou para uma representação substitutiva que, por sua vez, por uma parte se ligou por via associativa com a representação rechaçada e, por outra, se subtraiu da repressão por seu distanciamento com respeito a aquela (substituto por deslocamento) e permitiu uma racionalização do desenvolvimento da angústia até há pouco não inibível. A representação substitutiva joga agora para o sistema Cs (Pcs) o papel de um contra-investimento: com efeito, assegura contra a emergência na Cs da representação reprimida"<sup>54</sup>.

O texto pode nos ensinar muitas coisas. Em primeiro lugar ele nos mostra porque a libido que é mantida no Ics não retoma a luta, tal como se não tivesse havido repressão para aceder à consciência, tornando assim o processo de repressão, ou seja, da retirada do investimento Pcs, um processo "interminável": o contra-investimento Pcs permite que haja um desvio da representação reprimida, vale dizer, uma adoção de nova via representacional que, logo estabelecida, efetivamente impede que a representação

---

<sup>54</sup> Freud, S. Op. Cit. p.179; p.209.

reprimida, no nível de sua ligação com o Pcs, seja investida.

Ocorre um excepcional jogo entre o sentido e a energia de forma que, na representação substituta não se dá uma ligação do que havia antes sido desligado, rompido, mas sim surge uma síntese representacional onde, por um novo objeto representado, tanto o desejo como o decorrente traço de angústia que agora o acompanha estão fundidos. Está aberta a via para a racionalização, a angústia agora teria uma fonte externa identificável, e é possível então levar a cabo uma tentativa de inibição da angústia por meio de atos de proteção, justamente aqueles que caracterizam a fobia; ao mesmo tempo percebemos qual é a razão para o malogro de todo o processo: a racionalização com a decorrente gama de medidas protetoras não pode impedir que a representação que agora se responsabiliza, para a consciência, por ser a fonte da angústia, seja tocada pela ordem do desejo; pelo contrário, desejo e angústia fundidos, só resta ao sujeito ampliar mais e mais o campo de suas inúteis proteções, o que vai conduzi-lo a uma imperiosa paralisação vital. Em última análise, "o resultado da fuga fóbica continua sendo, apesar de tudo, insatisfatório"<sup>55</sup>.

Adiantamos um pouco as considerações que Freud faz da terceira fase, justamente a da ampliação das defesas a

---

55 Freud, S. Op. Cit. p.181; p.211.

partir do objeto fóbico exterior. Resta-nos apenas marcar o papel que os investimentos terão nesta fase.

De fato, se lembrarmos que o momento anterior aproximou a ansiedade do substituto, serão as associações, ou melhor, "todo o entorno associado da representação substitutiva"<sup>56</sup> que deverá ser protegido da excitação. Isto será levado a cabo por um mecanismo que promoverá a possibilidade de fuga graças à instalação de um sinal de angústia, obtível pelo investimento "com uma intensidade particular, de modo que pode exibir uma elevada sensibilidade à excitação"<sup>57</sup>. Trata-se aqui de um processo massivo, próprio dos traços da fobia, ou seja, as proibições e evitações, todo o conjunto de associações instaladas no nível Pcs recebem um acréscimo energético que lhes permite, dado qualquer pequeno aumento de investimento, operar o sinal de angústia, aquilo que Freud toma como um "pequeno desenvolvimento de angústia"<sup>58</sup>. É importante notar que Freud não faz senão pressupor o jogo acima apontado.

\*

Não resta dúvida alguma de que "Além do Princípio do Prazer" é uma obra intrigante para quem busca enfeixar num todo coerente a perspectiva econômica de Freud: afinal o

---

56 Freud, S. Op. Cit. p.180; p.210.

57 Freud, S. Op. Cit. p.180; p.210.

58 Freud, S. Op. Cit. p.180; p.210.

pivô desta concepção, o princípio do prazer não recebe seu mais severo limite nas considerações que Freud desenvolve neste texto? Intrigante porque o resultado de todo um complexo esforço argumentativo desemboca num serviço que o princípio do prazer executa para a pulsão de morte.

Desde este ponto de vista, qual o lugar que a perspectiva econômica assume junto à ordem do sentido, cujo desdobramento teórico buscamos perseguir?

Freud inicia sua discussão apresentando a idéia de uma regulação automática dos processos psíquicos. A idéia, antiga, se resume a pensar que uma tensão sentida como desprazerosa, dá partida aos processos psíquicos de maneira que, no seu acabamento, a tensão seja eliminada<sup>59</sup>. Os processos perfazem assim "... uma evitação do desprazer ou uma produção de prazer"<sup>60</sup>. Resulta que a regulação dos processos psíquicos deve ser entendida como uma regulação de quantidades que, na medida mesma daquilo que o princípio enuncia, se dispara quando há um aumento de quantidades e conduz a um escoamento das mesmas. As qualidades desprazer e prazer são relativas ao aumento e a diminuição, respectivamente. Desde este início e neste nível de análise, vemos já o papel dominante do desprazer no desencadeamento dos processos psíquicos.

---

59 Uma melhor delimitação do campo a ser operada pelo apontamento de limiares, mesmo que numericamente não definidos, não está fora do horizonte de Freud.

60 Freud, S. "Além do princípio do prazer", Vol. XVIII. p.7; p.17.

Na apresentação de Freud do princípio, que, devemos convir, é bastante abstrata pois não apresenta senão o automatismo da regulação, faltando a indicação, mesmo que genérica, dos meios de que lança mão o aparelho psíquico para realizar esta regulação, vemos surgir um dos traços, para nós significativo, do que ele chama sua hipótese especulativa. O princípio é a expressão quase direta de "fatos da observação cotidiana em nosso campo"<sup>61</sup>. Este detalhe tem importância para nós porque, muito embora o princípio seja apresentado como econômico, ele, na sua própria enunciação, já combina elementos de outra ordem: as sensações - qualidades - que fazem parte de uma descrição que leva em conta também o lado fenomenal que surge na clínica.

Podemos perceber melhor este aspecto se compararmos - contrastarmos - a enunciação do princípio de prazer com a do princípio de constância que Freud dá logo a seguir no texto.

Aqui, os mesmos fatos dão margem à formulação de uma hipótese de apoio - na verdade será dito que o princípio de constância vai sustentar o princípio de prazer: "o aparato anímico se esforça por manter o mais baixo possível, ou ao menos constante, a quantidade de excitação presente nele"<sup>62</sup>.

---

61 Freud, S. Op. Cit. p.7; p.17.

62 Freud, S. Op. Cit. p.8; p.19.

Freud vai se apoiar no princípio de constância para fundamentar<sup>63</sup> o princípio de prazer: dada a caracterização geral do aparelho psíquico, este último luta para "manter baixa a quantidade de excitação [e] tudo o que seja apto para incrementá-la será sentido como disfuncional, vale dizer, como desprazeroso"<sup>64</sup>.

Além de apontar para este apoio teórico, que terá consequências, o que nos importa agora realçar é que o princípio de constância se não é enunciado numa linguagem eminentemente próxima à fisiológica, ao menos não se utiliza de termos que denotem qualidades: ele não leva em conta os sentimentos psíquicos tal como o faz o princípio do prazer<sup>65</sup>. E isso não é um mero detalhe linguístico, pois não devemos nos esquecer de que se o princípio de prazer, definido economicamente, dá, em verdade, importância para o desprazer, a noção mesma de prazer - implicada no princípio - é representada no psiquismo. Mesmo que, num momento original de determinação, numa espécie de grau zero, uma representação seja prazerosa **porque** através dela foram

---

63 Laplanche em seu "Vie et mort en psychanalyse" faz um belo apanhado, desde o "Projeto...", das modificações da relação princípio de prazer/princípio de constância.

64 Freud, S. op. Cit. p.9; p.19.

65 Para Laplanche, em seu trabalho sobre a teoria da sedução, Freud havia declarado explicitamente que o princípio de constância é o fundamento do princípio de prazer. "Um seria apenas a tradução do outro no plano psíquico", in "Teoria da sedução generalizada e outros ensaios", Porto Alegre, Artes Médicas, 1988, p.12.

aliviadas tensões, ou seja, o mecanismo de descarga foi o responsável pela qualificação da representação, é importante notar que ela estará, daí por diante, marcada como prazerosa, no nível representacional, no campo do sentido ela representará o prazer<sup>66</sup>; e o princípio do prazer, que sem a análise que fizemos, só poderia ser expresso como princípio do desprazer, se completa na unidade físico-psíquica que corresponde plenamente a seu papel teórico. Este resultado é para nós muito importante pois ele, além de, em nossa opinião, corresponder a uma vertente importante da obra freudiana, vai dirigir nossa interpretação.

Pelo que articulamos, podemos perceber o que o princípio de constância não diz, e percebemos também aquilo que é trazido à luz pelo princípio do prazer, quando devidamente combinado com as implicações correlativas na esfera do sentido.

A restrição ao domínio total do princípio de prazer é conhecida: "na alma existe uma forte tendência ao princípio do prazer, mas certas outras forças ou constelações o contrariam, de sorte que o resultado final nem sempre pode corresponder à tendência ao prazer"<sup>67</sup>.

Freud vai operar num "crescendo" no qual níveis apresentam-se sucessivamente como formas distintas de limites ao domínio total do princípio do prazer. O primeiro

---

66 O mesmo jogo poderia se dar com o desprazer.

67 Freud, S. Op. Cit. p.9; p.20.

degrau será alcançado pela apresentação do princípio do prazer como algo "ineficaz e até altamente perigoso" do ponto de vista da auto-preservação do organismo.

Um primeiro nível de desprazer vai agir para estabelecer um limite ao princípio do prazer. A ineficácia do princípio do prazer prende-se ao fato de que ele é "próprio de um modo de trabalho *primário* do aparato anímico"<sup>68</sup>. A idéia bastante conhecida de Freud é a de que o princípio de realidade está apto para "abandonar o propósito de um ganho final de prazer, exige e consegue adiar a satisfação, renunciar a diversas possibilidades de lográ-la, e tolera provisoriamente o desprazer no largo rodeio em direção ao prazer"<sup>69</sup>.

Gostaríamos de aproveitar essa oportunidade, já que a noção de "funcionalmente primário" foi mencionada, e lembrar de um texto importante. Vários trabalhos de Freud podem ser evocados se quisermos discutir o aparelho psíquico e seu modo primário de funcionamento. Mas, entre todos eles, o escrito "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico" talvez seja o que oferece passagens mais cruciais. Selecionamos uma delas.

A primeira instância do modo de funcionamento, tal como Freud a concebe - lembremo-nos de que ele não desenvolve mais a essa altura abordagem eminentemente

---

68 Freud, S. Op. Cit. p.9; p.20.

69 Freud, S. Op. Cit. P.10; p.20.

neurológica - é a seguinte: "o estado de repouso psíquico foi perturbado inicialmente pelas imperiosas exigências das necessidades internas. Nesse caso, o pensado (o desejado) foi posto {setzen} de maneira simplesmente alucinatória, como ainda acontece hoje todas as noites com os nossos pensamentos oníricos. Só a ausência da satisfação esperada, o desengano, trouxe como consequência que se abandonasse essa tentativa de satisfação pela via alucinatória"<sup>70</sup>.

Esta reconstrução que Freud fez de ocorrências próprias - mas não unicamente - aos estados originais do psiquismo nos ajuda a estabelecer o estatuto do processo primário: ele é na origem, reinvestimento da **experiência de satisfação**. A fundação do desejo, sua primeira determinação, se dá a partir da experiência de satisfação e o funcionamento primário não é senão a retomada desta mesma experiência. Deste modo, muito embora o processo primário em outra de suas características, a capacidade de transferência - condensar e deslocar - desdobre o aspecto infra apontado, é a representação marcada pelo prazer que oferece a primeira via de desenvolvimento do processo primário, funcionando também como o primeiro movimento do princípio do prazer.

Concluída esta rápida menção de textos anteriores, gostaríamos de poder indicar agora um detalhe da passagem que antes estávamos relevando. É interessante notar a

---

<sup>70</sup> Freud, S. "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico", Vol. XII. p.224; p.278.

modulação que ocorre no discurso de Freud quando ele vai caracterizar o princípio de realidade. Não vai ser ressaltado o aspecto propriamente funcional, mas sim o psíquico: o princípio de realidade não irá implicar, de modo algum o abandono da intenção fundamental de obter prazer. Esta é uma boa via para a percepção de que o princípio de realidade vai operar no nível da representação, no nível do objeto da pulsão e que a tolerância temporária do desprazer funciona como um efeito da ação no nível do objeto - representação - : é o império do padrão utilidade.

Finalmente lançando mão ainda do trabalho sobre as "Formulações sobre os dois princípios..." devemos lembrar que o princípio de prazer, graças à possibilidade de satisfação auto-erótica das pulsões sexuais, permanece agregado a elas, dicotomizando-se das pulsões de auto-conservação e da coligada atividade consciente (pensamento, etc.) A íntima relação entre a fantasia e o princípio de prazer sublinhada por Freud deve ser encarada segundo a diretriz que estabelecemos anteriormente.

A sequência das limitações do princípio do prazer discute o papel do desprazer neste giro substitutivo do princípio de realidade. Surge no texto a problemática da repressão - ancorada na explicitação do desenvolvimento das fases da pulsão, agregadas às organizações libidinais, e da

possível incompatibilidade das pulsões que funcionam segundo o princípio de prazer e a "unidade abarcadora do Eu"<sup>71</sup> .

O ponto crucial é que as pulsões que são efetivamente prazerosas, quando atingem seu objetivo, implicam em desprazer para o Eu. Como podemos entender este desprazer? Como pensar o desprazer e a distinção tópica?

Já falamos sobre esse assunto. Teremos aqui a oportunidade de retomá-lo e desenvolver alguns aspectos importantes de sua compreensão. Uma interpretação rasa implicaria: o que é **descarga** de energia para uma pulsão topicamente situada, é **carga**, sobrecarga, para um outro sistema; mas isso significaria que a descarga de um lugar preenche, sobrecarregando, o outro. Não parece ser essa uma boa via para a solução da dificuldade que o próprio Freud encontra: sabemos que por volta da época da escritura do texto de "Além do Princípio do Prazer", o processo em que um "prazer não pode ser sentido como tal"<sup>72</sup> , não está totalmente elucidado.

Se tomarmos a perspectiva da integração entre sentido e energia perceberemos que a resposta já estava formulada na teoria mas não tinha sido utilizada para dar conta do problema em questão. Daí este prazer desprazeroso não ser um paradoxo mas o sinal de que, no nível do significado, face a um prazer, a uma representação

---

71 Freud, S. Vol. XVIII. p.10; p.21.

72 Freud, S. Op. Cit. p.11; p.21.

prazerosa, tenha sido agregada, a partir do Eu, uma re-significação. É como se mais uma volta no processo de constituição do prazer fosse dada: uma representação prazerosa, pelas suas características, se qualifica como incompatível quando aferida segundo "critérios" do Eu; a incompatibilidade é que estabelece a re-significação. Por isso, o prazer é desprazeroso; mas para a instância Eu, que assume a re-significação enquanto tal: o Eu consciente.

Freud nos apresenta também o acesso à discussão sobre os limites do princípio do prazer no tema da repetição. Este **fenômeno** foi prototipificado em três situações: na neurose traumática, em que o sonho daquele que sofreu um trauma mecânico (acidente) repete o evento, indo em direção oposta à natureza de realização do desejo do sonho; nos jogos infantis, nos quais a criança simboliza através de uma brincadeira o desaparecimento - desagradável - da mãe; na repetição transferencial, na qual cenas que jamais provocaram prazer são insistentemente repetidas na análise.

As duas primeiras situações, Freud nos mostra, podem ser vistas sob um ângulo que subtraia a contradição entre elas - suas repetições, e o princípio de prazer; a terceira furta-se com a maior facilidade a esse recurso. Não vamos nos importar com a apresentação destas possibilidades: damos-las por supostas, tendo em vista a continuidade dos argumentos sem muitos desvios.

No curso de uma análise "o doente não pode recordar tudo o que há nele de reprimido, talvez justamente o que é essencial. Se tal coisa ocorre, ele não adquire convencimento algum sobre a justeza da construção que lhe foi comunicada. Mais do que isso, ele é obrigado a *repetir* o reprimido como vivência presente ao invés de *recordá-lo*, como o médico preferiria, como um fragmento do passado"<sup>73</sup> . Vemos nesse fenômeno que ele nasce na borda de uma cadeia de recordações, ou seja, que ele se dá justamente onde o sentido que poderia ser realizado por meio das lembranças falha, não é atingido.

A questão que Freud vai se colocar é a seguinte: "que relação guarda com o princípio de prazer a compulsão de repetição, exteriorização forçosa do reprimido?"<sup>74</sup> .

Tendo em vista que o inconsciente reprimido manifesta-se, busca "irromper na consciência", segundo o modelo mesmo do próprio princípio de prazer - é a resistência do Eu, Freud assegura, que opõe-se - uma explicação bem simples para a repetição, no que diz respeito à sua ligação com o princípio do prazer, poderia ser elaborada se afirmássemos que ao fim e ao cabo estamos diante de um jogo típico: prazer para uma instância e desprazer para outra. Mas como antecipamos, isto não vai servir a Freud inteiramente pois podemos constatar que as

---

73 Freud, S. Op. Cit. p.18; p.31.

74 Freud, S. Op. Cit. p.20; p.33.

experiências envolvidas na repetição, que giram em torno do complexo de Édipo, fazem emergir do passado, "vivências passadas que não contém possibilidade alguma de prazer, que tampouco naquele momento puderam ser satisfações, nem sequer das moções pulsionais reprimidas desde então"<sup>75</sup>.

Surge com clareza o limite ao princípio do prazer: um fenômeno psíquico - importantíssimo na clínica - não pode ser explicitado com o seu auxílio. Sem dúvida Freud admite que as atividades pulsionais que são subjacentes, agregadas àquilo que se repete, estão "destinadas a conduzir à satisfação; mas já naquele momento não a produziram mas sim encaminharam unicamente o desprazer"<sup>76</sup>.

Freud caracteriza a gama das ocorrências de repetição como a reprodução de "ocasiões indesejadas e situações afetivas dolorosas"<sup>77</sup> ligados imediatamente ao quadro do declínio da vida sexual infantil, como sabemos, coetâneo do drama edipiano. Várias caracterizações do Édipo elaboradas por Freud nos permitem pensar de um lado noções pulsionais, digamos, em seu estado elementar, propriamente objetal, e de outro, sentimentos conflituosos e aflitivos relativos ao circuito edipiano. O resultado de tais relações pode, como aliás faz Freud, ser tido como o gerador de uma "cicatriz narcísica" e é esta última, ou melhor aquilo por ela designado, que Freud diz em alto e bom som não poder ter

---

75 Freud, S. Op. Cit. p.20; p.34.

76 Freud, S. Op. Cit. p.21; p.35.

77 Freud, S. Op. Cit. p.21; p.34.

sido fonte de prazer em época alguma. É um resultado do drama que não produz prazer e ao mesmo tempo repete, nas palavras de Freud, de maneira fortemente "pulsional". Num texto de 1914, verificamos uma outra aproximação do tema quando o conteúdo do que repete é tido, num enfoque à primeira vista mais distanciado do quadro edípico, como uma projeção desde o reprimido para o domínio da personalidade, de "suas inibições e atitudes inviáveis, seus traços patológicos de caráter"<sup>78</sup>. Sabemos desde o pequeno Hans - encarando-o como um marco - da íntima relação entre o conflito edípico e as características de personalidade desviadas. Assim, delimitamos o espaço daquilo que é colateral - mas ligado à mesma rede - ao reprimido com aquilo que se repete: não o drama, mas seus resultados mais diretos e gerais.

Freud vai partir destes conteúdos, de sua análise e desdobramento, para explicar a compulsão à repetição? O caminho não foi bem esse e isto não é algo que tenha ocorrido sem consequências teóricas significativas.

Seremos obrigados por Freud a prestar atenção a modelos que, muito embora ele os considere como especulativos, serão a grande via para sua conceitualização.

Do famoso modelo da vesícula, que pela ação dos estímulos externos vai se diferenciando, criando uma camada

---

<sup>78</sup> Freud, S. "Recordar, repetir, elaborar. (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II), Vol. XII. p.153; p.198.

apropriada à recepção de estímulos protegida por um escudo que filtra as grandes quantidades, retenhamos apenas o papel estratégico que ela terá para a formulação de conceitos: mais uma vez, a hipótese é especulativa e o interesse de Freud com ela neste texto é apresentar as excitações que vêm do interior como mais adequadas ao funcionamento do sistema além de geradoras de sensações de prazer e desprazer incapazes de serem antepostas a qualquer espécie de escudo protetor<sup>79</sup> já que não se pode, no mecanismo de desenvolvimento empregado no modelo - relação da vesícula suscetível de ser excitada e as grandes quantidades do exterior - derivar o surgimento de um escudo para as excitações do interior.

Para Freud o que foi exposto torna plausível a dominância do princípio de prazer ao nível do sistema como um todo. Mas, e os casos em que o princípio parece não imperar? A mira aqui é o problema da neurose traumática e chegaremos a ela por intermédio de uma reflexão com as excitações traumáticas externas: o sofrimento físico.

A idéia é simples. As excitações tornam-se traumáticas quando devido a sua quantidade, sobrepassam o escudo protetor e invadem o sistema de tal forma que o princípio de prazer é "momentaneamente" posto de lado.

Freud vai notar que nestes casos o problema de controlar as grandes quantidades que emergiram bruscamente

---

79 Esta idéia vem desde o "Projeto..."

com o fim de poder descarregá-las é o central e o aparelho anímico vai reagir a essa situação de maneira específica: "de todas as partes é mobilizada a energia de investimento a fim de criar, no entorno do ponto de intrusão, um investimento energético de nível correspondente. Se produz um enorme 'contra-investimento' em favor do qual se empobrecem todos os demais sistemas, de sorte que o resultado é um rebaixamento de qualquer outra operação psíquica"<sup>80</sup>. O raciocínio aqui é inteiramente econômico, como se pode notar.

O conceito de ligação (*Bindung*) vai figurar aqui exatamente como condição de descarregamento que é encontrada, ou melhor, procurada, pois trata-se no caso de antepor ao fluxo externo um outro fluxo, só que interno, de energias que paralise, detenha a desregrada invasão que ocorreu.

Mas a própria noção de *Bindung* não é explicitada ao nível psíquico pois ela é como que pressuposta em seu conteúdo: no estágio conceitual em que estamos, o contra-investimento, a mera anteposição de forças **não explicita** o que é a vinculação aqui aludida: a analogia física de duas quantidades de energia fluindo em direção oposta, num enfrentamento, não oferece um modelo convincente para o descarregamento, só indica para uma certa contenção, um represamento da invasão.

---

80 Freud, S. Vol. XVIII. p.30; p.46.

Freud passa rápido para o nível metapsicológico geral e em tal movimento, muito embora como veremos a seguir, reafirme o conteúdo implícito da ligação, e nos dará oportunidade de pensar um caminho para caracterizar melhor o conceito de ligação.

"Desta constelação inferimos que um sistema de elevado investimento em si mesmo é capaz de receber novos aportes de energia afluyente e transmutá-los em investimento quiescente, vale dizer, 'ligá-los' psiquicamente"<sup>81</sup>.

Há uma lacuna entre o contra ataque (contra-investimento) que pode criar um modelo para explicar a paralisação do afluxo no aparelho psíquico e a ligação, a idéia de as energias tornarem-se quiescentes, usando-se a aceita linguagem de Breuer.

Sem dúvida, o caráter particular da ligação não pode ser explicado pela passagem da energia livre à energia quiescente pois esta última é exatamente uma energia vinculada. Haveria um círculo vicioso na explicação.

A idéia de considerar o lado do sistema altamente investido, muito embora Freud não desenvolva agora, é mais promissora. Ela nos conduz à noção de Eu<sup>82</sup>, ou seja, à noção de que o pressuposto prático do enfrentamento da dor é um sistema fortemente catexizado, característico do Eu desde o

---

81 Freud, S. Op. Cit. p.30; p.46.

82 Talvez valha a pena recordar que no "Projeto..." o Eu inibe processos psíquicos primários, ou seja, reinvestimentos de experiências de dor e de satisfação.

"Projeto", pensado sob esse ponto de vista. Não obstante a ligação de grandes quantidades é um mecanismo pressuposto e o que nos importará na presente discussão é detectar o papel que Freud vai colocar para o processo de ligação.

Desde o modelo da dor, amparado nele, o texto vai passar para a sugestão de hipóteses que se referem à Neurose Traumática. Sucintamente, a "falta de prevenção para angústia"<sup>83</sup> ocasiona, devido ao baixo investimento dos sistemas em tal estado, uma incapacidade para lidarmos com a energia que ataca o aparelho, para ligar tal energia (mais uma vez o conceito de ligação é equiparado ao de enfrentamento): esta penetra traumáticamente nos sistemas que poderiam, se altamente investidos, enfrentá-la, ou seja, nas palavras de Freud poderiam ser "a última trincheira de proteção anti-estímulos"<sup>84</sup>. Neste quadro a idéia do susto, que já havia sido evocada quando da descrição das circunstâncias de instalação da neurose, corresponde a um equivalente, ao nível psicológico geral, do despreparo, em último caso, da desatenção para com o causador da efração, do choque.

Dada esta circunstância fica mais plausível compreender o sonho repetitivo tão característico da neurose traumática: ele não realiza desejo algum, mas busca "recuperar o domínio {*Bewältigung*} sobre o estímulo por meio

---

83 Freud, S. Op. Cit. p.31; p.47.

84 Freud, S. Op. Cit. p.31; p.47.

de um desenvolvimento da angústia, cuja omissão causou a neurose traumática"<sup>85</sup>.

Uma pergunta poderia ser levantada: se não é, propriamente falando, o dano físico que produz o trauma - Freud nos lembra, geralmente ele até o evita - como é possível que o sonho busque controlar excitações que ocorreram já há algum tempo, tendo em vista que, por exemplo, a permanência de rupturas histológicas está afastada de antemão? Em outras palavras, qual é a garantia da permanência das excitações invasoras, qual é o elemento de sua continuidade, já que as excitações externas atuam em bloco?

A resposta de Freud é engenhosa: "a violência mecânica do trauma liberaria o *quantum* de excitação sexual, cuja ação traumática é devida à falta de prevenção para a angústia"<sup>86</sup>; este tipo de explicação permite ainda que compreendamos o efeito profilático de um dano físico efetivo para os casos de neurose traumática, já que "...a ferida física simultânea, ligaria o excesso de excitação ao reclamar um sobre-vestimento narcisista sobre o órgão doente"<sup>87</sup>. Velhas teses vêm então permitir a Freud transpor, fazer a passagem, de um esquema explicativo a outro, superando eventuais objeções como a que antepusemos retoricamente.

---

85 Freud, S. Op. Cit. p.31; p.48.

86 Freud, S. Op. Cit. p.33; p.49.

87 Freud, S. Op. Cit. p.33; p.49.

Para além da validade intelectual da montagem conceitual freudiana, um resultado teórico importante é obtido das considerações anteriores vai nos interessar. Freud dirá: "Mas temos o direito de supor que por essa via [os sonhos] contribuem para outra tarefa que deve resolver-se antes que o princípio de prazer possa iniciar seu império"<sup>88</sup>. Isto é coerente: nos casos de invasão, o princípio de prazer é posto fora de lado. No entanto, o que dizer da consequência que dá Freud a esta afirmação? Para ele, os sonhos próprios à neurose traumática "nos proporcionam assim uma perspectiva sobre uma função do aparato anímico que, sem contradizer o princípio de prazer, é todavia independente dele e parece mais originária que o propósito de ganhar prazer e evitar desprazer"<sup>89</sup>.

Não vamos tentar, por agora, valorizar este resultado teórico nascido da explicação da neurose traumática ou melhor, que se apresenta como uma decorrência dos conceitos que foram mobilizados por ela. Mais próximo de nosso interesse e, aliás bastante próximo da ordem dos próprios argumentos de Freud, está a questão do caráter pulsional que pode ser identificado na repetição, pois como vimos, poucas oportunidades de fazer uma aproximação com o conceito de sentido foi oferecida pelo texto de Freud. É em

---

88 Freud, S. Op. Cit. p.31; p.48.

89 Freud, S. op. Cit. p.31; p.48.

função disso, esperamos, que a discussão da pulsão pode ser mais promissora

Freud vai nos fazer observar que, se levarmos em conta certas manifestações clínicas ocorridas quando a transferência se presentifica de maneira evidente, manifestações que evidenciam uma repetição, seremos obrigados a perceber que alguns traços de memória do paciente estão, na verdade, "insuscetíveis do processo secundário"<sup>90</sup>.

De um lado, e como que por decorrência, ao não obedecer ao processo secundário, as lembranças parecem ganhar um caráter mais original que poderia ser atribuído à ligação de uma representação com a pulsão: ela funcionaria "como se" estivesse movida pelos traços do processo primário, no sentido de que ela busca se reinstalar. Mas por outro lado, as lembranças atuam sem levar em conta o princípio do prazer.

Daí a pergunta de Freud: "de que modo se relaciona o pulsional com a compulsão de repetição?"<sup>91</sup> A resposta que será dada terá grandes repercussões em sua obra e vai ser construída a partir de procedimentos bem peculiares.

Freud modificou o registro teórico que ele mesmo tinha construído e vai tentar vislumbrar novos conceitos,

---

90 Freud, S. Op. Cit. p.36; p.53.

91 Freud, S. Op. Cit. p.36; p.53.

não analisando as particularidades das pulsões reprimidas, mas um traço intrínseco à pulsão ela mesma.

Assim, ele vai partir da repetição que era até então vista como predicado clínico, e vai interiorizar, fazer com que a repetição seja própria a toda pulsão, faça parte de sua definição. Em resposta à questão de como o predicado de ser pulsional encontra-se relacionado com a repetição, Freud vai partir para consolidar uma linha de pensamento que parece abandonar, se podemos assim dizer, muito dos resultados e do "estilo" de produção teórica do conceito de pulsão.

O primeiro movimento, como anunciamos, vai projetar um predicado de nível descritivo para o teórico: *"Uma pulsão seria então um esforço, inerente ao orgânico vivo, de reprodução de um estado anterior a que o vivo teve que renunciar sob o influxo de forças perturbadoras externas; seria uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quisermos, a exteriorização da inércia da vida orgânica"*<sup>92</sup>.

Como é evidente, o abandono de que falamos se dá, no texto freudiano, com o recurso à biologia, mas mais do que isso, o que se dá, não é apenas a troca de uma hipótese por outra: a biologia serve para "realizar" o que julgamos ser uma modificação teórica de alcance, talvez equivocada, já que, ao trocar a repetição como fato clínico circunstanciável, pela repetição como elemento definidor da

---

92 Freud, S. Op. Cit. p.36; p.54.

pulsão, Freud se obrigou a dar conta, pela via biológica - e deixemos frisado - apenas por ela, da nova aquisição. É claro que, uma das mais preciosas injunções da teoria das pulsões, o fato de o conceito de pulsão estar situado no limite (diríamos, de contato) entre o físico e o psíquico, vai ser desestabilizada.

Para que seja possível verificar nossa leitura, é preciso acompanhar ainda mais um pouco o desenrolar das idéias de Freud.

Tendência para a restauração de um estado anterior de coisas, tal é a hipótese que Freud vai buscar desenvolver. É impressionante ver quantas diferenças serão encontradas daqui para a frente em relação a resultados anteriores importantes.

A finalidade interna - o finalismo da biologia - da pulsão é agora o traço dominante, não devemos estranhar esta finalidade conservadora e retroativa, afiança Freud, pois as pulsões (*trieb*) nos peixes migradores, por exemplo, não são senão - é a hipótese emprestada por Freud a algumas teorias biológicas - um exemplo a céu aberto desta direção negativa que é própria da pulsão orgânica.

O pensamento de Freud vai tomar o seguinte rumo: se o pressuposto é verdadeiro, então os fenômenos de desenvolvimento evidentes são devidos a influências externas, não propriamente pulsionais. Toda mudança forçada é incorporada e finalizada segundo os moldes da repetição.

Mas, e aqui há mais um passo importante, é a finalidade repetitiva ela mesma que importa; sendo assim, os momentos de desenvolvimento não valem senão como simulações da finalidade que só pode ser definida através de um olhar para a origem: toda possibilidade de pensar-se um finalismo funcional está afastada.

Já que toda finalidade é definida pelo movimento de volta, todo estado que suceda o momento inicial não pode definir o fim da contradição. Como só podemos definir a pulsão desde o organismo animado e estamos proibidos de dar um passo à frente, só nos resta o retorno ao inanimado.

Assim, para Freud, e em função apenas das escolhas feitas por ele, dos afastamentos operados, chegamos à seguinte consideração: *"a meta de toda vida é a morte"*<sup>93</sup>. A primeira pulsão, correlativamente, é a pulsão de retornar ao estado que só podemos conceber como o do inanimado. Eis a determinação firmada por Freud.

Para irmos direto ao problema que vai nos importar, como ficam as pulsões sexuais neste novo quadro?

A idéia de Freud foi basear as pulsões sexuais na variada guarda e destinação dada às células geminais que tornaram-se independentes do organismo como um todo graças a uma mistura feliz de manutenção da "estrutura originária da substância viva e as...disposições pulsionais herdadas e as

---

93 Freud, S. Op. Cit. p.38; p.56.

recém adquiridas”<sup>94</sup>. Deste modo, alguns organismos elementares dos corpos vivos safaram-se da lógica da morte - Freud fala de uma imortalidade potencial - mas, vale lembrar, tais organismos conseguem realizar esta meta germinativa, mantenedora da vida, quando ocorre um fusão da “célula germinal com outra, semelhante a ela e não obstante diversa”<sup>95</sup>. Encontramos aqui o caráter agregador que **disposicionalmente** define a função da célula germinal e por prolongamento da pulsão sexual: a independência só tem êxito biológico se for concebida uma disposição interna que junte as estruturas com o fim da reprodução.

O resultado destes movimentos teóricos é que pulsões sexuais passam a ser pulsões de vida e estas, na medida em que estão baseadas na lógica das células germinais independentes, seguem um caminho definicional que as aproxima do **instinto** já que as disposições de agregamento não podem ser entendidas senão como uma meta intrínseca, ou para falar em termos mais contemporâneos, um programa de ação ou uma inclinação pré determinada. Mesmo que o termo **instinto** não seja mencionado, o campo semântico das pulsões de vida é diferente - ao menos a esse nível - do das pulsões sexuais. Lembraremos duas diferenças para nós cruciais. Em primeiro lugar, ao nível da fundação - no caso das definições da primeira tópica seria melhor falar em remissão

---

94 Freud, S. Op. Cit. p.39; p.57.

95 Freud, S. Op. Cit. p.40; p.58.

- biológica, as pulsões sexuais em 1915 são parametrizadas a partir de fontes orgânicas e funções apregoadas do aparelho psíquico que recebe impulsos daquelas primeiras: o objeto neste caso não é redutível de modo algum à célula germinal, sendo variável e não pré-ligado à pulsão; já as pulsões sexuais ao nível da pulsão de vida parecem originalmente vinculadas a um certo tipo de união, a saber, a das células germinais. Em segundo lugar, para as pulsões sexuais em 1915, a biologia se apoia, se coliga com uma fisiologia que por sua vez vai subsidiar a metapsicologia. Já em 1920 uma meta-biologia, ou até, para-biologia serve de base a uma visão global da pulsão, sem que, na verdade, seja necessário fazer menção ao aparelho psíquico humano para determinar o seu caráter tal como ocorrera em 1915<sup>96</sup>. Este é o resultado mais elementar da extensão, nos termos do próprio Freud, "do conceito de libido à célula individual"<sup>97</sup>.

As considerações feitas por Freud, no sentido de concretizar os resultados conceituais abstratos conseguidos, encaminham-se para a explicação de certos **fenômenos duais** que já haviam recebido tratamento anterior: teremos aqui a oportunidade de aprofundar nossas observações críticas no que respeita a nova aquisição freudiana.

A busca de Freud é tornar operante a nova dualidade pulsão de vida/pulsão de morte, através da dualidade

---

<sup>96</sup> Na verdade, Freud em "Pulsão e destinos de pulsão" fala em sistema nervoso.

<sup>97</sup> Freud, S. Op. Cit. p.59; p.82.

fenomenal - se assim podemos dizer - amor/ódio e fazê-lo no interior da unificação que presenciamos entre as pulsões. O sadismo é a via aberta para o lançamento de hipóteses.

O argumento, modelado pela forma apresentada já em 1915, é que na base de uma ligação da pulsão de morte com o Eu original e sob a pressão das pulsões de vida, a morte é lançada para fora, em direção ao objeto. Este último não é objeto **senão** em função da pressão exercida que lança para fora a pulsão de morte: esta é a gênese da pulsão sádica como tal. Do ponto de vista genético, é em relação à fase oral que o sadismo se manifesta, já que é neste momento da organização libidinal que "o apoderamento amoroso coincide não obstante com a aniquilação do objeto"<sup>98</sup>. Para Freud, e é importante atentarmos para este detalhe, o sadismo derivado da pulsão de morte, como que dá sustentação à **função** sexual: num primeiro momento numa coincidência ao nível do órgão recortado em sua ação - o sugar e o morder - caminhando desde então para um domínio do objeto na fase genital. Em todo este percurso a função sexual é pensada num desenrolar voltado, em última instância, para a reprodução: a escolha do objeto já não é mais tarefa da pulsão sexual propriamente dita: "poder-se-ia dizer que o sadismo forçado a sair {herausdrängen} do Eu ensinou o caminho aos componentes libidinosos da pulsão sexual"<sup>99</sup>; a sexualidade em sua

---

98 Freud, S. Op. Cit. p.52; p.74.

99 Freud, S. Op. Cit. p.53; p.74.

relação prazer-objeto não é instituída sob a forma de apoio - termo consagrado pela leitura de Laplanche. Quase que o contrário sucede: é o papel sádico, incorporativo, que adaptando-se a um objeto permite secundariamente que a libido flua para este último . Não é o prazer que determina a conjunção. Por isso, dissemos, a função sexual é aproximada mais da reprodução: se não é a lógica do prazer que põe e repõe a sexualidade **interativamente**, a sexualidade só vai poder seguir a teleologia que lhe é atribuída no conceito de reprodução, ligado à hipótese de um incremento de energias que advém da união de unidades biológicas diferentes<sup>100</sup> . Corroborando esta linha interpretativa acrescentamos o fato de que Freud toma o sadismo na esfera genital como **meio** de atingir o fim reprodutivo na medida em ele que garantiria a cópula.

O masoquismo primário afirmado neste texto é explicitado com maior clareza num texto de 1924 que segue a mesma linha desenhada por Freud em "Além do Princípio do Prazer".. Ele não passa da pulsão de morte - pelo que concluimos melhor seria chamá-la de instinto de morte - originalmente vinculado ao Eu e que não sofre o "desvio" para fora acima mencionado; ele se vincula à libido, digamos assim, de uma maneira negativa: é através da excitação sexual provocada pelos aportes quantitativos trazidos pelo

---

100 Ver Op. Cit. p.54-55; p.76.

desprazer do sofrimento, mecanismo já previsto nos Três Ensaaios, potencialmente, que ele se dá.

Sendo assim, pelo que pudemos ver, parece que a idéia de uma pulsão de morte bloqueia o movimento que observamos existir pelo circuito da pulsão, movimento que consolidava uma relação entre a esfera do sentido e a da força, de tal forma que, pelo seu jogo ficava definida a posição subjetiva e libidinal que o indivíduo ocupava. Na realidade a pulsão de morte, pelo subsídio conceitual que Freud se deu, afasta-se do campo do sentido tendo um papel, no campo fenomenológico, ligado à falta de um sentido configurado que surge na clínica. Sem dúvida, como vários autores já indicaram, a pulsão de morte já tinha seu perfil anunciado, pré-figurado, em trabalhos anteriores de Freud. Talvez então seja o caso de dizer que em "Além do princípio de prazer" o broto que se desenvolveu não se entrelaçou internamente com este campo fundamental da obra de Freud, o do sentido.

## Capítulo 4

### Identificação primária e Édipo

A partir de agora, muito embora no decorrer de nosso trabalho já tenhamos várias vezes nos remetido ao tema, vamos focar mais de perto em nossa discussão - tendo em vista uma progressão temporal na ordem dos textos a serem seguidos - o tema do complexo de Édipo, assim como alguns dos conceitos que se integram a ele no esclarecimento dos desdobramentos da relação triangular.

Ao abordar o texto "O Eu e o Isso" desde a ótica anunciada uma primeira tarefa parece claramente se impor. Devemos poder delimitar, do melhor modo possível, o processo de constituição do ideal de eu que, como veremos, terá um importante papel no conjunto dos elementos que faz operar o Édipo. Logo de saída constatamos a necessidade de diferenciar, distinguir, o ideal do eu de uma outra figura, o caráter do eu. Muito embora estas duas figuras tenham um movimento de constituição algo parecido, já que tanto o caráter do eu como o ideal do eu são erguidos com base na identificação, há uma diferença relevante entre elas. A relação entre esses dois elementos deve ser conquistada.

A determinação do caráter do eu foi, aos olhos de Freud, melhor esboçada a partir das investigações sobre a melancolia,

empreendidas em 1915. Sintetizando os resultados que foram então obtidos, as análises concluem - o próprio processo da melancolia parece indicar, sobretudo se atentarmos para os fenômenos de auto-recriminação - que houve uma escolha objetal feita sobre bases narcísicas, de forma que, quando a relação com o objeto não pode, por uma razão ou outra, avançar, ocorre uma volta para a posição narcísica, volta essa que, justamente em função do modo de escolha de objeto primário, traz para o eu os traços do objeto recentemente perdido. O resultado final do processo é tido como uma identificação, no sentido de um igualamento, de uma aproximação tendencial com os traços do objeto. O elemento auto-crítico, tão marcante nesta patologia, foi explicado como sendo fruto de um deslocamento das críticas que eram feitas ao objeto num primeiro momento, e que após o retorno para o eu, incidem agora sobre ele. É importante notar como a identificação é concebida aqui como **resultado** do jogo libidinal, pois os traços do objeto com os quais havia sido estabelecido um vínculo pulsional, de um certo modo se mantêm, só que vinculados agora, não mais ao objeto mas ao eu. Deste modo a identificação como tal deve, neste contexto, ser entendida como um fruto do movimento da libido, propiciado pelas marcas da escolha narcísica de objeto.

A razão mais evidente para este jogo pulsional é econômica. "A identificação narcisista com o objeto se converte então no substituto do investimento de amor, o qual traz como resultado que o vínculo de amor não deve ser renunciado, apesar do

conflito com a pessoa amada"<sup>1</sup>. Em suma, a identificação garante um equilíbrio econômico mas paga o preço da interiorização de agressividade crítica.

É curioso notar que o texto de 1915 oferece, além do mecanismo da formação de caráter do eu - prototificado, ou melhor, modelado a partir do fenômeno da melancolia - a possibilidade de descortinar um modo pelo qual a instância crítica abre espaço frente ao eu. Mas esta vertente da concepção freudiana é limitada como se verá a seguir.

Retomando o desenvolvimento de Freud em "O Eu e o Isso", somos aí alertados de que o processo no qual o objeto abandonado vai de encontro ao eu, moldando-o, é bastante geral a ponto de sermos conduzidos a pensar, frisa Freud, que "o caráter do eu é uma sedimentação dos investimentos de objeto renunciados, contém a história dessas escolhas de objeto"<sup>2</sup>. Neste quadro, e seguindo muito próximo o que já fora estabelecido em 1915, sem, é claro, chegarmos a igualar os dois períodos, o próprio caráter do eu, vale dizer, suas modulações internas distintivas e particularizantes, são uma consequência do jogo pulsional que busca, segundo o telos de um princípio o mais geral possível, manter a ordem do prazer. Sem dúvida, Freud suaviza a influência do processo indicado apontando para algumas circunstâncias, tais como a resistência a esse modo de modelagem do eu, etc, mas o importante é que a identificação é aqui tomada por Freud, de uma perspectiva

---

<sup>1</sup> Freud, S. "Luto e Melancolia", Vol. XIV. p.247; p.282.

<sup>2</sup> Freud, S. "O eu e o isso", Vol. XIX. p.31; p.44.

instrumentalizadora funcional, como uma compensação para a perda sofrida pelo Isso. "Quando o eu assume as características do objeto, ele está-se forçando, por assim dizer, ao Isso como um objeto de amor e tentando compensar a perda do Isso dizendo: "olhe, você também pode me amar, sou tão parecido com o objeto..."<sup>3</sup>. Este equilíbrio, podemos pensar, põe-se de acordo com os ditames do prazer já anteriormente dados no Isso; apenas se formos levar em conta o estilo com que somos introduzidos por Freud a esta relação, o caráter intencional pode confundir e conduzir a interpretação do texto para fora do espaço de ação do princípio do prazer. Mas, se levarmos em conta os textos que mencionamos há pouco e o caráter ilustrativo das considerações de Freud acima, não nos parece inexato encontrar a ação de fundo do princípio do prazer na configuração da identificação tal como a estamos trabalhando.

A identificação, pensada sob a tônica da outra modulação que o conceito comporta, tem o seu papel na formação do ideal de eu. Talvez a característica principal e também a diferenciadora da identificação, nesta vertente concebida por Freud, seja o fato de ela aqui se dar sem mediação, sem o auxílio da escolha de objeto assim como das eventuais dinâmicas desta última: "é uma identificação direta e imediata {não mediada} e mais remota que qualquer investimento de objeto"<sup>4</sup>. Freud, apenas dois anos antes, já havia tido a oportunidade de tratar este aspecto do conceito de identificação, colocando-o como a manifestação da "mais remota

---

<sup>3</sup> Freud, S. Op. Cit. p.32; p.44.

<sup>4</sup> Freud, S. Op. Cit. p.33; p.46.

exteriorização de uma ligação afetiva com outra pessoa"<sup>5</sup>, diferindo, pois, de uma outra forma elementar de relação, aquela constituída através do apoio, já conhecida por nós.

Não há razão para não adotarmos a conceituação que o próprio Freud, neste texto, utiliza para caracterizar a diferença aludida, mas nós não encaminharemos o texto sem antes alertar para o fato de que estamos trabalhando apenas com o modelo masculino, o qual supõe, Freud bem o sabe, uma idealização, uma abstração, pois no lugar do pai, talvez, no início fosse melhor falar dos pais, não obstante a próxima diferenciação entre as vertentes, identificação e o objeto, evoluam na direção tendencial de um único elemento.

Feito o alerta para este aspecto abstrato da relação, Freud vai pensar a identificação como marcada pelo traço do **ser como**, no caso masculino, o pai; a relação de objeto, por seu turno, será marcada pela noção do **ter**, no caso a mãe. Como é claro, este **ser como**, elementar, traz a marca de uma modelagem que é esculpida como que a partir do grau zero da relação do menino com o pai. O que o aproxima com a outra vertente da identificação é, evidentemente, a modelagem que é feita; no entanto, não encontraremos aqui, em primeira instância, nenhum investimento pulsional: o efeito de dar forma é uma decorrência primária - imediata - da identificação, dita, ela também, primária.

Freud verá aqui a origem, no que respeita a essa vertente, do ideal de eu e isso vai nos propiciar a oportunidade de retomarmos nosso tema central. Sendo assim, se agora trouxermos o

---

<sup>5</sup> Freud, S. "Psicologia das massas e análise do eu", Vol. XVIII. p.99; p.133.

que foi dito para a discussão do complexo de Édipo, podemos ver que - é, talvez, trivial mas importante relembrar - a origem do drama edípiano está definida quando o eu primariamente modelado - comportando pois, um ideal de eu - realiza, comandado pela intensa ligação erótica com a mãe, em última análise pelo prazer, a posição interferente do pai. A "coloração hostil" como diz Freud, assumida pela identificação com o pai, vai marcar a passagem da posição 'ser como' para a 'ocupar o lugar do pai', própria ao desejo pela mãe quando esta última já se encontra marcada pela presença paterna.

Dando sequência a nosso raciocínio, se continuarmos a tomar apenas o modelo masculino - já sabemos que Freud irá pensar uma complexificação deste modelo e relacioná-la ao papel desempenhado pela bissexualidade - veremos que na etapa da dissolução do complexo de Édipo, a identificação é tematizada duplamente. Quando ocorre a dissolução, com o conseqüente abandono da mãe como objeto, dois fenômenos podem se dar: a identificação com a mãe, onde a identificação se aproxima da primeira acepção por nós trabalhada ou, um "reforço da identificação-pai"<sup>6</sup>. Esta última, como seria de se esperar dentro do quadro de uma idealização da posição masculina, com sua predominância estaria em condições de "consolidar a masculinidade no caráter da jovem criança"<sup>7</sup>.

Mas notemos, e isso é importante para nós, a dissolução, tal como ela é aqui apresentada, aparece como **antecedente** da

---

<sup>6</sup> Freud, S. Vol. XIX. p.34; p.46.

<sup>7</sup> Ver: Freud, S. Op. Cit. p.34; p.47.

identificação constitutiva final: a identificação primária, dada a dissolução, seria **reforçada**. A identificação adensada, efeito da dissolução, é consequência da ruptura do Édipo. Um texto de Freud vai nos oferecer uma excelente síntese.

"Assim, como resultado mais universal da fase sexual governada pelo complexo de Édipo, pode-se supor uma sedimentação no eu, que consiste no estabelecimento dessas duas identificações, unificadas de alguma maneira entre si. Esta alteração do eu, recebe sua posição especial: confronta-se com o outro conteúdo do eu como ideal do eu ou supereu"<sup>8</sup> .

Algumas afirmações de Freud nos darão a oportunidade de problematizar a teorização que acabamos de trabalhar. Dizemos isso porque Freud também dirá neste texto que o supereu "esteve empenhado na repressão do complexo de Édipo"<sup>9</sup> . Ora, nos moldes dos argumentos traçados até agora, devemos supôr que de um certo modo deve ser possível a dissolução anteceder a repressão do complexo pois assim, o resultado da dissolução sendo realizado, a constituição do ideal de eu ou do supereu, poderia mais tarde atuar na repressão do complexo de Édipo; em seu retorno - este seria o único caso - supomos. Sem dúvida, a própria dissolução ficaria sem explicação e o supereu tenderia a ser pensado no quadro da segunda vertente por nós há pouco apontada, a via da identificação primária sendo afastada.

---

<sup>8</sup> Freud, S. Op. Cit. p.36; p.49.

<sup>9</sup> Freud, S. Op. Cit. p.36; p.49.

No entanto, as coisas vão ainda se complexificar porque Freud irá imaginar que é a "força do pai" que permite ao supereu levar a cabo a repressão do complexo de Édipo. Aqui Freud parece aludir a algo mais que um mero confronto **exterior** entre dois conteúdos distintos: parece ser esta a contraposição que melhor se enquadra no modelo de constituição do ideal que decorre da dissolução. Freud, acreditamos, está indicando uma força que é própria ao pai e que, interiorizada, age; o modelo da identificação primária, onde o **ser** o pai é a tônica, parece mais próprio para a determinação deste traço.

Em que ponto nos encontramos? Parece que somos agora capazes de perceber uma relação entre os dois movimentos identificatórios de forma que a posição do ser como, da identificação primária, é, a partir da dissolução, refletida desde a ótica do acabamento do complexo, surgindo como um outro conteúdo junto ao Édipo. Agora a contraposição ganha conteúdo - a marca do pai - mas expresso no elemento mesmo de sua contraposição : é o dever ser, um dos traços marcantes do supereu. Desse modo, a origem do ideal do eu firmada no momento da identificação primária com o pai ganha uma nova determinação quando sobre ela cai, advindo da dissolução, um novo momento da identificação marcado agora pela exterioridade assumida pela figura paterna. Sem dúvida, Freud concebe a direção para o eu como fruto da união entre as duas identificações - com a mãe e com o pai - que ele havia, como há pouco indicamos, afirmado: deste modo o direcionamento para o eu da

instância supereu encontra-se duplamente diferenciado daquele primeiro.

Estas reflexões sobre as teorizações de Freud não querem deixar de ressaltar que, não obstante todo o esforço teórico do autor, a própria idéia de uma dissolução do complexo de Édipo ficou a espera de um tratamento que lhe funde a existência. Devemos aguardar mais algum tempo para que os textos de Freud nos ofereçam uma abordagem plena do problema levantado.

Pelo momento, devemos seguir o texto que estamos analisando para ver como a figura do pai foi posta a atuar já que o percurso que fizemos até agora só deu conta de aspectos formais desta atuação. Antes de ir em frente, porém, queremos fazer uma observação. Pudemos observar como a identificação, que se dá a partir do abandono do objeto, era sustentada por um fator de ordem econômica; a identificação primária, muito embora não se dê graças a um fator de tal ordem, quando ela vai se compor com vistas ao acabamento do supereu, podemos supôr, irá também assumir uma sustentação econômica. Freud não desenvolve este aspecto da teoria, mas essa idéia não nos parece estranha a ela se confrontada com os arranjos teóricos que ele vinha montando.

Freud no contexto de afirmações nas quais o supereu aparece buscando sua 'força', seu 'caráter' no pai, vai nos dizer: "no que diz respeito ao supereu, é gerado precisamente por aquelas vivências que levaram ao totemismo"<sup>10</sup>. Quais foram, segundo sua concepção estas experiências? Vamos fazer uma rápida incursão nesse

---

<sup>10</sup> Freud, S. Op. Cit. p.39; p.53.

problema apoiados em "Totem e Tabu" lembrando que nos restringiremos a isolar os elementos mais próximos à nossa discussão.

Vamos lidar, portanto, com a tese central da concepção de Freud que vai colocar o complexo de Édipo como que no centro emanante da ordem social e da moralidade que a unifica, dando-lhe consistência.

Amparado naquilo que lhe parece ser uma evidência - justificada pelos textos anteriores que não vamos expôr aqui - ou seja, na idéia de que o animal totêmico é um substituto do pai, Freud vai lançar uma hipótese que buscará dar coesão ao seguinte fenômeno, observado na refeição totêmica: "Se alguém se regozija com a matança do totem, recusada {versagt} em todo outro caso, por que se enlutaria com ele?"<sup>11</sup> . Estamos inicialmente interessados na hipótese armada por Freud, e não nos frutos posteriormente colhidos por ele.

As experiências a que Freud aludiu em "O Eu e o Isso" são aqui expostas na forma narrativa de um mito, o famoso mito científico de Freud. Trata-se de desdobrar as vivências de uma suposta horda primitiva - hipótese emprestada a Darwin - fundamentalmente no que diz respeito ao pai.

Vamos direto ao ponto. A hipótese de Freud vai incidir, num primeiro momento, na explicação de uma passagem, justamente a da horda primitiva que não comporta nenhum traço de totemismo para um grupo organizado, com direitos circunscritos, limitados,

---

<sup>11</sup> Freud, S. "Totem e Tabú", Vol. XIII. p.142; p.169.

incluindo os que dizem respeito ao acesso do grupo às fêmeas e que, concomitantemente, encontra-se preocupado por um sistema totêmico.

A caracterização mais importante da horda primitiva é a seguinte: ela é marcada pela presença de um "pai violento, ciumento, que reserva todas as fêmeas para si e expulsa os filhos varões quando crescem"<sup>12</sup>.

A atitude do pai, que veda o acesso às mulheres, é importante notar, baseia-se somente na força que esse pai impõe aos filhos: é a atitude do pai que **regula** no grupo, a relação com as mulheres, mas uma tal atitude se faz valer **apenas** pelo rigor do poder físico que o pai possui. É assim que é pensada a origem, no seu primeiro momento. A regulação efetuada pelo pai, contrária, no entanto, aos impulsos do grupo excluído. "Um dia, os irmãos expulsos se aliaram, mataram e devoraram o pai e assim puseram fim à orda paterna"<sup>13</sup>. A revolta indica a presença ativa de um sentimento hostil, que levado às suas consequências acarretou no assassinato seguido de devoração, fato introduzido na caracterização da cena pela suposição de que a horda seria canibal.

O devoramento do pai, seguindo-se a linha de considerações teóricas já efetuadas por Freud, e que não discutiremos no momento, vai implicar numa incorporação identificatória do mesmo.

Sinteticamente, os dois aspectos - morte e devoramento - vão dar conta de elementos, digamos assim, positivos que

---

<sup>12</sup> Freud, S. Op. Cit. p.143; p.169.

<sup>13</sup> Freud, S. op. Cit. p.144; p.170.

verificamos na refeição totêmica: a morte do pai é comemorada enquanto liberação com uma concomitante transferência de poder. No entanto, um outro lado dos acontecimentos deve ser considerado: ao lado do ódio tardiamente instalado, vigorava o amor e a admiração pelo pai, o que produziu um sentimento de culpa, fato que pode encaminhar-nos à compreensão do segundo aspecto da refeição totêmica.

Mas é a partir deste ponto que gostaríamos de nos deter um pouco mais. Faremos isso realçando o aspecto negativo que a *démarche* socializante de Freud pode ter quando levada a cabo no interior de um raciocínio propriamente psicanalítico. Vamos querer apontar para um ponto que pode desviar a conceituação para fora do espaço do estilo teórico usual da psicanálise, mas que ao mesmo tempo realça o que ela tem de mais próprio.

Renato Mezan, interpretando esse problema, diz o seguinte: "De que modo o crime primordial representa o ponto zero da instituição da sociedade? Uma vez consumado, os irmãos **se teriam dado conta** de que nenhum deles poderia ocupar o lugar do pai, com o que o ciclo se repetiria indefinidamente. Para impedir que isso ocorresse, **teriam determinado** que as fêmeas cobiçadas não pertenceriam a ninguém, **instituindo assim a regra** da exogamia e em sua versão psíquica o tabu do incesto"[os grifos são nossos]<sup>14</sup>

Esta vertente de leitura e de valorização conceitual apresenta a exogamia e o tabu do incesto como um gênero da reflexão prática baseado numa "lógica" da situação: uma útil reflexão

---

<sup>14</sup> Mezan, R. "Freud, pensador da cultura", São Paulo, Brasiliense, 1985, p.339.

coletiva. Pois bem, o que nós queremos evidenciar é que a determinação que limita o acesso às fêmeas não é **externa**, mesmo que o pai já esteja morto, mas tem um outro caráter. Com isso pretendemos fugir ao raciocínio teórico que apregoa a existência de uma relação externa para depois interiorizá-la por meio da situação mítica da qual se originaria, operação feita com a ajuda do distanciamento temporal, que se incumbe de colocar dentro do sujeito o que nasceu fora dele, pois como atuaria o mito se não lhe fosse dado de antemão o poder de fazer esta inversão? Trata-se de mostrar, em nosso caso, o caráter interno dessa determinação, caráter que se esclarece de todo quando atentamos para o jogo das relações sêmicas que estão presentes.

Na realidade queremos apontar para o traço imperativo que, de dentro, constitui o tabu do incesto. Este não resulta de um **acordo** que, se rompido, teria consequências desastrosas; o fato de que tais consequências possam sobrevir é, em nossa opinião, secundário, se quisermos avançar até uma racionalização e uma idealização do processo. O aspecto propriamente psíquico está em outro lugar, e nós poderemos apreendê-lo por meio da exata consideração do papel desempenhado pela lógica do sentido do amor.

Como atua a presença simultânea do amor e do ódio?

Para melhor compreender essa atuação lançaremos mão de algumas idéias da semiótica, tal como foi desenvolvida por Umberto Eco<sup>15</sup>. Alguns aspectos das relações de sentido encontrados em

---

<sup>15</sup> Nossa interpretação baseia-se sobretudo no "Tratado Geral de Semiótica". Sabemos que algumas teses importantes foram reformuladas pelo autor, sobretudo em seu livro "Semiótica e Filosofia da Linguagem". Não obstante esse processo, que afeta holisticamente a disciplina a que Eco se dedica, não nos sentimos obrigados a

Freud podem ser descritos e interpretados pelo campo desta semiótica sem que, com isso, confundamos as duas disciplinas ou que façamos qualquer tipo de redução. Nosso interesse com este recurso é o de mostrar como certos conceitos propriamente ligados à esfera do sentido operam no plano dos problemas levantados por Freud, mesmo que não sejam tematizados desde o interior da especulação teórica de Freud.

A maneira mais apropriada, nos parece, de apreender o solo comum onde se desdobram amor e ódio, é a de pensá-los como elementos que brotam de um processo interativo que não prescinde da atividade comunicativa mesmo que, se nos ativermos à pretensão de descrição da origem que o mito incorpora, esta atividade seja pouco desenvolvida, tosca até, poderíamos dizer: afinal a própria exposição feita por Freud admite um acordo entre as partes que não pode prescindir da palavra. Na verdade, o que nos importa perceber é que a interação gera, minimamente, um processo de significação no qual podemos identificar a presença de um código limitado, composto também pelos dois elementos que nos interessam de perto.

Qual seria a melhor maneira de discriminar, de analisar isso que estamos tomando como elementos de um processo de significação? Eco em uma passagem de sua teoria dos códigos, diz: "Um código estabelece a correlação de um plano de expressão (no seu aspecto puramente formal e sistemático) com um plano do conteúdo (no seu aspecto puramente formal e sistemático)"<sup>16</sup>. Se pensarmos

---

acompanhar o texto mais recente. Isso porque na reduzida aplicação que fizemos de seu trabalho o esquema de pensamento se mantém válido para nossos propósitos.

<sup>16</sup> Eco, U. "Tratado geral de semiótica", São Paulo, Perspectiva, 1980, p.41.

em termos de unidades de código, ou seja, do sistema de correlações, encontraremos aquilo que Eco chama de função signica: "Há função signica quando uma expressão se correlaciona a um conteúdo, tornando-se ambos os elementos correlatos funitivos da correlação"<sup>17</sup> .

Como parece evidente, à psicanálise de Freud vai interessar, pelo menos quanto ao aspecto que tratamos por ora, o plano do conteúdo. Seria bom lembrar, também, que a função signica, há pouco apresentada, funciona igualmente para signos não-verbais, ou seja, para elementos expressivos que se articulam segundo parâmetros diferentes que os da linguagem verbal, muito embora, como adverte o próprio Eco, não possamos com isso induzir nosso pensamento no falso caminho de uma equivalência completa. Poderia ser dito, a título de objeção a este nosso encaminhamento, que a linguagem verbal não estava presente quando, tal como o mito indicou, a horda primitiva imprime a sua marca sobre a tirania paterna. Esse tipo de objeção confunde o plano expressivo com a função signica: "sem dúvida a linguagem verbal é o artifício semiótico mais poderoso que o homem conhece; mas existem, não obstante, outros artifícios capazes de cobrir porções do espaço semântico tal que a língua falada nem sempre consegue tocar"<sup>18</sup> . É claro que não se trata de dizer que a linguagem verbal não cubra o espaço semântico de amor e ódio: importa-nos apenas fixar que outros artifícios semióticos codificados podem fazê-lo igualmente.

---

<sup>17</sup> Eco, U. Op. Cit. p.39.

<sup>18</sup> Eco, U. Op. Cit. p.154.

Quanto à análise do plano de conteúdo, ela vai se resolver na descrição do funcionamento de aspectos do sistema semântico. A face que queremos salientar liga-se à análise componencial ou intencional do significado na qual evidenciam-se séries de marcas semânticas que se apresentam no interior de um sistema de outras marcas que as circunscrevem, marcas advindas de outras fontes móveis de significado. Sendo assim, o significado, ou na terminologia de Eco, o semema de uma determinada unidade do código deve ser percebido, preliminarmente, como o conjunto das marcas denotativas e conotativas que se associam à unidade de expressão, fazendo-se abstração das marcas sintáticas que o compõem e que garantem a boa formação gramatical.

O importante é aprofundar a visão semiótica das marcas semânticas. Tomando como referência algumas observações da posição de Eco, ficaremos satisfeitos com a indicação de que o modelo semântico com que trabalharemos aqui é uma reformulação da análise componencial que resultou na descrição de Katz e Fodor. O próprio Eco o chamará de modelo semântico reformulado: "O modelo semântico reformulado pretende inserir na representação semântica todas as conotações codificadas que dependem das denotações correspondentes, juntamente com as **seleções contextuais e circunstanciais**"<sup>19</sup>. A abertura do campo semântico - cada marca que ocupa um lugar no corpo de uma árvore a qual comporta uma vertente de sentido **pode** ser desmembrada em outra árvore ou ocupar um posto no interior de uma outra seleção de sentido - ou aquilo que Eco nomeia de semiose

---

<sup>19</sup> Eco, U. Op. Cit. p.94.

ilimitada é, neste sistema, um fato estabelecido. Mas como fazer com que uma cadeia de sentido não seja, quando vista dinamicamente, uma infinita explosão derridiana? O modelo reformulado, com o valor seletivo dado ao contexto e à circunstância, nos parece evitar esta espécie de esquerdismo analítico.

Sendo assim, é possível conceber a polivalência das marcas e, ao mesmo tempo, arregimentá-las numa organização fina que é posta pela especificação do contexto e circunstâncias de uso. É interessante observar que Eco nos adiante que "só se os objetos, as imagens e as experiências caírem no domínio de uma teoria semiótica será possível pensar que circunstâncias externas entram como entidades codificadas no espectro componencial do semema. Somente se o conteúdo possível de um lexema for traduzido, juntamente com o conteúdo possível de uma outra experiência não verbal, em unidades culturais abstratas, é que se torna possível conceber o MSR (modelo semiótico reformulado) aqui delimitado"<sup>20</sup> .

Voltando então à questão da co-presença de amor e de ódio e sua atuação simultânea, notamos, em primeiro lugar, que amor e ódio são sememas diversos que funcionam no seio da rede interativa que se presentificou. Cada semema tem um conjunto de marcas ditadas pelo contexto de surgimento e de inserção do semema que garantem a sua individualidade no interior do código - restrito - do grupo em questão.

---

<sup>20</sup> Eco, U. Op. Cit. p.101.

Devemos, do ponto de vista analítico, fazer uma divisão entre o conjunto de interação que precede a cena mítica e as relativas ao próprio mito.

Nossa idéia é que cada uma das árvores de sentido é correlativa de um complexo de ações e juízos que lhe são compatíveis, ou seja, estes últimos - ação e juízos - desde que "traduzidos" no código de origem serão descritos por meio de marcas que se compatibilizam às árvores de amor e ódio: cria-se assim um sistema, mais ou menos assemelhado de sentido e ação, ou se quisermos, de pensamento e ação.

Nesse momento entram em cena fatores concretos. O ódio, quando é realizada a matança, como que se consome: a morte do pai, com seu caráter de eliminação do próprio empecilho realiza o percurso implicado no semema que o descrevia; a lógica do desenvolvimento de suas significações foi levada a cabo naquilo que ela tinha de indicativo de uma passagem à ação.

Com o elemento amor, as coisas não se passam da mesma maneira, embora a lógica de sua base sêmica seja também decisiva. Antes, vale lembrar que a morte do pai, com a subsequente devoração, busca fixar a transferência dos valores admirados na figura paterna, portanto, sem outra mediação, ela não aparece como instituidora de nenhuma diferença interna no sujeito: ela somente agencia uma agregação nova de significação que se modificará pela presença do amor. Este permanece desdobrado em seus elementos, em suas marcas, inextinto, ativo mesmo. Sua lógica de desenvolvimento, contrária à do ódio, é manifestamente em razão dos antagonismos

sêmicos garantidos pelo código, antepositiva ao ódio e em razão disso ela é como que restauradora.

Mas como o amor pode, seguindo o seu desdobramento sêmico, fazer a passagem à ação? Ou, em outras palavras, ser conseqüente com seu conteúdo?

A resposta parece clara e julgamos ser adequada ao texto freudiano. O amor vai, movimentado por sua lógica antepositiva ao ódio, atuar junto àquilo que "restou do pai"; é junto aos traços da identificação que o amor vem se juntar mas valorizando o pai no seu próprio lugar e fazendo um movimento contrário à assimilação implicada na devoração

Deste modo, por meio da ação do amor, o pai é restaurado, reerguido em sua própria figura, mas no interior do sujeito, criando este espaço interior que difunde a diferença. Criando uma verdadeira diferença interna.

Poucos textos de Freud permitem apreender o trabalho do sentido, sua estrutura geral, mais completamente que este. A lei que se faz presente na proibição do incesto e na exogamia surge de um campo sêmico atuante, numa situação que lhe confere uma específica concretude e não de uma decisão exterior. É a própria voz do pai que fala, sua voz no interior e o faz de forma inescapável: ela é emitida agora graças a uma trama à qual o indivíduo não tem controle, pois é ela que o controla. Aí se configura, em nossa opinião, uma excelente imagem do supereu.

Não é sem razão que Freud faz a seguinte consideração: "o morto se tornou ainda mais forte do que fora em vida; tudo isso,

tal como continuamos vendo hoje nos destinos humanos. O que ele havia antes impedido com sua existência, foi proibido por eles mesmos, agora na situação psíquica da 'obediência com efeito retardado [nachträglich]' que é tão familiar nas psicanálises"<sup>21</sup> .

A base prática, aludida por Freud, e retomada pela interpretação feita por Mezan - interpretação que acompanha literalmente o texto freudiano - tem o seu papel assegurado? Em nossa opinião é o jogo levado a cabo pelo sentido, jogo que analisa a outra base, a de motivos emocionais produzidos pela lógica do sentido, que dá consistência e direção ao processo descrito no mito como um todo, fazendo com que o mito descreva, a seu modo, uma relação que não se funda na sua interpretação "realística", mas que chama um outro pensamento nessa tarefa.

Para voltarmos ao nosso texto de origem, "O Eu e o Isso", é preciso dar apenas um passo, aliás já dado também no trabalho de 1913, ou seja, lançar mão da hereditariedade. "As vivências do eu parecem, no começo, perder-se para a herança, mas, se são repetidas com frequência suficiente e intensidade em muitos indivíduos que se seguem uns aos outros, geracionalmente, se transpõe por assim dizer para vivências do id, cujas impressões [decalques] são conservadas por herança. Desse modo o id hereditário abriga em seu interior os restos de inumeráveis existências-eu, e quando o eu extrai do id [a força para] seu supereu, talvez não faça nada senão colocar de novo

---

<sup>21</sup> Freud, S. Vol. XIII. p.145; p.172.

à luz figuras, plasmações egóicas mais antigas, e dar-lhes uma ressurreição"<sup>22</sup> .

Vemos assim, de um modo muito especial, Freud fazer com que aquilo que aparecia como um resultado, graças à instalação de algo que funciona como mito, apareça ao nível transindividual como um pressuposto, acarretando com isso que a força paterna, de um certo modo, anteceda o acabamento do drama edipiano.

Devemos pensar numa relação de apoio, de sustentação entre o polo paterno, filogeneticamente definido, e o movimento no qual a identificação final conduz a um supereu? Parece ser esse o encaminhamento que, vindo desde 1913, encontramos no "Eu e o Isso", muito embora essa relação surja apenas como indicação. Seria uma maneira indireta de pensar o primeiro plano de identificação, mas de pensá-lo, se assim podemos dizer, super mediado, o que vai em direção contrária à definição inicial que procuramos seguir.

Seja lá qual for a interpretação a ser dada para esta relação que envolve, digamos, figuras diversas do pai, a questão da conclusão da fase edipiana, com todas as suas consequências, será ainda objeto de importantes considerações na obra posterior de Freud.

\*

Antes de abordar de maneira mais frontal o tema do Édipo, resta-nos ainda debater o problema da identificação primária, cujas

---

<sup>22</sup> Freud, S. Vol. XIX. p.40; p.53.

dificuldades conceituais foram sugeridas em nossas páginas anteriores. Como é sabido, os trabalhos de Freud são pouco elucidativos a esse respeito. É como se todo um trabalho de construção conceitual ainda restasse por fazer.

Talvez uma das mais completas tentativas de refletir sobre a questão da identificação primária tenha sido levada adiante por Le Guen. Vamos analisar algumas das passagens de seu trabalho sobre "O Édipo originário" com a finalidade de abrir o horizonte interpretativo relacionado ao problema que procuramos elucidar, sobretudo o da existência de uma identificação primária com o pai. Faremos inicialmente uma exposição de certas passagens fundamentais de seu trabalho para depois introduzir uma crítica a seu pensamento e formular uma interpretação desde nossa ótica pessoal. Tomamos esse texto sobretudo em função de ele se articular em torno da noção de significação.

Como indicamos a pouco, muitos autores que encarregaram-se de analisar o pensamento de Freud, acharam insuficientes suas formulações sobre a identificação primária. Para Le Guen a questão da introdução de um terceiro elemento, o pai, constitui o problema básico para todos aqueles que buscaram, partindo de Freud, ir além de seu sistema. Desde logo, somos avisados de que abandonar a postura filogenética para a introdução do elemento paterno é indispensável a aqueles que visam um reordenamento teórico da doutrina de Freud e que, sem romper com sua arquitetura geral, não obstante, não se dobram a hipóteses consideradas inverossímeis.

Pelo contrário, é a atenção à lógica de certas cenas, à sua lógica interna, que deve orientar os passos teóricos que podem ser dados.

Sendo assim, devemos tentar situar o pai a partir do desenvolvimento de uma figura que Le Guen define como o estranho. Entra em jogo um modelo que vai pouco a pouco dando forma ao conceito de Édipo originário. Com a finalidade de determinar o estranho, nosso autor vai recorrer a alguns textos de Freud que relacionam a angústia sentida pelo criança com a ausência da mãe e a percepção de uma pessoa estranha. O jogo que se desenrola tem como participantes a criança, a mãe, e este terceiro, o estranho que "não tem existência senão na medida em que sua irrupção - e a percepção que a criança tem dele - leva a descobrir a 'perda da percepção do objeto' (Freud) mas não é ele mesmo catexizado como objeto"<sup>23</sup>. A idéia é simples. É o desejo pela mãe que se vê, no momento de instalação da percepção do outro, frustrado pela via daquilo que podemos chamar de **marcação** feita por uma presença que não é a dela. Na realidade, o caminho para a frustração já estava aberto, mas foi o estranho que, ampliando a cena da ausência com a sua presença, vai "significar a perda da mãe"<sup>24</sup>. Para Le Guen estes elementos bastam para que o estranho, que ele vai chamar de não-mãe, possa ser tido como proibindo a mãe e em consequência como sendo causa da frustração: "a não-mãe proíbe a mãe; é o modelo de proibições futuras".<sup>25</sup> Em suma, para sintetizar a postura de Le

---

<sup>23</sup> Le Guen, C. "El Edipo originario", Buenos Aires, Amorrortu, 1976, p.26.

<sup>24</sup> Le Guen, C. Op. Cit. p.26.

<sup>25</sup> Le Guen, C. Op. Cit. p.26.

Guen, podemos afirmar que "a não-mãe ao significar a perda da mãe, aparece simultaneamente como o representante dessa falta e como aquilo que a provoca"<sup>26</sup> .

Tendo em vista uma aproximação do conceito de identificação primária, vamos abordar junto com Le Guen o momento em que a perda pode ser vivenciada como um sentimento de ausência, ou seja o momento em que ganhou espaço um conhecimento tranquilizador cujo protótipo é definido no jogo de esconder o rosto, para logo depois mostrá-lo novamente, que é praticado pela mãe. O fator decisivo a ser apontado é a exclusão implícita do terceiro elemento que marca esse jogo. Le Guen indica que a cena que a mãe leva a cabo é como que uma inversão dos resultados que podemos constatar quando do surgimento do estranho. No jogo que ela desempenha o que é significado é a sua presença: há como que um domínio da não-mãe. "Ao cobrir-se o rosto, aparecendo e desaparecendo, 'de brincadeira' ele sublinha sua presença e representa uma burla da não-mãe; ao mesmo tempo que a evoca, a define como inofensiva, assegurando sua própria perenidade; promete o êxito da criança quanto à possessão da mãe, êxito provisório mas que a acalma"<sup>27</sup>

O próximo momento importante, ou para usar a linguagem de Le Guen, o ponto nodal que vai nos interessar é apresentado pelo conhecido jogo do carretel. O primeiro fato marcante apontado é o de que aqui o jogo é conduzido unicamente pela criança; ela está só

---

<sup>26</sup> Le Guen, C. Op. Cit. p.44.

<sup>27</sup> Le Guen, C. Op. Cit. p.79.

neste jogar, ao contrário do que acontecia com o jogo mencionado anteriormente, onde, além de não estar só, era a mãe que tomava a iniciativa. Le Guen, seguindo a Freud em seu famoso exemplo, observa que no jogo podem ser - e para ele de fato são - repetidas experiências que foram, malgrado o desagrado que causaram, impressionantes. Tal é o caso do jogo do carretel onde há uma reprodução da perda da mãe. Le Guen observa que a criança não ocupa o lugar que era da mãe no jogo da 'cuca' neste novo jogo do carretel, pois é ela mesma quem opera a ação. Qual será portanto o agente que a criança reproduz neste jogo? A resposta de Le Guen é construída por exclusão. Só resta o lugar da não-mãe. "Nesta série de jogos aos quais se entrega a criança, são indubitavelmente três os personagens que entram em cena: a criança que joga, a mãe representada pelo carretel e a não-mãe, que faz que a mãe se ausente e a quem representa a criança."<sup>28</sup>

A reflexão de Le Guen vai valorizar o aspecto defensivo que está envolvido nesta situação. Vejamos como ele faz essa passagem. "No jogo do carretel a criança põe em marcha um processo que tende não só a dominar a mãe, manipulando-a, mas também, e sobretudo, a dominar a não- mãe, convertendo-se nesta última: é a identificação com o agressor".<sup>29</sup> Esta conversão, propriamente falando, tem a ver com uma defesa contra a perda da mãe, mas uma defesa que se perfaz ao mesmo tempo realizando um impulso de vingança, de retaliação contra a mãe: "é a não-mãe destruidora da

---

<sup>28</sup> Le Guen, C. Op. Cit. p.84.

<sup>29</sup> Le Guen, C. Op. Cit. p.85.

mãe que representa aqui a criança para 'dominar completamente um acontecimento que a impressiona' ".<sup>30</sup> Assim, chegamos às portas do conceito de identificação primária, tal como Le Guen o pensou. Ele retira de Freud a idéia de uma passagem da passividade para a atividade e modela o processo em curso por meio dela. Desta forma, a defesa se dá por meio desta passagem e implica numa ação cuja determinação esteja suficientemente delimitada. É em razão disso que a não-mãe, pela lógica dos conceitos de Le Guen, tem que aparecer já realizada em uma figura: o pai. "Se isto é assim, se a criança logra identificar-se à não-mãe, é porque esta pode assumir, se me é permitido dizer, uma existência positiva; não é já esta pura negatividade que desencadeia angústia... a não-mãe chegou a ser o pai..."<sup>31</sup> Finalmente completa-se o círculo definicional que foi proposto por Le Guen. "Esta possibilidade de identificação com o pai aclara melhor o rechaço da mãe [primeiro tempo do jogo. nosso] pois, como Freud o sublinha, não se desvela nenhum mistério ao comprovar que a criança fica feliz com o retorno de sua mãe. Esta identificação que, se não é primária está muito perto de sê-la, é o resultado de um processo defensivo, segundo dissemos..."<sup>32</sup>

Muitas observações podem ser feitas a partir do material teórico que foi apresentado. Mas gostaríamos de apontar sobretudo para um aspecto do pensamento de Le Guen, pois a crítica deste ponto vai nos permitir avançar algumas hipóteses sobre o assunto. A

---

<sup>30</sup> Le Guen, C. Op. Cit. p.84.

<sup>31</sup> Le Guen, C. Op. Cit. p.85.

<sup>32</sup> Le Guen, C. Op. Cit. p.87.

identificação primária em seu pensamento aparece mediada pelo objeto. Desde o início da montagem de seu pensamento, na idéia mesma de pensar um Édipo **originário**, a noção de uma mediação pelo objeto, a mãe, está presente. Ora, o interesse de Freud parecia residir em tomar a identificação com o pai como um vínculo direto.

Tendo em vista esse fator, ou seja, levando-se em conta que a dificuldade maior reside em pensar, desenhar teoricamente, a não mediação que o próprio Freud atribui à instalação da identificação primária, vale a pena recordar a concepção de Freud. Ao discutir a gênese do ideal de eu ele nos alerta para o fato de que atrás daquele "se esconde a identificação primeira, e de maior valência, do indivíduo: a identificação com o pai da pré-história pessoal. A primeira vista, não parece o resultado nem o desenlace de um investimento de objeto: é uma identificação direta e imediata e mais precoce que qualquer investimento de objeto"<sup>33</sup>. Como pensar este problema? Parece que conseguimos oferecer uma visão sobre a introdução do pai no circuito do indivíduo, de sua internalização, mas mesmo assim a imediatez não foi plenamente representada.

Para esboçar uma via de solução e ao mesmo tempo propor um alargamento conceitual - já que com apenas os elementos manuseados por Freud parece ser muito pouco provável produzir resultados teoricamente diferentes aos que ele já realizou sobre o assunto - vamos recorrer inicialmente a uma doutrina do sentido que encontra-se além das categorias que encontramos em Freud. Sem dúvida não vamos encontrar reflexões teóricas prontas, no sentido

---

<sup>33</sup> Freud, S. "O eu e o isso", Vol. XIX. p.33; p.46.

de que elas podem ser transpostas diretamente do campo onde foram elaboradas para a psicanálise. Em primeiro lugar é fundamental encontrar um ponto de partida que ampare adequadamente, o mais possível, o conceito de identificação primária.

\*

Do nosso ponto de vista, certas páginas de Cassirer, em seu famoso ensaio sobre "Linguagem e Mito" parecem poder oferecer ao menos algumas balizas para montarmos esse apoio, esse amparo, de que falamos acima. Não podemos ir direto ao ponto. Antes, temos que fazer um pequeno desvio para apresentar alguns elementos do corpo das teses de Cassirer.

Talvez o objetivo maior da discussão empreendida por Cassirer na obra que mencionamos possa ser sintetizado da seguinte maneira: apresentar a particularidade da conceitualização mítico-religiosa em seu princípio. Com esta finalidade ele vai realizar uma comparação entre o pensamento teórico e o mítico-religioso que será de utilidade para nossas reflexões. Desta forma, vamos retomá-la. A partir desse ponto nosso trabalho terá que fazer um pequeno desvio do tema, tendo em vista introduzir algumas noções básicas do pensamento de Cassirer, mas que será em breve retomado.

Estamos na verdade lidando, desde a ótica de Cassirer, com o amplo problema da origem de nossa **disposição simbólica** que, entre outras caracterizações, pode ser descrita como nossa capacidade de ultrapassar o singular, notadamente o perceptivo,

para aí se elevar ao geral, ao conceitual. É no interior dessa discussão, orientada pela inspeção daquilo que Cassirer chama de dois processos espirituais distintos, que vamos poder encontrar alguns dos recursos teóricos de que necessitamos.

Se, seguindo o filósofo, tomamos inicialmente o pensamento teórico e o representamos pela lógica - num sentido amplo do termo - podemos arriscar a concepção de que o conceito vai aparecer como a **reunião** de características acordantes de um grupo de objetos, de tal forma que ele permite o surgimento "na consciência, da idéia geral dessa classe de objetos"<sup>34</sup>. O recurso investigativo mobilizado por Cassirer é o de perguntar pela condição de possibilidade desses traços individuados, pela sua determinação original. A questão concretiza-se da seguinte forma: "como porém - não podemos deixar de perguntar - podem existir semelhantes notas características antes da linguagem, antes do ato de denominação? Não seria melhor afirmar que elas são apreendidas por meio da linguagem, no próprio ato de nomeá-las?"<sup>35</sup>

As indagações de Cassirer têm por finalidade expor as dificuldades a que se sujeita o investigador das origens do conceito quando ele se orienta pelo pensamento teórico lógico. "Logo que aborda o problema nesse sentido, a lógica tradicional abandona o pesquisador ou o filósofo da linguagem, pois a explicação que dá sobre o surgimento das representações gerais e dos conceitos genéricos pressupõe aquilo que aqui se procura e de

---

<sup>34</sup> Cassirer, E. "Linguagem e Mito", São Paulo, Perspectiva, 1972, p.42.

<sup>35</sup> Cassirer, E. Op. Cit. p.43.

cuja possibilidade indagamos, ou seja, a formação de noções linguísticas."<sup>36</sup>

Se agora, acompanhando Cassirer, representamos o pensamento teórico - em contraposição inicial ao mítico-religioso - pelo conhecimento discursivo das ciências naturais - mas não somente o delas - veremos que a elevação do singular ao geral se dá pela inclusão do perceptivo, o aqui e agora, num sistema que **opera** a inclusão unificadora deste primeiro com um outro, o que vai garantir um alargamento da percepção; é justamente este alargamento que vai permitir a significação tanto dos conceitos quanto das unidades teóricas mais amplas.

Este rápido resumo de algumas das considerações de Cassirer já pode nos oferecer a oportunidade de tomar contato com o seu pensamento num domínio de idéias que é mais próximo de nossos interesses. Trata-se de pensar a formação dos conceitos desde a ótica do pensamento mítico-religioso. Este não liga os conteúdos sensíveis a outros elementos que se incluem em um sistema solidalizado, mas, como afirmará Cassirer, "se subjulga e aprisiona pelos conteúdos"<sup>37</sup>, num impulso para a concentração que garante um estreitamento do conteúdo sensível que vai caminhar na direção oposta ao pensamento teórico tal como ele foi a pouco descrito. "Ao invés de distribuição extensiva, compreensão intensiva"<sup>38</sup>.

---

<sup>36</sup> Cassirer, E. Op. Cit. p.43.

<sup>37</sup> Cassirer, E. Op. Cit. p.52.

<sup>38</sup> Cassirer, E. Op. Cit. p.52.

Vamos acompanhar o desdobramento desta concepção. Cassirer vai falar em uma "reunião de todas as forças em um só ponto"<sup>39</sup> como aquilo que é próprio, mais ainda, indispensável, à caracterização do pensamento mítico-religioso. Como podemos conceber uma tal polarização?

A concepção de Usener, notadamente desenvolvida em "Os Nomes Divinos", vai interessar a Cassirer na medida em que ela modeliza, a partir do mundo mítico-religioso, o domínio da linguagem, visada mais importante do filósofo que vai buscar desenvolver uma filosofia das formas simbólicas. Isso que chamamos de modelização na verdade se dá porque "do mesmo modo que a consciência linguística, a consciência mítica só diferencia configurações isoladas individuais à medida que as vai 'segregando' da unidade indiferenciada de uma percepção originária"<sup>40</sup>. Deste modo, é por ter em seu âmago o mesmo processo de determinação da linguagem, que o momento de inserção simbólica próprio ao "deus momentâneo" estudado por Usener serve a Cassirer. E, como veremos em breve, servirá também a nós.

Cassirer vai recordar a seguinte passagem de Usener: "Na imediatez absoluta o fenômeno individual é endeusado, sem que intervenha um só conceito genérico; essa única coisa que vês diante de ti, essa mesma e nenhuma outra, é o deus"<sup>41</sup>

---

<sup>39</sup> Cassirer, E. Op. Cit. p.53.

<sup>40</sup> Cassirer, E. Op. Cit. p.28.

<sup>41</sup> in Cassirer, E. Op. Cit. p.53.

Antes de avançar algumas idéias que mostram como os conceitos originários da linguagem surgem de um processo semelhante ao da enformação mítica, cumpre esclarecer a qual imperativo a referida enformação responde. Para Cassirer o mito surge da tensa relação original entre o sujeito e o objeto, de forma que, ao se configurar como tal ele destaca-se da imediatidade e ganha corpo. "Tão logo ele se ergue acima da necessidade imediata, do medo ou da esperança do instante, transforma-se em um ser independente que, a partir de então, vive segundo sua própria lei, buscando conquistar configuração e duração"<sup>42</sup>. Percebemos que a constituição do mito espelha o surgimento de um processo inicial de objetivação que assegura também os mais primários patamares da intelecção da ação do outro como sujeito.

Aos olhos de Cassirer a linguagem vai cumprir o mesmo papel que o mito. "É preciso atribuir ao som da linguagem função idêntica à da imagem mítica, a mesma tendência para persistir. Também a palavra, como o deus ou o demônio, não é para o homem uma criatura por ele mesmo criada, mas se lhe apresenta como algo existente e significativo por direito próprio, como uma realidade objetiva"<sup>43</sup>.

Essa unidade entre mito e linguagem é explicada pelo fato de ambos comungarem da mesma fonte, ou seja, o pensamento metafórico próprio à metáfora radical<sup>44</sup>, nome que Cassirer talhou

---

<sup>42</sup> Cassirer, E. Op. Cit. p.55.

<sup>43</sup> Cassirer, E. Op. Cit. p.55.

<sup>44</sup> Os leitores familiarizados com o século XVIII terão boas razões para lembrar de alguns aspectos da filosofia de Vico e Rousseau. A vertente do pensamento sobre

para indicar o momento de fundação mito-linguístico. Assim como no mito, "de fato, mesmo a mais primitiva exteriorização linguística já exigia a transposição de um certo conteúdo perceptivo ou sensitivo em sons"<sup>45</sup>. O resultado dessa operação é que "aqui se produz não só uma transferência, mas também uma autêntica **μεταβασις eis allo genos** ; na verdade o que acontece não é apenas uma transposição para outra classe já existente, mas a própria criação da classe em que ocorreu a passagem"<sup>46</sup>. Daí o processo de objetivação acima referido se realizar, firmando o solo onde o pensamento teórico pode se desdobrar. O traco de significação original se institui desde o estabelecimento da metáfora radical. Mas essa significação, é importante ressaltar, nasce não do próprio conteúdo perceptivo, como se poderia pensar caso fosse considerado apenas o pensamento teórico, mas do enfrentamento vivencial básico que nos caracteriza. "Pois só o que de algum modo se relaciona com os focos do querer e do agir, só aquilo que aparece como impulsor ou retardador...só isso é destacado da série sempre igual das impressões sensíveis, 'denotado' em seu meio, ou seja, recebe uma ênfase linguística especial, uma marca designativa"<sup>47</sup>. Para sintetizar, o que ocorre é que a palavra, ao ser germinada no interior da tensão homem-mundo, quando se institui funda uma

---

a linguagem de tais autores não deixou de influenciar, como é evidente, o próprio Cassirer, muito embora ele neste texto esteja fundamentalmente lidando com uma outra tradição, na verdade oriunda da obra de Schelling.

<sup>45</sup> Cassirer, E. Op. Cit. p.106.

<sup>46</sup> Cassirer, E. Op. Cit. p.106.

<sup>47</sup> Cassirer, E. Op. Cit. p.57.

classe, ou para falar em termos que se afastem da lógica, cria uma figura que é expressão daquele enfrentamento e ao mesmo tempo é uma figura autônoma marcante. Quer dizer, a palavra em sua origem é correlativa de uma figura mítica. O mito, utilizando-se a conceitualização da Filosofia das Formas Simbólicas, sua grande obra, é função das percepções expressivas, entendidas como fatos últimos, originários, do espírito humano, ou seja, é produto de vivências que são elas mesmas puramente expressivas.

Talvez já tenhamos conquistado alguns dos meios que visamos encontrar tendo em vista repensar a questão da identificação primária. Nossa tarefa agora é a de reconstruir esse conceito com base nas reflexões que foram isoladas.

Apontamos para o fato de que a identificação primária surgia como algo desprovido de mediação. O primeiro traço que nos parece relevante indicar na apropriação do pensamento de Cassirer que estamos levando a cabo é o que aponta para um movimento de constituição que não se dá por meio de algo que é desdobrado; o mito é realizado originalmente de um modo que podemos caracterizar como direto e imediato. É a concentração do diverso em um ponto, concentração operada pela tensão já referida, que se **resolve** em mito ou em metáfora radical. Na verdade, o mito aparece como que 'encantado' pela metáfora: o endeusamento é coetâneo da palavra inaugural.

Já vimos, por outro lado, que o mito ganha autonomia muito embora uma nomeação que surge de mim tenha feito o movimento inaugural. Em nossa opinião devemos fixar a idéia de que o homem

não toma aquilo realizado pela palavra como sua criatura, muito embora ele possa dizê-la.

Como podemos aproximar o que se dá aqui e aquilo que Freud chamou de identificação primária? Sugerimos que a presença de um ser nomeado primariamente, que se constitui como autonomia em função da própria nomeação - a metáfora radical - tem a forma que encaminha diretamente o sujeito para um **ser como**. Ou seja, este ser que por meu esforço de linguagem é um outro que me **encanta**, no entanto, está pela linguagem ligado a mim. A metáfora que cria o ser o põe em meu interior. Esta nos parece ser uma descrição, ao menos aproximada, do vínculo original que Freud buscou definir, vínculo direto e imediato marcado pelo ser como. Este 'ser como' não é, neste nível, atingido por um querer, um desejo que busca um objeto que não é ele. Trata-se pelo contrário de um 'ser como' original, repetimos com Freud, direto e imediato.

Num primeiro momento caberia perfeitamente dizer, traduzindo-se em termos psicanalíticos, que se trataria de uma identificação com os pais. A relação com a mãe, marcada pelo ter, vai se incumbir de diferenciar e isolar o pai como permanecendo naquele lugar. Este parece ser um modelo para a identificação primária que não vai buscar defini-la mediadamente.

\*

Vamos abordar agora o complexo de castração salientando a sua importância na destruição do complexo de Édipo. Como é sabido,

o texto de Freud que investiga esse problema, "A organização Genital Infantil..." de 1923, vai estar centrado no ótica que diz respeito ao menino; o caso feminino receberá tratamento adequado posteriormente, e em razão disso o texto que segue faz menção somente ao caso masculino.

A teoria do complexo de castração, que como tema já fôra várias vezes trabalhada, ganha coesão quando Freud introduz um importante alargamento da sua teoria sexual com a identificação de uma nova fase de organização libidinal, denominada fálica, fase válida para os dois sexos. A particularidade desta organização fálica infantil "reside em que, para ambos os sexos, só desempenha um papel *um genital*, o masculino. Portanto, não há um primado genital, mas sim um do *falo*"<sup>48</sup>.

As razões para que o menino - e aqui vale apenas este caso - esteja tão centrado no pênis são de ordem eminentemente concreta: o órgão lhe proporciona uma intensa gama de sensações prazerosas, sensações que ganham uma predominância de perfil bastante claro. Uma das consequências notáveis dessa predominância já fora apontada por Freud em 1908. A criança, nesta situação, é incapaz de "representar-se sem esse essencial ingrediente a uma personalidade parecida com o eu"<sup>49</sup>. Mais do que isso, como Freud nos lembra, a generalização do pênis, vai além do mundo humano, chegando a atingir, nos períodos mais precoces, objetos inanimados.

---

<sup>48</sup> Freud, S. "A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)", Vol. XIX. p.146; p.180.

<sup>49</sup> Freud, S. "Sobre as teorias sexuais infantis", Vol. IX. p.192; p.219.

Esse ponto específico nos oferece uma possibilidade real de obter um ganho compreensivo se adotarmos algumas das considerações teóricas que Umberto Eco tece sobre o conceito de interpretante, baseado em trabalhos de Peirce. Visamos com isso elucidar a trama que fundamenta a generalização do pênis, tomando-a não apenas como ato atribuível à inocência infantil, ou à falta de uma experiência discriminativa adequada, mas sobretudo como consequência do próprio movimento pulsional na medida em que ele se encontra envolvido num processo de significação.

É necessário que nos situemos exatamente no nível mais elementar da relação da criança com a mãe, naquilo que ela comporta de experiência prazerosa, pois como afirmamos acima, estas experiências são cruciais para a montagem da generalização.

Como ficou estabelecido, quando da discussão de "Totem e Tabu", a interação, aqui a mais elementar entre mãe e filho, deve ser considerada como sendo rica em significações, fato que, como sabemos, supõe a presença de um código que garanta as articulações sêmicas. É para fazer uma abordagem destas articulações que utilizaremos a noção de interpretante; é por meio dela que se pode perceber o desdobramento em código das interações primárias.

A retomada que Eco faz dessa noção consegue diferenciar o conceito de interpretante da idéia do intérprete, resultado importante para nós. O fruto positivo dessa angulação consiste no seguinte: "a hipótese filológica mais fértil parece ser a que trata o interpretante como *uma outra representação referida ao mesmo 'objeto'*. Em outras palavras, para estabelecer o significado de um

significante (Peirce fala, não obstante, de 'signo') é necessário nomear o primeiro significante por meio de um outro significante..."<sup>50</sup>, e assim por diante, conduzindo ao que Eco vai chamar de semiose infinita. Pois bem, aqui vale lembrar que mesmo que **de direito** devamos falar numa abertura abissal da significação, isso não quer dizer que **de fato** ocorra somente essa abertura; a perspectiva peirceana não é incompatível com uma inserção pragmática que estanca o deslizamento da significação. Deste modo, podemos pensar num código mínimo, onde a significação se realiza, digamos assim, num único giro.

Façamos a aproximação com a relação mãe/criança. Sem dúvida se estamos nos situando num momento de constituição, da ótica da criança, a mãe aparece como um significante que ganhará significação, ou seja, surgirá no limite como codificado, quando da intervenção de um interpretante. É claro, então, desde a ótica da psicanálise, que a unilateralidade da relação coloca o prazer sentido como o interpretante, remetendo a sensação à significação da mãe .

Ora, a particularidade desse processo de codificação é que ele apresenta algo a mais do que outros processos. Ele opera não somente sobre sensações, que em si são perfeitamente incorporáveis a um processo semiótico qualquer, mas sobre sensações que se fundem com o corpo pulsional do indivíduo pela via do prazer. Se prolongarmos o processo semiótico veremos que o próprio prazer é interpretado pelo pênis, fazendo com que ele funcione como

---

<sup>50</sup> Eco, U. Op. Cit. p.58.

significação da mãe. Mas até aqui o processo não ganhou sua feição final. Esta é obtida pelo desdobramento do ciclo pulsional pois é por meio dele que o falo é re-posto no domínio do objeto. A relação de prazer, na medida em que é a ligação com a mãe que a define, com o âmbito dos objetos é então interpretada pelo falo. Esta é a razão para a impossibilidade de imaginar, da incapacidade em não projetar que Freud soube apontar a partir da sua clínica. É impossível fugir da pulsão enquanto tendência fundamental do corpo erógeno assim como o é da cadeia de sentido que ela gera.

O sentido implícito da generalização, seu sentido psicológico íntimo, parece poder ser apreendido no quadro da atividade investigativa gerada pela curiosidade sexual, já velha conhecida de Freud. Pois a investigação estabelece, através de um processo eminentemente comparativo, uma determinação acabada, ou que tende para isso, do próprio investigado. Sendo assim, percebemos que a generalização do falo funciona como uma pressuposição que torna possível à criança auto-delimitar-se simbolicamente. Freud, é claro, não chega a nomear este processo em seu texto, entretanto parece-nos que a armação de seus conceitos autorizaria tal construção, que evidentemente ganha sentido quando se esclarece que a determinação buscada pela criança se encaixa no quadro edipiano, ou seja, na relação do menino com a mãe. Pelo momento este prolongamento das teses de Freud aguardará desenvolvimentos futuros.

Passemos agora para o ano de 1924, com "A Dissolução do Complexo de Édipo" trabalho em que Freud introduzirá - talvez seja

melhor dizer, re-introduzir, pois ele já havia surgido antes por várias vezes - o tema da ameaça de castração. Resumidamente podemos dizer, a ameaça é proferida com base na desaprovação dos pais frente a atividade masturbatória da criança - somos advertidos que ela é praticada sobretudo pela mãe. Aos olhos de Freud ela é a frequente responsável pelo fato de que "a organização genital fállica da criança se arruine em razão desta ameaça de castração"<sup>51</sup> .

Esta ameaça, que devemos qualificar de externa, terá o papel de indicar, sobre a base de uma condição que se explicita na conjunção com os desejos aos quais ela se refere indiretamente, a desarticulação da generalização do falo. Mas, é interessante lembrar, o menino , diz Freud, não se deixa levar por essa antecipação; ele não realiza a ameaça senão quando uma experiência inusitada e fundamental se soma a ela, dando , por assim dizer, o aval concreto para a antecipação: a visão dos genitais femininos como que constata a ação que vinha condicionada à continuidade da masturbação e por essa via, dos desejos configurados pelas relações edípicas.

Dessa maneira, vemos que Freud vai caminhando rumo à circunscrição da relação entre os desejos edípicos próprios à fase fállica e à castração. A idéia da punição ganha agora um sentido novo, uma razão de ser e a pertinência da castração em relação ao menino se encontra conceitualmente melhor explicitada: ao se

---

<sup>51</sup> Freud, S. "A dissolução do complexo de Édipo", Vol. XIX. p.183; p.219.

condenar a masturbação em si , é aos desejos edipianos que se atinge.

O resultado desse circuito que foi integralmente montado por significações é, segundo Freud, a paralização do fluxo dos desejos, tanto ativos como passivos, próprios ao complexo de Édipo; lembremos que Freud admite que a criança tem uma noção, mesmo que confusa, do papel do pênis na relação erótica. "Agora, a aceitação da possibilidade da castração, a intelecção de que a mulher é castrada, pôs fim às duas possibilidades de satisfação derivadas do complexo de Édipo. Com efeito, ambas levam à perda do pênis; uma, a masculina, na qualidade de castigo, e a outra, a feminina, como premissa"<sup>52</sup> .

Vale notar que é apenas o valor narcísico atribuído ao pênis, valor que já aprendemos a identificar com Freud, a justificativa suficientemente forte para conduzir a um afastamento violento do quadro edipiano, afastamento cujo resultado é uma desfuncionalização do órgão frente a esfera dos desejos edipianos.

Dois aspectos relevantes não foram ainda discutidos. O papel do pai no processo e a formação do supereu. Quanto ao primeiro problema um dos aportes que podemos isolar diz respeito à própria ameaça. Sem dúvida, Freud restringe-se à indicação de que "com muita frequência" é a mãe, de quem quase sempre parte a ameaça, que alude ao pai ou à figura do médico como apoio de autoridade para a consolidação da punição propugnada. De nosso ponto de vista, o fato de ser a mãe quem mais geralmente faz a

---

<sup>52</sup> Freud, S. Op. Cit. p.184; p.221.

ameaça, liga-se a fatores que em última instância podem ser tomados como inessenciais no que concerne a sua caracterização interna: é ela, afinal, quem mais próxima está da vida cotidiana da criança. O importante é que a ameaça lança mão - Freud não estende ao máximo a injunção - da idéia de autoridade para se estabelecer. Como podemos saber algo mais sobre esta autoridade? Parece que a série pai\médico, apresenta um traço extrínseco ao sujeito, como se a autoridade se exercesse no mundo e depois **também** atuasse frente à criança; nesta angulação a ameaça se **apoiaria** na força extrínseca do pai ou do médico. Mas há um outro modo de ver a questão. O recurso à autoridade não faz senão seguir a mesma lógica da ação interferente sobre o desejo da criança: ela não é uma ação ditada pelo bom-senso, por um cuidado qualquer, mas o reconhecimento de que face ao desejo do menino **há** de reinar a dualidade do castrado e da autoridade executora, figurativa do falo como lugar do pai. Nessa medida, a ameaça prossegue a lógica imanente da ação interferente do pai ao caminho que conduz à mãe, dando um acabamento, mediação, que conduz ao fechamento de sentido quando da presença dos genitais femininos. Estas são conclusões que parecem adequadas ao arranjo geral do texto freudiano.

Quanto à questão da formação do supereu, agora seu lugar fica bem definido. Após o abandono do Édipo, dos objetos a ele ligados, fruto da escolha narcísica pelo pênis que garante a integridade egóica recém ameaçada, ocorre uma identificação com o lugar do pai. A função que se exercerá deste lugar instalado pela dissolução do Édipo será assim definida por Freud: "a autoridade do

pai, ou de ambos progenitores, introjetada no eu, aí forma o núcleo do supereu, que toma emprestada a severidade do pai, perpetua a proibição do incesto e assegura o eu contra o retorno do investimento libidinoso de objeto"<sup>53</sup> .

Parece fixada, assim pensamos, a idéia de que há um primeiro momento no qual ocorre um afastamento do Édipo que pode ser diferenciado de um passo posterior no qual é feito um trabalho de proteção contra as retomadas libidinais. Neste último caso, com o supereu já formado, é uma autoridade duplamente fundada, por assim dizer, que atua na repressão: castração e força paterna como autoridade se completam incidindo sobre os desejos do menino.

Freud, na realidade, praticamente trabalha com esta diferença quando nos diz: "não vejo razão alguma para negar o nome 'repressão' ao afastamento do eu com respeito ao complexo de Édipo, embora repressões posteriores sejam levadas a cabo a maior parte das vezes com a participação do supereu, que aqui está apenas se formando. Mas o processo descrito é mais que uma repressão; equivale, quando se consuma idealmente, a uma destruição e cancelamento do complexo"<sup>54</sup> . Deste modo, repetimos, quando se reprime o retorno dos desejos edipianos, o supereu vai se valer, além do traço de autoridade, surgido segundo o "Eu e o Isso" quando o eu era fraco e imperava o dom normatizador dos pais, da força devastadora que a castração carrega.

---

<sup>53</sup> Freud, S, Op. Cit. p.184; p.221.

<sup>54</sup> Freud, S. Op. Cit. p.185; p.211.

Por volta de 1924, as reflexões que Freud fez sobre o complexo de Édipo feminino estavam apoiadas na pertinência da fase fálica assim como do conceito de castração também para as mulheres.

O fator experiencial, a importância do prazer na focalização do órgão, no caso feminino, o clitoris, faz com que as coisas caminhem até o movimento investigativo da criança, a curiosidade sexual, do mesmo modo que no garoto. Freud não o diz expressamente, mas acreditamos ser inerente ao seu texto, que a menina na investigação sexual, do mesmo modo que o garoto, generaliza o seu órgão sexual para o campo todo dos seres animados. É aqui que, tal como ocorre com seu parceiro masculino, mas com significações psicológicas distintas, a menina experimentará o imperativo das diferenças morfológicas genitais.

Freud vai nos dizer que quando a menina se depara com uma criança de outro sexo ela vai se sentir **sem** pênis, ela "percebe que é 'demasiadamente curto' e sente este fato como um prejuízo e uma razão de inferioridade"<sup>55</sup>. A questão que poderia ser feita é : por que razão ela vê o pênis como uma coisa que **lhe** falta e não como algo que o outro, o garoto, tem em excesso?

Apresentaremos novamente o âmbito da investigação. Ela parte de uma generalização baseada na importância sensível e na semelhança existente entre os seres humanos (a criança extrapola esse domínio a princípio). A investigação é basicamente comparativa e se lembrarmos o quadro edipiano e a masturbação que acompanha este último veremos que a comparação tem como resultado firmar uma

---

<sup>55</sup> Freud, S. Op. Cit. p.185; p.223.

qualificação fálica que sem dúvida terá seus efeitos mais importantes na sustentação dos desejos dominantes.

Mas com a menina as coisas não andam na mesma direção, pois a menina não encontra diferença interna a seu próprio elemento que garanta a sua qualificação frente ao desejo, fruto psicológico maior da investigação sexual. Ela também generaliza o seu órgão mas, quando vê o pênis, o elemento que a poderia representar na reflexão que se processa perde a razão de ser, pois é a presença do órgão masculino que lhe oferece a oportunidade, genericamente falando, de qualificar falicamente o seu desejo. A concretude do elemento orgânico faz a comparação funcionar bipolarmente, pois, se não havia elemento presente no processo de comparação, a presença constatada no menino não pode ter o papel de excesso, podemos até dizer de inessencial, mas pelo contrário só pode ter o papel de padrão, bruscamente realizado, e que tem por consequência lançar a representação do sexual buscada pela menina no espaço da ausência.

Uma das consequências constatáveis desse processo funciona de certo modo como corroboração do processo indicado. Após a visão do sexo masculino, as mulheres, ou seja, as figuras femininas que socialmente são próximas e formam um conjunto, são pensadas como dotadas de um pênis, como constatamos em várias fantasias; é a perspectivação feminina da mulher, mãe, fálica. E em consequência deste movimento lógico, a menina se vê como castrada.

Freud vai trabalhar com novos detalhes esse assunto em 1925. Mas ainda nos resta falar de uma importante consequência do que foi dito, percebido já em 1924. No caso da menina, não podemos

detectar a operação de um sentido condicional que introduza a castração e desdobre com isso as suas consequências; como Freud nos diz, a castração aqui aparece no passado, como um "fato consumado". Deste modo a castração não é algo que incide sobre os desejos concretos da menina, desejos edípianos, - veremos melhor isso logo mais - e portanto, não há culpabilidade envolvendo a mesma, em suma, nada da ordem do temor pode se dar. Em razão disso, "está ausente também um poderoso motivo para instituir um supereu e interromper a organização genital infantil"<sup>56</sup>. Como é claro, não é a castração que destrói o Édipo; não é ela que acarreta o abandono de objeto que resultará no supereu.

Antes de seguirmos adiante vale a pena uma observação. Até agora, tanto no caso masculino quanto no feminino, ao discutirmos a partir do complexo de Édipo a questão da castração e de suas decorrências, estivemos lidando com uma organização de lugares psíquicos que tem um processo interno capaz de ser descrito em termos de uma lógica, não no sentido estrito de um cálculo formal, mas no bem particular de um articulador de consequências, de conclusões a partir de uma cena e dos pressupostos que a subsidiam. São relações de sentido cujo desdobramento não é suportado por fatores que não sejam da sua ordem, e que compõe com ele o quadro completo do fenômeno que se quer individualizar; o desejo, num sentido mais imediato e o investimento narcísico dos genitais, para falar sinteticamente, compõe o nível onde a presença da energia sustenta todo o processo. Podemos pensar que o complexo

---

<sup>56</sup> Freud, S. Op. Cit. p.186; p.223.

de Édipo é alimentado pela energia , mas organizado pelo sentido; não há razão para isolar uma das ordens nem tampouco para se recusar a perceber o nível em que trabalha cada uma delas, e seu papel na configuração do todo do complexo em questão.

Retomando nosso trajeto original, verificamos que o trabalho sobre "Algumas Consequências Psíquicas da Distinção Anatômica entre os Sexos" oferece ao leitor de Freud a oportunidade de observar como ele prolongou a lógica teórica que havia se desenvolvido em relação ao complexo de Édipo feminino.

Fica patente neste texto que a dificuldade teórica mais importante a ser enfrentada é dar conta da organização positiva do Édipo na mulher, quando então o desejo feminino se liga ao objeto do sexo oposto, já que, como é evidente, o primeiro objeto da menina é a mãe, assim como o é do menino. A reflexão freudiana a esse respeito vai buscar integrar na lógica da fase fálica feminina a operação responsável pela mudança de eixo que está sendo buscada. A resposta estará na delimitação do conceito de inveja do pênis.

A inveja do pênis ocorre quando, após a visão dos genitais do sexo oposto, a menina se instala numa vertente psíquica de compensação coordenada pela inconformidade com a situação com a qual ela se defrontou. Várias consequências decorrem daí: o complexo de masculinidade, com a sua idealização compensatória é a mais notável delas. No entanto, é a relação com a mãe que vai nos interessar de perto agora.

Freud julga que a menina atribui à sua própria mãe a responsabilidade por ela não possuir um pênis. O próprio autor

admite uma falta de definição teórica no que respeita a esta atribuição , pois não fica claro como a criança chega a esta conclusão já que, pelo menos aparentemente, ela não é uma decorrência necessária do quadro que a precede. Talvez possamos esboçar uma justificativa para a atribuição apoiando-nos nas considerações que o próprio texto no seu correr vai introduzir, muito embora outros passos de Freud ainda não serão dados quanto a esse assunto.

Freud vai pensar o problema caracterizando uma consequência que corre paralela ao campo do complexo de masculinidade, chamado de formação reativa à inveja do pênis. Estamos nos referindo ao sentimento de inferioridade nascido da ausência do pênis e solidificado pela percepção da generalidade daquela nas mulheres. Este sentimento estará destinado a consolidar o afastamento da mãe que estamos procurando realizar.

A descoberta da ausência do pênis, como observamos, leva a um sentimento de inferioridade que, exteriorizado, resultará no desprezo pelas mulheres como um todo, com o conseqüente sentimento dirigindo-se para a mãe. Ao lado deste afastamento da mulher, podemos perceber uma reativação do outro polo envolvido na inveja do pênis, a posição masculina fálica, representada nas fantasias acompanhadas de masturbação clitoridiana. Um e outro polo estão ligados de modo interno: o afastamento da mulher conduz, a princípio, a uma aproximação da atividade fálica masculina.

No entanto, como resultado de análises clínicas levadas a cabo por Freud, foi obtido um resultado importante: existe, após

a instalação da inveja do pênis, um movimento contrário a esta atividade fálica, uma "intensa contracorrente oposta ao onanismo"<sup>57</sup>. Freud se interrogou sobre qual força poderia se opôr à fonte de prazer da masturbação e nega que ela tenha origem na posição tomada pelos pais frente à criança. Na verdade, as análises de Freud indicaram para algo como um nexó inerente aos próprios elementos que configuram as relações psicológicas aqui pertinentes. O elemento procurado não pode ser outra coisa senão "a vergonha narcisista ligada com a inveja do pênis, o aviso de que apesar de tudo não pode competir neste ponto com o homem e seria melhor abandonar a competição com ele"<sup>58</sup>.

Na realidade sai ganhando a força bruta do primeiro impacto e da primeira conclusão, só que agora gerando uma consequência até então ausente. O primeiro efeito do sentimento de inferioridade devido à generalização que se operou acaba resultando numa depreciação do objeto com a ruptura da relação afetiva que existia aí; à relação posta pelo prazer vem se somar uma significação que trabalha em sentido contrário àquele apontado primeiramente. Paralelamente, mas em equilíbrio com o afastamento da mãe, a atividade fálica ganha novo espaço: mas o fato bruto da inferioridade não permite ao pequeno sistema avançar em sua lógica, organizando a partir daí, um deslocamento que acaba dando num novo

---

<sup>57</sup> Freud, S. "Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos", Vol. XIX. p.273; p.317.

<sup>58</sup> Freud, S. Op. Cit. p.274; p.318.

objeto e não, como ocorreria sem a sua intervenção, solidificando a posição masculina da menina.

Estão dadas as condições de base para que a criança possa então encontrar, em harmonia com a sua subjetividade, um substituto para o falo: o filho que surgirá da relação com o pai e que vai se adequar à feminilidade que está por vir.

Assim, vê-se bem por que razão Freud pensa que é a castração que promove a entrada da menina no complexo de Édipo: é a partir dos seus efeitos que se alinha o Édipo positivo. Ao mesmo tempo parece plausível tomar a atribuição da responsabilidade pela ausência de pênis que é feita pela menina como um fator secundário, uma espécie de intelectualização que reforça a direção tomada pelos coordenadores subjetivos internos à própria castração. Um reforço para esta interpretação pode ser o fato de que o ciúme que Freud detecta na menina, usado como argumento para seu afastamento da mãe, também aparece com este traço de segunda ordem.

É conhecida a afirmação de Freud que sintetiza os resultados obtidos até aqui: "a diferença entre homem e mulher quanto a esta peça do desenvolvimento sexual é uma consequência compreensível da diversidade anatômica dos genitais e da situação psíquica ligada a ela; corresponde à distinção entre a castração consumada e a mera ameaça de castração"<sup>59</sup>. Com esta conclusão, Freud parece lançar todo o destino original das relações da criança com os seus pais nos braços de relações subjetivas fortemente regidas por articulações de sentido baseadas na circunstância da

---

<sup>59</sup> Freud, S. Op. Cit. p.275; p.319.

diferença orgânica dos genitais. Estamos aqui próximos de encerrar a apreensão do traço teórico que marca a reflexão freudiana sobre o complexo de Édipo; parece que atingimos um ponto onde se enfeixam as várias análises de Freud. Mas, como sempre ocorre com sua obra, cada movimento teórico parece levar a uma trilha nova ou não plenamente explorada.

O trabalho de 1931 sobre a sexualidade feminina vai nos permitir acompanhar alguns prolongamentos conceituais, algumas precisões quanto ao tema do complexo de Édipo na mulher. A questão mais importante a ser respondida e que ecoa as preocupações de Freud apresentadas no texto anterior, é a de como se relacionam o abandono da mãe com o deslizamento do clítoris para a vagina, fato que abre espaço para o desenvolvimento pleno da posição subjetiva propriamente feminina. A análise vai se limitar a explorar os elementos próprios à fase pré-edipiana da menina.

Freud vai admitir explicitamente que o afastamento da mãe é um resultado obtido da confluência de vários fatores intervenientes. A forte ligação da menina com a mãe recebe um golpe quando se instala o desapontamento gerado pela não exclusividade de sua posição; este motivo, não obstante, não parece possuir força suficiente, além de não apontar de modo algum para as razões da mudança do objeto que se dá. Além disso, a atividade masturbatória induzida pelos cuidados maternos que terminaram por excitar a zona erógena clitoridiana, encontra-se impedida de se exercer plenamente graças à intervenção da própria mãe, intervenção da qual não se pode esperar menos de que um ressentimento agudo da criança. Este

motivo, tampouco, parece, aos olhos de Freud, capaz de explicar a envergadura do abandono do objeto materno. Tanto um fator como outro podem contribuir, reforçar o desligamento da relação com a mãe, mas o próprio desligamento, com toda a força de um abandono da ligação libidinal prazerosa dominante, está como que à espera de sua determinação fundamental.

"Seja como for, ao final desta primeira fase de ligação-mãe, emerge como o mais intenso motivo de separação da filha em relação à mãe, a censura de não havê-la dotado de um genital correto, ou seja, de havê-la feito nascer mulher"<sup>60</sup>. Encontramos, então, frente a uma consideração já feita por Freud. Face à sua condição na esfera da genitalidade, a menina, impossibilitada de ver as suas perspectivas de superação da falta fálica que a constitui, se entrega à posição de recriminação da mãe. Não obstante, o próprio Freud se nega a ver aí o fato chave que está sendo procurado. Não é para menos. A abertura explicativa fornecida por estes fatores só pode conduzir à especificação de um aspecto negativo, ou seja, de um traço que somado à imagem da mãe, a resignifica negativamente. Encontramos razões para o abandono mas não para o tipo de abandono com as injunções que o caracterizam, que devemos poder encontrar quando da constituição do Édipo normal, ou positivo na menina.

A solução de Freud será vislumbrada quando a pergunta "O que a menina exige da mãe?" for sendo respondida. Esta questão fará Freud fazer uma afirmação geral sobre o funcionamento psíquico, uma

---

<sup>60</sup> Freud, S. "A sexualidade feminina", Vol. XXI. p.235; p.268.

espécie de modo de funcionamento mental, que subsidia de maneira automática, da passagem da característica primária da relação libidinal com a mãe para a secundária.

Vejamos a tese: "É fácil observar que em todos os campos do vivenciar anímico, não só no da sexualidade, uma impressão recebida passivamente provoca na criança a tendência a uma reação ativa. Tenta fazer o mesmo que antes lhe fizeram"<sup>61</sup>. Qual o uso que Freud faz dela? Sabemos que as primeiras experiências da menina com a mãe são positivas - introduzidas pela alimentação, limpeza, etc e que a mãe, nesta mesma chave, foi a responsável por introduzir a filha aos primeiros passos das impressões passivas próprias à fase fálica. Graças à aplicação da tese geral, podemos deduzir que "na fase fálica sobreveem por último intensas moções ativas de desejo dirigidas para a mãe. A atividade sexual dessa época culmina na masturbação clitoridiana"<sup>62</sup>.

Ora, Freud nos oferece aqui a gênese da atividade fálica da menina pela via da relação do objeto; se quisermos, encontramos neste enfoque a determinação, pelo jogo do prazer, da nova modalidade de satisfação sexual. O próprio texto não faz mais do que marcar como ponto de passagem. O afastamento da mãe deve coincidir com a desativação dos impulsos ativos, clitoridianos, e da passagem tanto para a primazia da vagina como para a tomada do pai como objeto. Freud aludirá à frustração como fator operante na desmontagem das tendências fálico-ativas: a libido frustrada

---

61 Freud, S. Op. Cit. p.237; p.271.

62 Freud, S. Op. Cit. p.240; p.274.

abandonaria o objeto assim como a modalidade de satisfação. "A transição para o objeto-pai se cumpre com a ajuda das aspirações passivas na medida em que estas escaparam ao ímpeto subserviente {Umsturz}"<sup>63</sup> .

Mas, se nos lembrarmos do texto anterior, podemos talvez tirar mais alguns frutos da teoria freudiana. Naquele trabalho, vimos que a atividade fálica da menina aparecia sobretudo como um produto da inveja do pênis, produto eminentemente simbólico na medida em que através da derivação do complexo de masculinidade, era um dado que se buscava superar pela esperança e até pela formação fantasiosa que se instalava. No texto de 1931, parece que vemos o outro lado da mesma moeda. A ativação sensitiva clitoridiana é transformada em atividade clitoridiana fálica. À base de prazer se sobrepõe a função simbólica que busca se instalar. A conjunção destes dois elementos parece destinada a se harmonizar quando da ruptura da atividade masturbatória da menina na fase pré-edipiana: o sentimento de inferioridade bloqueia justamente a função simbólica, desarmando o papel que o pênis poderia ter. O deslizamento simbólico para o objeto masculino parece estar aberto. Nesta perspectiva a frustração não é o resultado de uma falta de prazer - a atividade masturbatória ligada à fantasia poderia garanti-lo mas sim o produto de uma impossibilidade que se faz presente ao nível do sentido já que é a posse do falo que não consegue se instalar.

---

<sup>63</sup> Freud, S. Op. Cit. p.241; p.275.

## Conclusão

A leitura da obra de Freud que realizamos, preocupada com a trama teórica de seus textos em conjunção com aquilo que neles poderia ser evidenciado sobre a ordem do sentido, patenteou ao menos três grandes vias de abordagem as quais propomos, sem uma intenção de elencá-las de modo extensivo, apresentar como se segue, com vistas à montagem de uma visão de conjunto de nosso estudo.

Um primeiro filão de considerações se define quando atentamos para a especificidade da concepção de sentido que está em jogo num determinado corpo textual da obra freudiana.

Uma outra vertente é isolável quando levamos em conta qual é o papel teórico que os conceitos ligados à ordem do sentido desempenham na armação teórico-clínica considerada.

E por fim, a obra de Freud nos faz deparar com certos problemas conceituais, com algumas dificuldades teóricas que requerem um trabalho de explicitação conceitual, e desenvolver a partir daí um trabalho de exploração conceitual pautado pelo sentido.

Gostaríamos de lembrar uns poucos exemplos destes resultados, que foram sendo conseguidos ao longo das análises que fizemos,

Quanto à primeira vertente, parece-nos claro que Freud apresenta-nos tanto posições que podem remeter a uma origem histórica bem delimitada, muito embora a diversidade dessas posições ao longo da obra possa evidenciar tradições bastante distintas, como pode trabalhar com o registro do sentido, com uma concepção de linguagem, que seja aberta e tenha sido forjada segundo suas necessidades teóricas de momento.

Assim, por exemplo, os primeiros anos de atividade podem nos brindar com uma noção de representação devedora do conceito de idéia advindo da filosofia de Mill - como ocorre mais explicitamente no texto sobre as afasias de 1891 - como pode aquele conceito ganhar outras notas. Este é o caso daquilo que Assoun tentou evidenciar ao retrazar as origens conceituais da *Vorstellung*: ele se deparou com as influências de Brentano e, num nível mais genérico, no plano das correntes filosóficas que embasaram os anos de formação de Freud, com o representacionismo fundamental de Herbart.

Não obstante estas reconstituições históricas, mais ou menos verossímeis, em alguns momentos de seu trabalho o que ganha peso não é necessariamente um modelo de base historicamente datado - a vontade de origem sempre está disposta a "reencontrar" - mas sim o jogo da constituição de um conceito que emerge da tentativa de isolar um problema que vai, pouco a pouco, ganhando visibilidade. Como exemplo disso e já que estávamos falando dos primeiros períodos, podemos aí encontrar todo um movimento de aproximação do quadro patológico pela via da

ausência de sentido, ausência a ser preenchida posteriormente pelo trabalho de rememoração. Neste caso, não se tratava propriamente de um esforço de concepção conceitual, nem do uso de uma concepção teórica dada, mas o que ocorria era a tomada do sentido como um ponto nuclear, um espécie de percepção fundamental, que permitia o isolamento de um campo problemático crucial.

A segunda grade vertente que anunciamos e que se mostra também já no exemplo que demos acima diz respeito aos diversos usos dos conceitos da ordem do sentido que podemos encontrar na obra de Freud. Tais conceitos, mesmo quando não são mobilizados para finalidades *prima facie* teóricas, são sempre empregados para realizar uma tarefa relevante no complexo teórico-clínico de seus textos.

Eles podem ocupar diferentes planos de finalidade como, por exemplo, descrever fenômenos constitutivos de um quadro clínico, tal como se deu no caso Hans. Aqui, para ficarmos num único ponto, logo de saída vemos que as dificuldades do paciente passam pelo assentamento de uma pressuposição - a generalidade do pênis - , ou seja, verificamos que a significação de uma experiência perceptiva, baseada na interpretação dada pela criança, se lança como sentido consolidado sobre o que deverá ser apreendido e comanda, à distância, vários derivados importantes capturados nas fantasias de negação da castração. Lembramos ainda que, nesse caso, a concepção de desejo que é trabalhada por Freud caracteriza o que é visado como uma espécie de interpretação preferencial que emerge da montagem fantasiosa, onde não se buscava

encontrar em primeira mão o objeto propriamente dito mas sim presentificar o sentido que realiza a seu modo o que é demandado pela criança.

Um exemplo a ser pincado de nossos estudos e que caracteriza um outro uso conceitual a ser assignado aos termos que tratam da ordem do sentido é o dos processos de simbolização, concebidos na acepção generosa do termo. Os textos sobre a interpretação dos sonhos e sobre os chistes são, sem dúvida, a figura mais elevada deste trabalho. As simbolizações, os jogos de sentido aí apresentados são dos mais ricos e aplicam-se a diversos planos descritivos, podendo ser interpretados à luz da retórica ou de outras disciplinas afins aos processos linguísticos. Não obstante, em Freud podemos encontrar frequentemente um ultrapassamento destas disciplinas, mesmo que as encaremos apenas retrospectivamente, pois ele está sempre buscando dar conta de um problema que é seu e não aplica dogmaticamente categorias que não são próprias ao esforço total de sua investigação.

Gostaríamos de mencionar, ainda nesse grande filão, a participação da ordem do sentido na construção de conceitos centrais tanto para a clínica quanto para a teoria de Freud. Lembramos nestes casos do conceito de sadismo e no plano metapsicológico do conceito de pulsão. Além disso, acreditamos ter podido evidenciar, por quase toda a metapsicologia encontramos em algum ponto da construção dos conceitos um jogo de sentido trabalhando, fazendo-se ver.

Finalmente, na terceira vertente que indicamos, acham-se aqueles problemas conceituais que, pela sua compleição promovem um investigação que pode ser prevalentemente dirigida, orientada, por uma pauta conceitual que contém instrumentos definidos pela ordem do sentido. O caso da identificação primária em nossa leitura foi o exemplo mais acabado disso. Nessa vertente, tanto os intérpretes discutidos como nós mesmos procuramos nos guiar pelos parâmetros que parecem ser intrínsecos a pelo menos um setor fundamental dos trabalhos de Freud e o resultado deve ser entendido como uma tentativa de tratar freudianamente um problema emergente de sua teoria.

Parece que a obra de Freud, a psicanálise, está verdadeiramente **imersa** no campo múltiplo do sentido e isso tanto do ponto de vista do trabalho teórico quanto do objeto, ou seja, dos próprios fenômenos que ela busca descrever e estudar. Sendo assim, ao que tudo indica, aceitar a amplitude dessa imersão complexa parece ser ao mesmo tempo necessário para o aprofundamento da compreensão de setores significativos da obra de Freud e diretivo no que respeita à investigação, à pesquisa que, desde cada um dos setores anunciados, pode se desenvolver.

Respeitar essa diversidade de concepções e usos conceituais não é ceder a um ecletismo interno à disciplina mas verificar que ela, tão intrincada como é, abre para um conjunto de investigações que lança para o futuro a questão da sua unificação total. Deste ponto de vista, parece que a psicanálise de Freud deve ater-se à idéia de que neste campo o sentido se diz e se faz de muitas maneiras.

## Bibliografia

### OBRAS DE FREUD

As Obras de Freud são citadas nas seguintes edições e ordem:

*Sigmund Freud - Obras Completas, 24 vol..* Buenos Aires, Amorrortu Editores, 1979

*Edição Standard Brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 24 vol.,* Rio de Janeiro, Imago, 1977.

As cartas citadas utilizaram a seguinte edição:

*A correspondência completa de Freud para Wilhelm Fliess.* Ed. J. M. Masson. Rio de Janeiro, Imago, 1986.

O texto sobre as afasias utilizado foi:

*Sigmund Freud - Contribution à la conception des aphasies.* Paris, PUF. 1987.

A edição em língua original, utilizada para as verificações efetuadas foi:

*Sigmund Freud - Gesammelt Werke.* Frankfurt, S. Fischer, 1987.

### Obras de outros autores

Esta bibliografia refere-se aos textos consultados.

**Alston, P.W.** *Filosofia da linguagem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

**Assoun, P-L.** *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro, Imago, 1983.

**Austin, J. L.** *How to do things with words*. Oxford-New York, Oxford University Press, 1975.

**Benveniste, É.** *Problèmes de la linguistique générale, 1*. Paris, Gallimard, 1966.

**Binswanger, L.** "La conception freudienne de l'homme à la lumière de l'anthropologie" in *Discours, parcours et Freud*. Paris, Gallimard, 1970.

**Bouveresse, J.** *Philosophie, mythologie et pseudo-science. Wittgenstein lecteur de Freud*. Paris, Editions de Éclat, 1991.

**Cassirer, E.** *La filosofia de las formas simbólicas*. Mexico, Fondo de Cultura Económica, 1971.

**Cassirer, E.** *Linguagem e mito.* São Paulo, Perspectiva, 1972.

**Dascal, M.** *Fundamentos metodológicos da linguística - Pragmática, vol IV.* Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1982.

**Dascal, M.** *Fundamentos metodológicos da linguística - Semântica, vol. III.* Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 1982.

**Dascal, M.** *Language use in jokes and dreams. Sociopragmatics vs psychopragmatics.* Cópia xerográfica de conferência, sem data.

**Eco, U.** *Semiótica e filosofia da linguagem.* São Paulo, Ática, 1991.

**Eco, U.** *Tratado geral de semiótica.* São Paulo, Perspectiva, 1980.

**Florence, J.** *L'identification dans la théorie freudienne.* Bruxelas, F.U.S.L., 1978.

**Gay, P.** *Freud. Uma vida para o nosso tempo.* São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

**Green, A.** *La concepción psicoanalítica del afecto.* México/Espanha/Argentina, Siglo XXI, 1975.

**Habermas, J.** *Conhecimento e interesse.* Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

**Jones, E.** *Vida e obra de Sigmund Freud.* Rio de Janeiro, Imago, 1989.

**Kempson, R.M.** *Teoria semântica.* Rio de Janeiro, Zahar, 1980.

**Laplanche, J. e Pontalis, J.B.** "Fantasia originaria, fantasia de los orígenes, origen de la fantasia" in *El inconsciente freudiano y el psicoanálisis frances contemporáneo.* Buenos Aires, Nueva Vision, 1969.

**Laplanche, J.** *Nouveaux fondements pour la psychanalyse.* Paris, PUF, 1987.

**Laplanche, J.** *Teoria da sedução generalizada e outros ensaios.* Porto Alegre, Artes Médicas, 1988.

**Laplanche, J.** *Vie et mort en psychanalyse.* Paris, Flammarion, 1979.

**Le Guen, C.** *El edipo originario*. Buenos Aires, Amorrortu, 1976.

**Lorenzer, A.** *Crítica del concepto psicanalítico de símbolo*. Buenos Aires, Amorrortu, 1976.

**MacIntyre, A.** *El concepto de inconciente*. Buenos Aires, Amorrortu, 1982.

**McCarthy, T.** *The critical theory of Jürgen Habermas*. Cambridge, The MIT Press, 1982.

**Mezan, R.** *A vingança da esfinge*. São Paulo, Brasiliense, 1988.

**Mezan, R.** *Freud pensador da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

**Mezan, R.** *Freud: a trama dos conceitos*. São Paulo, Perspectiva, 1982.

**Monzani, L. R.** *Freud, o movimento de um pensamento*. Campinas, Editora da Unicamp, 1989.

**Nassif, J.** *L'inconscient*. Paris, Editions Galilée, 1977.

Ogden, C.K. e Richards, I. A. *O significado de significado*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

Prado Jr., B. "Auto-reflexão ou interpretação sem sujeito. Habermas intérprete de Freud" in *Discurso* n. 14. *Revista do departamento de filosofia da FFLCH da Usp*. São Paulo, Polis, 1983.

Rappaport, D. *A estrutura da teoria psicanalítica*. São Paulo, Perspectiva, 1982.

Ricoeur, P. *Temps et recit*. Paris, Seuil, 1985.

Ricoeur, P. *De l'interpretation*. Paris, Seuil, 1965.

Ricoeur, P. *Le conflit des interprétations*. Paris, Seuil, 1969.

Rouanet, S. P. *Teoria crítica e psicanálise*. Rio de Janeiro-Fortaleza, Tempo Brasileiro-Edições Universidade do Ceará, 1983.

Santos, J.H. *Do empirismo à fenomenologia*. Braga, Livraria Cruz, 1973.

**Schneider, M.** *Afeto e linguagem nos primeiros escritos de Freud*. São Paulo, Escuta, 1994.

**Searle, J.** *Os actos de fala*. Coimbra, Livraria Almedina, 1981.

**Sulloway, F.J.** *Freud biologist of the mind*. Great Britain, Fontana Paperbacks, 1979.

**Todorov, T.** *Teorias do símbolo*. Lisboa, Edições 70, 1979.

**Todorov, T e Ducrot, O.** *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo, Perspectiva, 1977.

**Widlöcher, D.** *Métapsychologie du sens*. Paris, PUF, 1986.

**Wittgenstein, L.** "Conversas sobre Freud" in *Freud, uma coleção de ensaios críticos*. tomo I. Ed. Richard Wollheim, Rio de Janeiro, Arte Nova, 1976.

**Wollheim, R.** *Freud*. São Paulo, Cultrix, 1972.